

Legalmente
atraído

Família Villazza, livro II

J. MARQUESI



PERIGOSAS

Legalmente
atraído
Família Villazza, livro II

J. MARQUESI

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Copyright © 2017 J. Marquesi

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos

descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança

com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne

Capa: Layce Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte

dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o

consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98

e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

NACIONAIS - ACHERON



[Dedicatória](#)
[Agradecimentos](#)

[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quatro](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)

NACIONAIS - ACHERON

Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois

[Trinta e três](#)

[Epílogo](#)

[Playlist](#)

[Bônus](#)

[Sobre a autora](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)

[Notas](#)



Ao meu marido, o “cafa” reformado que me inspirou a criar essa história.



A Deus, sempre!

Agradecer é um ato maravilhoso, e eu me sinto honrada por fazê-lo, pois isso significa que tive apoio, compreensão e carinho, e a forma mais humilde e simples que tenho para expressar o quão cada palavra, cada gesto foi importante é deixando aqui registrado.

“Legalmente Atraído” surgiu em minha
NACIONAIS - ACHERON

mente quando, pensando em criar uma história para o Frank Villazza, eu escutei a música “Lobo Bobo” do João Gilberto. Mas como eu iria criar uma personagem que se achava o “rei” da “pegação” sob o ponto de vista masculino? É aí que entra meu segundo agradecimento: ao meu marido! Sim, foi com ele que tirei as dúvidas sobre o misterioso universo do “homem galinha”, o jeitão de pensar, a maneira de falar e o que notar em uma mulher. Por isso, obrigada, Alessandro!

Agradeço também à minha amiga Léia Campos, que foi a minha primeira leitora e que também me deu muitas dicas acerca do Frank.

A Beca Diaz, que revisou todo o italiano do livro, e a Galiana Diagon, que revisou as frases em francês, muito obrigada!

Agradeço a Analine Borges Cirne pelo incrível trabalho de revisão e copidesque (e também pelas conversas, dicas e até puxões de orelha), e a Laizy Shayne, pela linda diagramação e capa.

Às blogueiras que se interessaram pela família Villazza desde o livro do Tony e que divulgaram, indicaram e foram parceiras, muito obrigada!

Um agradecimento especial às minhas leitoras do *Wattpad*, que foram as primeiras a entrar no universo da família Villazza!

E a você, que baixou o livro e agora vai conhecer o irmão mais velho dessa família tão especial para mim, muito obrigada!



*Bem, eles dizem que céu é o limite
E para mim realmente é verdade,
Mas, amigo, você ainda não viu nada,
Espere até eu superar isso.
Porque sou mau, sou mau...
Bad – Michael Jackson*

A luz do sol invade todo o ambiente,
NACIONAIS - ACHERON

incidindo bem no meio do meu rosto. Aperto os olhos e tento me levantar, mas sinto um peso em cima do meu peito e outro na minha canela. Abro os olhos com dificuldade e olho ao redor do quarto feminino e bem decorado. Minha cabeça dói, e eu me mexo um pouco para me livrar do que me mantém deitado na cama.

O dia já amanheceu, e eu preciso da minha dose matinal de cafeína e do meu cigarro. Sim, eu fumo. Todos na minha família me encham o saco sobre os malefícios causados pelo cigarro, mas eu comecei a fumar ainda adolescente e, embora tenha reduzido muito desde então, parar ainda é um desafio gigante.

— Bom dia! — escuto uma voz ronronante e olho para o peso em meu peito, constatando que se trata de uma mulher com vasta cabeleira loira. FRANZO meu cenho, e lembranças da noite passada vêm em forma de flashes.

Eu estava na Joker's, uma boate famosa e badalada de Curitiba, propriedade de um dos meus amigos, mas a mulher que me acompanhava era Ciça, uma bela negra, com cabelo afro e sorriso incrível. Como ela virou loira?

Mexo-me mais um pouco, percebendo que a

moça parece ainda estar dormindo. Sinto uma língua quente e molhada fazer um caminho pela minha perna direita em direção à minha virilha. Olho para os pés da cama, e lá está ela.

Alívio passa por mim ao avistar a minha companheira da noite passada. Por um momento pensei que pudesse tê-la perdido na boate e, cara, não havia no momento mulher mais fogosa do que aquela.

— Bom dia, Ciça.

Ela me dá aquele sorriso com dentes perfeitos, retos e muito brancos e continua com sua exploração.

Fecho os olhos ao sentir a sua língua passar pelas minhas bolas. Porra, essa mulher é foda! Quando abro os olhos de novo, vejo-me de frente a enormes olhos castanhos-mel num rosto perfeito, embora muito jovem, emoldurado por cabelos platinados.

Meu sorriso se expande ao me lembrar dessa mulher. Anya, era como ela disse se chamar ao me abordar na boate. Seu rosto doce como o de um anjo, sua pele clara e perfeita, sem nenhuma mancha ou pinta no rosto.

Eu primeiro me certifiquei de que ela era

maior de idade, pois, apesar da altura, parecia uma menina. Mas não, era uma universitária de 20 anos. Disse a ela, depois, que estava acompanhado por Ciça, e ela sorriu safada e falou que eu só tinha tornado as coisas melhores.

Nem preciso dizer que meu pau ficou duro na hora apenas com a imaginação dessas duas juntas na cama. Ciça topou imediatamente e veio com a moça para seu apartamento. Eu vim sozinho, pois ontem à noite estava pilotando minha Ducati e, como a maioria dos meus brinquedos, aquela moto não tinha espaço para mais de uma pessoa.

Quando eu entrei no apartamento, encontrei as duas aquecendo as coisas e eu, como bom voyeur que sou, fiquei por um bom tempo apenas a assistir.

— Bom dia, Frank... — a loira cumprimenta mordendo minha orelha. — Acordei cheia de tesão...

Eu sorrio, mas meus olhos buscam algum relógio para saber que horas são. Gemo ao sentir a boca de Ciça me engolindo enquanto Anya lambe meu peito.

Meu telefone celular toca, indicando a chegada de mensagem.

— Meninas, isso está uma delícia, mas eu preciso do meu celular — explico já afastando Anya. Ouço-as reclamando sobre eu ser muito chato durante o dia, mas eu sempre soube separar muito bem os horários do trabalho e da diversão. — Ai, merda!

A mensagem é do meu irmão, que está em Lima negociando a compra de mais um hotel para a Rede. Levanto-me por completo da cama e olho à procura de minhas roupas, jogadas de qualquer maneira nos cantos do quarto.

— Frank... — Ciça me chama, e eu olho para o espelho que reflete a cama, onde as duas já começam a brincar de novo.

Maldito Tony Villazza! Meu irmão, certinho e responsável, vai me fazer perder isso tudo! Foco, Frank, é a Marina que precisa de você agora. Eu enfio a calça jeans sem a cueca, que não avisto em local algum.

— Meninas, o dever me chama. — Recebo um olhar triste das duas, mas as safadinhas não param de se tocar. Merda! Enfio a blusa e pego a jaqueta, enfiando meus pés nos tênis. — Eu lamento não poder continuar, mas realmente preciso ir...

— Ah, Frank... — Ciça me puxa. — Vai ser rapidinho.

Olho para o visor do meu telefone e confiro as horas, desanimado.

— Não dá! Dormimos demais. — Dou um beijo gostoso nela e depois um em Anya. — Nos vemos por aí!

Saio apressado do quarto, antes que elas me tentem de tal forma que eu não consiga resistir. Chego à garagem e subo na moto como um louco, pois estou no Umbará e preciso chegar urgente ao Batel.

Desde muito novo eu sou completamente fascinado por velocidade e, principalmente, por motos. Nasci na Itália há 39 anos, mas, entre idas e vindas, estou há mais de duas décadas no Brasil, mais especificamente em Curitiba. Sinto-me muito mais brasileiro, mas minha paixão pela motovelocidade denota meu sangue italiano.

Quando adolescente fui um garoto muito rebelde, enquanto meu irmão era o anjinho da família. Eu fugia de casa, à noite, para me encontrar com a galera mais velha e fumar um bagulho. Fui expulso da escola militar e, por fim, fui pego comendo a babá da minha irmã. É feio,

né? Eu sei disso hoje.

Minha mãe estava sozinha no Brasil nessa época, pois meu pai fora eleito o *chairman* da rede internacional de hotéis Villazza e precisava decidir o rumo da empresa após o falecimento do meu avô.

Eu aprontava tanto que ela decidiu se juntar a ele, mais enérgico e rígido na minha criação, e assim, voltamos à Itália. Eles ficaram menos de um ano por lá, mas eu fui estudar em um internato suíço e hoje, apesar da minha revolta na época, vejo que isso foi o que me salvou.

Lá eu aprendi a me comportar, a domar meus instintos e manter minha cabeça focada. Tornei-me o melhor aluno da escola, pois sempre fui muito ambicioso e competitivo. Comecei a me interessar por idiomas e, através de ótimos professores, saí de lá fluente em várias línguas, preparado para assumir qualquer cargo em qualquer parte do mundo.

Retornei ao Brasil aos 18 anos apenas para passar as festas de final de ano com minha família e, logo após, segui para os Estados Unidos para estudar na Harvard Business School. Fiquei dez anos na América, entre a graduação e o doutorado, e enfim, aos 28 anos, retornei para Curitiba a fim

de trabalhar com o meu pai, aprendendo os pormenores sobre o ramo da empresa no Brasil antes de assumir a sua liderança.

Chego inteiro ao Batel, apesar de ter furado alguns sinais, paro a moto em frente à casa do meu irmão e buzino. Marisa, a governanta da casa, abre a porta e me faz um sinal que sinceramente não entendo.

Então, eis que ela surge, a minha cunhada linda, morena e com uma bota de gesso quase até o joelho.

Eu gargalho ao vê-la mancando pela trilha de pedras do jardim da casa com a ajuda de Marisa, que já é bem idosa. Ela me olha feio por eu estar rindo dela, mas é que a cena é bem inusitada.

— Tony me pediu para levá-la ao médico.
— Eu olho o gesso. — Mas que merda você arranjou aí?

— Bom dia! — cumprimenta entre os dentes. — Sempre educado, não é, Frank Villazza?
— faz uma careta junto à ironia. Ela olha para minha moto. — Só pode estar brincando! Como você pensa em me levar nisso aí? — Bufo. — Eu disse ao Tony que iria de táxi! Que dia para o Carvalho ficar doente!

Ah, sim, entendo agora o porquê de o meu irmão ter me pedido esse favor. O motorista deles está doente, e Marina, além de péssima motorista, ainda está com essa coisa no pé.

— Quer que eu mande o Clayton enquanto isso? — Clayton Xavier é meu motorista, mas só uso os seus serviços quando estou a trabalho.

— Não. Estou indo retirar isso e espero que já consiga assumir o volante para ir trabalhar.

— Que Deus nos proteja!

— Misógino babaca! — ela sempre me ofende com isso, e adoro provocá-la. — Pelo jeito você vai ter que dirigir meu carro.

Amparo-a enquanto Marisa vai buscar as chaves e abrir o portão da garagem. Logo após, entro na mesma e vejo seu Audi A3 Cabriolet parado ao lado do R8 V10 Plus preto do Tony. Lamento não ter pensado em ir no carro dele, mas as chaves na minha mão são do conversível vermelho com que ele a presenteou no Natal passado.

Guardo minha moto e entro no carro, abaixando a capota. Marina toma assento no carona, desajeitada por causa do gesso.

— Sério mesmo? Como você arranhou um

calçado tão *fashion* assim?

Ela fica sem jeito, e isso me intriga, porque, desde que nós fomos apresentados, nossa relação é sempre no “toma lá, dá cá”. Eu provoco, e ela me esculacha de volta.

— Ah, porra! — Começo a rir sem parar, e ela me dá um murro no ombro. — Vocês precisam tomar mais cuidado!

— Frank Villazza, seu babaca, eu não vou falar disso com você! Dirija! — Aponta para a rua.

Faço o que ela manda, pois uma coisa eu aprendi, essa mulher nasceu para mandar e fazer de nós, pobres homens, seus escravos. Eu olho para ela de canto de olho e a vejo de olhos fechados e cabelos ao vento.

Admiro meu irmão pelo bom gosto. Além de linda por fora, essa mulher é incrível como pessoa, e vocês não têm noção do quanto a amo. Sim, a amo, e todos sabem disso, não é segredo.

Se eu pudesse, faria uma estátua dela e a colocaria no meio do saguão do hotel, porque ela me devolveu o irmão que eu havia perdido havia anos. Ela o trouxe de volta à vida e fez dele o homem mais insuportavelmente feliz que eu conheço. E isso é tudo para mim.

Tony e eu, apesar de tão diferentes em personalidade, sempre fomos muito unidos. Mesmo nos anos em que passei longe, na suíça, nós nos falávamos todos os dias. Depois, já nos Estados Unidos, ele foi estudar em Harvard junto com a namorada, e nós moramos no mesmo prédio, em apartamentos vizinhos.

Fui eu quem o aconselhou quando ele perdeu a virgindade. O primeiro cigarro de maconha – não me orgulho disso – fui eu quem deu a ele, bem como o primeiro porre. Quando ele tinha 16 anos, ensinei-lhe a andar de moto e a dar cavalinho de pau no carro. Fui seu padrinho de casamento e planejei a despedida de solteiro, regada a muita bebida e mulheres – somente para os convidados, exceto o noivo. Éramos unha e carne até que Margie, a primeira esposa dele, teve uma séria doença e ficou em coma por sete anos.

Durante esse tempo, ele se afastou de todos, inclusive de mim, e isso foi o que mais me doeu na vida, perder meu melhor amigo e vê-lo sofrer sem poder fazer nada.

Porém, então, ele conheceu a Marina e ela o resgatou. Ele voltou a ser o meu amigo, meu irmão e eu agradeço todos os dias por essa mulher ter

entrado na sua vida.

Meu estômago ronca alto e, como estamos parados no sinal, ela escuta e olha para mim.

— Ainda não tomou café da manhã?

— Não — respondo ficando mal-humorado ao me lembrar do café e do meu cigarro. — Nem em casa fui ainda.

— Frank Villazza, o piranha! — Ri. — Interrompi uma de suas orgias malucas?

Olho para ela bravo, mas logo sorrio.

— Você fica me devendo essa. — O sinal abre. — Meu café e meu cigarro vão ser por sua conta hoje.

— Ainda está fumando? — Preparo meus ouvidos para a ladainha do dia. — Eu não consigo entender como você ainda consegue pegar tanta mulher. — Faz uma careta. — Homem fedendo a cigarro não rola!

— A convivência está te fazendo mal, você já está falando igual ao Tony! Relaxa, gata, já diminuí para meio maço por dia.

— Tem que parar, isso sim! Não faz sentido você gastar horas com exercício, ter uma alimentação regrada e poluir seus pulmões. — Ela me olha. — Se continuar assim, você nem vai ver

seus sobrinhos!

— Já temos um encomendado? — Pisco para ela.

— Claro que não, ainda nem me casei! — Ela ri, safada.

Os dois, meu irmão e ela, estão morando juntos há dois anos, mas a danada negou todos os pedidos para “oficializarem” a união, alegando que tinha coisas a fazer antes de se tornar uma mulher casada. Marina, apesar dos seus 26 anos, ainda está na metade do curso de Direito e trabalha, contra a vontade de Tony, como secretária num escritório de advocacia.

Lembro que, quando ele lhe deu esse carro, ela se recusou a ir trabalhar nele por alguns meses, alegando que a constrangia ter um automóvel do mesmo valor do veículo do seu chefe. No entanto, depois, com Tony ameaçando comprar um ainda mais caro, ela resolveu ir para o trabalho dirigindo-o, apesar de ser uma barbeira de mão cheia.

Paro em frente à clínica e a ajudo a entrar. A recepcionista, que por acaso é muito gostosa, atende-nos e pede para que aguardemos o médico. O tempo todo em que estamos aqui, ela fica me encarando e me dando olhares sonhadores.

— Isso chega a ser nojento! — ouço Marina reclamar. — É sério, Frank Galinha, você parece que tem um ímã!

— Fazer o quê? Mamãe passou açúcar em mim...

— Babaca!

Eu rio e lhe dou um beijo na bochecha. A vida não podia ser melhor!

Prazer em te conhecer! Eu sou Francesco “Frank” Villazza, tenho 39 anos, sou boa-pinta, saudável, inteligente, CEO¹ de uma das maiores – que está para se tornar a maior em breve – redes hoteleiras da América do Sul, rico e bem-humorado. Resumindo: eu sou FODA!



Estou perfeitamente sozinho
Estou perfeitamente sozinho
Estou perfeitamente sozinho (yeah)
Porque não pertenço a ninguém
Ninguém pertence a mim
***Prefectly Lonely* – John Mayer**

— **Bom dia, senhor** Villazza! —

Alice, minha secretária, me cumprimenta assim que me vê entrando na sala. — O senhor já recebeu três ligações de Roma. — Entrega-me os recados. — Além disso, há e-mails do Villazza Cuiabá e do Villazza Belo Horizonte e...

— Alice — eu interrompo o falatório. — Primeiro meu café, depois você me atualiza.

Entro na minha sala ampla, toda negra do chão aos móveis e com detalhes modernos em inox. Antes, quando era meu pai quem a usava, ela era decorada com móveis de madeira e poltronas marrons. Assim que eu assumi, quis dar um toque da minha personalidade a esse local.

Passo a mão no tampo de vidro da minha mesa. Eu gosto de materiais frios como metais e vidros. Minhas poltronas são todas de couro preto. As cores em minha sala estão no aparador de bebidas e nos quadros na parede.

Não sou adepto a ter fotos pessoais no escritório, por isso quem quer que entre na minha sala não vai saber nada sobre minha família. Não sou um cara que goste de falar sobre minha vida, já tenho problemas demais com os sites de fofocas que colocam seus *paparazzi* para me seguir.

NACIONAIS - ACHERON

De vez em quando, eles conseguem um bom furo, como na semana passada, quando eu estava em São Paulo e saí com uma modelo famosa. Contudo, a regra é eu sempre conseguir me livrar deles, principalmente quando Clayton e eu fazemos os rodízios.

Sim, eu preciso fazer isso! No começo era até divertido, mas já faz tantos anos que eu tenho essa prática que toda essa logística me cansa. No entanto, é eficiente, pois a imprensa nunca sabe se estou saindo no carro com motorista ou se eu vou sozinho, dirigindo um de meus carros ou motos. Às vezes, uso o carro da empresa, e Clayton sai no meu, para despistar um pouco.

Eu preciso ficar atento também aos locais que frequento, por isso costumo ir só aonde conheço e tenho amizade com os donos, porque, além de eles facilitarem para que minha entrada e saída sejam discretas e tranquilas, alguns proíbem a entrada de fotógrafos e jornalistas a trabalho.

Somente fora do Brasil eu consigo ter uma existência mais comum, como me sentar num barzinho e tomar uma cerveja sem ser incomodado.

Entretanto, eu apenas estou colhendo o que plantei, pois, quando assumi a Diretoria Executiva

do grupo na América do Sul, há sete anos, eu gostava do assédio, de ser apontado como o playboy do ramo hoteleiro e acabei me tornando um tipo de celebridade. Há alguns anos fui eleito o solteiro mais cobiçado do Brasil, e aí, sim, é que as coisas se descontrolaram de vez.

Agora, mais velho e mais maduro, esse assédio me incomoda, mas eu suporto como posso. Não deixo de viver por causa disso, pelo contrário, apenas me adaptei às particularidades da minha situação e sei que não posso ficar me expondo por aí, por isso mesmo eu saí de qualquer rede social.

Não tiro fotos com ninguém de fora da minha família, porque uma vez tive uma foto bem comprometedora vendida para a imprensa, o que me deixou muito puto. Assim, aviso logo de início que, se algo assim acontecer – tirarem uma foto minha em um momento íntimo –, não hesitarei em mover um processo.

Alice volta com meu café expresso duplo e intenso e espera que eu tome o primeiro gole.

— Senhor Villazza...

— Bom dia, Alice! — Eu lhe dou um sorriso e a convido a se sentar.

Essa moça trabalha comigo há cinco anos e

nunca tivemos um desentendimento qualquer, apesar de reconhecer que, às vezes, sou bem grosso, principalmente sem cafeína no sangue.

Ela é miúda, não deve pesar nem 50kg, tem cabelos ruivos e cacheados, olhos verdes e grandes. É muito bonita, mas não mexe nem um pouco com minha libido, motivo pelo qual a contratei de imediato, pois não concordo com relacionamentos entre colegas de trabalho.

Há dois anos Alice se casou, e eu fui convidado para ser seu padrinho e, posteriormente, para apadrinhar seu primeiro bebê. Minha afilhada, Ângela, é uma menina rechonchuda e linda de um ano.

— Ligaram agora do Navega, Cubas e Macedo. — Olho para ela, sabendo que esse tom de voz é sinônimo de problemas. — O doutor Cubas faleceu ontem.

Eu me levanto, e ela, prevendo minha reação, tampa os ouvidos, rindo.

— *Porca miseria! Che Cazzo! Merda!*²

Ela destampa os ouvidos, divertida e apreensiva ao mesmo tempo.

— Eles vão colocar um substituto no caso Baden, mas ainda não informaram quem.

— Que lástima, Alice... — Os palavrões me acalmam. — Como foi que ocorreu? O doutor Cubas era um dos melhores advogados do Brasil.

— Eles disseram que foi o coração. — Ela dá de ombros. — Tenho certeza de que eles designarão alguém de confiança e tão competente quanto ele era.

— Eu espero que sim, Alice. Esse caso já se arrasta há dois anos, nós não perdemos nenhuma ação ainda, e essa é a única na qual ainda não conseguimos fechar acordo.

Ela concorda comigo e parte para outro assunto, mas eu não consigo me desligar da informação que recebi. Esse foi o primeiro grande escândalo envolvendo nossa empresa e eu faço questão de vê-lo solucionado.

Ao todo, dez ex-funcionárias denunciaram um dos nossos diretores, Hans Baden, CHRO³ da Rede, pelo crime de assédio sexual e, além da ação penal, ingressaram na Justiça do Trabalho com ação indenizatória na qual a empresa figura como ré.

Durante esses dois anos, ficamos à espera do trânsito em julgado, da finalização das ações penais, e de acordo com o que se ia decidindo nas

NACIONAIS - ACHERON

ações, o processo trabalhista começava a se mover.

Hans Baden conseguiu se livrar, por insuficiência de provas, de nove condenações e, conseqüentemente, o processo trabalhista foi mais tranquilo por causa da decisão da justiça comum. Todavia, na última ação, o crime de assédio sexual foi substituído pelo de estupro e as provas foram capazes de condená-lo em primeira instância.

E, é claro, isso é o que mais me causa preocupação. Não por causa do Baden, porque eu quero mais que aquele *stronzo*⁴ se ferre, mas por causa da imagem da empresa, uma vez que tal ato ocorreu dentro das dependências do hotel.

Fervo de raiva ao lembrar que eu considerava aquele crápula como um amigo. Saíamos juntos, ele frequentava os lugares aonde eu ia e até mesmo férias em Nápoles com minha família ele tirou. Chego a tremer ao pensar que ele esteve próximo à minha irmã, Giovanna.

Quando ele foi despedido após uma briga feia com Tony, eu não podia imaginar que ele era o psicopata que se revelara ao longo daqueles anos. Cada vez que uma mulher fazia queixa contra ele, descobríamos mais um lado daquele calhorda. Eu me senti culpado por todas aquelas coisas terem

acontecido bem debaixo do meu nariz e quis, sim, indenizar cada uma daquelas mulheres, mas meus advogados me trouxeram à razão.

A questão não era o dinheiro, mas sim o nome da empresa. Termos demitido Baden antes da primeira ação ser ajuizada foi um ponto positivo para nós e concordamos em prestar auxílio a cada uma de suas vítimas na ação penal, porque nós também não sabíamos o que ele estava fazendo com o poder que tinha, embora, para alguns juízes, isso pouco importava.

Tive de fazer uma coletiva de imprensa e explicar nossa situação, bem como afirmar que todas as nossas funcionárias poderiam se sentir seguras dentro da nossa empresa, porque nós abominávamos aquele tipo de conduta.

Depois foram audiências atrás de audiências, e agora, justo agora, chegou a vez do caso do estupro, em que o *figlio di puttana*⁵ foi condenado, embora, infelizmente, esteja ainda em liberdade, visto que o último recurso ainda não foi decidido.

A partir dessa última decisão, a ação trabalhista sobrestada à espera da criminal irá seguir seu curso e, segundo o falecido doutor NACIONAIS - ACHERON

Cubas, esse será o processo mais conturbado que iremos enfrentar e que, diferentemente das outras ações, talvez não consigamos um acordo.

— Senhor Villazza? — Alice me olha com cenho franzido, e eu volto à realidade do escritório.

— Desculpe, Alice. — Tiro minhas mãos dos bolsos, abro o último botão do paletó do terno e me sento. — Você pode repetir? Essa notícia me pegou de surpresa.

Ela concorda e recomeça a repassar todos os meus compromissos do dia, bem como os recados e os documentos recebidos. Eu consigo focar no trabalho novamente, mas em minha mente há ainda a preocupação acerca do causídico⁶ que irá substituir o insubstituível doutor Cubas.

— *Così, che delizioso pompino!*⁷ — Ela para e me olha intrigada. Merda! — Continua, porra! Só disse que estava gostoso!

Ela sorri e começa a me sugar novamente. Fecho os olhos, e em minha mente flutua todo o tipo de imagem, as mais sujas possíveis, juntando-se à sensação dessa boca molhada e quente no meu

pau.

Eu estou dentro do banheiro de um restaurante, bem limpo por sinal, recebendo um maravilhoso boquete de uma mulher que está acompanhada, mas que conseguiu despistar sua companhia e me abordar próximo aos banheiros.

Não sei seu nome, mas sei que tem uma boca talentosa, além de ser muito gostosa.

Após o expediente na empresa – o meu nunca termina antes das 21h –, Kelly me chamou para jantar com ela no restaurante de uma amiga, e eu, além de adorar a companhia dela, estava com fome, então aceitei.

O restaurante é moderno e confortável, com cardápio e chef húngaro. Achei exótico e, como gosto de comida bem picante, resolvi experimentar seu prato mais famoso. À nossa mesa tinham mais três amigos de Kelly, duas mulheres e um homem.

Fomos apresentados rapidamente, mas confesso que não me liguei ao nome de nenhum deles, mas a mulher loira e peituda – que estava com o namorado – não parava de me encarar e, como é natural, eu também não me fiz de rogado ante ao seu interesse.

E é por esse motivo que nós estamos aqui,

NACIONAIS - ACHERON

eu recebendo um relaxante boquete, e ela ajoelhada no chão do banheiro com a cabeça do meu pau na garganta.

Sinto o gozo iminente e lhe aviso, mas a *bocchinara*⁸ não se afasta, gulosa, absorvendo cada gota.

Ela se levanta e confere sua roupa enquanto lavo as mãos.

— Então, Frank Villazza, nós podíamos...

Merda!

— Meu bem, muito obrigado pelo boquete, foi muito relaxante — agradeço enquanto enxugo as mãos. — Mas eu realmente acho que seu namorado deve estar estranhando sua ausência. — Ela demonstra espanto ao me ouvir dizer isso, mas não se move. Droga, vou ter que ser mais direto! — Não vai rolar, sinto muito! — Ela entende o recado e começa a ficar puta. — Mas agradeço a boa ação de hoje! — Dou um piscada e ando, tranquilo, para fora do banheiro.

Estou sentado à mesa conversando com Kelly e Vanessa, a dona do restaurante, quando vejo a mulher do banheiro se aproximar do namorado, falar algo ao seu ouvido e se despedir de todos. Ainda posso ver faíscas soltando de seus

NACIONAIS - ACHERON

olhos, mas não me sinto mal por não ter preenchido as suas expectativas.

Ela não parece ser uma mulher que saiba, ou melhor, que queira jogar com minhas regras. Quando me abordou no banheiro, eu até pensei que sim, mas bastou sua primeira fala após o ato libidinoso e eu descobri que ela tinha me dado uma amostra grátis do seu dom, mas que, provavelmente, o *plus* requeria um preço.

E não, não me importo com dinheiro. Tenho bastante e trabalho muito para continuar tendo-o, mas me importo com algemas, compromisso e constância. Toda mulher que sai comigo deve estar ciente de que sou sacana mesmo, gosto da novidade, gosto da primeira e, no máximo, da segunda vez e só.

Não rola ter encontros, viajar, nada disso. Não recebo ninguém no meu flat, ninguém anda nas minhas motos ou conhece meus amigos. É sexo, só sexo. Se quiser algo além disso, como dormir de conchinha, assistir a filmes ou conversar, infelizmente está com o irmão errado. Eu não faço isso.

No entanto, sou completamente aberto a qualquer tipo de fantasia, gosto de meter, adoro dar

prazer, mais até do que de sentir. Meu único objetivo é a diversão e satisfação, nada a mais. Nada fica subentendido, é simples, é antigo e é direto: sexo.

A boqueteira do banheiro queria mais do que uma transa. Eu sempre consigo ver quando elas querem mais e agradeço ao meu instinto, corto logo o mal pela raiz.

Confiro as horas no meu Cartier e resolvo que preciso ir embora, afinal, estamos no começo de uma semana de trabalho, e eu, como todo mortal, preciso de descanso.

— Kelly, eu já vou. — A beldade loira me olha fazendo beicinho. — Não me olha assim, porra! — Rio. — Eu juro que te arrasto para algum lugar e te convenço a gostar de...

Ela me dá um tapa no ombro, rindo muito e me sacaneando ao usar a minha primeira língua:

— *Vattene!*⁹ Você seria o último homem com quem eu iria querer alguma coisa, ainda que eu gostasse!

Eu rio e lhe dou um beijo no rosto. Ninguém nunca entendeu minha amizade com Kelly Pearson, a CCO¹⁰ da Rede Villazza, porque acham que nós temos algum tipo de relacionamento

NACIONAIS - ACHERON

— ainda que aberto — além de amigável.

Porém, o que ninguém sabe é que, da fruta que eu gosto, ela come até o caroço! Kelly sempre foi muito discreta com sua vida privada e, contra todo arquétipo pré-concebido de uma lésbica, ela é, sim, muito feminina e sensível. Além, é claro, de extremamente discreta, não por vergonha, mas porque é o seu jeito.

— Nos vemos amanhã. — Viro-me para Vanessa. — Prazer em conhecê-la, o jantar estava ótimo.

— O prazer foi meu em recebê-lo, volte sempre.

— Juízo, meninas! — Pisco para elas. — Não façam nada que eu não faria!

Kelly gargalha, e Vanessa sorri sem jeito.

Ligo para o Clayton antes de sair para a calçada e, somente após ver o carro parado em frente ao restaurante, é que saio. Caminho para o veículo, um Mercedes-Benz Classe S, a passos largos e sem olhar para os lados.

— Boa noite, Clayton — cumprimento entrando no carro e pegando uma garrafa de água mineral no refrigerador. — Vamos direto para o flat.

— Boa noite, chefe. — Ele me chama de chefe desde o primeiro dia em que passou a trabalhar comigo.

Tomo a água, confiro a cigarreira de prata no bolso do meu paletó e noto que só fumei dois cigarros o dia todo. Sorrio, orgulhoso, sabendo que estou conseguindo diminuir o ritmo, embora saiba que vou fumar o terceiro antes de dormir.

— A senhora Torres me entregou uma pasta. — Ele me passa uma pasta de couro preta. — Disse que o senhor a esqueceu na empresa.

Merda! Pego o objeto, sabendo que aqui dentro estão todos os documentos que tenho que assinar para amanhã. Acho que vou passar do terceiro cigarro essa noite, pois, pelo peso da pasta, ficarei acordado até de madrugada.

Entro no elevador e uso minha chave de acesso para liberá-lo até a cobertura. Meu flat tem poucos cômodos, apenas um quarto com closet e banheiro que ficam num enorme mezanino e, na parte de baixo, uma pequena cozinha funcional — nunca usada — e uma sala ampla onde, além de assistir a futebol em uma SmarTV de 60 polegadas — sou torcedor doente do Napoli e do Atlético Paranaense —, tenho uma pequena extensão do meu

escritório e meus equipamentos de som.

Olho saudoso para minha guitarra, pois há meses não consigo tempo para tocar um só acorde nela. Durante o tempo em que morei nos Estados Unidos, eu toquei em uma banda de rock, mas hoje, acho que por causa da idade, sou bastante eclético em relação ao que toco.

Subo para meu quarto já tirando a roupa e depositando-a em cima de uma poltrona de couro para que Lucinda a recolha amanhã de manhã e sigo para o banho. Há batom no meu amigão, e eu rio da loucura feita naquele banheiro. Pelo menos, foi bem inaugurado!



*E se eu estiver longe de casa?
Oh, irmão, eu vou ouvir você chamar.*

E se eu perder tudo?

Oh, irmã, eu vou ajudá-la!

*Ah, se o céu vier caindo, por você,
Não há nada neste mundo que eu não faria.*

Hey, Brother – Avicii

Acordei mal-humorado e

NACIONAIS - ACHERON

atrasado, sem tempo para fazer minha corrida matinal, muito menos para tomar um café da manhã decente. Geralmente isso não acontece comigo, pois se há algo regrado na minha vida, é o meu horário de trabalho, mas por causa da maldita notícia do falecimento do Dr. Cubas, eu tive dificuldade em conciliar o sono, mesmo tendo trabalhado até às 3h da manhã.

Consequentemente, perdi a hora e só acordei com o despertador, que eu sempre programo a fim de ser alertado, caso algo de diferente aconteça. Quando ouvi *Born to be Wild*^{[11](#)} tocar, pulei da cama assustado, levei alguns segundos para entender que eu havia dormido além do meu horário e entrei debaixo do chuveiro.

Geralmente demoro um pouco para me arrumar, harmonizar terno, camisa e gravata, escolher um dentre os muitos relógios que coleciono e por fim pôr os sapatos, mas hoje praticamente visto os primeiros itens que vejo. A parte mais fácil para mim é o perfume, pois uso o mesmo há mais de dez anos, uma fragrância amadeirada, terrosa e levemente refrescante feita especialmente para mim por um perfumista francês.

Eu nem perco meu tempo ligando para
NACIONAIS - ACHERON

Clayton, pois o tempo que ele levará para chegar ao meu prédio é o que eu farei dirigindo até o hotel. Entro na minha Range Rover e saio rapidamente da garagem.

Alice, santa Alice, recebe-me já com meu café preparado e, após tomar o líquido quente, forte e amargo, consigo finalmente relaxar. Eu odeio me atrasar para o trabalho, geralmente sou o primeiro a chegar e o último a sair, gosto de dar o exemplo. A responsabilidade sobre meus ombros é grande demais, e meu tempo dentro da empresa tem que ser o melhor aproveitado possível, senão fico com a sensação de não estar fazendo o suficiente para honrar o cargo e a confiança entregues a mim.

As pessoas que conhecem o CEO playboy imaginam minha vida como sendo somente de ostentação, baladas, mulheres e coisas caras, mas elas não fazem ideia do quanto eu ralo todos os dias.

Gosto de me divertir, gosto de estar confortável, bem-vestido, usufruir de tudo o que o dinheiro possa proporcionar, afinal é para isso que ele serve. Todavia, uma coisa que eu aprendi desde criança com meus pais é que, apesar da grande fortuna que nossa família acumulou ao longo de

gerações de empresários do ramo hoteleiro, nenhum carro-forte acompanhou os caixões dos que morreram.

Essa “filosofia” explica o porquê de não sermos apegados ao dinheiro.

Minha mãe é uma filantropa por natureza, sua fundação ajuda milhares de pessoas ao redor do mundo com todo tipo de assistência. Aqui no Brasil, suas atividades são culminadas no dia do Baile Branco e Preto, um evento em que a alta-classe do país se reúne para jantar e dançar, além, é claro, fazer contatos e negócios.

A Fundação Maria Eugenia Andretti, que leva o nome da minha avó materna, cuja vida foi dedicada à medicina, principalmente aos serviços voluntários feitos com os norte-africanos, cuida de todos os contatos, e a gerência de produtos do *Convention*, da execução e preparação do evento.

Sempre há grandes cantores que abrem mão do cachê para contribuir, além dos chefs internacionais – cada ano um assina o jantar – e dos objetos que são doados para o leilão. Os convites são vendidos a preços consideráveis, e toda a renda obtida, tanto com o baile quanto com o leilão, é integralmente revertida para alguma instituição de

caridade, às vezes, mais de uma.

O meu pai, o *chairman* da Rede, é o maior doador de bens e de dinheiro. Meus irmãos e eu também fazemos nossa parte. Eu já leiloei uma guitarra épica que pertenceu ao Jimmy Hendrix e que era item de coleção desde a faculdade.

Penso no quanto sou contraditório, pois sou um colecionar aficionado, mas totalmente desapegado aos itens que coleciono. Não entro em desespero se tiver que me desfazer de alguns deles; para tê-los, no entanto, luto até o fim com quem quer que seja.

Sei que gosto do desafio, da antecipação e, depois, da vitória, mas como quase tudo na minha vida, não me apego.

O dia passa como se estivéssemos em *fast forward*¹². Eu assinei alguns contratos, inclusive um que o Tony me mandou por e-mail, tive três reuniões – uma com toda a diretoria da Rede – e duas vídeos-conferências internacionais.

Passa das 21h quando apago a luz do meu escritório. Vejo várias mensagens de mulheres

diferentes me convidando para algum programa, mas hoje eu não estou a fim. Tenho dois documentos grandes para ler, além de estar precisando de endorfina por causa da falta da atividade física e da nicotina, pois passei o dia inteiro com apenas dois cigarros.

Sigo direto para o meu prédio e vejo, justo na entrada do mesmo, dois fotografos de prontidão. Rio ao pensar em desapontá-los, pois não sairei mais nessa noite.

Tomo um banho longo e quente e depois coloco apenas uma cueca boxer. Eu sempre ando descalço quando estou em casa, gosto de sentir meus pés no chão e de ficar à vontade. Pego uma cerveja na geladeira, sento-me no sofá e ligo a TV para relaxar por apenas 30 minutos, o que lamento, pois acaba de começar um jogo pelo *Brasileirão*.

No meio do primeiro tempo, o interfone toca.

— Doutor Villazza, o senhor Antonio Villazza está aqui. Posso liberar?

— Claro, Mendonça, é o meu irmão!

Abro a porta do flat e assisto ao Tony sair do elevador. Ele não parece muito bem, e isso me preocupa.

— Algum problema com a Marina? —
indago sem cumprimentá-lo.

Ele me olha sério e nega com a cabeça.

— Vim apenas conversar um pouco. —
Estranho, pois, apesar de voltarmos a estar
próximos, esse não é o jeito dele. — O que você
está vendo? — Ele se senta no sofá e olha para o
jogo. — Que merda, hein!? Jogo do seu *Ventinho*!

Rolo os olhos diante da provocação infantil.

— É Furacão, Tony! — Entrego-lhe uma
cerveja. — Ainda não me conformo de ter te
ensinado a trepar e não ter te ensinado a torcer.

Ele gargalha.

— Você me ensinou a trepar?! Não me
lembro de você lá, me dando instruções! Além do
mais, tenho orgulho de meu time!

— Coxa Branca... — Lamento a escolha
dele pelo Coritiba.

Ele toma um gole da cerveja, mas a fica
segurando, enquanto a minha se encontra em cima
da mesinha. Bufo de impaciência e pego um porta-
copos para ele. Tony e suas manias!

Ficamos conversando geralmente sobre
trabalho, mas noto que ele está mais agitado que o
normal.

— Você vai me contar o que está acontecendo, ou vou ter que adivinhar? — Ele continua fechado em copas. — *Cazzo*, Tony! — Arregalo os olhos. — A Marina te deixou? — A ideia parece absurda depois que eu a digo e ele, felizmente, nega. Há algo aí, eu tenho certeza. — Ela negou seu pedido de casamento mais uma vez? — Ele nega de novo, bebendo sua cerveja. — Porra, Tony, desembucha!

— Ela saiu! — Ele se encosta no sofá depois de gritar essas palavras para mim. — Inferno, Frank, ela saiu para uma noite de meninas!

Saiu?! Só isso? Porra, o que eu perdi nessa história?

— E o que há demais nisso, *coglione*!?¹³

— Ela saiu para o aniversário da Bárbara Pontes! — explica como se fosse um sacrilégio.

— Elas não são amigas? — Cara, conversar algo pessoal com meu irmão é como dirigir numa estrada cheia de curvas e obstáculos.

— São. Mas, Frank, você não a conhece...

Ah, sim, não mesmo. Pelo menos, não como gostaria... Bárbara Pontes é uma mulher que mexe com o desejo de qualquer homem com um pingo de sangue nas veias. Linda, gostosa e

sensual, além de espontânea e carismática, ótima profissional, e essa última descrição dela é o motivo pelo qual eu nunca tentei levá-la para a cama. É funcionária do meu hotel.

— Aquela mulher é totalmente louca!

Rio quando ele diz isso.

— Tony, não seja imbecil! As mulheres também são livres para se divertirem como quiserem...

— Não a minha, merda! — Levanta-se. — Eu cheguei ontem de viagem, e hoje ela me deixa em casa para curtir uma noite de meninas com as amigas?

— Elas são quase sócias do Victor, devem estar lá! — comento tentando acalmá-lo, mas achando graça por vê-lo tão ciumento, pois é uma faceta dele que eu nunca vi com Margie.

— Não estão...

— Ela te disse para onde iam! — Abro os braços como se houvesse solucionado um grande problema. Oh, drama! — Viu só, não tem nada...

— Elas estão na eXtreme!

Fico mudo ao ouvir o nome do local. Não é possível que eu ouvi certo! Tento segurar meu riso, mas não consigo e gargalho bem forte, imaginando

minha cunhada e suas amigas se divertindo num clube das mulheres com homens virtualmente nus.

— *Va fotto*, Frank!¹⁴

Paro de rir ao ver-lhe a expressão depois de me xingar em italiano, coisa que não faz há anos. O negócio é sério.

— Relaxa, Tony. Por que não disse a ela que não gostaria que fosse a esse lugar?

— Ela não me disse para onde ia!

— *Peraí*, você a seguiu? *Ma che grande bamboccio!*¹⁵

— Não a segui, apenas sei que ela está lá...

Sinto meu sangue ferver por dentro ao pensar em como ele sabe onde ela está. A possibilidade que passa por minha cabeça me faz querer socar a sua cara.

— Você está usando o aplicativo do Constantino? — meu tom é sério e grave.

Constantino Angeloni é um expert em segurança e desenvolveu um aplicativo para celular e para o computador de bordo dos carros a fim de garantir nossa segurança.

O *app* fica invisível no celular, mas em caso de emergência, uma palavra de segurança dita aleatoriamente dispara um sinal para outro

NACIONAIS - ACHERON

aparelho, indicando localização e endereço. Porém, há a opção de enviar uma mensagem fantasma para o aparelho a ser localizado, e ela retorna com as informações.

Provavelmente foi isso que o ciumento boçal do meu irmão fez.

— Por questão de segurança...

— Porra, Tony, se ela descobre, aí sim, você vai ter motivos para ficar como está agora! Ele desenvolveu esse rastreador para nossa segurança, merda, não para você ficar monitorando os passos de sua noiva, *cazzo*!

— Eu instalei por segurança, e ela sabe! — Senta-se frustrado. — Eu sei que preciso me controlar, mas a simples possibilidade de perdê-la...

Eu me sento ao seu lado. Conheço bem o meu irmão, sei o quanto ele é apaixonado pela Marina e o quanto é correspondido. No entanto, sinto que, por já ter perdido um grande amor, ele parece estar esperando a história se repetir, o que não é saudável.

— Tony, a Marina te ama. — Para mim não é fácil ter que conversar sobre questões do coração, mesmo porque tenho a porra de nenhuma experiência no assunto, mas por ele tento fazer o

meu melhor. — Ela é louca por você, mas se continuar sufocando-a desse jeito, ela acabará se afastando. — Ele concorda. — Sua noiva é jovem, tem a vida dela, tem amigas e precisa desse momento de descontração. Deixe-a viver!

— Mas se alguma coisa acontecer a ela...

— Você acha que pode controlar tudo? Nós sabemos que não pode, Tony! — Ele põe as mãos no rosto. Nesse momento deve estar pensando em Margie e no que aconteceu a ela, mas é preciso trazê-lo à razão e para isso necessito mexer em suas feridas. — Não estrague sua vida pensando que pode controlar o futuro, piá, ninguém pode!

— Você tem razão. — Ele ri. — Eu só fiquei louco quando vi onde ela está. Não conheço o clube, mas quando li que homens faziam strip...

Eu ri e lhe dei um tapinha no ombro.

— Não é nada demais! Eu já fui lá algumas vezes... — Ele me olha curioso e surpreso. — Ei, *no sono alegre!*¹⁶ — Gargalho. — Mas você tem noção da quantidade de mulher gostosa e doida para uma trepada que tem naquele lugar? — Percebo que pioro as coisas. Merda! — Bom, o que eu quis dizer é que os guris dançam, mas não ficam pelados de tudo, afinal, eles precisam de um local

para guardar o dinheiro...

— Porra, Frank, não está ajudando, sabia?
— mas Tony já está rindo ao falar, e isso é bom sinal. — Acho que exagerei, não é?

— Veja a vantagem, ela vai voltar para casa louca para tre...

Ele me dá um soco no peito, e rimos juntos. Momentos depois estamos tomando cerveja em silêncio, esperando o começo do segundo tempo do jogo.

No dia seguinte estamos sentados na minha sala, Tony e eu, conversando sobre as negociações em Lima, as impressões do meu irmão sobre o hotel que adquirimos, bem como as melhorias necessárias que teremos que fazer, uma vez que o prédio, apesar da excelente localização, é antigo e avariado.

— Vou ligar para o Julio e pedir a ele que comece a trabalhar na concepção do projeto — informo olhando as fotos e toda a documentação, inclusive as plantas do prédio. — Minha ideia é não mexer muito na fachada, gosto desse estilo, parece

que conta uma história da cidade.

— Eu tive essa impressão também — Tony concorda. — Seria ótimo poder restaurar a fachada original, mesmo que isso destoe um pouco da nossa arquitetura padrão.

Nossos hotéis, pelo menos dentro da área que cabe a mim, seguem um padrão arquitetônico moderno, com poucas linhas, pouca informação e mais eficiência. Focamos muito em ter o melhor e mais confortável interior, mas gostamos da simplicidade, embora cara, da fachada sem muito adornos. Geralmente é toda envidraçada e com nossa *logo*, quando possível, na lateral e, quando não, na cobertura. É simples e sempre deu certo, mas de uns tempos para cá, Tony teve a ideia, a partir da reforma do hotel no Rio de Janeiro, de investirmos em materiais ambientalmente eficientes. O Villazza Barra foi o primeiro modelo e se tornou um sucesso.

Para começar, criamos uma enorme parede verde em um dos lados do hotel. Inúmeras espécies de plantas foram usadas naquele trabalho, garantindo não só a harmonia visual, mas também produzindo conforto térmico e acústico ao prédio.

Na cobertura instalamos um telhado de

placas solares capaz de reduzir o consumo elétrico do hotel em 50%, além de usar fonte renovável de energia. O reuso de água foi o mais trabalhoso, uma vez que o prédio já estava completamente edificado, mas conseguimos implantá-lo e utilizá-lo na rega das plantas que compunham o paisagismo do hotel e também para alguns serviços de limpeza.

Nas obras novas, estamos implantando em algumas áreas o sistema *dry-wall*, que dispensa o uso de alvenaria e garante rapidez e pouquíssimos resíduos durante a obra, além de utilizarmos várias tecnologias novas para a captação de água, produção de energia, sistema de ventilação e iluminação natural dos prédios, dentre outras.

O hotel recentemente inaugurado em Manaus é o mais correto ambientalmente e, por isso, foi destaque em várias revistas do ramo, e fomos presenteados com alguns selos verdes, além de conseguirmos certificados.

No entanto, o hotel em Lima definitivamente não pode entrar no padrão Villazza, pelo menos não na parte exterior. Possui linhas clássicas que combinam perfeitamente com o Centro Histórico da cidade, nas proximidades do prédio.

— Tenho certeza de que Julio e sua equipe irão conseguir fazer um belo projeto, Frank — Tony declara, mas minha atenção está tomada pela documentação à minha frente. — Sabe que essa foi a negociação mais difícil que eu já fiz?

Olho para ele. Sabia que o antigo hotel, fechado há quase uma década, era alvo de uma briga entre herdeiros, mas não pensei que eles não se sentissem aliviados por se livrarem daquele elefante branco sem utilidade, pois não estavam conseguindo nem mesmo manter os impostos do bem.

— É horrível você ver uma família brigar a ponto de irmãos nem mesmo se cumprimentarem. Nem um simples bom-dia!

É, eu também acho isso uma merda. Vi muito disso acontecer ao longo da vida, com amigos meus, inclusive. Pessoas que não foram preparadas para assumir a responsabilidade de uma empresa, de um legado. É verdade que alguns herdeiros conseguem não só dar continuidade ao negócio, mas também o expandir e fazê-lo mais forte, mas em algum ponto durante essa mudança de mãos, a coisa toda às vezes desanda.

Esse é um dos grandes medos que eu tenho.

Nosso negócio, a hotelaria, é centenário e passou de pai para filho ao longo do tempo. Nenhum dos meus antepassados, incluindo meu pai, deixou a qualidade e o prestígio conquistados se perderem. Cada um, à sua maneira e no seu tempo, deixou uma marca na história da Rede Villazza.

Eu, claro, quero poder deixar minha contribuição e é por isso que me esforço tanto para que tudo se encaminhe positivamente.

— Cara, isso é um inferno mesmo! — comento com meu irmão. — Prometa que isso nunca irá acontecer com a gente, que mesmo que não concordemos em algo, iremos buscar sempre uma solução juntos.

— Claro que sim, Frank! — Tony me dá um tapinha nas costas. — Nem mesmo no tempo em que eu me mantive distante de todos, nós nos desentendemos nos negócios. Essa empresa é nossa herança, nossa responsabilidade com a família. — Ele ri. — Às vezes até me sinto um pouco mafioso quando falo assim.

Eu rio junto, lembrando-me das nossas brincadeiras de criança, quando fingíamos que pertencíamos à máfia e aterrorizávamos os colegas de escola.

— Somo italianos, Tony, temos esse senso de dever para com a família muito enraizado no sangue, independentemente de sermos mafiosos ou não. — Volto a atenção para o material que ele trouxe de Lima. — Eu já decepcionei nossos pais de tantas formas e tantas vezes, na juventude, que às vezes tenho pesadelos com aquele olhar do *babbo*¹⁷. Eu nunca quero fazê-lo pensar que não deveria ter confiado em mim.

— Ele sente muito orgulho de você, Frank, e sempre deixa isso claro, elogiando o trabalho que você faz aqui...

— *Nós* fazemos, Tony. Somos uma equipe; sem você para fazer esse trabalho — aponto para minha mesa —, eu não conseguiria realizar a metade do que já fizemos.

Ele sorri, concordando com minhas palavras. Meu irmão é um negociador por natureza, além de possuir olho de lince para bons negócios e investimentos. Uma simples notinha em algum jornal já é o suficiente para ele saber a melhor hora de fazer alguma proposta.

Além do mais, coordena várias outras funções dentro da Rede e acompanha de perto o andamento de cada hotel sob nossa competência.

Sem ele, eu não faço nada, porque Tony é o meu braço direito e o esquerdo.

— Então está resolvido! — declaro. — Esse hotel será diferenciado, mas ainda assim, terá nosso selo de qualidade.

Conversamos por mais alguns momentos sobre os planos para o Villazza Lima e, por fim, ele me atualiza sobre sua situação com Marina.

— Ela chegou bem, um pouco tonta, mas em segurança. — Ri. — Ela pensa que fiquei em casa, comportado, esperando-a.

— Ainda bem que você tem o melhor irmão do mundo — brinco, e ele levanta a sobrancelha. — Senão ontem você teria feito merda e trocado os pés pelas mãos.

— Menos, Frank! — diz arrogante. — Mas agradeço por ontem. Você consegue não ser um babaca egoísta e convencido quando quer, mesmo que por cinco minutos.

Eu dou um soco no seu ombro.

— Mal-agradecido!

Alice entra na sala, e nós ficamos sérios, apesar de Tony estar visivelmente segurando o riso.

— Alice, seja sincera, eu não sou o melhor chefe que você poderia imaginar ter na vida?

— Nem no meu pior pesadelo, senhor Villazza — responde séria, e Tony gargalha, elogiando-a por sua sinceridade.

— Bando de ingratos. — Olho para ela, ameaçador. — Vou dar aquela bateria de brinquedo para Ângela, aquela bem barulhenta...

— Ele começou a jogar sujo, Alice!

— Nem pense nisso, senhor Villazza. — Alice, essa miniatura de pessoa, aponta o dedo para mim. — Viu só, Tony, ele já tenta corromper minha filha de apenas um ano!

— Eu disse a você que ele não servia para compadre...

— Ei, eu estou aqui! — Ambos me olham segurando o riso de deboche. — Alice, qual era o assunto que a trouxe aqui, além, é claro, de ficar de conluio com meu irmão...?

— Ah, acabei me esquecendo! Ligaram de São Paulo, do escritório de advocacia. O substituto do senhor Cubas solicitou uma reunião para amanhã pela manhã.

— Já não era sem tempo! Tenho tempo livre?

— Às 10h da manhã e apenas por vinte minutos. Posso confirmar?

— Faça isso, Alice.

Ela concorda e sai da sala.

— Hans Baden?

Expiro o ar de meus pulmões.

— Sim. O doutor Cubas faleceu e o escritório enviou outro advogado, mas eu ainda irei avaliá-lo para saber se concordo que assumo a causa ou não. Eu sei que haverá outros auxiliando-o, mas quem vai estar nas audiências será ele.

Tony concorda.

— Hoje vai ser noite de canja no Victor. — Faço careta ao pensar em um monte de bêbados se achando cantores. — Marina e eu vamos. Quer vir conosco?

— Essa eu passo! Já tenho um programa agendado.

— Quando é que você vai pensar em assentar?

Levanto-me e abro a porta do escritório, indicando que nosso tempo acabou.

— Parece a *mamma* falando! — Ele me olha feio. — A essa altura, você já deveria saber que a mulher que irá me fazer “assentar” ainda não existe!

— Frank, Frank... nada como um dia após o

outro! — Passa por mim sacudindo a cabeça. — Só espero não estar catando seus caquinhos no dia em que você encontrar alguém tão cínico quanto você.

Eu gargalho enquanto fecho a porta na sua cara.

— Só quando o inferno congelar!

Após a reunião com Tony, fiquei completamente absorvido por assuntos financeiros, em reunião com a CFO¹⁸, Alison, até a noite cair. Essa é uma parte do meu trabalho que eu realmente gosto, pois sempre tive aptidão para trabalhar com números e planejar estratégias para aumentá-los.

Ally e eu discutimos cada parte dos relatórios financeiros que ela me apresentou, reunindo a receita de cada unidade da Rede. É um trabalho cansativo e minucioso e que geralmente ocupa vários dias, quando não uma semana inteira.

Estamos há horas debruçados em planilhas, quando noto que ela, de tempos em tempos, mexe a cabeça, tencionando o pescoço. É aí que eu olho para o relógio e decido acabar com a reunião desse dia. Alison parece bem aliviada ao ouvir a notícia, e

eu penso que realmente meus companheiros de trabalho devem me achar um tirano, mas eu somente fico tão compenetrado que esqueço que, diferentemente de mim, as pessoas têm companheiros e filhos os esperando.

— Ally — chamo-a antes que ela deixe minha sala —, obrigado pelo empenho; você está fazendo um ótimo trabalho.

Alison parece surpresa ao me ouvir elogiá-la, mas depois sorri em agradecimento, despedindo-se em seguida.

Sento-me em minha confortável e negra cadeira e sinto vontade de rir do babaca que sou, afinal, nunca me lembro de elogiar quem faz um trabalho decente, detenho atenção apenas aos que fazem merda e merecem esporro. Isso me incomoda, porque meu pai sempre pregou que o verdadeiro líder sabe fazer, adequadamente, as duas coisas.

Na tela do meu laptop há uma notificação de e-mail, e eu o abro, sabendo que Alice filtra todas as mensagens na minha caixa de entrada. Leio o conteúdo, uma proposta de uma nova campanha de marketing para o hotel enviada pela agência que cuida de nossa publicidade desde que

minha irmã desistiu da diretoria e decidimos fechar o setor.

Penso que os dois únicos setores terceirizados da Rede são o de marketing e o jurídico e no quanto discutimos a ideia de tê-los integrantes do nosso organograma ou de usar prestadores de serviço. É claro que ficou muito mais vantajoso descentralizar essas áreas do que montá-las na empresa.

Mais uma vez penso no processo Baden e fico curioso sobre quem o escritório vai mandar para eu conhecer.

— Senhor Villazza, já estou indo. O senhor precisa de algo mais?

— Não, Alice. Eu nem sabia que você ainda estava aí. — Rio. — Pode ir para casa descansar.

— Boa noite!

— Boa noite, mande um abraço para Ângela.

Ela sorri e fecha a porta do escritório.

Caminho até a parede envidraçada do meu escritório e fico olhando as luzes da cidade. Eu menti quando disse que já tinha um programa agendado para hoje; a verdade é que recusei todos os que apareceram.

Há muito tempo não frequento o Victor, não por não gostar do ambiente, mas sim porque sinto que minha presença deixa muitos dos presentes incomodados por eu ser o *chefão*, como eles me apelidaram.

Sinto falta de estar no bar. Sei que a maioria dos funcionários do hotel e da Rede se encontra lá, bem como meu irmão e minha cunhada, mas é melhor eu me manter afastado e deixar que as pessoas desfrutem de seu momento de lazer. Afinal, eu também tenho os meus, mesmo que discretos e íntimos. Decido ir até a Joker's, ligo para Daniel, meu amigo que é um dos donos, e combino com ele sobre minha entrada.

Desligo todos os equipamentos da minha sala, apago a luz e tranco a porta. Chamo o elevador e aguardo. Cinco minutos se passam, e não há sinal dele. Continuo apertando o botão para chamá-lo. Perco a paciência e ligo para o pessoal da segurança.

— Mas que porra está acontecendo com o elevador privativo da Rede? — grito quando sou atendido.

— Ah... senhor Villazza... não sabíamos que o senhor ainda estava aí em cima — ele fala

qualquer coisa longe do bocal do telefone. — O elevador parou para a manutenção preventiva, mas se o senhor puder aguardar alguns minutos, zeramos aqui e o enviamos...

— Não precisa! — Bufo. — Eu vou usar um dos hóspedes.

— O senhor tem certeza? Terá que descer três andares pela escada de emergência...

Desligo o celular. *Cazzo!* Que dia longo! Abro a porta corta-fogo e desço três andares até chegar ao corredor do 17º andar do hotel. Chamo o elevador e dou graças aos Céus quando rapidamente as portas se abrem.

Quase nunca transito pelo hotel, muito menos uso os elevadores de hóspedes, pois desde que a Rede foi instalada nos penúltimos andares do Convention, separamos um elevador só para nos atender.

Nosso elevador privativo não dá no saguão, mas sim numa área reservada com saída pela lateral do prédio, e há somente as opções dos andares em que estamos instalados, do estacionamento e do heliponto, no telhado do hotel.

Já os dos hóspedes, três no total, pulam o 18º, 19º e o 20º andares, tendo apenas opções para

as suítes máster e a presidencial, que ficam na cobertura, com área de lazer e piscina exclusivas no topo do edifício.

O ascensorista me reconhece e parece surpreso ao me ver entrar.

— Garagem dois, por favor — informo já ligando para o Clayton a fim de que o carro esteja preparado para me levar para casa. Depois que eu trocar de roupa, seguirei de moto para a boate.

Descemos em silêncio, mas no sexto andar o elevador para. Quando as portas se abrem, vejo uma mulher aparentemente bem jovem à espera para entrar.

Não perco tempo ao deslizar meu olhar por todas suas curvas, bem ressaltadas num vestidinho preto de mangas compridas e colado no corpo. Apesar de miúda, ela tem uma silhueta bem-contornada.

Nossos olhares se encontram, e fico admirado ao constatar que os olhos dela são de um azul tão forte e tão luminoso que ganham destaque por causa de suas sobrancelhas e de seus cabelos negros.

Uau! *Ma che bella ragazza!*¹⁹

Ela entra, cumprimenta-nos com um

simples boa-noite e se vira, ficando de costas para mim, dando-me a oportunidade de ver o enorme decote traseiro do vestido, parcialmente coberto pelo seu cabelo longo. Porém, o que mais me chama a atenção é o quanto o seu traseiro é incrível.

Arrumo-me um pouco, sentindo-me incomodado com o tesão repentino que me acometeu. Essa baixinha – sim, porque mesmo de salto ela não chega ao meu queixo – tem uma bela bunda!

O elevador infelizmente para no térreo, e essa beleza sai sem ao menos me olhar uma segunda vez. Dou de ombros, uma risada safada que rende um olhar interrogativo do ascensorista, e volto a ligar para o Clayton, avisando-o da minha chegada à garagem.

— Boa noite, chefe. — Ele abre a porta assim que me vê.

— Boa noite, Clayton. — Entro e jogo minha pasta no outro lado do banco. — Vamos direto para o flat. De lá, você pode seguir para casa, pois não irei mais precisar de você essa noite.

Ele assente e dá a partida.

Reclino-me um pouco no banco e fecho os

olhos, tentando diminuir o ritmo e relaxar. Contudo, a imagem que vem à minha cabeça é de uns olhos azuis como os de um gato num rosto perfeito.

Mulheres bonitas costumam me impressionar, normal para quem as aprecia muito. Confesso que eu gostaria de tê-la visto em qualquer outro local que não o hotel, pois, como já deixei claro, aquela área é proibida para minha diversão, afinal, *onde se ganha o pão, não se come a carne.*²⁰

Espero poder encontrar, ainda essa noite, uma mulher tão gostosa quanto ela. Sorrio ante a expectativa, já imaginando as coisas que eu quero fazer na cama, quando meu celular toca.

— *Buona notte, padulo!*²¹

— *Buona notte, bambina!*²² — Gargalho quando a escuto me xingar. — Como estão as coisas aí?

— Bem, *cuore di ghiaccio*²³. *Mamma e Pappà* estão com saudades. *Mi manchi troppo, fratello.*²⁴

O coração de gelo aqui se derrete ao ouvir a última frase, dita tão suavemente, como um sussurro. Giovanna sempre foi muito ligada a mim,

embora haja uma diferença de idade considerável entre nós, 14 anos.

— *Ti amo troppo, bambina! Ti penso tutti i giorni...*²⁵

— *Bugiardo*²⁶! — Ela ri. — Aposto que agora você está à caça de alguma desavisada...

— Elas não são desavisadas... Mas pare de se meter nos meus negócios e me diga o porquê da ligação! Ou foi somente para ouvir a minha belíssima voz?

— *Presuntuoso!*²⁷ Não, na verdade você foi minha segunda opção, pois liguei para o Tony, mas ele não me atendeu...

— *Ouch!* Essa doeu! — digo rindo.

— Para baixar sua crista um pouco, metido!

— Ela suspira. — Eu estou indo ao Brasil.

— Algum problema? — Fico sério e alerta.

— Não. Preciso apenas verificar algumas questões pessoais e depois volto para Milão. Estou em Roma, sigo daqui direto para São Paulo e depois para Curitiba.

— Vou pedir ao Clayton para te buscar no aeroporto, somente me deixe saber o horário do seu voo. — Ela concorda, emitindo um “ahã”. — Você vai ficar no seu apartamento?

— Pretendo, sim, mas não devo ficar por muito tempo, apenas um par de semanas. — Eu estranho que ela fique tanto tempo longe do trabalho e dos estudos. — Ainda não comecei o doutorado e... além disso... — Sinto que ela quer me contar algo, mas está receosa. — Acho melhor conversarmos pessoalmente.

Hum, cada vez que ela quer conversar algo pessoalmente é porque a coisa não é boa. O seu tom também parece melancólico, e eu definitivamente não estou gostando disso.

— Só me diz quem eu preciso mandar matar, que resolvo fácil!

Ela ri, mas seu riso também não me convence. Há algo errado!

— Não, *sciocco*.²⁸ Não é nada do que você pensa. — Suspira. — Conversamos quando eu chegar, pode ser?

— Com certeza!

— *Arrivederci, amore*.²⁹

— *Ciao, bella*.³⁰

Giovanna conseguiu colocar uma pulga atrás de minha orelha, e eu não gosto nem um pouco dos possíveis motivos que possam tê-la deixado tão reticente sobre me contar algo. Tenho

ciúmes demais da minha irmã – cuidado, acho que é a palavra melhor. Não quero vê-la sofrendo por ninguém e odeio pensar que ela possa estar nessa situação.

Já dentro do flat, de banho tomado, penso melhor sobre sair essa noite. Não estou com clima para boate no meio da semana, preciso apenas de uma boa foda, e isso posso resolver mais facilmente.

Procuro na agenda do meu celular alguma mulher com quem eu já tenha dormido e que a transa foi boa o suficiente para ter uma *seconda volta*.³¹ Coincidentemente, a mulher para quem eu ligo, é uma morena com enormes olhos claros; infelizmente não são azuis, mas verdes.

Combinamos um local para nos encontrar – o apartamento dela –, e sigo para lá, antecipando em minha mente todas as coisas mais sujas que preciso fazer para me sentir relaxado.

Paro minha Harley em frente ao prédio dela. Nem preciso tocar o interfone, e a portaria se abre. Bruna está dentro do elevador me esperando, vestindo apenas um roupão de seda negra. Sorrio pensando que não podia ser mais providencial essa situação.

— Esse elevador tem opção de parada de emergência? — inquiri assim que entro.

Ela sorri e confirma.

— Ótimo! Vou te comer aqui dentro, bem rápido e duro. — Aproximo-me dela, encurralando-a contra o espelho. — Há câmeras?

— Posso dar um jeito nelas depois... — responde beijando meu pescoço.

— Ótimo, você sabe que eu não gosto de surpresas desagradáveis... — Aperto o botão, e o elevador para, acendendo a luz de emergência.

Viro-a de costas com seu rosto pressionado contra o espelho, já pegando a embalagem da camisinha no bolso. Desabotoo minha calça, colocando a proteção no meu pau já duro e molhado, entrando nela sem dó nem piedade. Ah, os elevadores!



*Não sei se o acaso quis brincar
Ou foi a vida que escolheu
Por ironia fez cruzar
O meu caminho com o seu
Acaso – Ivan Lins*

Estou tentando fazer o menos

barulho possível, mas quando pego minha jaqueta de couro, o maldito celular cai do bolso. Fecho os olhos, torcendo para que o som não seja o suficiente para acordá-la, mas, infelizmente, é.

— Ei... — escuto sua voz sonolenta. Droga!
— Onde você vai? — Ela acende a luz do abajur.
— Ainda nem são 3h da manhã!

Viro-me de frente para ela, notando seus cabelos despenteados e seus olhos apertados por causa da claridade repentina.

— Eu preciso ir, tenho que acordar cedo para trabalhar...

— Ah, Frankie, volta para a cama! — Ela se deita. — Você é o chefe de lá, não precisa bater cartão! De manhã vou fazer um café especial...

Bufo de raiva, pois não me lembrava de que ela era assim. Mas que merda!

— Bruna, a noite foi ótima, mas não vai ter café da manhã. Não faço isso, e você sabe. — Calço meus tênis.

Ela se levanta de novo.

— Não faz o quê? Não come de manhã? — Levanto uma sobrancelha e a olho sério. — Porra, Frankie, não é um pedido de casamento! É só a cortesia de um café após uma transa!

— Você me conhece, *cazzo*! Sabe muito bem que comigo não tem café, almoço ou jantar! Não faço essas porras e não entendo por que estamos discutindo esse assunto! Você é feita do mesmo material que eu, lembra? Você mesma ressaltou isso!

Bruna me olha, e vejo em seus olhos alguma vulnerabilidade. As coisas estão ficando piores!

— As pessoas podem mudar, Francesco — avisa séria. — Não estamos ficando mais jovens, sabia? — Bufa. — Essa vida solitária, de sexo casual, não está fazendo mais a minha cabeça.

Porra!

— Você deveria ter me dito isso quando te liguei. — Odeio quando algo assim acontece, por isso costumo não repetir as transas. — Se para você chegou a hora de tentar outra coisa, boa sorte, mas para mim, não. Eu não sou esse cara, Bruna.

— Então acho melhor você não me ligar mais.

Com certeza, mulher! Seu número já vai estar na minha lista negra, e em vez do seu nome, vou escrever: “cuidado, mulher querendo compromisso”.

— Concordo com você. — Pego as chaves da moto. — Espero que você encontre alguém.

Ela sorri, irônica.

— Ah, Frank Villazza, eu vou torcer também. — Caminho para a porta do quarto, mas ainda a escuto dizer: — Torcer para você encontrar alguém que te faça pagar por tudo o que nos fez sentir...

Balanço a cabeça, tentando conter o riso. Já ouvi essas maldições tantas e tantas vezes que, se eu ganhasse um real por cada uma, estaria um pouquinho mais rico.

Saio do prédio, subo na moto e vou direto para casa, lembrando-me de, quando precisar ter um “repeteco” com alguma mulher, certificar-me de que ela entenda que será a derradeira vez.

Às 6h da manhã, depois de apenas um cochilo, já estou vestido com um moletom de corrida, seguindo para a rua. Curitiba tem parques ótimos para praticar esportes, mas não me atraí ficar dando voltas.

O pessoal da segurança sempre tenta me

dissuadir desse hábito dizendo que é perigoso correr na rua de manhã, principalmente quando está vigente o horário de verão, mas eu sempre digo que não vou viver com medo e que todos os dias milhares de pessoas saem de suas casas ainda de madrugada para trabalhar.

Ajusto meu MP3 Player Sport, selecionando minha *playlist* para corridas e começo a me aquecer. É claro que a primeira música a tocar é a clássica *Eye Of The Tiger*³²; não que eu me sinta um Stallone, muito menos o Rocky Balboa, mas é motivador ouvir essa música e correr.

Ao longo de uma hora e quarenta minutos, eu corro pelas ruas próximas ao meu prédio ouvindo minhas músicas prediletas e me lembrando da minha juventude maluca e da época em que eu tinha tempo para dedilhar uma guitarra ou mesmo um violão.

Quando retorno, Clayton já está me esperando encostado ao carro. Cumprimento-o e subo para me trocar. Antes de tomar uma chuveirada, ponho grãos de café no moedor e programo a máquina de *espresso*.

Saio do banho sentindo o cheiro do café no ar. Isso com certeza alegra meu dia. Acendo um

NACIONAIS - ACHERON

cigarro enquanto escolho meu terno. Minutos depois, arrumado, perfumado e com cafeína e nicotina no sistema, desço para começar mais um dia de trabalho.

— Clayton, hoje não vou precisar de você na hora do almoço — aviso, pegando um jornal da pilha que ele compra para mim todos os dias. — Quero que você busque meu carro e o deixe na garagem do hotel. Depois disso pode tirar o dia de folga.

— Tem certeza de que não precisará mais de mim? — Ele me olha pelo retrovisor.

— Sim. Tenho uma reunião na Montana, e ela deve se estender por um bom tempo. É da Associação Paranaense de Empresários, e eles me fizeram convite de honra. — Rio. — Numa churrascaria! Bem, é a melhor daqui, mas ainda assim é inusitado.

Ele balança a cabeça e ri, sabendo que dificilmente vou a churrascarias, apesar de apreciar uma picanha bem sangrenta. No meu convite há a menção de um acompanhante, mas eu não tenho quem levar, pois Tony também foi convidado e irá com a Marina.

As pessoas que me conhecem bem nunca

mandam dois convites para mim, pois sabem que eu não levo ninguém para lugar nenhum. Toda vez que a imprensa teve sorte de me ver com alguma mulher, eu estava saindo de algum lugar e não entrando.

Chego ao Convention e dou graças à eficiência da equipe de manutenção de elevadores, porque o da Rede está funcionando muito melhor que antes. Encontro-me com Quênia Garstka e a cumprimento rapidamente. Ela é uma das grandes amigas de Marina e, atualmente, está namorando o chefe de segurança da Rede, Constantino.

Não conversamos, mesmo porque não temos nenhum assunto em comum além da mulher do meu irmão e do namorado dela, que é mais amigo do Tony do que meu. Ela desce no 19º andar, e eu sigo até o 20º.

— Bom dia, senhor Villazza! — Alice parece muito bem-humorada.

— Bom dia, senhora Torres! — Ela me estende uma xícara de café numa bandeja, e eu, viciado como sou, pego-a mesmo já tendo tomado em casa. — Temos um dia cheio pela frente, não é?

— Sim. — Ela pega sua tradicional agenda de papel, pois não gosta de usar as digitais. — A

associação ligou para lembrar do encontro na Montana. — Concorde, pois já me recordava do evento. — O pessoal da primeira reunião já chegou, está tomando cafezinho na sala de reuniões enquanto o aguarda.

— Ótimo! E o Tony?

— Já está lá também. — Ela olha para mim, debochada. — O senhor chegou um pouquinho atrasado hoje...

— Não seja abusada, Alice. — Tento parecer sério, mas meu humor hoje está ótimo, apesar da tensão da madrugada. — Peça ao Clayton para subir o *Financial*³³ e o *Wall Street*³⁴, eu ainda não consegui lê-los e irei fazê-lo entre o intervalo de uma reunião e outra. — Ela assente. — A senhora Mendes já chegou? Ela e eu temos que terminar umas planilhas...

— Ela ligou dizendo que estará aqui no horário marcado, mas houve qualquer problema com o filho dela na escola, e ela irá passar por lá antes.

— Ok. — Olho para meu relógio e tomo o último gole do café. — Mande servir um brunch se a reunião se estender até depois das 10h da manhã. O assunto não é nada agradável...

— O advogado novo vem às 10h...

— *Porca miseria!* — Respiro fundo. — Acabei me esquecendo do advogado. Peça a ele que espere, afinal vai vir até aqui às custas da empresa — ressalto — só para falar comigo!

Ela concorda, e eu sigo para a reunião quinzenal que tenho com todos os diretores da Rede. É bem burocrática, mas me faz ficar a par de tudo o que está acontecendo e, principalmente, cobrar e receber resultados. Delego bastante e, exatamente por isso, preciso saber o que estão fazendo com os poderes de decisão que lhes são delegados, se estão conseguindo dar conta ou não do trabalho. A princípio, a reunião era mensal, mas depois que descobri os desmandos de Hans Baden, decidi que queria ter mais controle sobre os outros diretores.

Respiro bem fundo antes de entrar na sala, porque, de antemão, eu já sei que algumas merdas foram feitas nessas duas semanas.

É quase meio-dia quando saio, ao lado de Tony e Kelly, da conturbada reunião. Tive que ser

duro com dois diretores, principalmente por eles não estarem sendo tão firmes com os gerentes de alguns hotéis.

Nunca foi minha prática deixar as coisas correrem soltas e não gosto que façam isso em meu nome nos hotéis sob minha responsabilidade.

Kelly tocou no assunto da publicidade que havíamos recebido da agência e, como era a única a sobrar do setor, embora sua função fosse “falar” pela empresa na imprensa, ela emitiu suas considerações sobre a nova campanha.

Tony falou sobre a negociação em Lima, no Peru, e mostrou algumas fotos do prédio que compramos. A partir daí, alguns diretores começaram a prestar contas e apontar problemas.

Alice me encontra no meio do corredor, parecendo um pouco constrangida.

— Senhor Villazza, chegou...

— O advogado, eu sei... — Bufo, sabendo que todo o agendamento do dia está sobreposto, visto que eu deveria estar na terceira reunião e nem falei com o maldito advogado. Alice anda apressada atrás de mim. — Ele não pode esperar? Tente conseguir uma vaga para depois do almoço...

— Mas é que...

— Frank, o homem está esperando há duas horas! Seja razoável, em dez minutos você resolve tudo com ele — Tony me interrompe.

— Ela disse que seu voo está marcado para as 14 horas — Alice diz, mas eu estanco no meio do corredor.

— *Ela?! Mandaram uma mulher para cuidar desse caso?!*

— Ah, não! Já vou andando. — Kelly me olha de cara feia. — Já vi que o Frankstein Machista se apossou do seu corpo. Não preciso ouvir esse tipo de preconceito...

Tony também não parece muito satisfeito com a minha pergunta.

— Só fiquei surpreso! — tento me justificar.

— Ah, se Marina te escuta falar assim... — Ele balança a cabeça. — Não se esqueça de que ela será advogada também, seu merda.

Com certeza meu ombro estaria sofrendo com tapinhas e socos. Diferentemente da Kelly, Tony me acompanha até minha sala. Peço a Alice que entre com um café, pois eu já comi na reunião.

— Como eu precisava desses minutinhos para fumar! — reclamo com Tony.

— Eu não entendo como você ainda continua com essa porcaria...

Levanto as mãos, pedindo a ele que pare o assunto. Tony balança a cabeça me recriminado, mas não continua.

— Senhor Villazza. — Alice entra sem o meu café. — A doutora Romanza.

Romanza³⁵? Mas que porra de sobrenome para uma advogada!

Confesso que fiquei surpreso pelo sobrenome, mas não tanto quanto a vejo entrar. *Scarpins* pretos de couro; belas pernas torneadas aparecendo parcialmente sob uma saia cinza delineando os contornos de um quadril arredondado; cintura fina numa camisa social de seda negra e mangas compridas.

Os cabelos negros e brilhosos estão presos num coque bem severo, e o rosto, maquilado com naturalidade, apenas com destaque maior para os olhos. E que olhos! Olhos azuis em formato amendoado, grandes, como os de um gato.

*Figlia di puttana*³⁶! A mulher do elevador!

— Senhor Villazza — ela me cumprimenta e depois olha para o Tony, mas eu não consigo falar, pensando em como essa merda aconteceu.

Como essa menina pode ser do gabarito do doutor Cubas? O pessoal de São Paulo deve estar louco se acha que eu vou confiar esse processo a ela!

— Eu sou Antonio Villazza — Tony se apresenta, olhando-me com uma expressão curiosa. — Seja bem-vinda a Curitiba, doutora Romanza.

Ela sorri para Tony e, como se fosse possível, fica ainda mais sexy e mais jovem. Mas que merda! Eu preciso ter uma conversa séria com Hal Navega!

— O doutor Navega pediu para que eu me apresentasse, depois da lamentável morte do doutor Cubas. — Olha-me nos olhos sem nenhum constrangimento ou mesmo nervosismo. Como ainda não respondo, ela se vira para Tony, que lhe oferece assento numas das cadeiras de frente para minha mesa.

— Eu não sei se o doutor Navega entendeu a importância desse último processo... — digo por fim.

— Frank! — Tony me interrompe. — Doutora Romanza, peço desculpas pelo atraso. Tivemos uma reunião um pouco complicada, e isso nos atrasou. — Alice entra com o café. — A doutora aceita um café? — Ele vai até Alice e

cochicha algo com ela, e eu recebo um olhar curioso da minha secretária. — Com açúcar ou adoçante?

— Nada, obrigada. Gosto do meu café amargo. — Ela sorri de novo. — A senhora Torres já me serviu lá na sala de espera, mas eu amo café!

Tony sorri e comenta qualquer coisa com ela. Eu vejo a cena à minha frente e me sinto como se não estivesse aqui. Eu não esperava que mandassem uma mulher para tratar de um processo de assédio sexual, pior, de estupro! Uma mulher para nos defender? Ainda por cima uma que parece estar entrando na faculdade?

— ...de onde? Ah, sim, belo local. Nós somos napolitanos — escuto parte da conversa que Tony e a *piccola*³⁷ estão tendo. — Sério? Ah, é muito bom poder voltar às raízes, nós vamos sempre, não é, Frank?

Cazzo!

— Desculpem-me... — digo me concentrando no assunto.

— À Itália! — Tony me olha como se eu fosse imbecil. — A doutora Romanza não conhece a Itália, embora seja neta de italianos.

— Quem não o é, em São Paulo? —

intrometo-me grosseiramente. — Se não é italiano, é japonês...

Tony ri sem graça. E ela, pela primeira vez desde que entrou na minha sala, franze o cenho para mim.

— Bem, doutora Romanza, a senhorita sabe a importância desse processo para nós? — sou direto.

— Eu era assistente do doutor Cubas...

— Assistente? — Ando em direção à janela da sala. Eu sabia que essa mulher não servia, é muito nova para ser experiente e, pelo visto, deve ser recém-formada. — Desculpe, doutora, mas acho que há um equívoco aqui.

Vejo, pelo reflexo no vidro, que Tony se encosta na cadeira e cruza os braços.

— Que tipo de equívoco, senhor Villazza? — a voz dela está mais rouca e sensual ao me perguntar isso.

— Claro que a senhorita deve ser muito... — eu ia dizer “boa”, mas penso melhor — ...eficiente em seu trabalho, mas penso que necessitamos de alguém com mais experiência, se você me entende.

— Não. Eu não entendo. — Ela se põe de

pé. — E agradeceria muito se o senhor estivesse me olhando enquanto conversa comigo.

Interessante! Baixinha, mas petulante! Eu me viro a fim de encará-la e noto como suas íris parecem mais brilhantes.

— Não creio que a doutora tenha a expertise necessária para a condução desse processo. Lamento, mas quem decide quem vai defender essa empresa sou eu e não vejo como...

— Baseado em quê, senhor Villazza? — Ela empina mais o nariz, levantando a cabeça para me olhar bem dentro dos olhos. — No meu sexo?

Tony fecha os olhos e faz uma careta ao ouvir isso. Babaca!

— Não, doutora Romanza. Apesar de ter sido uma... surpresa, não penso que é o seu sexo que a desqualifica para esse trabalho. — Ela continua me encarando. — Precisamos de uma pessoa experiente, que saiba como conduzir os outros advogados, que exerça liderança e tenha peso diante do juiz.

Ela ri, o que me deixa intrigado.

— É pior do que eu pensei. — Ela pega a bolsa. — Além de playboy, é machista, preconceituoso e julgador. — Encara-me. — É uma

pena, senhor Villazza, que tudo o que lemos e ouvimos sobre o senhor seja verdade. É uma pena, mesmo! — Ela se dirige ao Tony: — Foi um prazer conhecê-lo.

Tony se põe de pé para acompanhá-la até a porta.

Antes de sair, porém, ela me joga uma última olhada por sobre o ombro. Tony fecha a porta e se dobra de tanto rir.

— Você é um babaca! Mas aquela mulher, mesmo baixinha, se agigantou quando te enfrentou. — Sua expressão é de lamento agora. — Acho que você está errado sobre ela, que definitivamente não está errada sobre você.

— *Vaffancullo*, Tony!³⁸ — Dou um soco na mesa. — Será que você não vê que ela não serve?!

— Por quê? O que você sabe sobre ela para deduzir isso? Frank, você ao menos lhe deu uma chance? Ela já estava descartada quando Alice disse se tratar de uma mulher...

— Não, merda! Não foi por isso! Trabalho com muitas mulheres aqui, eu mesmo contratei a maioria delas! — Ele continua me encarando. — Eu não senti confiança nela...

— Ah, não sentiu? — Ri sarcástico. — Já

pensou se papai se deixasse levar pelo que sentia? Você acha que estaria sentado aí? — Sinto como se um soco me atingisse. Sei que fiz muita merda ao longo da vida, mas dou meu sangue por esse trabalho! — Não, Frank. Ele resolveu confiar em você lhe dando uma chance, e está indo muito bem, melhor até do que ele mesmo esperava. Que sorte, não é? Já pensou se ele fosse como você?

Antes que eu consiga mandá-lo ao inferno, ele sai da sala, deixando-me atordoado com suas palavras.

Caio sobre minha cadeira, olhos fixos na porta que acabou de ser fechada, pensando que realmente parece que fiz merda. Droga!

— Alice — chamo-a pelo telefone. — Entre em contato com Hamilton Navega e diga que eu quero o currículo da doutra Romanza agora!

— Sim, senhor. Eu o encaminho assim que chegar. A Ally está aqui, posso mandá-la entrar?

Respiro fundo e concordo, entrando mais uma vez em uma reunião longa e cansativa, sem perspectiva da hora em que poderei almoçar.

Já estou um pouco bêbado, afinal, quem não ficaria tomando chope atrás de chope e se empanturrando de carne? Além do mais, estou muito à vontade, pois o pessoal me surpreendeu sendo muito animado, com conversas interessantes, pelo menos bem lá no começo, porque agora estamos todos meio bêbados e já falamos mais porcaria do que outra coisa construtiva.

Tony e Marina só ficaram até depois do meu discurso — que eu nem sabia que teria que fazer — e depois se despediram, alegando estar cansados.

Todavia, aqui estou eu, três horas e alguns litros de chope depois que eles saíram, cantando Raul Seixas e comemorando não sei o quê com um bando de homens e pouquíssimas mulheres.

Definitivamente me sinto em fim de carreira, mas está divertido fazer algo que não envolva uma transa, apesar de o assunto dominante no local ser sexo, sempre o maldito e abençoado sexo.

— Guri, eu gosto de mulher mandona! — afirma um homem de meia-idade que eu já nem lembro como se chama. — Essas são as melhores!

Em minha mente passa a imagem da

doutora Romanza, mas eu faço careta e tento livrar minha mente daqueles olhos de gato.

— Eu gosto de mulher! — Todos riem. — Mas me importo se ela faz o que eu mando e que, pelo amor de Deus, tenha mais de 1,60m!

Recebo alguns olhares curiosos, mas bebo minha bebida de uma só vez. Falando o que não devo... é o fundo do poço, definitivamente! Decido ir embora para casa.

— Você não acha que está bêbado demais para dirigir? — uma das poucas mulheres presentes me questiona quando me vê levantar com a chave do carro na mão.

Ela é uma das mais jovens aqui presentes, deve estar na casa dos quarenta anos e é bonita. Eu sorrio daquele jeito que sempre as faz se derreter por mim, um sorriso um tanto torto, talvez um pouco torto demais por causa da bebida. Acendo um cigarro.

— Está se habilitando para ser minha motorista?

Ela ri e se levanta.

— Até poderia, mas não. — Pega a chave da minha mão. — Acho melhor chamar um táxi para você.

Continuo a sorrir e a olhá-la com safadeza. A mulher é gostosa, agora que se colocou de pé, posso notar.

— Por que você não me leva para algum lugar? — Olho em volta. — Acho que aqui temos alguém que é dono de uma rede de motéis...

— Sou eu. — Ela ri. — Mas não pretendo levar você a nenhum deles — sussurra próximo ao meu ouvido. — Pelo menos não hoje, com você nesse estado.

Eu gargalho.

— Posso garantir que não fica nada a desejar...

— Ah, confio que não! — Ela chama o garçom. — Hoje você vai de táxi mesmo. Se a gente se cruzar de novo...

Dou uma piscadinha para ela e recebo um aceno em troca. Ela volta a se sentar e retoma a conversa que estava tendo com outra mulher que está à mesa.

Bem, bem... sem sexo hoje.

Quando o táxi chega, eu já fumei quatro cigarros, e uma dor de cabeça começa a se insinuar. Dou o endereço da casa do Tony para o motorista e, ao chegar lá, aperto o interfone com vontade.

— Mas quem... — escuto a voz do meu irmão.

— Tony! — grito, mesmo não precisando disso. — Porra, Tony, você estava certo! Eu sou um babaca mesmo!

Ele ri.

— Veio até aqui a essa hora para isso? Me conte uma novidade, Frank!

— Vou ter que pedir desculpas...

— Eu te desculpo, *stronzo*!

— Não, a você não, *noioso*!³⁹ A ela... — Tony fica mudo, e eu, sem paciência. — A Bella Romanza!

— Uau! Agora ela é *bella*⁴⁰? Que mudança... — Ri debochado.

— Não, seu burro, o nome dela é Bella! Isabella Romanza, e ela tem 28 anos, acredita?!

Escuto o portão da casa ser aberto e logo em seguida Tony aparece vestindo calça e blusa de pijama.

— Dorme de pijama? Já estão assim? — debocho.

— Cala a boca! — Aproxima-se de mim. — Como você sabe o nome e a idade dela?

— Pedi o currículo — respondo como se
NACIONAIS - ACHERON

fosse óbvio. — Ela é doutora, Tony! Já foi professora de faculdade! — Rio. — Com aquela cara e aquele tamanho, como eu ia saber?

Tony rola os olhos.

— Você está bêbado, Frank. Vá dormir, e amanhã conversamos.

— É sério! O currículo dela é bom. Estudou no Largo de São Francisco⁴¹, com mestrado e doutorado pela mesma universidade!

— Lembra que você sentiu que ela não era suficientemente boa?

— Ah, Tony, *boa* eu sabia que ela era... desde a noite anterior! — Ele levanta uma sobrancelha ao me ouvir dizer isso. Merda! Não piora as coisas, Frank! — Eu vim dizer que você estava certo, que eu não tenho moral para julgar ninguém...

— Frank... Droga, eu tive que jogar pesado com você e sei que a única coisa que mexe com seu lado humano é o papai! — Fico sério ao ouvir isso. — Ele sempre foi seu calcanhar de Aquiles. Toda vez que você me enchia o saco, eu me livrava dizendo que ia contar para ele. — O filho da mãe ri. — Você é um grande diretor executivo, e todos sabem disso! Vá para casa. — Ele aponta para o

NACIONAIS - ACHERON

táxi, parado me esperando.

Marina aparece à porta de entrada, cabelos soltos e um tanto embaraçados e vestida com um roupão.

— Marina, ei! — Aceno para ela e recebo um sinal obsceno de volta.

Tony ri.

— Cara, vai embora! Minha mulher está brava porque você interrompeu...

— Pau mandado! — provoco rindo. — Boa noite, *fratello*!

— Boa noite, Frank.

Entro no táxi e vejo Tony abraçar Marina pela cintura e fechar a porta.



Quando eu seguro em você, baby
Estou todo emaranhado em arame farpado
Eu fico queimado, eu não aprendo
Eu voltarei, darei tempo
Sim, eu sei que isso parece louco
Mas acho que gosto de brincar com fogo
Playing with the Fire – Thomas Rhett

— **Senhor Villazza,** o doutor Navega ao telefone. Posso passar? — Alice me indaga na tarde do dia seguinte.

— Pode, Alice. — Espero o sinal do telefone. — Oi, Hal.

— Frank! — Navega tem voz de locutor de futebol, perfeitamente equalizada, como se usasse equipamento de som para ajustá-la. — Que merda aconteceu aí em Curitiba?

Eu sabia que ele ia me ligar com chumbo grosso. Conhecemo-nos há muitos anos, estabelecemos uma relação de amizade primeiro e depois, quando assumi a diretoria da Rede, fechamos contrato de negócios.

— Como vai, Hamilton? E a Graça? — Evito entrar logo no assunto. Com certeza a advogada *bravinha* chegou me xingando por lá.

— Todos bem, mas não me enrola. Isa chegou aqui com sangue nos olhos. — Ri. — E eu nunca a vi tão rancorosa sobre alguém.

Ele a chama de Isa? Interessante! Será que a Graça sabe disso?

— Digamos que foi um mal-entendido. — Tento dar pouca importância ao que aconteceu, mas
NACIONAIS - ACHERON

desisto. — Porra, por que você não me avisou sobre ela?

— Avisar o quê? Frank, te mandei a melhor advogada na área! Não é possível que você seja o machista preconceituoso que ela me disse!

Eu tenho que ouvir isso e ficar quieto, porque é verdade.

— Não, mas me assustou a aparência dela...

— Aparência?! — ele quase grita, e eu escuto uns ruídos. — Tive que sair da minha sala e vir aqui para fora do escritório. Cara, você voltou a fumar maconha? — Eu rio. — A mulher é linda! Foi isso que te assustou?

— Não! É que ela parece ter uns vinte anos, Hal! Pensei que você estava de sacanagem comigo, me mandando uma recém-formada ou uma estagiária. — até para mim essa desculpa parece patética. — O tamanho dela não ajuda, não é?

Ao ouvir minha justificativa, ele ri muito.

— Frank, te mandei uma mulher para defender sua empresa e não para você comer! — Bufo. — O que tem a ver a aparência dela ou mesmo a altura, cacete!? Eu não estou te reconhecendo!

— Bem, de qualquer forma, o mal-

entendido se foi, e se você me diz que a marrenta dá conta do trabalho, eu aceito que seja ela.

Ele ri de novo, agora mais forte.

— Ela disse que vai pedir demissão se eu a mandar aí de novo.

O quê? Mas que merda é essa?!

— Estou tentando buscar outro tão bom quanto ela...

— Eu quero “ela”, Hal — declaro puto. Quem aquele projeto de mulher pensa que é para dizer que não quer trabalhar comigo? Agora é questão de orgulho para mim.

— Ah, Frank, não dificulta as coisas, amigo! — ele pede impaciente. — Você não a conhece! Ela é carne de pescoço e tão orgulhosa quanto você, deve ser o sangue italiano!

Dane-se! Ela pode ser tão orgulhosa quanto o próprio Lúcifer, que eu irei dobrá-la e ela terá que colocar a viola no saco e vir para cá trabalhar no processo junto comigo, pois faço questão de acompanhar cada detalhe da ação.

— Não quero outro, Hal. Ou é ela, ou procuro outro escritório. — Ele me xinga ao telefone. — Você é o chefe dessa porra toda! Está com medo de uma chihuahua?

— Frank, você sabe ser babaca quando quer! — Suspira impaciente. — Vou conversar com ela, mas você precisa maneirar seu jeito, porque senão ela vai fazer da sua vida um inferno.

— Hal, é sério, acho que você devia disfarçar melhor! Se Graça descobre que você anda pagando pau para essa mulher, ela vai...

— Vá para o inferno, Frank! Isabella é a mulher mais séria que eu conheço e, além disso, é amiga da Graça! E nem pense em jogar charme para ela, porque aviso, ela vai te mandar para um lugar bem apertadinho e escuro!

Eu rio, debochado.

— Ela precisaria de, no mínimo, mais uns dez centímetros para despertar meu interesse, não se preocupe.

— Sei, Frank — usa sua famosa ironia comigo. — Sei... Vou conversar com ela.

— Aguardo notícias.

Desligo o telefone e me encosto à cadeira com um sorriso satisfeito nos lábios. Aquela pequena pitbull irá chegar aqui querendo sangue, mas ela não sabe com quem está lidando. Se ela acha que me conhece pelas revistas e sites de fofocas, está muito enganada.

Eu já estava prestes a sair quando vejo uma mensagem de Hal no meu celular pessoal. Sorrio vitorioso ao ler que a advogada voltará a Curitiba na semana que vem já pronta para montar a equipe que irá trabalhar acompanhando o processo criminal e montando a defesa do trabalhista.

Tony e Marina entram no meu escritório no exato momento em que leio a mensagem.

— Hum, aposto que é alguma sacanagem!
— Tony diz ao ver meu interesse pela mensagem.

— Não. — Ponho o celular no bolso do paletó. — Somente uma pequena vitória pessoal. — Olho para minha cunhada. — O que traz vocês dois aqui?

— Viemos buscá-lo para jantar — ela responde. — E sem reclamações!

— O que estamos comemorando? — Dou um belo sorriso. — Ela aceitou te amarrar para sempre?

— Não, idiota! — Marina me dá um soco, como sempre, no ombro. — E isso também não é da sua conta, não se meta! Nós estamos

comemorando o noivado de Quênia.

Hein? Eles acham que vão me arrastar para um jantar de noivado? Não mesmo!

— Já tenho compromisso!

— Desmarque! — Marina aponta para mim.
— Constantino trabalha com vocês há anos, e Quênia é gerente do seu mais precioso hotel. Qual é? Finja que tem um lado humano, pelo menos!

Rolo os olhos e vejo Tony rindo.
Cachorrinho de madame!

— Onde será o evento? — assim que pergunto, me arrependo, pois já sei a resposta. — Ah, não! No Victor?

Ela assente, e eu olho para o Tony em busca de socorro. Não vou lá há tempos, e ele sabe o porquê. Todos vão ficar desconfortáveis, inclusive eu.

— Eles reservaram o bar — Tony me explica. — Hoje só entram convidados.

— Já vi que não tenho escapatória! — rendo-me. — Vou ter tempo de ir para casa trocar de roupa?

— Não, Cinderela — Marina debocha. — A festa já começou, só viemos te buscar.

Droga! Eu tenho que ir mesmo assistir a um
NACIONAIS - ACHERON

homem comemorar porque vai se prender a uma só mulher? Ainda bem que Tony somente enfiou um anel no dedo de Marina, sem festas, sem comemorações... pelo menos públicas.

Já fui padrinho de casamento umas cinco vezes, mas sempre deixei claro que não sirvo para o posto, pois não acredito na instituição e muito menos que um casal possa estar feliz acordando todos os dias junto. Fiz isso por amizade, sabe como é, apoiar os amigos, mesmo que eu veja a merda que eles estão fazendo. Três desses casamentos já não mais existem, dois por divórcio, e um, o primeiro do Tony, por falecimento da esposa. Os dois últimos que sobraram são o do Hal com a Graça e o da Alice, minha secretária.

Vamos caminhando e conversando até o famoso bar e, quando entro, sinto o ambiente silenciar, o que me incomoda. Constantino levanta uma taça de champanhe e grita.

— Bebidas por conta do chefe, pessoal!

Todo mundo comemora, e eu olho para meu compatriota grandalhão e lhe agradeço em silêncio. Isso é uma merda!

No decorrer daquela semana eu continuei seguindo meu ritmo normal. Corria pela manhã, ia ao trabalho, tentava fumar menos – nem sempre conseguia – e à noite trabalhava em casa antes de tombar, exausto, na cama.

No fim de semana, encontrei uma ruiva gostosa na Joker's e tive uma noite de sábado insone, mas muito divertida. No domingo fui à Arena da Baixada ver meu time jogar e almocei com Tony e Marina. À noite revisei alguns documentos e assisti a um filme de ação antes de dormir.

Hoje é segunda-feira, e a primeira ligação que recebo é de Gio. Minha irmã está em São Paulo, onde ficará até quarta-feira e depois virá para Curitiba. A segunda ligação, essa feita para o escritório, não para meu telefone celular, é da doutora Romanza.

— Ela pediu que avisasse que não conseguiu sair no horário e que chegará em Curitiba somente à noite — Alice me passa o recado sem tirar os olhos de mim.

— Droga, Alice! Desmarque o horário dela e tente substitui-la por alguém marcado para

amanhã. — Tomo mais um gole de café. — Sabe onde ela vai ficar hospedada?

Alice parece intrigada por minha curiosidade, mas não comenta nada sobre ela.

— Daquela vez que veio, ficou aqui, no Convention. Quer que eu verifique se ela tem reserva?

Apenas assinto, tentando não parecer interessado.

— Ah, Alice! Minha reunião em Fortaleza está mantida? Eu conversei com o Tony, e ele se dispôs a ir no meu lugar.

— Vou informar sobre a mudança, então. — Ela anota em sua agenda. — O doutor Boldani ligou um pouco antes de o senhor chegar. Ele viajará nessa semana para Praga e pediu para que mandemos o material de Lima por e-mail. Posso enviar?

— Já está tudo em ordem?

— Sim. O Tony deixou o HD comigo e transferi tudo para o servidor, mas eu precisava saber o que, exatamente, é para ser enviado.

— A planta de situação e as fotos, por enquanto é só o que ele precisa. — Anoto algumas coisas no meu computador. — O Julio vai demorar

a retornar da República Checa?

— Ele disse que ficará lá uma semana. — Ela me entrega alguns documentos a respeito do novo hotel e sai.

Estou particularmente ansioso para conversar com Julio Boldani sobre o projeto desse hotel em Lima, e saber que ele estará indisponível por uma semana joga um balde de água fria em mim. Não gosto muito de esperar.

Hoje, graças aos céus, estou com poucas reuniões agendadas, embora ainda esteja analisando relatórios juntamente com a Ally. Eu gosto de trabalhar em meu escritório sozinho, pois sinto que meu rendimento é bem melhor, mas o trabalho em equipe faz parte da minha rotina.

Na hora do almoço, finalmente consigo um tempo para comer fora do escritório – não que eu não aprecie a comida preparada pelos chefs do restaurante do hotel ou dos restaurantes franqueados instalados no Convention, mas gosto também de ir a bons estabelecimentos fora do local de trabalho.

Mal entro no restaurante francês e vejo Kelly e Valéria, a secretária do meu irmão, sentadas a uma mesa ao fundo. Kelly me chama

para sentar com elas, e, embora eu prefira comer sozinho, sigo até lá.

— Boa tarde, Frank! — Ela aponta para uma cadeira. — Viemos experimentar a comida. Falaram muito bem desse restaurante, então, resolvemos vir comer.

— Boa tarde, senhor Villazza — Valéria me cumprimenta, e eu sorrio para ela.

— Vocês vão gostar, já vim aqui algumas vezes. — Peço uma água enquanto leio o menu. — Vocês já pediram? — Elas confirmam. O garçom volta para anotar meu pedido. — Eu quero um *gigot d'agneau*⁴².

— Uau! — Kelly suspira, e eu a encaro. — Eu havia esquecido o quanto você fica sexy falando em francês...

Eu rio da sua provocação. Olho para Valéria, que está visivelmente constrangida. A Kelly adora a porra desse joguinho de deixar subentendido que rola alguma coisa entre nós. Saia do armário, merda!

— Meu irmão já lhe contou sobre a viagem ao Ceará? — mudo de assunto.

— Já, sim, estava falando sobre isso com a Valéria. Eu vou acompanhá-lo e fazer uma pequena
NACIONAIS - ACHERON

nota sobre a reunião. Já entrei em contato com alguns conhecidos da imprensa de lá. Mas estranhei, pois achei que fosse você quem iria.

— E era. — O sommelier nos interrompe para escolhermos o vinho, e deixo a escolha por conta da Kelly, que é praticamente uma expert no assunto. — Mas eu vou estar ocupado com a advogada de São Paulo.

— Ah, então você a aprovou!

Dou de ombros e tomo um gole da minha água.

— Ela vai servir...

— Ela não fez reserva conosco! — Alice dispara entrando no meu escritório no final da tarde.

— E você levou o dia todo para descobrir isso? — Ergo a sobrancelha, irônico.

— Não. — Rola os olhos como se fosse óbvio. — Eu mandei para o seu celular as informações que eu consegui sobre a estada dela.

Confiro meu aparelho e vejo que, além do número do celular da moça, minha incrivelmente

eficiente secretária conseguiu o local onde ela irá se hospedar.

— Como você faz isso? Trabalha para algum tipo de agência secreta?

Alice ri, soberba, sentindo-se o próprio 007 em versão feminina.

— Não, eu apenas tenho amigos, senhor Villazza. — Dá-me uma piscada. — O senhor deveria tentar!

— Você estava merecendo um aumento, até esse momento...

Ela sai da sala andando como se fosse uma *rock star*. Olho para as informações na tela do meu iPhone e salvo o número do telefone dela na minha agenda. O hotel que a advogada escolheu me intriga, pois seria muito mais conveniente para ela ficar no mesmo prédio em que trabalho, mas a diaba preferiu nosso concorrente!

Rio, sabendo que, por ter passado uma noite no Villazza Convention, ela vai odiar o Hudson. Bem feito!

Minha reação infantil em relação àquela mulher é apenas uma das muitas que ela me faz sentir desde o dia em que a vi pela primeira vez, no elevador.

A primeira foi admiração por sua beleza exótica, com aqueles cabelos negros e seus enormes olhos azuis; em seguida desejo, ao me dar conta de que, apesar da pouca altura, ela tinha um corpo curvilíneo e muito sensual. Gostosa para cacete!

Quando ela se apresentou como a nova advogada responsável por defender a rede no processo Hans Baden, eu variei entre a incredulidade – a situação foi, no mínimo, inusitada ao reencontrá-la ali – e a desconfiança, pois julguei-a nova demais para tanta responsabilidade.

Depois que ela se levantou, puta, demonstrando todo seu desprezo por mim e por minha atitude, jogando na minha cara o título de playboy que eu recebi da imprensa, senti raiva e muito, muito tesão mesmo!

Aquela mulher deve ser um furacão na cama!

Eu me reclino para trás, sentado em minha cadeira, pensando em como manter uma relação profissional com ela, pelo menos durante o tempo em que a doutora estiver aqui, a cargo do processo.

Vai ser um saco, eu sei, mas terei que me controlar e manter em mente que ela estará aqui

para trabalhar e que eu, como sempre exigi dos outros, não devo ter nenhum envolvimento físico com ela, mesmo que isso me deixe mal-humorado e frustrado. *Cazzo!*

Já é quase 1h da tarde quando o telefone toca, e eu reconheço o som de ligação interna, provavelmente do ramal da mesa de Alice. Olho para o aparelho, sabendo que estive mal-humorado durante toda a manhã por causa da espera que a advogada marrenta me fez passar.

— Senhor Villazza, a doutora Romanza está aqui.

Rosno para deixá-la entrar e já me preparo para recebê-la com olhar vitorioso e sorriso debochado.

Alice aparece primeiro, abrindo a porta e dando espaço para que ela entre. Novamente a sua imagem bate em mim, deixando-me admirado por sua beleza e louco por suas curvas.

Isabella veste uma calça preta bem justa ao corpo, uma blusa de tecido quase transparente preta e cinza, e nos pés, os sapatos são de salto alto. Os

cabelos continuam presos num coque bem severo, puxando um pouco mais seus olhos, deixando-a ainda mais parecida com um felino.

— Boa tarde, doutora Romanza — digo sem simpatia.

— Boa tarde — responde seca, olhos fixos nos meus e pose altiva.

Aponto-lhe a mesma cadeira na qual ela esteve sentada na primeira vez que veio ao escritório. Dou a volta na minha mesa e me encosto à beirada, de frente para ela, numa atitude descontraída e provocadora.

— Sinto que devo me desculpar. Parece que começamos com o pé esquerdo. — Dou meu famoso sorriso torto e zombeteiro.

— Senhor Villazza, eu não estou aqui porque quero e preciso que isso seja esclarecido. — Ela consegue me surpreender com tamanha sinceridade. — O doutor Navega disse que era necessário que eu viesse, pois, ao que parece, o escritório poderia perder a Villazza do rol de clientes. — Olha-me com desprezo. — Só vim por isso, que fique muito claro.

— Como água, doutora Romanza. — Ah, ela não me conhece, se acha que pode me intimidar

com essa atitude! — O que espero da senhorita — olho para as suas mãos à procura de alianças ou anéis de compromisso, mas não há nada — é que demonstre toda a capacidade que Hal parece crer que possui. — Ela levanta a sobrancelha. — Não estou exigindo nada que não exija de qualquer outro colaborador, inclusive de mim mesmo.

— Eu sei fazer meu trabalho, senhor Villazza, não se preocupe. — Noto que ela parece incomodada com nossa proximidade e abaixo o tronco um pouco mais. — Acho que já poderíamos discutir como isso vai funcionar...

— A doutora... posso te chamar de Isabella? — Ela arregala os olhos, mas assente. E eu dou meu melhor sorriso. — Já está ciente de todos os processos que estavam sendo acompanhados pelo doutor Cubas?

— Sim, embora tenha trabalhado pouco neles, visto que o doutor Cubas tinha uma equipe aqui em Curitiba para o acompanhamento...

— Você também terá sua equipe, Isabella — pronuncio o seu nome com meu sotaque italiano, e ela parece reter o ar e me olha a princípio surpresa. Então sinto o clima mudar. Algo aconteceu depois que eu falei e há uma energia

totalmente diferente no ar.

É algo que eu já senti, no elevador, quando eu nem sabia quem era a mulher dos olhos de gato. Tensão sexual, coisa de pele, atração ou qualquer outro nome que defina essa merda, mas definitivamente é o que está pairando entre nós nesse momento. Porra!

Lembro-me da minha decisão de manter o contato estritamente profissional, saio da beirada da mesa e me sento a salvo, longe dela, na minha própria cadeira do outro lado.

— Não acho que seja necessária uma equipe de advogados aqui em Curitiba, posso cuidar de tudo em São Paulo, uma vez que a maioria das ações já foram findadas e...

— Nem pensar! — Apoio os antebraços na mesa e a encaro. — Preciso de você aqui, acompanhando cada movimentação do processo criminal que Hans Baden está respondendo e já montando nossa defesa para o trabalhista...

— É exatamente disso que estou falando, senhor Villazza. Esse é o último processo, e eu já tenho os outros que o antecederam...

— Você tem certeza de que sabe do que se trata o último processo? — Ela parece não gostar

da minha pergunta. — Sabe que não é um simples caso de assédio?

— Sim, é um caso de estupro. — Isabella parece bem impaciente. — Eu li todas as cópias dos dez processos, senhor Villazza. E ainda penso que posso acompanhar esse...

— Eu estou pagando por exclusividade, doutora Romanza. — Nada de Isabella enquanto ela se mostrar tão teimosa. — Faça como estou sugerindo, monte sua equipe, acompanhe o processo e trace nossa defesa.

Ela ri e me impressiona. Além de sua risada ser rouca e baixa, é malditamente sexy.

— O senhor não me surpreende em nada com essa sugestão, mas, como bem ressaltou, está pagando por exclusividade. — Respira fundo. — O senhor venceu. Vou me instalar em Curitiba por esses meses, montar a defesa e acompanhar o desenrolar do processo criminal, mas saiba que eu poderia fazer tudo isso em São Paulo sem nenhum custo adicional de exclusividade. — Ela cruza os braços e chama minha atenção para os seus seios. — Mas quero que uma coisa fique estabelecida daqui por diante.

Levanto a sobrancelha para ela, achando

graça de ser intimidado por uma mulher com a metade do meu tamanho e que trabalha para mim, pelo menos nesse momento.

— Eu faço o meu trabalho e o faço bem-feito. Não vou admitir intervenções e achismos, mesmo porque sou eu quem tem os diplomas pregados na parede e a carteira da OAB. — Estou sinceramente admirado pela sua coragem. — Se não quiser assim, faça um favor a nós dois e peça ao doutor Navega que envie outro profissional.

— Você é muito segura de si, não é? — meu tom é de deboche.

— Sou, sim, senhor Villazza. — Levanta o queixo. — Ralei muito para chegar onde estou. Não nasci em família rica, não tenho ninguém da família no meu ramo, abri meu caminho sozinha. Não tenho medo de ser mandada embora do escritório. — Ela ri, imitando minha postura arrogante, e eu percebo isso. — Sabe quantas propostas eu recebo todos os dias? — Fica séria novamente. — Não se engane sobre mim. Conheço homens como você, muitos, e aprendi a lidar com vocês muito bem.

— Homens como eu? — fico curioso.

— Arrogantes, ricos, poderosos e que se acham o centro do universo. — Gargalho ao ouvir

isso. Essa mulher é uma pimenta! — Não vou ser intimidada, senhor Villazza. O escritório me mandou para fazer o meu trabalho, e é isso o que irei fazer. Não preciso ser sua amiga, não preciso sorrir e bater palmas para o senhor, só preciso fazer o melhor para que a imundície do seu ex-diretor não suje o nome de sua empresa.

Ao ouvir essa última frase, eu me aprumo na cadeira e fico sério. Realmente ela está aqui para isso, não para ser seduzida, dobrada, nem para ter esse sorriso petulante substituído por uma expressão de prazer. Porra, foco, Frank!

— Essa é a ideia, doutora Romanza — falo, enfim, tentando manter em mente o objetivo principal de ter essa mulher aqui no meu escritório. Ela está aqui para fazer o seu trabalho, nada mais que isso. Se eu quiser uma mulher para transar, é só procurar por aí.

Levanto-me, decidido a terminar essa reunião e a acabar de vez com o tédio incômodo que sinto quando Isabella está por perto. Ela me segue, colocando sua bolsa de couro pendurada no ombro.

— Pode começar amanhã? — Ela assente.
— Ótimo! Seja bem-vinda!

Ela sorri, pela primeira vez parecendo mais relaxada e estende a mão para um aperto. Naturalmente coloco a mão na dela, mas recuamos tão rapidamente como se tivéssemos levado um choque.

Você sente isso também! Tenho certeza de que ela sentiu o que eu senti, um arrepio, ou algo assim passando pelo corpo e – pelo menos eu senti – um tesão delicioso.

Ela caminha um tanto apressada demais para a porta, mas, antes de ir, resolvo brincar um pouco com ela.

— Não acha melhor fechar a conta no Hudson e ficar hospedada aqui?

Isabella se vira, olhando-me curiosa, provavelmente se questionando como eu sei onde ela está hospedada.

— Eu... — Respira fundo. — Não, por enquanto. Como eu terei que permanecer em Curitiba por mais tempo do que pensava, vou procurar algum lugar permanente. Não gosto da impessoalidade dos hotéis.

Eu concordo, e ela, por fim, sai. Desabo na minha cadeira, preocupado de forma inédita por estar querendo comer uma mulher. O problema é

que ela não é uma mulher qualquer, mas sim uma que parece briguenta, marrenta e que, aparentemente, reluta contra o desejo que sente e não se derrete nem mesmo pelo meu sorriso torto e safado.

Viro-me de frente para a vidraça, vendo ao longe os prédios do Batel, e uma ideia começa a se formar na minha cabeça. Sei que não deveria estar tentando um modo de me aproximar mais dela, mas a oportunidade é irresistível demais, e eu nunca, nunca mesmo corro de um desafio.

— Alice, venha até minha sala — ordeno ao telefone, esperando minha assistente entrar.

Que comece o jogo!



Isabella, acorde, o sol está chegando através da janela. Nós estamos andando com o sol, eu sinto seu coração bater.

Isabella – Tom Jobim⁴³

Desço do táxi em frente ao saguão do Hudson, desanimada, pois pensei que pudesse convencer Francesco Villazza de que trabalhar em NACIONAIS - ACHERON

São Paulo seria tão eficiente quanto trabalhar aqui. Mera ilusão.

Meleca! Aquele homem é teimoso, machista, convencido e, odeio admitir, extremamente sexy. Balanço minha cabeça, tirando o pensamento inquietante da mente. Eu não devia pensar nele nesses termos, mesmo porque ele já é insuportavelmente arrogante e cheio de si e não precisa de mais uma mulher babando por ele. Não, eu não farei mais esse papel!

Entro na suíte que reservei, de propósito, neste hotel, o maior concorrente do Villazza Convention na capital paranaense. Detesto concordar com Frank Villazza, mas não há comparação entre os hotéis; embora o Hudson seja muito bem projetado e decorado, o ambiente e o serviço não têm a qualidade da rede italiana.

E eu estaria muito melhor instalada no Convention se não fosse tão teimosa e tão... odeio admitir, medrosa.

Sim, uma das razões para eu estar neste hotel é o medo de reencontrar Frank Villazza em um elevador. Na primeira noite em que estive nesta cidade, marquei um reencontro com algumas amigas da época de faculdade. Estava feliz e

ansiosa para rever colegas que havia seis anos não via.

E toda a minha empolgação durou até as portas do elevador do Convention serem abertas.

Eu já havia visto o CEO playboy em muitas revistas e sites, principalmente todas as vezes em que ele tinha estampado a capa da revista Forbes como o solteiro mais elegível do país e também quando, por passagem a São Paulo, foi fotografado ao lado de uma modelo internacional saindo de um clube exclusivo.

Entretanto, nada poderia ter me preparado para encontrá-lo cara a cara. Eu estanquei no lugar por alguns segundos, notando a sua presença dentro do elevador, o olhar sensual, a postura relaxada, mas extremamente elegante e o meio sorriso enquanto me avaliava dos pés à cabeça.

Depois do choque inicial, pus minha cabeça no lugar, lembrando a mim mesma que ele era um arrogante, convencido e galinha e que eu já estava farta de homens como ele: farta de CEOs que se acham invencíveis; farta de homens que se acham o próprio Deus e que esperam que suas mulheres se rendam e lhes sejam submissas.

Cumprimentei principalmente o

NACIONAIS - ACHERON

ascensorista e dei as costas ao *poderoso chefe*. Todavia, não posso ser hipócrita negando que o ar vibrou com a sensualidade daquele homem e que minha pele ficou arrepiada e meus batimentos cardíacos aceleraram.

Dei graças a Deus quando saí para o saguão do hotel e ele continuou provavelmente rumo à garagem subterrânea. Depois que as portas do elevador se fecharam, parei por um momento e respirei fundo, amaldiçoando Hal por me meter naquela furada com um homem daqueles.

Eu não quero nenhum tipo de envolvimento no momento, tudo o que preciso é focar na minha carreira, que está indo na direção em que sonhei. Também não preciso de nenhum sexo para diversão, mesmo porque, a julgar pela minha experiência anterior, eu não sou divertida nem mesmo nessa área.

Enfim, preciso ficar imune ao charme de Francesco Villazza. Ainda que ele mexa comigo, tenho que ignorar e focar no que vim fazer em Curitiba, que é defender a Rede Villazza e colocar mais uma grande ação no meu currículo.

Na noite em que me hospedei no Villazza, fui para o barzinho, um tal de Victor, pelo qual me

apaixonei. Estava cheio – pelo que pareceu ser – de funcionários do Convention e da Rede. Minhas amigas e eu ficamos lá por algumas horas, pois estava tendo um tipo de karaokê, mas com banda ao vivo, e nos divertimos muito.

Na manhã seguinte, preparei-me para encontrar novamente o diretor da Rede Villazza, mas assim que cheguei, fui informada pela senhora Torres que ele estava em uma reunião desde a hora em que chegara e que a mesma não tinha horário determinado para encerrar.

Esperei por algumas horas, tomei dois cafés Voluto até que Alice – comecei a chamá-la assim depois da primeira hora de conversa – me chamou para entrar, finalmente, no reduto do chefão.

Achei graça da expressão que ele fez quando provavelmente se deu conta de que a mulher do elevador da noite anterior era eu. Abri meu melhor sorriso e vi Tony Villazza, o COO⁴⁴, na sala. Uau! Que dupla!

Frank me olhava como se estivesse mais do que surpreso, e notei que Tony saiu em seu socorro e tentou disfarçar a perplexidade de seu irmão, mas eu imaginava que tudo isso se devesse ao fato de ele ter me ligado à imagem da noite anterior, mas

NACIONAIS - ACHERON

não, eu estava sendo ingênua demais.

Francesco Villazza fez valer toda a fama conquistada nos sites e revistas de fofocas. A princípio pensei ter entendido errado, mas quando ele falou francamente comigo, senti meu sangue borbulhar e por pouco não dei um tapa na mesa.

Saí de lá decidida a nunca mais pisar num hotel Villazza na minha vida. Mesmo eu sendo fã da Rede, faria isso. Além do mais, iria matar Hamilton Navega por ter me colocado naquela saia justa com o babaca arrogante e misógino!

Arrumei minhas malas e segui para o aeroporto. Mal desembarquei em São Paulo, liguei para Hal Navega e contei a ele o que seu padrinho – sim, porque o preconceituoso Villazza é padrinho de casamento do Hal – fez comigo.

Dias depois Hal entrou na minha sala e disse que eu precisava voltar para Curitiba, senão Frank Villazza iria cancelar o contrato de sua empresa com o escritório, e foi somente por esse motivo que eu aceitei voltar.

Confiro minha bagagem, perguntando-me se é o suficiente para eu passar toda a semana aqui, pois no final de semana irei para casa e trarei mais coisas, afinal, estou praticamente sendo obrigada a

trabalhar em Curitiba.

Penso que peguei leve demais com o arrogante, que tentou usar uma máscara de cordeiro arrependido, mas eu sabia que era um lobo que estava por trás daquelas desculpas. Homens como Frank Villazza não são humildes, apenas vestem a fantasia da humildade para ganhar alguma vantagem.

Eu tinha ensaiado um discurso muito mais contundente, mas a porcaria do homem se sentou tão próximo a mim, na beirada da mesa de vidro, que eu conseguia sentir o cheiro de seu perfume incrivelmente sensual, e isso me desconcentrou um pouco.

Contudo, acho que consegui passar a visão geral do meu recado. Posso ser baixa, tendo apenas 1,62m de altura; posso até ser relativamente nova, mas sou muito obstinada e amo meu trabalho! Frank Villazza não faz ideia do quão eu sou competitiva e teimosa.

Mantive-me firme, desafiei-o, mostrei minhas garras. Tudo estava indo diferente do planejado, mas muito bem, até que cometi um movimento errado e – assim como em um jogo de estratégia – foi desastroso.

NACIONAIS - ACHERON

Quando senti a mão dele tocando a minha, os pelos do meu corpo se arrepiaram como se houvesse energia estática por perto. Um frio subiu pela minha espinha e meu coração retumbou no peito. Amaldiçoei-me umas mil vezes, mas a sensação estava lá, era real e ele também sentiu.

Tiro minha roupa e entro no chuveiro, lembrando-me daquela sensação. Já tinha ouvido falar sobre isso, sobre química atrativa, desejo, pele... mas sempre achei que era balela para vender filmes e livros. Todavia, não é, aconteceu comigo. E, infelizmente, com o último homem com quem eu gostaria.... não, a palavra certa é *deveria* sentir. Enquanto a água escorre pelos meus cabelos, penso naquela situação e no que devo fazer para evitar problemas.

Preciso, mesmo estando na mesma cidade e, talvez, no mesmo espaço de trabalho que Frank Villazza, manter-me o máximo possível afastada dele. Resistir para vencer! Como era que minha avó lia na Bíblia para mim? Ah, sim... *resista ao mal, e ele fugirá de vós!*

Saio do banheiro de roupão e me deito na cama. Não ligo a TV, porque não gosto de assistir a nenhum programa televisivo, por isso ouço música.

A melodia suave me faz relaxar, e sinto vontade de tomar uma taça de vinho, mas não bebo durante a semana, então me contento apenas em ouvir a música.

Na adolescência, passei por alguns problemas como ansiedade e, através de ajuda profissional, principalmente de um bom professor de yoga, consegui controlar meus impulsos através de exercícios de respiração.

Cada vez que alguma coisa me tira do prumo, recorro aos exercícios aprendidos há tantos anos, mas que já são parte da minha rotina.

Penso em como terei de adaptar minha vida a esta cidade, coisa que não será tão difícil, visto que, embora não tão megalópole como São Paulo, Curitiba tem muitas vantagens e facilidades também.

Entretanto, nunca fiquei fora por tanto tempo. A única vez em que morei fora de São Paulo foi em Taubaté, no vale do Paraíba, onde nasci, mas depois fui para a capital com dois anos de idade. Depois que saí da faculdade, aos 21 anos, ingressei no mestrado em Direito do Trabalho e da Seguridade Social e, três anos depois, no doutorado, todos pela USP.

Morar algum tempo, mesmo que por poucos meses, em Curitiba, será uma experiência única para mim.

Pego o celular e ligo para casa.

— Até que enfim! E aí, como foi?

Minha mãe é uma mulher incrível, o grande amor da minha vida, minha companheira e melhor amiga.

— Bem, melhor até do que eu esperava.

— Que bom, Isa! Eu estava preocupada e juro que, se esse rapaz a humilhasse ou tratasse mal, eu iria...

Começo a rir, e ela para de falar. Primeiro, por ela ter chamado *o poderoso chefão* de rapaz, pois Frank Villazza está bem longe de ser considerado assim. É um homem... e que homem!

No entanto, o que acho mais graça é a forma como ela se enfurece e como ela e eu somos parecidas, não só fisicamente, mas também no temperamento estourado, assim como vovó era. Sangue italiano, ela diria se estivesse viva.

Laura Marteli, minha avó, saiu da Itália mocinha, durante a segunda guerra mundial, e sua família se instalou no estado de São Paulo, na cidade de Santos, no litoral do Estado. Quando ela

se casou com Germano Romanza, eles se mudaram para Taubaté e lá formaram uma família enorme e barulhenta, com dez filhos, sendo minha mãe a caçula.

Hilda Marteli Romanza, minha mãe, foi e é a mulher mais bonita que eu conheci na vida. Hoje, com 55 anos, ela ainda faz muitos homens suspirarem, mas, infelizmente, seu coração bate e seus olhos só enxergam um só, o único de toda sua vida, meu pai.

Volto a prestar atenção ao que ela fala e impeço minha mente de vagar por essa rota. Meu pai e eu temos uma relação estranha há muitos anos, e eu, embora não esteja mais brigada com ele, ainda não consigo aceitar certas peculiaridades de sua personalidade.

— ...você acha que eu não teria coragem de dizer umas boas verdades na cara dele?

— Eu tenho certeza de que teria, mamãe, mas não se preocupe, já coloquei todos os pingos no “is” com ele.

— Essa é minha garota! — exclama orgulhosa. — Quando você volta?

Respiro fundo, antevendo problemas no horizonte.

— Vou buscar mais coisas no fim de semana, mas terei de ficar aqui por algum tempo...

— Ficar aí? Por quê? Isa, você tem certeza de que esse homem é sério? — *Ah, mamãe, se a senhora soubesse...* — Porque eu andei pesquisando na internet sobre ele e não gostei nadinha do que vi!

Eu rio, imaginando-a investigando sobre Frank Villazza e vendo as fotos dele... Eu sei, porque também olhei todas elas, e tem umas... Foco!

— Mamãe, vim trabalhar! E sim, vou ter que ficar aqui para acompanhar o fim do processo criminal e montar a tese da nossa defesa.

— Mas quem vai cuidar de você? — Ela fica muda por um instante. — Você vai continuar num hotel?

— Estou pensando em ir para um flat, acho melhor. O hotel é bom, mas gosto de ter meu espaço, minha cozinha, a senhora sabe o quanto me relaxa cozinhar um pouco.

Escuto um barulho, e ela fala algo abafando o bocal do telefone.

— Seu pai chegou e lhe mandou abraços.

— Ele não ia viajar?

— Vai, sim, hoje à noite. — Ela grita para ele que eu mandei beijos. Sempre mediadora! — Vou desligar, filha. Tome cuidado, por favor!

— Pode deixar, mamãe. Eu te amo!

— E eu mais, Isa!

Apago a luz do abajur e tiro o roupão, pondo-me nua debaixo das cobertas. É bom ter essa liberdade, pois, como moro na casa dos meus pais, nunca posso dormir assim.

Frank Villazza... As imagens que vi no Google passam em minha mente, dentre elas, uma em que ele está sem camisa numa festa na praia. Adormeço, e meus sonhos são povoados por um homem alto, moreno, com abdômen definido e sorriso torto.

— Bom dia, senhora Torres! — cumprimento Alice com um sorriso. Gostei dela desde a primeira vez em que nos falamos.

— Bom dia, doutora Romanza! Lembre-se, pode me chamar de Alice! — Dá-me um abraço afetuoso, coisa que eu não esperava.

— Então me chame de Isabella. — Ela me

oferece café, e eu escolho um *latte* dessa vez. — Ai, amo café, e o de vocês é incrível!

— O senhor Villazza também é amante da bebida — ela me informa, fazendo o café que eu escolhi numa máquina italiana linda e moderna. — Ele trouxe a máquina da Itália, e os grãos são importados. — Ela rola os olhos, debochada. — Você vai descobrir que ele é muito exigente, mas quando fica satisfeito, é bem-humorado. E esse café — aponta para a máquina — salva minha vida todas as manhãs...

— Fofocando, Alice? — escuto essa voz e sinto um tremor me percorrer dos pés à cabeça. — Que coisa feia! — Encara-me, provocante. — Não adquira esse mau hábito, doutora Romanza.

— Bom dia, senhor Villazza. — Ela entrega para ele uma xícara aquecida com um expresso intenso dentro.

Não tiro os olhos dele, vejo-o levar o café aos lábios — e que lábios! — e sorver o líquido devagar.

— Está perdoada, Alice! — Ela sorri e olha para mim, vitoriosa. — Romanza, pronta para começar o trabalho?

— Sim.

— Ótimo. Selecionei alguns advogados, a maioria já trabalhou com o doutor Cubas e está a par do processo...

— Senhor Villazza... — Ele me olha, e eu fico sem jeito para concluir a frase, pois Alice está aqui, entre nós. Ele não se move e nem pede à assistente para sair, mas me encara curioso. — Eu já contatei os advogados e escolhi três deles, duas mulheres e um homem, caso seja relevante. — Sorrio com ironia.

— Ah... — Ele olha para Alice, que sai da pequena copa. — Então você quer mesmo tomar as rédeas? — Levanto uma sobrancelha, sem responder, pois já expus essa minha condição. — Tudo bem. — Toma mais um gole do café.

Tão fácil assim? Não é possível, algo deve estar errado, ou então esse café é milagroso mesmo!

— Vou pedir a Alice que indique minha sala...

— Eu indico. — Dá-me aquele sorriso torto, sensual e, dessa vez, diabólico. — Você está instalada na minha sala.

O quê? Isso me pega de surpresa, pois nunca esperei ouvir que ele me colocaria naquela

sala enorme, mas que, com nós dois juntos, não parece ser grande o suficiente.

— Desculpe, não entendi — digo com esperança de ter entendido errado. — Minha equipe e eu estamos instaladas na sua sala? E o senhor?

Ele ri e coloca a xícara parcialmente vazia sobre a bancada.

— Sua equipe está no andar de baixo. — Aponta o dedo para o piso. — Mas você vai ficar em cima... comigo.

Meu, o que é isso? Minhas pernas estão tremendo, e meu coração salta, assustado e excitado ao ouvir isso. Ele só pode estar brincando!

— Eu não deveria estar trabalhando com minha equipe? Não é para isso que fiquei na cidade? Se é para trabalhar separada, posso muito bem fazê-lo de São Paulo.

— Não, doutora Romanza. Você fica aqui, na cidade e na minha sala, enquanto sua equipe, escolhida pela senhorita, acompanha o processo criminal. Você precisa se dedicar ao processo trabalhista, sua área, não é mesmo?

Ah, meleca! Não terá Cristo que o convença a me deixar ficar no piso inferior. Imaginar-me com ele naquela sala durante horas e horas do dia me faz

sentir calafrios. Não de medo, mas de expectativa, de tensão.

Frank começa a andar para fora da copa, e eu ainda estou paralisada com a notícia quando Alice entra e põe a xícara dele na pia.

— Não vai entrar?

— É sério, Alice? — Ela assente. — Mas não vou atrapalhá-lo ficando por lá?

Ela dá de ombros.

— Ele quis assim. Mas não se preocupe, Frank Villazza é muito organizado no trabalho, tenho certeza de que ele já pensou em tudo.

Isso não me ajuda muito, mas agradeço pelo café e vou na direção da sala dele... ou melhor, da *nossa* sala.

Estou há vários minutos ouvindo uma acalorada discussão, ou o que eu penso ser uma discussão, porque o poderoso chefão está falando em alemão.

Desde que ele recebeu a ligação, estou parada, olhando meu computador e tentando lembrar onde é que eu parei minha pesquisa.

Geralmente Frank trabalha em silêncio, assim como eu. Vejo-o debruçado sobre documentos e, para meu alívio, muitas vezes ele está fora da sala, pois quando precisa atender alguém, usa a sala de reuniões.

Confesso que, durante esses três dias em que estamos compartilhando a sala, perdi alguns minutos do meu dia observando-o por cima das lentes dos meus óculos de leitura.

Ele é incrivelmente bonito com aquela pose de playboy, mas trabalhando, concentrado, ou mesmo como agora, falando ao telefone em outra língua – da qual não entendo nada – ele é simplesmente irresistível.

Frank encerra a ligação e sai da sala a passos largos, parecendo bem chateado. Solto o ar que vinha retendo e volto para minha leitura.

Minha equipe, escolhida por mim, começou a trabalhar no 19º andar na quarta-feira à tarde. Fizemos uma pequena reunião mais de confraternização do que de trabalho, porque, o que o manda-chuva não sabe, conhecemo-nos há muito tempo, inclusive uma das advogadas contratadas foi minha colega de turma.

Eles foram indicação minha, na época, ao
NACIONAIS - ACHERON

doutor Cubas, e eu estou mais do que satisfeita em mantê-los na equipe, pois confio e conheço o trabalho de cada um deles.

Pedro Henrique, o único homem, é especialista em Processo Penal, assim como Elisa o é em crimes contra a liberdade sexual. Os dois ficaram encarregados de acompanhar o processo de estupro. Já Priscilla é uma advogada multidisciplinar, especializada em Processo Civil, Direito do Trabalho e Previdenciário e está me auxiliando na montagem da tese de defesa do trabalhista, bem como no colhimento de depoimentos de testemunhas.

Cada ato dos processos, tanto o criminal quanto o trabalhista, foi devidamente digitalizado e está sendo estudado. Frank conversou conosco e deixou bem claro que o objetivo principal é conseguir um bom acordo, minimizando os danos contra a empresa. Porém, eu ainda acho que conseguiremos ganho de causa.

Não é todo juiz que entende a responsabilidade da empresa como objetiva, ou seja, responsável mesmo que sem culpa, e essa é a brecha que eu quero explorar.

E sim, estou montando minha tese nesse

sentido, mesmo porque, como expliquei ao senhor-sabe-tudo, a profissional da área aqui sou eu!

— Eu sei, Ally, mas isso não pode acontecer! — Frank entra na sala e para ao me ver no canto onde, antes, ficava um aparador com bebidas e agora jaz uma mesa parecida com a dele, porém, menor. — Vamos para a sala de reunião! Eu esqueço que *ela* está aqui...

Xingo-o mentalmente ao ouvir isso e, confesso, fere meu orgulho também, porque esse maldito homem não sai da minha mente nem quando estou dormindo, embora eu o trate com o mesmo desprezo que recebo.

Meu celular toca e confiro a foto da minha mãe mais uma vez. Já é a quarta vez que ela me liga, e é nessas horas que lamento ser filha única.

— Oi, mãe...

— Ei, mocinha, nada de “oi, mãe”! Já liguei mais de duas vezes...

— Quatro, para ser exata! — informo debochada.

— Não me responda assim! Que mania horrível, Isa! — Ela bufa. — A que horas é seu voo? Eu vou buscá-la no aeroporto.

— Eu já disse que não precisa, mãe. Pego

um táxi. — Ela diz que não, mas não a deixo continuar sua lamentação. — Meu voo é bem cedo, amanhã. Eu não quis voar à noite.

— Muito bem. Estarei te esperando lá. — Suspiro, derrotada. — Seu pai disse que te ligou, mas você não atendeu.

— Eu estava ocupada, mas já mandei mensagem para ele. Mãe, eu ainda estou muito ocupada...

— Sempre tentando se livrar de mim, Isa! — Ela ri. — Sei que sou uma velha chata...

Ah, não, lá vem o drama!

— Mãe, preciso mesmo desligar. Mas eu te amo, mesmo você sendo essa velhinha chata...

— Isabella Romanza! — repreende-me e depois ri. — Eu te amo, filha, até amanhã.

— Eu mais, mamãe! Até!

Volto minha atenção ao trabalho, mas acabo pensando em como deve parecer patética essa minha relação com minha mãe. Imagina, uma mulher de 28 anos, dona do seu nariz, com um salário bem razoável, carreira em ascensão, ainda morar com a mãe e tê-la 24 horas por dia ligando para saber de cada passo!

Penso na reação do Frank Villazza e faço

careta ao constatar que estou me importando com o que ele acharia. Dane-se! Minha mãe e eu sempre fomos assim, eu nunca saí debaixo das suas asas e nem por isso sou mimada ou mesmo insegura. Pelo contrário, ela me ensinou a correr atrás do que eu sonhava, incentivou-me a cada passo do meu caminho, e por isso eu não ligo de ter de conversar com ela várias vezes durante o dia.

Quando estava na faculdade, as pessoas estranhavam eu não sair para baladas até a madrugada por causa dela. Tive uma vida normal, namorei, mas evitava causar-lhe preocupações desnecessárias, pois não queria recorrer sempre ao meu pai.

Basicamente eu estudei, estudei e estudei até hoje. Os namorados que tive – e nem gosto de me lembrar – foram durante a faculdade, e depois deles não quis qualquer tipo de envolvimento com mais ninguém.

Não me arrependo das escolhas que fiz, porque sei que, se hoje estou podendo usufruir de um bom trabalho e de prestígio na minha área antes dos trinta anos, é porque corri atrás e me esforcei ao máximo.

Frank volta perto do horário do almoço, e

eu já estou desligando o laptop para poder ir a um restaurante.

— Quer almoçar comigo?

Minha mão congela em cima do computador, e eu o encaro primeiro para ter certeza de que essa voz é dele mesmo, depois para confirmar o que ouvi.

Não é possível!

— Não estou fazendo nenhuma proposta indecente. — Toca meu queixo. — Pode fechar a boca.

Obrigo-me a me mover e lhe dou um olhar duro.

— Não estava de boca aberta. Apenas estranhei o convite, foi... inesperado.

— Não é nada demais. — Dá de ombros. — Na verdade, nem vamos sair do escritório. — Ele vai até sua mesa. — Eu costumo almoçar aqui.

— Mesmo? O restaurante do hotel manda sua comida? E é boa? Eu gosto de comer.

Ele ri, agora sensual. Diz “não”, sua louca!

— Além da cozinha do hotel, você pode escolher entre um dos dois restaurantes franquizados, e eu peço o menu.

Eu sei que, se entrar nessa de almoço no

escritório, daqui a pouco teremos jantares e, Deus me ajude, só penso em coisas indecentes para fazer com ele sobre essa mesa. É melhor agradecer e declinar o convite, mas esse maldito sorriso tortinho... quem resiste?

— La Trattoria. — Cozinha italiana para um italiano e a neta de italianos. Óbvio demais, eu sei, mas eu amo massa!

Ele pega o telefone e conversa com Alice sobre o almoço a dois na sala de reuniões. Tento não pensar no que ela possa estar imaginando, mas relaxo quando o escuto dizer que estamos resolvendo assuntos de trabalho e que não queremos perder tempo saindo para almoçar.

— Quer pedir algo agora ou prefere olhar o cardápio? — Frank me pergunta, colocando Alice em espera.

— Me surpreenda!

Uau! A expressão no rosto dele ao me ouvir dizer isso só pode ser descrita como quente! Estou brincando com fogo!

— Alice, pode anotar. *Insalata a colori com noci. Così, antipasto.*⁴⁵ *Spaghetti carciofi, gamberi e bottarga*⁴⁶. Para beber peça ao sommelier a indicação de um bom *pinot noir*.

— Vinho durante o expediente? — Cruzo os braços.

— Sabe como é: *um pranzo senza vino e come um giorno senza sole!*⁴⁷

— Meus avós sempre diziam isso! — Dou um sorriso sincero, sem provocação ou ironia.

— Já vi de onde vem sua inteligência! — Pisca para mim e retorna ao telefone.

O clima nesse escritório parece ter mudado repentinamente, e eu nem tive tempo de pensar numa reação mais combativa, simplesmente estou aceitando tudo o que ele está oferecendo – ou impondo, eu nunca sei o que se passa na cabeça desse homem.

Alguns minutos se passam enquanto eu termino de guardar meus arquivos, organizar minha mesa e fechar o computador. Então ele olha o relógio, levanta-se e abre a porta para sairmos.

Vejo Alice, pela parede de vidro do corredor, acompanhando-nos com o olhar e não consigo evitar de me sentir constrangida com essa situação. Não estamos fazendo nada escandaloso ou indecente, mas não é também algo comum, que ele faça no escritório, posso perceber.

— Espero que você não seja alérgica a
NACIONAIS - ACHERON

frutos do mar. — Ri. — Esqueci de perguntar...

— Não sou e adoro, não se preocupe.

Ele assente, e sinto sua mão na base das minhas costas me guiando pelo longo corredor até a sala de reuniões. A sensação da sua mão quente e grande sobre minha blusa fina é deliciosa e faz com que aquela mesma energia estática que me acometeu dias atrás volte.

Acho que estremeço e ele percebe, porque o escuto rir baixa e roucamente. Isso já está saindo do controle!

Frank abre a porta dupla da sala de reuniões, que por sinal é enorme, e lá dentro há funcionários do hotel arrumando dois lugares um de frente ao outro numa mesa de madeira extensa e cheia de cadeiras vazias.

Ele afasta uma das cadeiras para mim, surpreendendo-me com o gesto, afinal ele tem fama de não fazer gestos cavalheirescos. Sentamo-nos e, no instante seguinte, pratos com salada são postos à nossa frente, bem como o vinho é servido.

— Você citou sua avó. — Ele puxa assunto depois de minutos em silêncio. — É italiana, né?

— Sim, como eu já disse — respondo tomando um pouco do vinho, que, por sinal, é leve

e muito saboroso. — Meus avós eram italianos.

— *Famiglia Romanza*. É um sobrenome e tanto!

Eu concordo, pois ouvi inúmeras piadas e trocadilhos por causa desse sobrenome.

— Minha avó era uma mulher incrível, forte, uma verdadeira matriarca e tinha muito orgulho dele.

— Ah, sim, uma verdadeira *mamma*! Minha *nonna* também o era. — O prato principal é servido, e ficamos um tempo apenas degustando a pasta. — Sua mãe também nasceu na Itália?

Tantas perguntas! Estranho que ele esteja tão falante e curioso, pois, nesses dias em que estivemos trabalhando na mesma sala, ele não puxou nenhum tipo de assunto além do estritamente necessário comigo. E, também, isso não me parece coisa que ele faça normalmente, então resolvo cooperar, mantendo uma conversa social tranquila.

— Não. Meus avós, quando se casaram, foram morar no interior de São Paulo e lá tiveram todos os filhos. São todos brasileiros, e a minha mãe é a filha mais nova.

— Ah, sim. — Encara-me. — Você e ela são parecidas?

Eu sorrio para ele, surpresa por tamanha curiosidade.

— Sim. Todos dizem que sou a réplica de minha mãe, embora meus olhos sejam azuis, e os dela, castanhos.

— *Madonna mia!* — Vejo o sorriso torto aparecer durante o almoço. — Ela deve ser uma mulher *bellissima*.

Nossos olhares ficam fixos um no outro após esse elogio indireto. Toda a tensão promovida pela atração que pairava no ar, dissipada pelo clima descontraído do almoço, volta.

Só paramos de nos olhar quando entram com a sobremesa.

— Tiramisù! — Abro um sorriso gigante ao ver o doce, o meu favorito.

— Escolha do chef — ele explica. — Vincenzo prepara a *ricetta autentica di Treviso*⁴⁸, sem nenhuma mudança de ingredientes. Prove.

Hum... É incrivelmente saboroso. Sinto o sabor do café e a textura incrível, como uma nuvem se dissolvendo na boca, do creme com queijo mascarpone.

— Delicioso! — digo, passando a língua pelos lábios, não desperdiçando nenhum bocado do
NACIONAIS - ACHERON

doce.

— *Come te*⁴⁹ — responde num tom baixo e rouco, e sinto toda a minha pele se arrepiar e um frio na barriga ao ouvir, pela primeira vez, o que os olhos dele me dizem quando me olham.

Minha mão esquerda está pousada sobre a mesa, e ele a alcança, causando ainda mais sensações incríveis através do toque, porém, antes de pronunciarmos qualquer palavra, ouvimos uma batida na porta, e Alice entra.

— Desculpe interromper... — Frank tira a mão da minha rapidamente, mas não sei se rápido o suficiente para que Alice não tenha notado. — O doutor Villazza está ao telefone, de Roma. Transfiro para cá?

A postura de Frank já é outra, sinto que o executivo tomou o lugar do sedutor. Ele limpa a boca com um guardanapo e se levanta.

— Não, vou atender na minha sala. — Alice assente e sai. — Obrigado pela companhia, doutora Romanza.

— Sou eu quem agradece, estava tudo maravilhoso.

Ele apenas concorda com a cabeça e sai.

Respiro bem fundo quando me vejo sozinha

aqui, nesta sala de reuniões, com uma taça de doce apenas levemente mexida e a lembrança do que aconteceu há alguns segundos.

Fecho os olhos, tentando acalmar meus pensamentos, acalmar meu corpo, que se rebelou contra mim apenas depois de um toque dele. Eu não posso deixar isso acontecer comigo de novo.

Sinto uma lágrima de frustração escorrer pelo rosto e a limpo com raiva. Já passei por isso, sentir-me envolvida por um homem poderoso e completamente cínico e sei o quanto sofri e o quanto quero evitar estar nessa situação novamente.

É uma maldição, só pode! Sinto-me presa num círculo vicioso, seguindo os caminhos da minha mãe, e eu definitivamente não quero seguir por esse trajeto, não mesmo!

Levanto-me, sem vontade de terminar minha sobremesa, saio da sala a passos largos e vou direto para o elevador. Sei que estou sem minha bolsa, que ficou na sala do Frank, mas não me importo, preciso sair daqui e colocar os pensamentos em ordem.

Por mais que eu deseje, não devo deixar que a atração entre mim e ele vá mais longe. Não é bom, não é saudável. Eu me conheço, sei que vou

ficar encantada, envolvida, mas não sei fazer sexo casual, e isso é tudo o que ele faz.

Saio do hotel e caminho pela avenida movimentada a essa hora. Não tenho destino certo, só preciso pensar e andar. Só necessito de uns minutos longe dele para me convencer de que posso controlar essa situação.

Só preciso de um tempo para tentar me enganar.



*... faz parte do meu show, faz parte do meu show,
meu amor.*

Parte do Meu Show – Cazuza

São 3h da manhã e eu ainda não dormi.
Não, não estou na farra, nem comendo alguma
mulher por aí, o que é estranho, diga-se de
passagem, mas apenas não consigo dormir, minha
NACIONAIS - ACHERON

cabeça parece ferver de pensamentos.

Não pude terminar o que eu tinha planejado com Isabella, porque tive que sair para atender uma ligação do meu pai. Eu já sabia o assunto e não estava nada satisfeito.

Recebi um convite para participar de uma reunião em Genebra, na Suíça, em meados de julho. É, na verdade, mais uma confraternização entre empresários do meu ramo do que propriamente uma reunião, mas esse é o primeiro ano em que estou com a agenda livre para comparecer.

Conheço a maioria dos participantes do colégio interno e de Harvard, além dos que eu conheci ao longo da minha vida profissional. Estava animado para reencontrá-los e para sair um pouco da atmosfera do trabalho e, principalmente, do Brasil. Contudo, recebi um comunicado de que haveria uma reunião com alguns diretores da Rede no recém-inaugurado hotel em Frankfurt e de que eu havia sido escolhido para estar lá. O problema é que esse compromisso é no mesmo dia do meu evento agendado na Suíça.

Disse ao Allers, o CEO do Convention Frankfurt, que não ia participar, afinal, é mais uma reunião para os diretores da Europa e não tem nada

NACIONAIS - ACHERON

a ver comigo aqui, na América do Sul, e o babaca foi se queixar com o meu pai.

Fico puto só em pensar nisso! Pensar que, quando os outros não conseguem nada comigo, recorrem ao meu pai para me colocar juízo como se eu fosse a merda de um piá.

Desisto de ficar na cama e desço até onde está minha guitarra. Ligo fones de ouvido nas caixas, afinal, não quero incomodar ninguém, e começo a tocar *Sweet Child O'Mine*, de Guns N' Roses. Executar os solos do Slash consegue me acalmar um pouco.

A conversa com meu pai foi relativamente tranquila, pois eu apenas disse que já tinha um evento agendado previamente, e ele, como era óbvio, entendeu o porquê de eu não comparecer na reunião e ainda ressaltou que pouco tinha a ver com minha área de atuação, mas que os outros diretores acharam por bem me convidar por eu ser um dos herdeiros da Rede.

Como se fosse possível, ouvir aquilo me deixou ainda mais puto. Não gosto de ser lembrado como o filho de um dos donos da empresa, mas sim pelo trabalho que executo. Não fico me queixando e nem pedindo ajuda ao meu pai para nada no meu

trabalho, mas aqueles *figli di puttana* acham que eu ainda fico agarrado às pernas dele.

Pensei que já tivesse superado aquela fase de ser apontado apenas como o filho mais velho do filho mais velho. Droga! Essa não é a marca que eu quero deixar, definitivamente é contra tudo o que eu venho trabalhando e me esforçando.

Começo a tocar *Another Brick In The Wall*, extravasando toda a minha raiva na guitarra. Ajusto minha pedaleira, afinal o rock progressivo do Pink Floyd pede um som mais intenso e contido, diferente da música do Guns.

Algumas horas depois, e várias músicas clássicas do rock internacional tocadas, estou jogado no meu sofá, fumando um cigarro e vendo as luzes da cidade se apagarem e o dia clarear.

Penso no final de semana de merda que eu tive e em todos os planos que eu tinha feito para ele antes de ter meu humor azedado por causa das ligações que recebi na sexta.

O pequeno teste de sedução com a minha irritante e sexy advogada foi um sucesso. Eu sorrio, arrogante, soltando a fumaça do cigarro vagarosamente.

Isabella disfarça seu interesse muito bem,

mas eu peguei um ou dois atos falhos dela. Colocá-la trabalhando na minha sala foi um golpe de mestre, pois pude estudá-la um pouquinho todos os dias, saber o que ela faz quando está concentrada – morde o lábio inferior e franze o cenho –, mas o melhor foi tê-la me observando discretamente.

Eu sabia que, por trás de toda aquela marra e aparente falta de interesse, ela sente a mesma atração que eu. A única diferença é que ela parece levar essa situação melhor, pois várias vezes tive que sair da sala e tentar acalmar meu pau bem longe dela.

Enfim, tê-la convidado para o almoço foi um impulso, mas daqueles tipos que, em uma partida de xadrez, causa um xeque-mate. Eu até pensei que ela recusaria, mas, a partir do momento em que ela concordou, eu sabia que conseguiria avançar um longo caminho naquele jogo.

Eu estava tão puto com a ligação do Allers que esqueci a decisão de ser profissional ao lado dela e só pensei em tê-la deitada de costas na mesa de reunião. Porém, infelizmente, a mesma motivação que me fez avançar com ela me fez retroceder também, porque, depois do bendito almoço, eu não a vi mais.

Fiquei algum tempo esperando que ela retornasse à minha sala, mas então tive que sair para uma reunião fora do prédio e não estava lá quando ela retornou.

Ao longo daqueles dias, descobri que a mãe dela entrava em contato quase de hora em hora, o que, além de ser surpreendente, haja vista a independência de Isabella, era também bem engraçado vê-la tentando esconder as ligações de mim.

Todavia, o pouco que eu aproveitei daquelas ligações me deixou saber que ela ia voltar para São Paulo no final de semana a fim de buscar mais pertences e que ainda estava hospedada no Hudson.

Isabella tem o irritante traço da teimosia, assim como eu, e isso me faz querer domá-la, embora o gênero dominador nunca tenha feito minha cabeça.

Tomo um banho e ponho minha roupa de corrida. Não vou nem tentar voltar a dormir, porque daqui a pouco vou sair para o escritório, então é melhor me exercitar um pouco.

Entro no elevador com meu MP3 ligado e tocando Iron Maiden. Nesse horário dificilmente

me encontro com outros moradores, por isso, parar no sétimo andar me surpreende e me deixa impaciente. Porém, dessa vez, a surpresa é maior que a impaciência, e não só para mim, mas também para a mulher que o fez parar.

— Meu Deus! — Isabella põe a mão no coração e me olha como se estivesse vendo um fantasma. — O que você está fazendo aqui? — Entra no elevador.

— Sou eu quem devia perguntar! — digo irônico. — Moro aqui!

Ela me olha boquiaberta.

— Mas que merda! — Isso me surpreende, pois, pelo que notei, a moça não costuma falar palavrões. — Eu acabei de me mudar!

Gargalho, imaginando que a situação não poderia ser mais perfeita para os meus planos de levá-la para a cama. Mentalmente agradeço a ajudinha.

— Estive aqui por acaso na sexta-feira e vi um anúncio. — Ela parece inconformada. — Conversei com a administração e aluguei temporariamente um flat no sétimo andar. — Respira fundo. — Como eu ia saber? — lamenta.

Eu rio.

— Chegou hoje? — questiono curioso.

— Não. Ontem à noite. — Isabella parece constrangida. — Vai correr? — Assinto. — Tem certeza de que tem fôlego para isso? — Olha-me desconfiada.

— Antes de começar a falar do meu cigarro, entre na fila! — corto logo o assunto. — Acorda tão cedo assim? — Olho para o relógio que marca 6h em ponto.

— Vou fazer compras antes de ir para o trabalho. — Dá de ombros. — Não tenho absolutamente nada na geladeira e estou cansada de comer na rua.

— Você cozinha?! — indago assustado e incrédulo. Ela não tem perfil de uma mulher com predicados domésticos.

— Sim, senhor Villazza. — Rola os olhos, sabendo o que eu pensei dela.

— Me chame de Frank. — Isso a surpreende. — Não estamos no escritório e agora... — sorrio com malícia — somos vizinhos!

— Que azar, não? — Faz uma careta com um biquinho tão fodidamente sexy que me excita.

— Pelo contrário! Não poderia ser mais oportuno.

Ela me encara curiosa pelas minhas palavras, e eu não resisto mais. Preciso sentir seu gosto, sentir seu corpo. Puxo-a pela nuca e beijo essa boca com vontade, deixando claro para ela quão oportuna foi sua mudança para perto de mim.

O beijo, infelizmente, não dura muito, pois as portas do elevador se abrem, mas é o suficiente para eu ter uma ereção dolorosa e saber que, independentemente de quem ela é e o que faz, será minha pelo menos por um par de noites.

Isabella parece um tanto perdida com o que aconteceu, mas eu, satisfeito com esse pequeno avanço, saio para começar minha corrida matinal, embora o que eu queira mesmo é subir para o flat dela e fazer outro tipo de exercício muito mais intenso e prazeroso.

Entretanto, como bom estrategista que sempre fui, penso que foi melhor dar um tempo a ela para que se acostume com a ideia, para que imagine a cena de nossos corpos juntos na dança mais primitiva da humanidade.

Minha corrida e minha manhã começaram

muito bem. E eu estava surpreendentemente ansioso para ir ao trabalho e estar com ela durante todo o dia, mas tive que fazer um pequeno ajuste, pois Giovanna me ligou dizendo que havia desembarcado no aeroporto, e eu fiz questão de buscá-la pessoalmente.

Aquela malandra estava protelando vir para Curitiba desde a semana passada, pois chegara a São Paulo e ficara por lá, segundo ela, com algumas amigas, mas eu não vejo a hora de esclarecer o que está acontecendo e saber se há ou não algum *stronzo* metido com minha irmã caçula.

Espero por ela no desembarque doméstico e, quando a vejo, um enorme sorriso se abre em meu rosto, porque, como homem que sou, sei que minha irmã é uma mulher lindíssima.

Giovanna é alta, magra e bem-proporcionada, tem cabelos loiros naturais desde menina e olhos azuis-celestes. Ela costumava ter os cabelos bem compridos, mas, pelo jeito, cansou do estilo e os está usando um pouco abaixo das orelhas.

— Ei, *padulo*! — Abraça-me forte. — Que bom que você veio!

— É claro que eu vinha! Pensa que eu iria

deixar um monumento de mulher como você sozinha com o sonso do Clayton? — Ela ri quando digo isso, pois sabe muito bem que eu lembro o quanto ficou encantada pelo meu motorista grandalhão.

— O homem é casado!

— Cavalo amarrado também pasta, piá! — Ela ri e me dá um soquinho. Eu não entendo por que, raios, todas as mulheres da minha família gostam de socar meu ombro. — Além do mais, olha para você! Papai devia tê-la proibido de crescer!

— *Geloso, Frank? Non abbinarevoi, fermarlo!*⁵⁰

— Abusada! — Abraço-a pelos ombros enquanto caminhamos, eu levando o carrinho com suas malas.

Deixo Gio no seu apartamento e de lá sigo para o escritório. Já passa das 10h da manhã, e apenas pedi a Alice que remarcasse meus compromissos matinais, mas não disse o motivo.

Mal piso na minha antessala, onde Alice fica e vejo Tony, Marina e Isabella conversando.

— Bom dia! — cumprimento a todos. — Já de volta?

— Cheguei ontem — Tony me informa. — Viemos conversar com você, mas, ao que parece — ele olha o relógio —, a noite foi boa!

Marina ri, e Isabella não me olha.

— Não, não foi — informo irritado. — Embora minha manhã tenha sido promissora. — Tony me olha curioso. — Acabei de deixar Gio no apartamento dela.

— Ah, enfim chegou! — Tony se alegra, embora não seguido por Marina, que ainda não tem muita afinidade com minha irmã.

Gio sabe ser esnobe e fechada quando quer, e isso muitas vezes assusta as pessoas, que acabam por evitá-la.

— Eu apresentei a doutora Romanza a Marina — Tony muda o assunto.

— Você não devia estar lá em São José? — pergunto à minha cunhada. — Cabulando o trabalho para pajear o noivo?

— Não. — Acho que ela só não me chamou de babaca, como sempre faz, porque Isabella está aqui. — Estou de férias! — diz sem graça e se vira para Isabella, sincera, com esse seu jeito carioca de ser. — Como você consegue dividir uma sala com ele? Nossa, Isabella, você merece um prêmio!

Hum, interessante, já a está tratando por Isabella!

Isabella apenas ri, sem se pronunciar, discreta, sabendo que todas as coisas ditas aqui podem ser usadas contra ela mais tarde. Advogada!

— Bem, o papo está bom, mas, ao contrário de minha cunhada, não estamos de férias. — Olho debochado para ela. — Isso é somente para os fracos!

Levo meu segundo soco no ombro, e ainda é de manhã! Despeço-me deles e entro em minha sala, aguardando a entrada de Isabella a qualquer momento.

Notei que, diferentemente do que vi no elevador mais cedo, ela está vestindo um tailleur cinza com uma blusa branca por baixo. De manhã, ela vestia jeans – ficou ainda mais gostosa assim – e uma blusa grossa, solta no corpo, parecendo de tricô ou crochê – não sei a diferença.

Meu telefone toca e atendo Alice, que me avisa que está na sala de Ally, ajudando-a com alguma coisa no computador, mas que, se eu precisar dela, ela voltará a seu posto.

Vejo, em cima da minha mesa, todos os recados da manhã e a dispenso para que continue a

auxiliar Alison. Já estou lendo o penúltimo recado quando Isabella entra na sala.

— Gostei de sua cunhada — ela comenta.
— Vai ser uma ótima advogada.

— Ela merece ser — declaro sem olhá-la e sem entrar em detalhes.

A sala fica em silêncio, e ouço apenas o teclado do computador dela, indicando que voltou a trabalhar. Não achei que a situação iria ficar estranha depois do beijo no elevador pela manhã, mas não gostei de ter sido ignorado quando cheguei, por isso, acho melhor não tocar no assunto aqui.

Tive uma reunião na hora do almoço que se estendeu até o meio da tarde. Não consegui me concentrar no compromisso, o que normalmente não acontece, pois só ficava pensando no próximo passo que eu daria com Isabella.

Nunca uma mulher me fez traçar tantos “passos”, porque geralmente as coisas são mais dinâmicas. Acontecem naturalmente, interesse demonstrado dos dois lados e uma proposta de

diversão sem compromisso.

Não vou negar que esse ponto me freia um pouco, porque não sei como foram os relacionamentos anteriores de Isabella, nem se ela consegue levar uma relação sexual de modo tão casual, pois não creio que combine com o seu jeito, mas como eu já me enganei em praticamente todos os julgamentos que fiz sobre essa mulher, torço para estar enganado mais uma vez.

Já está decidido que eu levarei Isabella para a cama, e isso, em minha cabeça, é irrevogável. Todavia, meu instinto me manda tomar cuidado, ir com cautela, porque eu terei que conviver com ela por um bom tempo e não quero que qualquer relação pessoal atrapalhe a profissional.

Eu terei que deixar bem claro para ela que é só sexo e que, se ela quiser isso, terá de mim, mas sem expectativa de um romance ou mesmo um caso. O que teremos será o suficiente para extinguir essa atração, e depois seguiremos como se nada houver acontecido.

No meu caso, uma ou duas noites serão suficientes para apagar o desejo; sempre foi assim com qualquer mulher. Eu não tenho vontade de criar nenhum tipo de laço, e a repetição me causa

tédio, por isso gosto de variar.

Volto para minha sala após a reunião e encontro Isabella de pé em frente à vidraça, olhando a cidade. Ela não parece ter notado que eu entrei, parece estar perdida em pensamentos fitando fixamente os prédios e a praça.

Os cabelos, como sempre, estão num coque, e eu vislumbro a sua nuca. O blazer do tailleur está pendurado no encosto da cadeira, e a blusa de seda branca não esconde o sutiã de renda da mesma cor por baixo.

Caminho o mais silenciosamente possível e a abraço pelas costas, encostando minha boca em sua nuca, sentindo seu perfume floral. Ela parece não se surpreender; talvez soubesse que eu estava aqui, afinal.

Isabella não rechaça meu abraço, pelo contrário, parece se aconchegar e respira fundo.

— O mais difícil de trabalhar nessa sala com você é sentir esse seu perfume — ela revela, sua voz bem baixinha. — Nunca senti um cheiro igual em lugar algum.

— Você gosta? — minha boca está encostada em sua orelha quando faço a pergunta.

Ela assente e geme baixinho quando passo a

língua no seu lóbulo e desço para o pescoço.

Estou muito excitado, duro e incomodado por estar preso na cueca e na calça. Sei que não devemos fazer isso aqui; embora não estejamos fazendo nada indecente, Alice pode entrar a qualquer momento.

— Me convida para jantar. — Ela parece surpresa com meu autoconvite. — Fiquei com vontade de provar o que você faz...

Ela geme baixinho de novo, e sei que entendeu o duplo sentido da minha declaração. Para tentá-la mais, espremo-a contra meu corpo para que sinta como estou enquanto lhe beijo a nuca.

— Eu não sei se...

— Eu quero você, Bella. Eu não vou negar ou esconder isso, quero que você saiba. — Ela se vira em meus braços, e não a solto, continuo abraçando-a. — Eu só espero que você entenda que, se aceitar ser minha por um momento, eu terei livre acesso ao seu corpo e você ao meu, mas será somente isso.

— Sexo casual? Como... — ela parece pensar — amizade colorida?

Eu rio, pois nunca pensei em nenhuma mulher com quem transei como amiga, mas no caso

dela, podemos aplicar tal definição.

— Isso. Sem expectativas, sem promessas, apenas o prazer puro e simples.

Ela suspira, e isso me deixa tenso. Isabella parece considerar todos os prós e contras do que lhe ofereci e, pelo mínimo que a conheço, sei que ela racionaliza tudo e, se o fizer com minha proposta, a negará.

Não dou tempo para isso acontecer. Invado sua boca sem pena, sugo sua língua, faço-a me corresponder na mesma medida. Minhas mãos apertam seu corpo contra mim enquanto sinto sua boca entrar no ritmo da minha e aceitar tudo o que eu faço.

Seguro seu rosto, mordo seus lábios e depois os lambo para, por fim, deslizar minha boca pelo seu queixo e pescoço. Isabella geme mais alto agora, não muito, apenas mais forte e constante.

Abro os primeiros botões da sua blusa e vislumbro o sutiã rendado. Isso está sendo uma tortura para mim também. Minha respiração está sôfrega e meu pau está latejando, mas sei que não poderei ir até o fim aqui, pois não é o que eu planejei. A seduzida tem que ser ela, cacete! Eu paro de beijá-la e me afasto, recebendo um olhar

lamentoso e questionador.

— E então? Não tenho mais nenhuma dúvida de que vai ser incrível... mas ainda não ouvi sua resposta.



Eu quero você

Eu quero tanto você

Está me deixando louco

I Want You So Bad – Beatles

— Eu acho que...

Antes que ela complete a frase, ouvimos uma batida à porta e nos afastamos rapidamente

NACIONAIS - ACHERON

antes que o inconveniente do meu irmão me pegue no flagra.

— Interrompo algo? — Ele olha de um para o outro, principalmente para Isabella, que está visivelmente constrangida.

— Não, entre! Eu estava mostrando algo para a doutora Romanza.

Tony me dá um olhar irônico e ergue uma das suas sobrancelhas. Empata foda lazarento!!!

— Boa tarde, Isabella! — Ela apenas dá um sorriso forçado ao cumprimento e se despede, saindo da sala. — Mas que merda estava acontecendo aqui?

— Nada! Ela e eu temos uma convivência difícil, se você ainda se lembra da primeira vez em que nos vimos... — Tony não parece acreditar muito nisso. — Ah, piá, meta-se com a sua vida! O que você quer?

— Marina decidiu largar o escritório. — Ele se senta em uma das poltronas da minha sala. — Eu estou feliz por tê-la longe daqueles advogados, principalmente do chefe dela...

— Nossa, como você ficou ciumento! — Gargalho.

— Sou, sim, porra, é a minha mulher! —

responde como se fosse óbvio. — Ah, esquece... Você nunca vai entender isso, afinal só come as mulheres por aí, não tem nenhuma que te prenda, que te desperte esse sentimento. — Balança a cabeça lamentando. — Não tem medo de ficar sozinho?

Não estou entendendo o assunto. Ao que parece, Marina decidiu se demitir de um emprego que Tony nunca quis que ela tivesse, mas ele parece preocupado com ela e com o fato de eu terminar minha vida sozinho? Meu irmão é um ser completamente louco!

— O assunto é Marina, Tony. Foca e continua... — Faço um gesto com as mãos.

— Ao que parece, ela pediu uma oportunidade para trabalhar em alguns processos junto ao doutor Gustavo, como estagiária, e ele negou. — Tony parece furioso. — Perguntou a ela quando pararia de brincar de secretária e se deixaria manter por mim. — Bufo.

— Babaca! — Fico puto ao ouvir isso, pois sei como minha cunhada sempre quis ser independente do meu irmão e da fortuna de nossa família. — Espero que Marina o tenha posto em seu lugar.

— Não tenha dúvidas, mas está muito chateada e com vergonha de dizer que está sem emprego, por isso disse que estava de férias! — Sim, aquela mulher é orgulhosa. — Mas eu pensei que, como estamos, excepcionalmente, com uma equipe jurídica na Rede...

— Claro! Ótima ideia! — Penso que isso seria muito bom para animá-la. — Diga a ela que pode vir estagiar aqui, tenho certeza de que a doutora Romanza irá recebê-la e lhe ensinar.

— Obrigado, Frank! — Tony sorri, aliviado. — Eu preciso apenas pensar numa maneira de dizer isso a ela sem que negue, porque você a conhece... Vai achar que estamos fazendo isso por pena e não porque achamos que ela merece.

Penso um momento sobre isso e concordo com meu irmão. Ela não aceitaria caridade de nenhum de nós, não nessa área de sua vida, em que ela sempre fez questão de que não influenciássemos.

Respiro fundo, ainda frustrado por não ter fechado acordo sobre a noite no flat de Isabella, quando uma ideia passa pela minha cabeça.

— O que você está maquinando aí com esse

sorriso maquiavélico na cara?

Rio alto da sua observação, pois é assim que me sinto, maquiavélico.

— Vou conversar com a doutora Romanza e dar um jeito de parecer que a ideia do estágio surgiu dela. — Tony arregala os olhos. — Ela comentou comigo o quanto gostou da Marina... — ele faz uma expressão de que eu disse o óbvio — e que ela seria uma ótima advogada. Não se preocupe, piá!

— Tem certeza? — Assinto. — Então deixo isso nas suas mãos. — Levanta-se. — Desculpe pela má hora, mas, *stronzo*, você está no horário de trabalho e dentro do seu escritório. — Aproxima-se da mesa e sussurra: — Seja mais discreto.

— *Vaffanculo*, Tony!

Ele se despede de mim, gesticulando que “está de olho”. Cruzo os braços sobre o peito e faço cara de tédio para ele.

Fico sozinho e aproveito essa oportunidade para pensar melhor na estratégia recentemente montada em minha mente. Consulto minha agenda digital, coisa que raramente faço, visto que Alice sabe de cor toda a programação do meu dia e fico feliz ao constatar que não tenho mais nenhum

compromisso urgente hoje.

— Alice? — Ligo para o ramal dela. — Vou sair da empresa agora, tenho que resolver assuntos externos.

— Não há nada sobre isso...

— Assunto externos de última hora, Alice — digo impaciente. — Não estão na minha agenda. Diga ao Luiz Henrique que amanhã nos falamos no primeiro horário.

— O senhor já tem reunião... — Fica muda. — Mexeu na agenda? Tinha uma reunião às 7h!

— Não tem mais, desmarquei. — Ouço-a xingar e rio, porque ela nunca faz isso. — Sei que baguncei as coisas, Alice, mas precisava desse tempo livre.

— Tudo bem... Era assunto interno, eu resolvo e reagendo. — Suspira. — Seu primeiro horário amanhã será às 10h?

— Isso. Não vou aparecer por aqui antes disso! — Se tudo der certo.

Guardo meu computador na maleta e ponho meu paletó, pois o clima esfriou muito em Curitiba, mesmo sendo começo de primavera.

Saio da sala antes que Isabella, que deve estar no andar inferior, retorne. Ligo para o

Clayton, mandando-o me esperar na garagem e, de lá, sigo para o meu apartamento para aguardar o momento exato de dar o bote.

Ao chegar ao flat, sinto-me como um adolescente prestes a ter sua primeira transa. Vou até a pequena adega climatizada e escolho um vinho francês bem encorpado.

Depois subo e aparo minha barba, coisa que geralmente faço no barbeiro, mas esta noite não estava programada, então eu mesmo tenho que fazer o serviço. Depois tomo um banho longo e quente.

Saio do banheiro só com uma toalha na cintura a procurar uma roupa casual, mas bacana, afinal, eu quero impressionar. Escolho uma malha de linha preta, simples, mas que ressalta os músculos dos meus braços e da minha barriga. E, por fim, uma calça jeans clara e rasgada.

Ponho a roupa em cima da cama e passo meu perfume no pescoço e nos braços, pois a ideia é que eu me encoste nela e meu cheiro grude em sua pele. Sorrio, pensando em como Tony me

ferrou e me ajudou nessa tarde. Ao mesmo tempo em que ele frustrou minha sedução no escritório, deu-me a desculpa perfeita para bater à porta de Isabella e dizer que preciso conversar sobre dar uma oportunidade de estágio a Marina.

Confiro as horas no relógio; são 18h. Provavelmente ela estará a caminho do flat. Pego minha guitarra para fazer hora, pois não quero que ela saiba que estou aguardando-a.

Toco cinco músicas, inclusive a música tema de *O Poderoso Chefão* conforme Slash a executou uma vez, mas antes que eu termine de tocar *Hey Joe*, de Jimi Hendrix, ouço minha campainha tocar.

Paro um instante, sem entender, surpreso, esperando ouvir o barulho de novo, pois estou com fones de ouvido. Quando confirmo que é a campainha, solto a guitarra em cima do sofá e vou até a porta.

O porteiro não interfonou... Será que...? Abro a porta e dou de cara com minha irmã, Gio, segurando uma enorme pizza.

— Surpresa! — Beija-me. — Hm... está cheiroso, *padulo*!

Só pode ser sacanagem! Fico parado à
NACIONAIS - ACHERON

porta, olhando-a entrar na minha minúscula cozinha sem ser convidada, pegar pratos e avaliar o vinho que eu separei.

— Adoro esse vinho! — a descarada diz já com o saca-rolhas em mãos. — Trouxe metade caprese para você não reclamar, pois a outra é vegetariana.

— Gio... — Ela para um instante e me olha, ainda parado à entrada do flat. — O que é isso?

— Pizza? — Ela ri, mas depois percebe que não estou brincando. — Ah, Frank... — Bufa. — Você não pode simplesmente vir até aqui, comer uma pizza comigo e deixar o assunto sair normalmente?

Ah, porra! Fecho a porta, encerrando a bela oportunidade que tinha de encurralar minha ensaboada advogada. Minha irmã está precisando de mim e eu sei disso há muito tempo. Não posso virar as costas para ela, nunca farei isso. Sento-me numa das banquetas altas ao balcão que divide a sala e a cozinha e a vejo encher as taças de vinho.

— Desembucha... — mando sério e meio puto por estar frustrado e sem sexo.

— Nossa, que carinhoso!

— Para de enrolar, te conheço! Você é igual

ao Tony quando não quer falar de algo, teimosa, se fecha em copas, mas não hoje! Você veio até mim, então comece a falar.

Ela põe a taça em cima do balcão e se senta ao meu lado.

— Já teve a sensação de estar perdido? — sua voz é melancólica.

— Não. — Rio. — Nem mesmo quando estava.

— Porra, é um saco conversar com você! Devia ter ido conversar com o Tony, mas fiquei com medo de que ele surtasse comigo...

Surtasse? O negócio é sério, cacete! Mil coisas passam em minha mente, inclusive a mais alarmante...

— Você está grávida?

Ela engasga com o vinho que acabou de pôr na boca.

— O quê? Não! — Olha-me como se eu fosse louco.

— Então por que, merda, você invadiu meu apartamento, frustrou meus planos, está tomando meu vinho, comendo essa porcaria de pizza vegetariana? — perco a paciência com ela.

— Hm, sabia que você estava indo à caça...

— Porra, Giovanna Maria Villazza, fala o que está acontecendo, *cazzo*!

— Eu pedi demissão e estou me mudando para São Paulo para trabalhar numa agência de publicidade — comunica tão rápido que, quando acaba, está sem fôlego.

E eu estou mudo. Sem reação, sem saber o que pensar, mudo. Todo o meu cérebro está em silêncio, meus músculos não se mexem. Não, não é exagero. Nunca, nunca mesmo um Villazza trabalhou fora da empresa da família.

— Que *follia*⁵¹ é essa? — indago devagar para não gritar e sacudi-la.

— Foi o que eu decidi! — Dá de ombros como se não fosse nada. — Não quero mais trabalhar no Grupo Villazza, quero andar com minhas próprias pernas, nem que para isso tenha que começar de baixo.

As suas palavras me surpreendem mais uma vez. Que *alien* está no corpo da minha irmã? Porque essa não pode ser a *Principessa* Villazza, a queridinha do papai e a mulher mais consumista que há sobre a face desta Terra!

Humildade? Não, ela nunca teve! Serenidade? Menos! Giovanna Villazza é sinônimo NACIONAIS - ACHERON

de raios e trovões, é tempestade, nunca calmaria. Onde ela chega, conquista fãs ou rivais; ou a amam ou a odeiam de morte.

— O que o *babbo* falou disso? — Ainda não posso acreditar que a tradição centenária se partiu na minha geração!

— Relutou, ameaçou me deserdar... — Riu. — Bem, de qualquer forma, eu disse a ele que era minha decisão e que não quero a intervenção de nenhum dos homens Villazza na minha vida.

— E a *mamma*?

— Está comigo! Me apoia, me entende.

Balanço a cabeça, inconformado, ainda querendo dar uma porrada nessa petulante, mas me acalmando. Giovanna tem 25 anos, não é uma menininha e sabe o que faz.

— E o doutorado? E seu apartamento? Vai morar onde em São Paulo? Por que São Paulo?!

Ela ri de tantas perguntas.

— Eu consegui um bom emprego na agência de um amigo de faculdade. — Ela parece sem graça. — Na verdade, investi na empresa e vou trabalhar com ele.

— Você abriu um negócio? — Estou realmente surpreso.

Ela assente e abocanha sua ridícula pizza de mato.

Eu nem mesmo toco na minha parte. Estou tão fora de órbita com essa notícia que não tenho mais fome e, pasmem, nem o tesão que eu sentia anteriormente por Isabella.

— O negócio já existe e vai muito bem. — Mastiga. — Tem contas ótimas, mas precisava de um upgrade, e eu ajudei. Temos intenção de ser uma das grandes em Sampa. Vou estudar por lá e morar, bem, eu aluguei um loft. — Sorri. — Sempre quis morar num espaço aberto e achei um ótimo...

— Foda-se o loft! — perco a linha. — Há quanto tempo você está planejando isso pelas nossas costas, Gio? *Cazzo!*

Levanto-me e começo a andar pela sala, preocupado com ela, preocupado com o meu pai, com minha mãe... Ninguém nunca saiu! Nenhum herdeiro!

— Frank, pensei que o Tony surtaria, e não você...

Respiro fundo. Sim, eu estou surtando, porra!

— Eu só quero que vocês me entendam e

tentem me apoiar! — Olho para ela, lembrando-me desses mesmos olhos me olhando dentro daquele berço pequeno, com o sol brincando em seus cabelos claros. — Eu preciso fazer isso, Frank.

Droga! Eu não entendo, a empresa, os hotéis, nossa história, tudo isso é minha vida e eu nunca poderia me imaginar fazendo outra coisa que não dentro da Rede.

Contudo, ao que parece, para minha irmã o que mais importa é sua independência, alçar seus próprios voos. Eu devia estar orgulhoso dela. Tento um sorriso, e ela relaxa.

— Eu não entendo, Gio, não ainda. Mas sempre apoiarei você, sempre. — Vou até onde ela está e a abraço apertado. — Sempre vou estar aqui para você, nunca se esqueça disso.

— Eu não vou, Frank. Eu nunca poderia...

São 2h30 da manhã, e a cidade está completamente em silêncio enquanto vou guiando minha moto de volta ao Batel. Depois que Gio foi embora, eu estava me sentindo um pouco aprisionado naquele flat, com tantas coisas em

minha cabeça que nem pensei direito, apenas coloquei uma jaqueta, peguei um capacete e subi na moto para andar por aí.

Uma hora depois, ainda pilotando, senti o celular vibrar no bolso e, quando parei para ver o que era, encontrei, felizmente, uma mensagem de Rodrigo, um dos meus grandes amigos da infância. Ele estava fora de Curitiba havia alguns anos, e nós nos falávamos apenas via celular. No entanto, para minha surpresa, o malandro estava de volta e já curtindo a noite.

Encontramo-nos no Vintage Club. Para quem não conhece – ou nunca ouviu falar – o Vintage é o mais exclusivo clube de sexo de Curitiba. O local, discreto por fora, mas totalmente luxuoso por dentro, possui decoração e móveis condizentes com o nome.

Hoje o local estava cheio, tanto de homens quanto de mulheres, clientes e profissionais do ramo.

Encontrei-o sentado próximo a um dos balcões do bar.

— Frank! — Levantou-se ao me ver. — Guri, quanto tempo!

— É mesmo... — Pedi uma cerveja ao

barman. — Que loucura foi essa? Pensei que nunca mais ia te ver por aqui!

— Voltei de vez. — Ele parecia contente. — Minha divisão vai trabalhar em São Paulo.

— Sério? Pensei que seu chefe não abrisse mão de você lá em Vancouver. — Tomei um gole da minha cerveja.

— Eu estou vindo com ele. O CEO da empresa vai se aposentar em breve, e meu chefe vai assumir. — Ele deu de ombros. — Vamos ver como ele vai se virar na parte de gestão do negócio, porque seu forte sempre foi o trabalho pesado, acompanhando obras, lidando com os engenheiros. — Ficou sério. — O bom foi retornar ao Brasil depois de quase 10 anos morando em outros países.

Concordei com ele. Retornar para casa é sempre a melhor parte de qualquer viagem de negócios, e eu sempre me sinto assim com o Brasil, apesar de não ter nascido aqui. A maior parte da minha infância foi em Curitiba, cresci, tornei-me homem, tudo aqui, então, mesmo que eu tenha morado uma época na Europa e outra nos Estados Unidos, o Brasil sempre foi minha casa.

Eu nem poderia imaginar a vida que Rodrigo Braga leva, mudando a cada obra, mesmo

fazendo parte da maior empresa de engenharia do Brasil, com obras em todo o mundo, e o principal, sendo braço direito de um dos maiores e mais aclamados engenheiros dessa nova geração. Não deve ter sido fácil.

A última vez em que tínhamos estado juntos fora havia três anos, quando eu tirei umas semanas de férias e viajei aos Estados Unidos a fim de fazer o percurso da *Rote 66* de moto. Rodrigo estava com uma obra no Texas numa refinaria de petróleo, e nos encontramos em Oklahoma.

Ele tinha mudado pouco desde então, apenas mais fios brancos em seus cabelos castanhos, mas de resto, era o mesmo de sempre. Altura mediana, magro, cabelos e olhos castanhos.

— Então Nicholas Smythe-Fox vai assumir a diretoria executiva da Novak! — Levantei minha *longneck*. — Boa sorte para ele!

— Ele vai precisar... O cara detesta trabalho burocrático! — Rodrigo gargalhou. — Mas não posso negar, não conheço ninguém mais obcecado que ele. Sempre foi assim, aquele guri! Posso apostar com você que, daqui a alguns anos, vão falar dele como o gênio da administração! — Apontou para mim. — Vais perder teu posto!

— Não me importo com isso...

— Que *dolangue*, piá⁵²!!!

Eu caí na gargalhada ao ouvir aquela gíria. Havia muito tempo ninguém falava comigo assim, fez-me lembrar quando ainda estávamos no colégio.

Cara, eu sinto falta de estar com meus amigos, coisa que ficou cada vez mais rara depois que assumi a Rede. Sei que é normal, quando crescemos, que cada um tome um destino na vida e que isso gere certa distância, mas é bom demais quando nos encontramos de novo.

Virei-me para pedir outra cerveja e vi uma loira muito gostosa encostada ao balcão e nos encarando. Cumprimentei-a com a cabeça, mas não me interessei e voltei a prestar atenção na conversa do Rodrigo, que me atualizava sobre os últimos anos que passara no Canadá.

— ...mas aí, então, quando tive a notícia de que precisaria voltar, só fiquei preocupado com a Sarah, porque não sabia se ela toparia...

Sarah? Tentei puxar lembranças que me ajudassem a entender quem era Sarah, e a imagem de uma moça americana ruiva passou pela minha mente.

— A Sarah de San Antonio? Você ainda tem contato com ela?

— Claro que sim! É minha mulher!

Congelei com a cerveja na garganta, prestes a cuspir o líquido. O quê? *Cazzo!*

— Cara, você esqueceu que agora sou um homem casado? — Ele riu muito. — Mandeí até convite para você, há dois anos.

Eu realmente não me lembrava.

— Você está falando sério? — Ainda tentava assimilar a notícia. Em nenhum momento, quando trocávamos mensagens via celular, ele citara a tal mulher!

— Frank, você mandou presente, cara! — Olhou-me como se eu estivesse doente ou louco. — Tinha até uma mensagem de parabéns, confesso que até estranhei...

Alice! Com certeza o convite fora enviado para a empresa e Alice devia ter falado comigo, eu o dispensara e ainda mandara que ela comprasse um presente. Mas que merda! Casamentos nunca foram meu ponto forte, sei disso, mas perder o do meu melhor amigo da infância... puta vacilo!

— Você mandou a Alice comprar o presente! — adivinhou já sabendo que é o que

sempre faço. — Eu sabia! Cheguei a apostar com a Sarah sobre isso... — Riu. — Relaxa, sei que o casamento não faz tua cabeça!

— Nossa... você casado! Mas como está aqui, nesse lugar, sem sua mulher estar pirando?

— Sarah e eu temos um casamento muito tranquilo, e ela não é do tipo ciumento. Ela sabe que eu vim me encontrar com meus amigos aqui. Eu até a convidei, mas ela está com minha irmã e meus sobrinhos e não quis vir.

— Uau! É um dos meus poucos amigos casados que têm essa possibilidade!

— É, cara, quando você acha a pessoa que te completa, você sabe que não pode deixá-la ir. Sarah e eu nos conhecemos no final das obras nos Estados Unidos, e ela largou tudo para ir morar comigo no Canadá. — Fiquei com a mente em branco ao ouvir aquilo. Não tinha noção do que ele estava falando, porque, para mim, nenhuma mulher é diferente da outra quando se trata de sexo. Eu nunca tive um envolvimento que me fizesse querer estar com alguém mais do que o suficiente para a satisfação final. — Ela sabe que eu sou louco por ela. — Ele percebeu minha expressão e aliviou um pouco o assunto. — Ei, pare de me olhar assim, até

parece que é uma doença, e pior, contagiosa! Você não vai pegar, Frank!

Ri da piadinha e do gesto que ele fez.

— Conto com isso! Você sabe que eu não consigo me ver amarrado a uma mulher só...

Ele assentiu, mas não falou nada, o que eu agradeci. Já tenho gente o bastante tentando me convencer a encontrar alguém, a me deixar envolver e essas merdas todas.

Ficamos alguns instantes em silêncio, até que vimos Marcelo entrar no clube. Marcelo Lins mora em Curitiba, mas trabalha como Promotor de Justiça na região metropolitana, então não nos vemos muito também. Nós três, na época do Militar, éramos um trio da pesada.

Ficamos conversando por algum tempo mais, enquanto bebíamos e assistíamos aos shows nos palcos. Em um deles, antes de eu decidir ir embora, rolou uma cena de *bondage* entre duas mulheres, sem sexo, só a cena de uma amarrando a outra. Já gostei muito disso, mas, como qualquer outra coisa que se faz frequentemente, caiu na rotina e deixou de ser prazeroso.

Demorou pouco, ao longo da minha vida sexualmente ativa, para que eu percebesse que,

mesmo diferente “do normal”, sexo é sempre do mesmo jeito, é apenas mais do mesmo. Por isso é que eu gosto de não ter nenhuma preferência, tento um pouco de tudo na cama. Minha única solicitação nesse quesito é que seja uma mulher bem gostosa, disposta e que adore foder. O resto, resolvemos na hora.

Entro com minha moto na garagem do prédio e chamo o elevador, ativando-o com minha chave da cobertura. No térreo, ele para e, mais uma vez, vejo Isabella.

Ela sorri para mim e entra caminhando meio trôpega, claramente alta com bebida. Mas que porra! Noto que ela, embora não esteja vestindo o blazer, está com a mesma roupa que usava no escritório, apenas seus cabelos estão diferentes, soltos.

— Frank Villazza! — cumprimenta-me quase gritando. — Meu Deus, esses encontros em elevadores estão ficando chatos e previsíveis...

Aperto o botão de fechar portas, porque a tonta não apertou o número do seu andar.

— Vejo que a noite foi boa... — digo isso meio puto, porque, se Gio não tivesse chegado, eu teria feito o maior papel de bobo da minha vida! Eu

querendo encurralá-la, e ela nem mesmo estava em casa. Otário!

— Ah... não! — Sorri para mim e se aproxima. — Foi uma merda! — Levanto a sobancelha ao ouvir o palavrão. Bêbada, com certeza! — Me arrastaram para o Victor e me fizeram brincar de um negócio em que, a cada erro, eu tinha que virar tequila... — Ri, meio boba. — Descobri que sou péssima jogadora! E olha que eu nem bebo em dias de semana...

Balanço a cabeça, mas sorrio de volta. É loucura uma mulher sozinha beber desse jeito e depois ir para casa de táxi, mas não serei eu a dizer isso a ela, mesmo porque não tenho nada a ver com isso.

— Mas pelo menos me livre de você...

Opa, o assunto começa a me interessar.

— Como assim?

Ela ri e se aproxima mais, como se quisesse falar bem baixo para que ninguém escute, embora estejamos a sós, de madrugada, dentro de um elevador.

— O jantar... — sussurra, mas depois olha para minha jaqueta, para o capacete e a chave da moto na minha mão. — Ah... você nem se

lembrava mais disso! — Fecha os olhos e gargalha, jogando a cabeça para trás. — Eu passei a noite toda fazendo hora para não voltar para casa e ficar tentada a te convidar para jantar! Mal sabia que você estava na farra!

Cazzo! Seguro-a pelos braços e a faço ficar bem perto de mim, mas antes que eu fale ou tente algo, o elevador para na cobertura e vejo a porta do meu flat.

— Você tem noção do que eu quero fazer com você agora? Do que eu já queria antes? — questiono tentando controlar minha excitação. — Porra, Bella, eu não vou parar só porque você está bêbada...

Ela me olha petulante e desafiadora.

— Quem disse que eu quero que você faça alguma coisa? — Ri. — Posso estar bêbada, Frank Villazza, mas não sou cega! — Aponta para mim. — Não vou ser a sua diversão de final de noite... O que houve? Seu charme fatal não fez vítimas hoje?

Ela se afasta de mim.

— Você não pode negar que me deseja. — Cruzo os braços sobre o peito. — Não depois de ter admitido que foi beber para me evitar...

— Não nego. — Faz que não com a cabeça

para enfatizar. — Mas sou eu quem vai decidir quando e *se* vai rolar algo a mais entre nós. Eu. E agora eu digo *não*. — Ela aperta o botão do sétimo andar. — Boa noite, *poderoso chefe*. — E me manda sair do elevador com a mão.

Saio antes que as portas se fechem, dividido entre me sentir divertido ou com raiva das palavras dela. O desafio ficou ainda mais gostoso! Agora, ter Isabella implorando por mim será a meta da minha vida!



*Chega de medos, chega de medos
Eu realmente não quero chorar.
Sem drama,
Basta de drama em minha vida!
Eu nunca mais quero me machucar.
No More Drama – Mary J Blige*

Acordei com uma dor de cabeça tão

NACIONAIS - ACHERON

desgraçadamente forte que sinto tudo latejar só de olhar para a tela do computador. Nem mesmo o banho demorado e o café forte conseguiram quebrar essa ressaca na qual me encontro.

Sério, dói como o diabo! Engulo duas aspirinas de uma só vez, esperando que elas consigam me deixar, pelo menos, mais confortável para trabalhar.

Demorei a chegar ao trabalho porque eu estava um caco, física e emocionalmente falando. Queria postergar meu encontro com o Frank o máximo que desse, porque sei que fiz merda na noite passada.

Bufo, lembrando-me de como me senti quando o vi dentro daquele elevador de novo. Essa nossa história com elevadores já está ficando muito chata, a ponto de eu, por temer encontrá-lo essa manhã, ter descido sete andares pela escada. Enfim, tudo o que eu não precisava era estar naquele lugar com ele mais uma vez, porque senão eu iria achar que era algum tipo de conspiração do destino. Já é azar demais eu estar morando no mesmo prédio e trabalhar na mesma sala que ele, eu não preciso de mais nada para me levar à loucura.

Odeio a forma como esse homem mexe

comigo. Não sei se é somente pelo fato de ele ser gostoso ou se, por eu estar na seca há um tempão, meu próprio corpo esteja me sabotando. Só sei que Frank Villazza altera meus batimentos cardíacos, minha temperatura corporal, faz-me sonhar com ele e acordar molhada e latejante. Sim, ele faz isso tudo em mim.

O beijo que ele me roubou dentro do elevador ontem pela manhã ficou na minha mente por todo o dia, e ficou pior pelos beijos da tarde, no escritório. Esse homem sabe beijar de um jeito que parece que está fazendo sexo com a boca! Eu tinha acabado de ter mais uma conversa tensa e complicada com meu pai, ao telefone, estava chateada e querendo alguém que pudesse me entender, que me abraçasse. Então senti o perfume de Frank e soube que ele tinha entrado na sala.

Quando ele me abraçou pelas costas, eu sabia que devia recuar, que devia impedir aquela aproximação entre nós, mas eu queria tanto um abraço que o deixei prosseguir.

Só que, depois, a carência afetiva que eu estava sentindo se transformou em carência sexual, porque os beijos dele, sua língua, suas mãos substituíram toda a tristeza por desejo.

Sinceramente, nunca entendi muito bem o que as outras mulheres chamavam de “pegada”, mas depois de ontem, tudo ficou bem explicado. O que senti nos braços dele com apenas uns beijos, eu nunca havia sentido antes. Um desejo tão forte, tão incontrollável que me deixou completamente à sua mercê. Sim, esse homem tem a tal pegada, e isso vai muito além da sua aparência, é mais sua atitude, suas ações, embora o seu corpo também seja um sonho, não posso negar!

Penso na foto dele seminu que vi na internet e sinto um arrepio percorrer minha pele ao me lembrar do quão próxima estive dele, a ponto de sentir o quanto estava excitado quando me beijou. Saber que um homem, aquele homem, me deseja a tal ponto me fez sentir poderosa.

E isso é só um agravante nessa história toda, porque eu, que já estava curiosa sobre estar em sua cama, agora sinto essa vontade de sentir seus beijos, suas carícias, de deixar que ele me dê todo o prazer que seus olhos e seu sorriso me prometem. Entretanto, de verdade, tenho muito medo de me envolver com ele além do que seria recomendável, de não saber separar o sexo de um sentimento mais profundo, e isso, com Frank, seria um desastre.

Eu sempre soube, pelas revistas e sites de fofocas, que ele nunca teve um relacionamento estável com mulher alguma e, ontem, ele mesmo deixou isso claro para mim. Ele só quer sexo.

Todavia, eu ainda não sei se consigo fazer desse jeito, pois nunca pensei que uma relação íntima pudesse ser boa sem ter sentimentos envolvidos. Nunca, antes de me apaixonar, eu tive vontade de experimentar o sexo, e só fui para a cama com um homem, meu único homem, porque estava apaixonada, envolvida e pensava que era correspondida da mesma forma.

Odeio pensar em Alberto, odeio me lembrar do quanto fui idiota e, também, de toda a dor que isso me causou, além de problemas mais práticos como minha autoestima abalada, desemprego e o risco de tomar bomba na faculdade.

Eu me entreguei por amor, mas o que ganhei com isso? Qual a diferença que isso fez na minha vida? Nenhuma! É como se eu olhasse para trás e tudo o que eu supervalorizei se resumisse a ilusões e mentiras. Alberto nunca poderia ter me amado, porque amava demais a si próprio para pensar em outra pessoa. Afinal, apesar de manter um relacionamento estável comigo, nunca deixou

de ser um conquistador. Adorava a atenção que ganhava das outras mulheres e as encorajava, e eu, crédula, achava que isso era somente um traço de sua personalidade, que ele apenas gostava do flerte. Quão iludida eu estava.

Sinto minha cabeça latejar ainda mais e tento focar novamente no estudo do caso Baden. Eu quero muito que isso tudo acabe o quanto antes, mas sei que, pelo menos, irá levar mais umas semanas para sair a decisão do recurso criminal.

Talvez seja melhor eu voltar para São Paulo nos fins de semana. Não é o que eu planejei, pois queria aproveitar um pouco a liberdade de estar longe de casa e o que esta cidade linda tem a oferecer, mas é o mais sensato.

Desisto de tentar fingir que estou prestando atenção ao que leio e olho para a imponente mesa de Frank, estranhando que ele ainda não tenha chegado, pois já são 10h da manhã e não há sinal dele. Não posso negar que não o ter por perto para mim foi um alívio quando cheguei.

Mal acabo de pensar nisso, escuto sua voz e a porta da sala sendo aberta.

Seguido por Alice, Frank entra vestindo um terno preto de corte italiano que o veste como uma

luva. O seu perfume invade a sala, e eu, disfarçadamente, respiro mais fundo para absorvê-lo.

— Peça ao Luiz Henrique que me aguarde na sala de reuniões, que eu estarei lá dentro de alguns minutos — ele passa instruções para Alice. — Eu preciso conversar com a doutora Romanza primeiro, depois vou para lá.

Eu, que, desde que ouvi sua voz, passei a digitar um monte de coisas sem sentido, paro de fingir e olho para ele. Despeço-me de Alice, que nos deixa a sós e o observo colocar alguns documentos sobre sua mesa. Um frio percorre minha coluna, e temo que ele comente sobre o que aconteceu nessa madrugada.

— Eu queria te pedir um favor. — Não consigo disfarçar minha cara de surpresa, mas ele não está me olhando, apenas mexe nesses malditos papéis. — Há a necessidade de a empresa contratar um estagiário para ajudar a você e sua equipe?

Nem preciso dizer que estou duas vezes mais surpresa com o tom e com a pergunta. Definitivamente eu nunca consigo prever o que esse homem fará.

— Eu já havia pensado nisso e ia conversar

com você sobre a possibilidade — comento, voltando meu foco ao que realmente interessa, o trabalho. — Comentei ontem com a doutora Priscilla, e ela disse que uma ajuda com os depoimentos seria bem-vinda.

— Que bom. — Ele deixa sua pasta em cima da mesa e caminha até bem perto de mim. — Agora preciso pedir outra coisa... — Dá-me esse sorriso meio torto, e minhas pernas se fecham involuntariamente debaixo da mesa. — Teria como você a convidar a fazer parte da sua equipe?

— Quem? — pergunto curiosa.

— A Marina. — Eu assinto, não vendo problema nenhum nisso. — Ela quer começar a ter experiência com o Direito, mas no escritório onde ela trabalhava como secretária, eles não lhe deram essa oportunidade, então...

— Claro que sim! Eu vou adorar ter a Marina na equipe, gostei muito dela! Eu só não sei como abordar esse assunto...

— Pode deixar, que eu já dei um jeito nisso hoje de manhã — interrompe-me. — Eu estive na casa deles e marquei um almoço. Tenho certeza de que o assunto surgirá...

— Almoço? — Fico nervosa. — Quem irá

participar?

Ele me dá esse seu sorriso safado, com um olhar malicioso. Eu quero poder fugir dele, tentação do diabo!

— Nós.

Alice entra na sala de novo, e ele se afasta um pouco de mim. Frank pega uma xícara de café da bandeja que ela carrega, e eu pego outra; cafeína sempre me ajuda a pensar melhor.

— Obrigada, Alice — agradeço.

— Já se sente melhor? Se quiser, tenho mais aspirina...

— Não precisa! — digo interrompendo-a.
— Já melhorei, obrigada!

Devolvemos as xícaras vazias. Quando Alice sai, já me preparo para ouvir alguma gracinha do *poderoso chefe*, mas novamente sou surpreendida.

— Vamos ao LaMare. Nossa reserva é ao meio-dia em ponto. — Sai sem se despedir.

Homem odioso! Pensei que ia fazer piada com minha ressaca, que iria comentar algo sobre nosso encontro no elevador, mas nada! Ele simplesmente está fazendo de conta que nada daquilo aconteceu.

Tento relevar pensando que, talvez, essa atitude seja melhor. Quem sabe ele não pensou melhor e desistiu de me levar para a cama? Um sentimento de derrota passa por mim, mas não presto atenção nele. É melhor seguir somente trabalhando, nada mais. Isso é o sensato a se fazer e é o que eu vim fazer aqui em Curitiba.

Eu sabia quem ele era, sabia de toda a lenda que girava em torno do seu charme e sua vida de boêmio. No começo fiquei até com raiva de ter de lidar com outro homem assim, principalmente depois da nossa primeira reunião, mas o convívio aqui, nessa sala, nossos encontros casuais nesses malditos elevadores, seus beijos, tudo isso foi minando meu desprezo e fazendo fluir essa atração louca e forte.

Não! Eu não posso me deixar levar por esse homem, pelo menos, não ainda. Antes de tomar qualquer decisão sobre ter ou não uma noite com ele, preciso me certificar de que esteja pronta para isso. Não quero estar vulnerável a ponto de me apegar, de querer mais do que ele pode me dar.

Talvez essa seja a oportunidade que eu tenha de crescer, de deixar de ser a menininha da mamãe e me tornar uma mulher independente e

madura emocionalmente, afinal, essa história de amar para ter sexo já está superada há muito tempo.

São 11h30 da manhã, e eu já estou pronta para ir almoçar. Estou encostada à mesa de Alice, esperando que ela encontre o cartão do taxista que sempre usa e cujo ponto fica próximo ao hotel.

— Eu sei que está num desses porta-cartões.
— Olho-a procurar nessas pastinhas cheias de cartões de visita e me questiono sobre de qual planeta essa mulher veio.

Eu não via um porta-cartões há anos, e ela tem um, assim como sua famosa agenda de papel. Alice deve estar na casa dos trinta anos, mas gosta dessas coisas, apesar de ser uma expert em computação, porque ninguém mais nesse andar entende tanto do sistema interno da Rede como ela.

— Ah, aqui está! — Ela me entrega o cartão. — Ele é ótimo, confiável e não enrola. — Ri. — Quando você precisar sair daqui da empresa, é só ligar, que ele irá esperá-la à porta do hotel.

— Obrigada, Alice. — Gravo os números dele no meu celular e lhe devolvo o cartão. — Eu

não sei onde o LaMare fica, mas com certeza ele deve saber, não é? — Ponho o telefone na orelha, ouvindo-o chamar. — Achei que fosse mais fácil achar táxis aqui em Curitiba, mas não, né?

— Táxi? — escuto a voz de Frank.

— Sim — Alice é quem responde. — Dei o número do Sebastião para ela, o taxista que eu sempre indico...

— Sei quem é. — Ele mostra sua pasta, a que contém seu laptop, para Alice. — Você poderia colocar na minha sala? Eu vou direto para o almoço.

Ela pega a pasta e se despede de mim com um aceno enquanto ouço alguém dizer “alô” do outro lado da linha. Entretanto, antes que eu diga alguma coisa, o telefone é abusivamente arrancado da minha mão, e a ligação, interrompida.

— Você vem comigo. — Frank me pega pela mão e sai me arrastando para fora da área de escritórios rumo ao elevador.

— Eu pensei que você já tivesse ido...

— Eu convidei você para almoçar, seria uma grosseria deixá-la ir de táxi.

— Me convidou? — Rio. — Não me lembro disso!

Ele me olha feio e me empurra para dentro do elevador.

— Você entendeu o convite! Preciso de você lá para convencer minha cunhada a vir trabalhar aqui de novo...

— De novo? A Marina já trabalhou aqui?

— Sim — responde apenas isso. — Mas ela é muito orgulhosa e, se souber que a ideia do estágio partiu de Tony e de mim, nunca aceitará.

Aquiesço, percebendo aonde ele quer chegar.

Descemos em silêncio até a garagem, e sigo com ele, esperando ver o carro com motorista que ele usa quando vai à empresa, mas me surpreendo quando vejo o alarme de um Range Rover ser desarmado.

— Seu carro não é um Mercedes? — pergunto desconfiada.

— Hoje vim dirigindo, pois tive que resolver um assunto pessoal e dispensei o Clayton. — Presumo que esse seja o nome do motorista. — Mas não precisa se preocupar, eu dirijo muito bem.

Entro no carona, e ele dá a volta no carro e toma assento atrás do volante. O carro é enorme, confortável e cheio de tecnologia, mas tenho

dificuldade em imaginá-lo dirigindo, pois sei que Frank Villazza é um apreciador e colecionador de motos.

— Achei que você só pilotasse aquelas coisas...

Ele dá uma risada rouca ao dar a partida no carro.

— Prefiro. — Sai da vaga e vai rumo à rampa que nos levará à rua. — E não se refira às minhas máquinas como “aquelas coisas”.

Agora sou eu quem ri desse melindre todo sobre suas motos. As revistas que o idolatram sempre têm uma foto ou outra dos modelos de motocicleta que ele possui. Cada vez que ele compra uma nova, uma revista exhibe o modelo e faz uma listagem da potência, acessórios e prêmios do veículo.

Quando eu pesquisei sobre Frank na internet, a maioria das fotos que vi era dele sobre uma moto, e isso, é claro, ressalta ainda mais sua fama de rebelde.

— Sabe que você é a primeira mulher fora da minha família que anda no meu carro? — comenta comigo com a atenção no trânsito.

— Mesmo?! Você só anda com suas

peguetes em suas motos?

— Não, eu não ando com minhas *peguetes* em lugar nenhum, Isabella — fala com o semblante sério.

Isso me deixa constrangida, pois não sei o que significa. Tento não conversar mais nada, apenas ouvir o country americano — sim, eu também não podia imaginar que ele gostasse desse estilo — que soa no carro, mas não resisto a perguntar sobre a canção.

— Chama-se *Whiskey Tennessee*⁵³. Eu aprendi a gostar de country nos últimos anos em que morei no Estados Unidos — ele parece relaxado ao falar da música. — Antes eu só tocava e ouvia rock, mas hoje gosto de tudo um pouco.

— Qual instrumento você toca? — questiono enquanto o vejo contornando uma rotatória.

— Guitarra, violão e baixo. — Ri. — Eu fiz parte de uma banda de rock na adolescência e durante a faculdade.

Sério mesmo, Frank Villazza? Motoqueiro, roqueiro, guitarrista. Tento imaginá-lo com cabelos longos e brinco na orelha. Será que ele tem piercings? Oh, meu Deus! Será que tem tatuagens?

Eu adoro tatuagens! Não percebi nenhuma nas fotos dele na internet.

Entramos em outra garagem subterrânea, mas nessa, ficamos na entrada, e Frank entrega as chaves a serviço do valet que é responsável por estacionar o carro.

Novamente entramos em um elevador — esse tem aquela musiquinha típica. Não resisto a rir quando escuto *My Way* ao piano.

— Eu também não gosto muito do jeito que é tocada — ele explica. — Marina e Tony já devem estar aí nos esperando. — Assinto. — Deixe o assunto fluir, que vamos dar um jeito de falar do processo, e aí você fala sobre a contratação de um estagiário.

— Ok, já entendi isso. — Rio. — Estou me sentindo numa conspiração contra sua cunhada!

— É uma conspiração a favor, não contra. — Dá de ombros. — Mas ela é cabeça-dura demais para aceitar se nós oferecêssemos. Iria pensar que estamos fazendo isso só porque ela é noiva do Tony...

— Entendi, não se preocupe. Vou convencê-la a trabalhar comigo.

Ele me dá *aquela* sorriso, e eu seguro minha

PERIGOSAS

respiração por uns segundos.

NACIONAIS - ACHERON



Eu quero me libertar

Eu quero me libertar

Eu quero me libertar das suas mentiras

I want to break free – Queen

Como ele previu, Tony e Marina já estão sentados à mesa desse incrível restaurante. O LaMare é um restaurante italiano, mas, como o NACIONAIS - ACHERON

nome já sugere, especializado em comida do mediterrâneo, basicamente frutos do mar, especiarias e, é claro, vinhos. É moderno, piso de mármore branco e preto, mesas com toalhas de linho, cadeiras estofadas. O lugar transpira requinte e sofisticação. Penso no meu pai e no quanto ele iria gostar daqui, mas logo desvio meus pensamentos dessa rota.

— Oi, chegaram! — Tony me cumprimenta e dá um abraço no irmão.

— Oi, Isabella, como vai? — Marina me dá os famosos dois beijinhos cariocas.

— Vou bem, e você?

Ela sorri e me responde que sim.

Frank puxa uma cadeira para mim, o que me faz levantar a sobrancelha, porque lá no estacionamento ele não me ajudou a entrar ou a descer do carro.

— Já pediram? — Tony confirma, e Frank me passa um cardápio.

— Eu pedi o polvo, baby... — Tony aponta para o cardápio, indicando o prato ao Frank. — A Marina vai comer risoto de caranguejo.

Faço uma careta involuntária, pensando na estética do prato escolhido por Tony. Nunca na

minha vida consegui comer polvo ou lula, porque a textura do bicho não desce pela minha garganta.

— Eu quero o polvo também! — Frank parece animado, como se realmente apreciasse essa coisa. — Doutora Romanza?

É sério?! Ele continua a me chamar de “doutora Romanza” perto das outras pessoas. Que hipócrita!

— Vou querer truta, doutor Villazza. — Aponto ao garçom o que escolhi.

Tony gargalha quando o chamo assim, e Frank parece constrangido.

— Doutor Villazza é como chamam meu *babbo*, doutora Romanza, por isso o *stronzo* do meu irmão está rindo. Chame-me de Frank.

Tenho vontade de rir, mas me contenho. Sei o joguinho que ele está jogando! Ele quer manter a distância, deixar bem claro para mim que, embora eu esteja aqui ao seu lado, com sua família, sou apenas alguém que trabalha para ele. É o jeito dele de me sinalizar “não confunda as coisas, você só está aqui para me fazer um favor”. Babaca!

— E então, Isabella, como vai o trabalho no processo? — incrivelmente, Marina facilita as coisas me perguntando isso, depois que todos

estivemos em um silêncio constrangedor.

— Vai muito bem! A equipe é muito competente, mas minha assistente e eu estamos atoladas com os pormenores do caso. Eu não pensei que houvesse tantas pessoas arroladas como testemunhas. — Ela concorda. — Até mesmo disse ao doutor Villazza, quer dizer... — dou um sorriso cínico para ele — ...para o Frank, que teremos que contratar alguém para auxiliar a Priscilla, senão não daremos conta.

— É mesmo? — Marina parece interessada.

— Eu pensei em você... — olho para o Tony — se não tiver problema de você trabalhar por lá, mas o doutor — o Frank — disse que já trabalha em um escritório...

— Mas se não trabalhasse, eu não teria nenhuma oposição em tê-la estagiando na empresa, viu, Marina? — ele ressalta, experimentando o vinho que acabou de ser servido.

A noiva de Tony fica muda por um instante, pensando e, antes de responder, olha para o noivo, que apenas assente.

— Na verdade, eu saí do escritório, Frank. — O canastrão finge-se de surpreso. — Eu quero muito começar a trabalhar na área, e lá, bem, não

tinha essa possibilidade.

— Ah, Marina, então vem trabalhar comigo! — eu peço com sinceridade, pois sei o quão importante é já ter a prática antes mesmo de se graduar. — Eu prometo não abusar muito de você e nem ficar te colocando para tirar xerox... — Dou uma risada divertida, e ela me segue.

Todos que já cursaram Direito sabem que, quando se começa um estágio, viramos uma espécie de office boy. Tiramos xerox, entregamos e levamos documentos, ficamos em filas de bancos, mas só depois de muito tempo é que conseguimos, de fato, trabalhar com as causas, seja na produção de peças ou auxílio em audiências.

— Ai, Isabella, você é um anjo! — Ela abre um sorriso tão lindo e tão emocionado que eu vejo o Tony se derreter por ela. Meu, como esse casal se ama!

Sorrio vitoriosa para Frank e consigo notar gratidão e, talvez, admiração em seu olhar.

O restante do almoço foi muito agradável. A comida estava deliciosa, o serviço, incrível, e as

companhias, até mesmo a do *poderoso chefe*, muito divertidas.

Notei o quanto Frank gosta da cunhada e como os dois se provocam como dois irmãos. Notei também que o Tony é um tanto cheio de manias, mas que todos parecem nem perceber isso. Entretanto, acima de tudo, o que senti naquele restaurante é o quanto aquele arreado homem ama sua família. Percebi, nas brincadeiras dele com o Tony, o tanto que são unidos e o quanto são orgulhosos do trabalho que realizam juntos. Marina, já integrada àquela família, sempre estava tocando no noivo, trocando olhares que só eles entendiam e debochando, junto com Tony, do cunhado. Porém, a julgar pela operação “contratar Marina” que Frank montou, os dois se gostam muito!

Na volta para o trabalho, viemos praticamente todo o caminho em silêncio. Eu estou um tanto abalada com o que vi, porque nunca pensei que um homem que se pinta de tão frio e prático fosse tão apegado aos seus. Ver esse outro lado do *poderoso chefe* me deixou um tanto perdida, confusa, aumentando meu medo de estar próxima a ele.

Um pouco antes de chegarmos ao Batel, escuto-o cantar baixinho um clássico do rock que está tocando e, se eu não estiver enganada, é *Cry Baby*, de Janis Joplin.

Fecho os olhos, balançando minha cabeça, tentando deixar de ouvir a voz grave e sexy cantando. Deus do Céu, o homem já é irresistível sem cantar, cantando, então, fica impossível.

Subo antes dele, porque mal Frank parou o carro na vaga, desci e segui para o elevador. Entro no banheiro e tiro minha nécessaire da bolsa para escovar os dentes, pensando que, provavelmente, ele deve estar achando que estou com dor de barriga, tamanha a velocidade da carreira que dei para fora do carro.

O homem não presta! Ele usa as mulheres! Ele nunca ficou tempo suficiente com uma para saber sua história! Ele só sabe transar, meter, foder, mas não sabe amar! Eu fico repetindo tudo o que sempre soube sobre ele, tentando apagar a imagem humana e carinhosa dele com o irmão. Ele não tem coração, pelo menos não para uma só mulher! Ele nunca seria fiel e confiável! Ele nunca seria um bom parceiro além da cama!

Encaro-me no espelho. Vejo o rosto

parecido com o da minha mãe, mas, infelizmente, os olhos são os do meu pai. Fico pensando se, quando os dois se conheceram há quase trinta anos, ela se viu numa situação igual à minha, tentando se convencer a ficar longe dele.

Eu não quero ser como ela! Eu não quero brincar com fogo e me queimar pelo resto da vida, não quero. Eu quase fiz isso anos atrás com Alberto, mas consegui juntar meus cacos e seguir em frente.

Isso só pode ser uma maldição, não é possível outra explicação, como um círculo vicioso que me faz seguir os passos dela, aproximando-me de homens impossíveis, insensíveis, infiéis e, o pior, com síndrome de Deus!

Não! Eu faço meu destino! Respiro fundo e aprumo o corpo ao pensar nisso. Eu preciso parar de pensar que, só porque quero fazer sexo com alguém, eu vou me apaixonar. Tenho que parar com esse medo bobo, afinal, hoje sou uma mulher moderna, independente, não tenho mais vinte anos!

Vinte anos! Oh, meu Deus, já faz oito anos desde minha última transa?! Eu pasmo ao me dar conta do tempo que se passou desde a última vez, com Alberto. Eu era quase uma menina,

impressionada com o homem experiente e maduro, admirada por ele me querer.

Continuo a me encarar, tentando ver a mesma menina de novo. Porém, não, não a vejo mais. Sorrio confiante ao constatar que ajo como se ainda fosse ela, mas que já não sou. Depois da desilusão eu ressurgi, foquei nos estudos, agarrei todas as oportunidades que apareceram, tive três trabalhos publicados em revistas científicas de direito, consegui me formar, passar no exame de ordem, ingressar na pós-graduação e depois fazer mestrado e doutorado.

Eu venci mesmo sem ele. Eu consegui realizar, sozinha, o que ele sempre jogou na minha cara que eu não conseguiria por ser muito insegura e tímida. Hoje sou reconhecida como uma das melhores dessa nova geração de advogados e já começo a colher frutos do meu trabalho, pois, no final desse ano, irei adquirir meu próprio apartamento à vista num ótimo bairro de São Paulo.

Não sou mais aquela garota! Durante todos esses anos, não me deixei envolver com mais ninguém, conquistei até a fama de ser fria e ambiciosa, além de teimosa. Amo o que faço, faço bem e não tenho vergonha de dizer que sou boa.

Parece que um enorme peso saiu das minhas costas. Meu sorriso é confiante e firme. Chega de drama! Chega de lágrimas e insegurança! Chega de medo! Sou uma mulher jovem e saudável e, se eu quiser dar para quem quer que seja só para ter uma boa gozada depois de oito anos na seca, eu vou dar!

Sinto uma energia positiva passando por mim e saio, como uma princesa – não, como uma rainha – do banheiro. Entro na sala e vejo Frank sentado à sua mesa, trabalhando. Ele me olha desconfiado, e dou um sorriso confiante para ele. Vejo a sua sobrancelha subir e o ignoro, colocando meus óculos de leitura e ligando o laptop.

Sinto-me tão bem e tão animada para trabalhar que nada me distrai, nem mesmo o homem sentado à minha frente. Não vou mais ficar igual a uma adolescente babando nele, não, senhor. Quando eu quiser, vou deixar as coisas às claras.

Escuto-o conversar em italiano no celular e tenho a percepção de que ele está de pé, perto das vidraças que dão visão para a Praça do Japão.

Horas depois, sinto uma mão no meu ombro.

— Ei, workaholic, não a vi nem beber uma água depois do almoço! — Ele aponta para um

copo, surgido do nada, em cima da minha mesa.

— Estava concentrada. — Bebo, notando que minha garganta está seca. — Obrigada. — Volto a digitar.

— Já são quase 10h da noite, sabia?

Arregalo os olhos e solto um gritinho de susto quando o escuto informar as horas. Ele está encostado a sua mesa, mãos no bolso e sorriso malicioso na cara.

— Guria, você se desliga quando está fazendo isso aí. — Aponta para o computador. — Quando deram 9h, horário em que eu geralmente saio, fiquei aqui prestando atenção em você e confesso que estou surpreso!

— Não sei por que! — digo desligando o computador. — Eu te disse que era boa no trabalho.

— Você é boa em qualquer lugar, Bella.

Olho para ele e lá está o olhar provocante e cheio de desejo.

— Você não tem como afirmar isso, doutor Villazza! — provoco de volta.

Ele gargalha e vem caminhando em minha direção como um verdadeiro predador.

— Estou louco para poder dizer isso com conhecimento de causa...

Cruzo os braços sobre meus seios e o encaro, séria.

— Eu já avisei, Frank Villazza, *quando* e *se* eu quiser transar contigo, eu te aviso. — Coloco a bolsa e minha pasta nos ombros. — Boa noite!

— Estamos indo para o mesmo lugar, sabia?

Detenho-me ao ouvir isso.

— Está me oferecendo carona? Seja mais direto!

Ele fica sério e ainda mais sexy.

— Quero te levar para casa, posso?

Ah, sim, justo o lugar onde eu te queria!

— Não, obrigada, vou de táxi! — Dou uma piscadinha. — Boa noite de novo!

Escuto-o gargalhar e rio também, já mandando mensagem para o taxista que Alice recomendou.

— Tenho tanta fofoca para te contar! — Amanda, uma das minhas amigas de faculdade que eu fui encontrar no dia em que cheguei aqui, fala.

É sexta-feira, e estamos sentadas no sofá do

flat que eu aluguei, tomando um vinho de uma vinícola local que ela trouxe para eu experimentar.

— Ai, meu Deus! Adoro suas fofocas! — E adoro mesmo, pois essa mulher é um poço inesgotável de informações. — Comece!

— Sabe a Clarice da *facul*? Lembra, aquela que se sentava lá no fundo da sala?

Puxo pela memória e me lembro da garota gordinha e tímida.

— Você não acreditaria que é a mesma se a visse! — Ela pega o celular. — Olha só como ela está diferente!

Vejo uma moça com um corpão *fitness* na foto e, se não fosse pelo rosto, eu diria que Amanda está tirando uma com minha cara.

— Caramba! Nossa, ela ficou bem diferente mesmo!

Ela me conta mais coisas de nossas companheiras de faculdade. Muitas delas eram de outros estados, por isso, depois da formatura, perdemos contato.

— Agora a melhor parte da noite! — Ela se aproxima. — Como é trabalhar com o CEO playboy? Ele é tão gostoso pessoalmente quanto o é pelas fotos? — Ela rola os olhos. — Curitiba é um

ovo, mas nunca me encontrei com ele em lugar algum! Que azar!

Penso no que falar para ela sobre Frank, mas basicamente tudo o que eu sei é de domínio público, então...

— É! Ele é bem quente... — Ela bate palmas. — Mas é convencido, machista e grosseiro. Além disso, ele fuma. — Faço careta.

Ela ri muito.

— Não gosto de beijar homens que fumam... o gosto não é bom.

Rememoro os beijos que dividimos e, embora tenham tido um “quê” de cigarro, eu senti mais o gosto de café do que de fumo.

Eu não sei se ele costumava fumar em sua sala, mas desde que passei a trabalhar lá com ele, não o vi com um cigarro nenhuma vez. Ouvi-o comentar que estava tentando parar, pensei que era desculpa para evitar sermões, mas talvez ele esteja mesmo.

— Eu não sei como você consegue! Eu iria perder a concentração a cada vez que ele entrasse na minha sala. — Suspira.

Imagina se ela soubesse que ele e eu dividimos o mesmo espaço? É torturante, mas

também tem sido delicioso.

Lembro que, depois daquele dia do almoço, na terça-feira, eu passei a relaxar na presença dele. Claro que ainda sinto um tesão absurdo quando o escuto rir ou quando sinto aquele maldito perfume, mas isso não mais me oprime.

Eu sei que, uma hora ou outra, nós iremos para a cama. Eu tenho certeza disso, mas já não tenho medo, não estou ansiosa, é fato concreto esperando pela consumação.

Minha carreira começou pela área criminal e, como todo criminalista que se preze, eu estou avaliando essa situação como quem avalia um *iter crimines*⁵⁴, o tão conhecido “caminho do crime”. Já passamos pela fase interna, a da imaginação, com certeza! Agora estamos caminhando pela fase externa, cometendo atos de preparação, ainda que sutis, como olhares insinuantes, provocações, toques acidentais e propositais. Falta-nos ainda a execução e a consumação, e, nesse caso, sem nenhuma teoria objetiva e subjetiva, por favor. E, por fim, o exaurimento – confesso estar ansiosa por esse – aplicável ao nosso caso, pois comparo-o a uma gozada fenomenal.

É, eu sei que parece tosco estar comparando
NACIONAIS - ACHERON

uma atração com um crime, parece coisa da Sharon Stone naquele filme com o Michael Douglas⁵⁵, mas é assim que minha cabeça processa alguns fatos cotidianos. Cada doido com sua doideira, não é?!

— ...eu não sei se daria conta, não!

Concentro-me de novo no que Amanda fala.

— Desculpe, acabei divagando sobre direito penal aqui!

Ela ri.

— Caramba, relaxe e pare de pensar em trabalho! Eu estava falando que seu patrão, embora gostoso, é muito complicado para mim. Eu conheço uma mulher que foi para a cama com ele, e ela me disse que o playboy não transa em seu apartamento e que não carrega nenhuma mulher em suas motos e nem no seu carro, elas têm que ir por conta própria até o local onde vão... — ri, sem graça — você sabe... fazer as coisas!

— É mesmo?! — Hum, isso me interessa saber mais! — Estranho mesmo! Por que será?

— Não sei, mas, pelo que escuto dizer por aí, ele é assim desde sempre! Além disso, não costuma sair com a mesma mulher duas vezes. Essa minha conhecida mesmo só transou com ele uma vez e depois nunca mais soube notícia. — Dá de

ombros. — Imagina a legião de mulheres apaixonadas que ele deixa para trás, porque sempre tem aquela iludida que acha que com ela será diferente! — Mostra a língua e ri. — Homens como ele têm tudo o que querem nas mãos, para que mudar?

— Em time que está ganhando, não se mexe... — comento pensativa.

— Exato! — Ela levanta a taça, e brindamos juntas.

É, definitivamente Frank Villazza é um homem só para diversão, nada mais! Se... Não! Vou deixar de ser hipócrita até nos meus pensamentos! *Quando* eu for para a cama – sofá, mesa, banheiro – com ele, tenho que ter isso em mente para não fazer papel de trouxa. Vou aproveitar o máximo que puder, quantas vezes conseguirmos aguentar e depois seguir como se nada houvesse acontecido. Eu não irei ser mais uma a entrar na fila das desiludidas, não mesmo!

Amanda vai embora perto das 10h da noite. Desço para acompanhá-la até a rua, onde o seu carro está estacionado. Hoje eu saí mais cedo do escritório para recebê-la e preparar um jantar.

— Boa noite, doutora Isabella, está gostando do serviço? — Mendonça, o porteiro da

noite, cumprimenta-me.

— Boa noite. Estou, sim, Mendonça. Você poderia pedir uma faxina amanhã para o meu apartamento? Usei a cozinha e ficou um pouco engordurada...

— Claro, vou agendar para a senhora!

— Obrigada!

Ele passa à minha frente e, solícito, chama o elevador.

O sábado amanhece sem nuvens e com a promessa de um sol pleno no céu. Acordo, pego minha mala vazia e vou para o aeroporto. Tomei a decisão de não ficar em Curitiba nesse fim de semana, não por medo ou qualquer outro sentimento semelhante, mas sim para poder dar trégua ao meu celular e, conseqüentemente, aos meus ouvidos.

Minha mãe sempre foi superprotetora, sempre foi carente. Eu até entendo os motivos que a levam a ser assim, mas, desde que comentei que ia passar um tempo longe de suas vistas, ela parece a ponto de pirar, ou melhor, de me enlouquecer.

Essa semana ela me ligou várias vezes ao dia! Era uma ligação quando eu acordava, quando ia para o trabalho, durante o trabalho, na hora do almoço, do café, depois do trabalho, no jantar e antes de dormir. Isso sem contar as mensagens, fotos, vídeos, vídeos-chamadas para matar saudade... É sério! Ela está conseguindo me chocar, e olha que a conheço a vida toda!

Quando mencionei sobre ficar em Curitiba no final de semana, ela usou a sua mais poderosa arma: o drama. Disse que ela só tinha a mim, que meu pai estava viajando, que as suas amigas tinham compromisso e lamentou chegando a ponto de dizer que eu a estava deixando de lado.

Marquei minha passagem, contra minha vontade, para passar esses dois dias com ela e tentar colocar alguma razão naquela cabecinha. Será difícil, mas ela precisa entender que eu cresci e que preciso sair de debaixo de suas saias!

Quase duas horas depois, estou, enfim, chegando a casa a tempo para ajudar minha mãe a preparar o almoço. Sinto uma mistura de sentimentos ao olhar para a casa simples e térrea na qual fui criada. Mamãe sempre teve orgulho de seu lar, de seu jardim bem-cuidado e de seus

artesanatos na varanda.

Eu nasci em Taubaté, mas era quase um bebê quando nos mudamos para Vila Maria, na capital paulista. O local, segundo mamãe, era tudo o que ela poderia sonhar. Um bairro calmo, porém, com comodidades – menos o metrô, que, durante a faculdade, fez-me muita falta –, nossa casa com quintal, cômodos grandes, uma vida simples, como ela sempre quis. Foi lá que ela durante muitos anos lecionou História numa escola pública na qual eu estudei também e que agora, já aposentada – mamãe começou a lecionar ainda em Taubaté aos 19 anos – confecciona seus trabalhos manuais de costura, patchwork e pintura em tecidos.

No entanto, não se engane com minha mãe! Apesar de ter mais de cinquenta, de ser aposentada e fazer artesanato, ela não é essa velhinha que você imaginou, não.

Vejo-a abrir a porta assim que desço do táxi. Sorrio para ela, que já vem descendo a pequena escada de pedras do jardim a fim de abrir o portão para eu entrar. Não, dificilmente minha mãe poderia passar por uma senhorinha. É um pouco mais alta que eu e também, para minha comiseração, mais esguia, mas seus cabelos negros

e pesados, com leves cachos nas pontas – quando compridos, porque ultimamente ela entrou na onda do Bob⁵⁶ – são iguais aos meus.

— Isa! — Abraça-me forte igual vovó fazia. — Eu estava com saudades! — escuto sua voz emocionada.

— Nos vimos há uma semana! — tento trazê-la de volta à razão. — Sem contar todas as ligações, vídeos... Não sei como você ainda sente saudades!

Ela me olha com a expressão que sempre usa quando estou encrencada.

— Quando foi que você ficou tão insensível? Eu te vi, mas não te toquei. — reforça suas palavras me abraçando de novo. — Você é minha filha, é parte de mim!

Ai, meu Deus! Só falta ela começar a me dizer como eu fui feita... igual ela me explicava quando eu era criança! Ainda posso ouvir a sua voz: “Papai do Céu pegou um pedaço do meu coração e misturou com um pedaço do coração do papai...”

— E sempre serei, mamãe! — Resolvo deixar a bronca para mais tarde.

Dona Hilda tem o dom de evitar conflitos. É
NACIONAIS - ACHERON

tão meiga, tão prestativa, tão emotiva que qualquer um perde a vontade de brigar com ela. Por anos eu vi meu pai lambar o chão que ela pisava, e ela, por sua vez, tratá-lo como um rei.

Eu achava que tinha a família mais perfeita do mundo... Ledo engano!

— Disse ao seu pai que você vinha ficar comigo nesse final de semana, e ele me contou que vocês dois mal se falaram nesses dias. — Olha-me carrancuda. — Isa, você precisa melhorar sua comunicação com seu pai, ele sente falta da menininha dele...

— Mãe. — Respiro fundo. — Já está tudo bem entre nós, não se preocupe. Eu estou ocupada trabalhando no Paraná, e não de férias.

Eu pego minha mala e a levo até o meu quarto. Quando fecho a porta, assim que entro, sinto-me segura e protegida do mundo. Este lugar é meu santuário, o local onde passei por todos os momentos importantes da minha vida.

Olho minha parede de fotos e sorrio, vendo meus amigos de colégio, de faculdade, de trabalho. Vejo também minhas milhares de primas e meu único primo. Coitado! Sempre ficou perdido no meio de tantas meninas.

Ao lado fica a estante de livros, com minhas coleções de romance policial e mistério, além, é claro de clássicos. Mamãe tem mantido tudo limpinho, como eu sempre fiz, tirando a poeira deles uma vez por semana.

Na minha escrivaninha há um computador de mesa, uma luminária e, acima dela, prateleiras cheias de livros de direito.

Sento-me na beirada da cama de solteiro – ainda acho que mamãe pensa que sou virgem, apesar de Alberto – e olho para meu guarda-roupa, desanimada. Eu trouxe minha mala completamente vazia, pois irei levar mais roupas para Curitiba, além de uns livros e artigos pessoais que estão me fazendo falta.

Escuto uma batida à porta e, logo após, mamãe põe a cara para dentro.

— Lasanha ao sugo?

Sorrio. Nada melhor que uma boa massa caseira para levantar meu astral.

— Com certeza! — Levanto-me, e seguimos juntas para a cozinha.

O domingo chegou tão rápido que mal tive tempo para passear ou visitar alguns amigos. Eu pretendia ficar algumas semanas sem vir para casa – mamãe ainda não sabe disso – por isso resolvi dedicar cem por cento do meu tempo a ela.

Depois do almoço assistimos a uma maratona de filmes. Jantamos com duas vizinhas que moram em ambos os lados da nossa casa e ainda tivemos uma partida de buraco.

Antes de dormir, fiquei conversando com minha mãe sobre a cidade e o trabalho e é claro que tentei omitir Frank Villazza da conversa, mas mamãe tem um sexto sentido muito acurado sobre mim.

— Me conta do grosseirão! E aí, conseguiram se acertar?

Confesso que senti meu coração trepidar dentro do peito, pensando no tipo de acerto que estou fazendo com ele.

— Sim, trabalhamos pacificamente — respondo da maneira mais natural possível, porque mamãe é quase uma telepata. — Tivemos alguns atritos, mas todos solucionáveis.

— Hm... — Ela me encara. — Ele é bem gostoso, não é?

— Mamãe! — Arregalo os olhos e caio na gargalhada.

— Não sou cega, Isa. Sei reconhecer um homem gostoso, olhe só seu pai! — Rolo os olhos. — Nossa, não posso nem pensar nele há trinta anos! Uau! Deixaria até esse seu Francesco no chinelo!

Meu corpo gela ao ouvi-la dizer *seu Francesco*. Oh, meu Deus, será que dei bandeira? Será que ela sabe do meu interesse no homem?

— Porque uma coisa é certa, filha. — Olha-me séria. — Ele é bonitão e tudo mais, mas não vale nada! — recrimina-o. — Mantenha-se distante desse tipo, viu? Você é linda, jovem, e ele também não deve ser cego...

Ai, merda!

— Não se preocupe, dona Hilda. — Beijo-a, tentando disfarçar. — Frank Villazza não mexe com meu coração...

— Não estava falando exatamente do seu coração...

— Mãe! — Pronto, estou chocada mais uma vez. Meu rosto queima, e eu sei que, malditamente, estou corada.

— Aquele homem arrasta devassidão por

onde anda! Ele é moderno demais, até mais do que o doutor Alberto... Então, cuide-se.

Ai, meleca! Ela citou o Alberto e o Frank na mesma frase. Que sagaz!

— Estou ciente disso, mãe, não se preocupe! — Finjo um bocejo. — Vou dormir, boa noite.

— Boa noite, eu te amo.

Quando me deito, sem sono, as suas palavras pairam em minha cabeça. Minha mãe é do tipo romântica até os ossos, e meu pai é seu primeiro e único homem, então ela não entende muito sobre relacionamentos casuais.

Se eu dissesse que o que eu quero com o *meu Francesco* é somente uma noite intensa de sexo selvagem, ela provavelmente me trancaria em casa e me proibiria de retornar a Curitiba.

Dona Hilda iria romantizar, iria me dar dicas de como fazê-lo se apaixonar, iria querer transformar o casual em permanente, o sexo, em relacionamento, e isso é tudo no que eu não quero nem pensar.

Amo minha mãe, mas não creio que ela seja a pessoa certa para me dar conselhos sobre o que fazer com Frank Villazza, pois ela vê corações

flutuando em todos os lugares.

Por fim, adormeço e acordo sentindo cheiro de pão frescoquentinho e café.

— Seu pai quer falar com você! — mal dou bom-dia, e ela enfia o telefone na minha mão.

Eu bufo um pouco, mas faço o que ela manda.

— Oi, pai!

— Isa, sua mãe me disse que você está trabalhando para a Rede Villazza, isso é certo?

Olho para ela puta. Fofoqueira! Eu havia dito a ela que não queria que ele soubesse disso.

— Sim.

— Você já conheceu os dois irmãos?

— Já, pai — digo desanimada. — Conheço Frank e Tony!

Ele xinga um pouco, o que me deixa ainda mais magoada com ele.

— Eles sabem quem você é? — essa pergunta faz meu coração se quebrar mais uma vez.

— Não, eles não sabem. E não precisa se preocupar, eles não irão saber...

— Eles sabem quem eu sou, Isa.

Eu já imaginava isso, mas não posso ficar com medo de todo mundo por causa de quem meu

pai é.

— Não se preocupe, eu sei lidar com essa situação muito bem — declaro seca. — Nunca deixei ninguém saber e, quando souberam... — penso em Alberto — não foi agradável para mim, então não se preocupe! — minha voz já sai raivosa.

— Isa...

Desligo o telefone na sua cara e jogo o aparelho em cima da mesa do café.

— Estou cansada disso tudo! — Viro-me para retornar ao meu quarto, mas minha mãe me detém.

— Ele não faz por mal, você sabe disso... É que...

— Chega de defendê-lo, merda! — Minha mãe se afasta ao me ouvir dizer o palavrão. — Ele só usa desculpas, são só desculpas! Se a senhora não se importa de viver assim, eu me importo, porque ele prejudica minha vida, minha carreira, meu futuro...

— Não diga isso! — Vejo lágrimas nos seus olhos e engulo o restante da minha raiva. Minha mãe nunca entenderá, porque ela está satisfeita vivendo dessa forma.

— Esta situação está ficando cada vez mais

difícil para mim. Acho que esse trabalho em Curitiba foi bom para eu me distanciar.

— Isa, não diga isso! Eu vou ficar tensa até semana que vem...

— Não vai haver semana que vem! — aviso sem pensar. — Eu não sou criança, mãe. Não vou ficar vindo para cá todo final de semana, eu preciso de tempo para mim também! Eu preciso ter uma vida, me divertir...

— Eu achei que você tinha isso, que você se divertia comigo. Além disso, é seu aniversário... — sua voz está nitidamente triste.

Aproximo-me e me sento à mesa do café, e ela faz o mesmo.

— Eu me divirto, mãe. — Tento me acalmar, pois ela não merece que eu desconte nela a frustração que as conversas com meu pai me causam. — Eu só quero um pouco de espaço, só isso. Eu tenho 28 anos e nenhuma vida pessoal, nada. Só fiz estudar e trabalhar todos esses anos, e o último relacionamento que tive foi há tanto tempo...

— Eu não quero te ver sofrer daquele jeito de novo.

— Eu sei, mas eu quero viver e não me

esconder numa bolha. — Ela assente. — Eu estou conseguindo conquistar o que sempre sonhei para minha carreira, mãe. Mesmo contra a vontade dele, eu estou crescendo e ficando conhecida. — Ela tenta defendê-lo, mas não deixa. — Não sou mais uma menina. Preciso de outras coisas na vida além de estudar, trabalhar e ficar em casa com você.

— Eu sei disso, filha! — Ela respira fundo. — Na sua idade eu já tinha você, já tinha achado o grande amor da minha vida... Eu só achei que você não queria isso também. Pensei que você só queria sua carreira.

— Ah, mamãe, é o que eu quero, sim! Eu não estou falando em casar e ter filhos... é só... independência, liberdade. Às vezes, eu me sinto como se fosse criança ainda!

Incrivelmente, ela concorda.

— Eu vou voltar para Curitiba e quero que a senhora tenha em mente o seguinte: — respiro fundo, pois já comecei e agora não tem como parar — eu estou trabalhando a maior parte do dia, então evite muitos telefonemas, pode ser? — Ela assente. — Eu te ligo quando acordar e quando chegar em casa todos os dias, combinado? — Ela demora, mas assente. — Pode me mandar mensagem à vontade,

que eu vou respondendo, e se for urgente, me ligue.
— Ela só me olha. — Quanto aos finais de semana... eu vou avisar quando for vir.

— É seu aniversário, você deveria...

— Mãe, eu vou avisar. — Ela concorda. — Quando o pai volta?

— Na sexta-feira. Pensei em sairmos juntos...

— Mãe, eu não sei sobre isso! — Suspiro impaciente. — Não se preocupe, a senhora não vai ficar sozinha, tem amigos, tem o pessoal da costura...

— Eu sei, Isa! Mas é que nós nunca ficamos tanto tempo longe uma da outra. Eu entendo que você quer curtir um pouco e que eu atrapalho. — Tento não rolar os olhos, sentindo que virá drama. — Mas você está certa, é hora de você andar com suas próprias pernas.

Minha expressão pode ser resumida como “de queixo caído”. Eu nunca esperei que ela concordasse sem algum choro. Sorrio, sentindo-me mais aliviada por não ter que digladiar pelo meu ponto de vista.

— Tudo bem, mãe, me desculpe pela cena de antes.

PERIGOSAS

Ela se levanta.
— Café puro como sempre?

NACIONAIS - ACHERON



*Eu estou me sentindo sexy
Eu quero ouvir você dizer meu nome, garoto
Se você pode me alcançar
Você pode sentir meu desejo pegando fogo
Naughty Girl – Beyoncé*

Assim que chego ao vigésimo andar,
vejo Frank Villazza passando pelo corredor em
NACIONAIS - ACHERON

direção à sala de reuniões.

Uau! Sinto uma energia passar por mim ao vê-lo de terno cor de areia, tão elegante, tão profissional e tão – rio ao me lembrar da minha mãe – gostoso. Deus, sim, esse homem é gostoso, e eu não posso mais resistir a experimentá-lo, todo ele.

— Bom dia, Alice!

— Ah, Isabella! — Alice parece nervosa. — O senhor Villazza já perguntou por você umas... — olha sua agenda — acho que umas dez vezes! — Ri. — Comecei a contar na terceira vez.

Meleca! Percebo que Alice está achando a situação engraçada e que, com certeza, não é hábito dele fazer isso, o que despertou ainda mais a curiosidade da assistente.

— Eu me atrasei um pouco e ainda passei na sala da justiça. — Ela ri ao me ouvir mencionar o apelido que os demais funcionários da Rede colocaram na sala onde os advogados se instalaram. — Algo importante?

— Eu não sei. — Ela ri. — Ele não me disse! Mas, como eu sei de praticamente tudo por aqui... — levanta a sobrancelha, irônica — posso te dizer com certeza que nunca esteve tão calmo.

Exceto pelo chefe! — Nós rimos. — Aceita um café? — Eu já ia negar, quando ela fala: — O Charles voltou das férias... — comemora. — Eu nem acredito nisso!

— Quem é Charles?

— Ah... você chegou há pouco, eu esqueço. O copeiro do senhor Villazza. — *Copeiro? Que esnobe!* — É ele quem faz o café do chefe, organiza o lanche, etc. Ele é muito bom! Foi contratado só porque trabalhou numa cafeteria na Itália quando era mais jovem.

Então vejo surgir um senhor de cabelos brancos vestido num terno impecável, sério, com uma bandeja na mão.

— Ah, lá vai ele! — Olha-me desolada. — Perdeu a chance de provar as maravilhas que ele faz!

— Para onde ele foi?

— Reunião de marketing. O pessoal da agência veio trazer o conceito da nova propaganda, e o senhor Villazza fez questão de assistir.

Reunião! Será que levará a manhã toda? Confesso que já estou sofrendo de abstinência, sentindo falta daquele perfume que só ele usa.

Despeço-me de Alice e entro na sala que

Frank e eu compartilhamos. Respiro bem fundo, mas não, não sinto o aroma viciante. Deixo minha pasta com meu computador em cima da minha mesa e caminho até a dele.

Passo a mão no tampo gelado de vidro e depois pego uma caneta dele. Olho para a porta e, rindo, sento-me em sua cadeira de couro, girando como criança, gostando da maciez do material e da sensação de saber que só ele se senta aqui.

Estou na terceira volta quando o vejo parado, mão na maçaneta, no meio da entrada. Paro de girar e me levanto, dividida entre constrangida e divertida.

— Bom dia! — Arrumo a saia, que, na brincadeira, subiu um pouco.

Ele sorri *daquele* jeito, entra e tranca a porta. Oh, Deus, ele trancou a porta!

Minha respiração acelera, assim como meus batimentos cardíacos, em expectativa, entendendo que Frank está aqui dentro comigo de portas trancadas.

Vejo-o caminhar com o maldito sorriso torto na cara, mãos nos bolsos da calça, paletó aberto e só parar quando está a centímetros de mim.

— Brincando na minha cadeira, doutora

Romanza?

Cacetada! De onde ele tirou esse tom de voz? Um arrepio passa pela minha pele toda, eu ofego, minhas pernas tremem. Simplesmente estou sem palavras!

— Sabe que eu não gosto que sentem na minha cadeira, não sabe? — Eu não me mexo. — Eu fico muito puto quando mexem nas minhas coisas... — Aproxima-se mais. — Muito!

Estou usando saltos altos hoje, daqueles com plataforma. Devo ter ganhado quase vinte centímetros com eles, mas ainda assim ele é maior que eu, porém, sua boca está bem próxima da minha.

— Nada a dizer em sua defesa, doutora Romanza?

Encaro esses olhos chocolate, brilhantes e divertidos. Ergo meu queixo, tomo coragem e disparo:

— Não.

Escuto-o gemer antes de sua boca cair sobre a minha, rude, poderosa, invadindo e conquistando tudo o que quer. Suas mãos acompanham a ânsia do beijo, tocando meu corpo, desesperadas, tirando minha blusa de dentro da saia, procurando minha

pele, acalentando minhas costas.

Entrelaço meus dedos em seus cabelos, puxando-o mais para perto, querendo que ele me invada toda, que me torne parte sua.

Frank segura-me pela cintura e me ergue, pondo-me sentada sobre a imponente mesa de vidro. Minha saia lápis não ajuda muito, e ele parte para atacar meu pescoço com a boca enquanto sobe a peça, tocando minhas coxas no percurso.

Sinto sua língua no lóbulo da minha orelha, seguida por seus dentes, enquanto escuto sua respiração forte e rápida. Levanto-me um pouco para o ajudar a abrir caminho por entre minhas coxas.

Frank se afasta um pouco, seus olhos turvados de desejo, dentes apertados e respiração ruidosa. Seus dedos trabalham nos botões da minha blusa, expondo meu sutiã de renda preta. Assim que o vê, Frank dispensa beijos sobre meu colo, abaixando o bojo e deixando meus mamilos à mostra.

Ele geme e lambe um por um de um jeito tão gostoso que eu fecho os olhos e jogo minha cabeça para trás, segurando-o pelos cabelos, enquanto sua língua brinca com os picos

intumescidos dos meus seios, sua boca chupa-os e seus dentes mordiscam.

Sinceramente espero que essas paredes e portas sejam à prova de ruídos, porque senão Alice deve estar um pouco constrangida, porque eu não posso me conter e gemo com vontade.

Frank faz pressão contra o meu tórax, e eu me sinto deitando lentamente enquanto ele faz um caminho molhado e quente sobre meu abdômen.

Suas mãos se encaixam embaixo dos meus joelhos e os dobram, abrindo minhas pernas, expondo a calcinha combinando com o sutiã ao seu olhar apreciativo e sexy.

Sinto-me ser puxada para a beirada da mesa e noto que algumas coisas caem no chão. Frank se ajoelha diante de mim, e eu descubro que, diferentemente do que eu imaginei, ele não irá entrar em mim, pelo menos não antes de me experimentar.

Beijos são espalhados na minha canela, panturrilha e joelho direitos. Sua língua acompanha cada beijo, molhando minha perna, deixando-me ainda mais encharcada de desejo.

Ele me toca por cima da calcinha, um tanto reverente demais, quase delicado.

— Eu quero te foder tão forte... — ele grunhe, e apenas gemo em resposta. — Mas antes preciso saber que gosto você tem. — Fricciona dois dedos no meu clitóris. — Quero chupar você até que perca essa pose marrenta e goze na minha boca. Quero ouvi-la gemer e implorar pelo meu pau dentro de você.

Mal termina de falar e sinto seus lábios na minha virilha. A calcinha é afastada e não retirada, dedos brincam na minha umidade, espalhando-a, usando-a para deixar as carícias ainda mais gostosas.

— Frank... — gemo enlouquecida, sabendo estar à beira do precipício, apenas com ele a me segurar.

Ele não é delicado nem reverente quando, literalmente, me abocanha, sugando duro meu clitóris, enfiando a língua dentro de mim. Espalmo as mãos na mesa, sentindo os documentos por baixo, delirando de tesão.

— Como um néctar... — ele fala ao se afastar, introduzindo dois dedos dentro de mim. — Deliciosa! Se eu pudesse, beberia sua excitação o dia inteiro!

Volta a lambar, dessa vez somente meu

clitóris, enquanto os dedos me exploram. Meu corpo se contorce sobre a mesa. Adoro essa sensação, sei que o gozo está próximo. Reconheço o arrepio, os dedos dos pés fechados e apertados, os músculos das minhas coxas se retesando.

Então, como uma onda, sinto fluir por mim uma sensação indescritível. Sinto-me inundar de prazer, a respiração acelerada, quadris se movimentando involuntariamente, dentes no lábio para não gritar.

Frank retira os dedos de dentro de mim e recebe meu gozo na boca, na língua, enquanto aperta as mãos nas minhas pernas.

Quando acaba, eu mal consigo abrir os olhos, exaurida, trêmula, sensível.

— Incrível! — Abro os olhos, vendo-o se levantar. — Foi ainda melhor do que imaginei.

Ele abre o cinto, mas eu já posso ver o volume que seu pau está fazendo. Quero muito poder tocá-lo e retribuir o que ele me fez sentir, mas não quero pará-lo, preciso dele dentro de mim agora.

O telefone interno toca.

— *Cazzo!* — Ele fecha os olhos e para com a mão no botão da calça. — Estão me esperando na

reunião!

Eu rio vendo sua cara desesperada, sem saber o que fazer.

O telefone continua a tocar, mas não nos mexemos. Ele está tentando se controlar, mas me olha, e eu posso imaginar o que vê: cabelos espalhados pela mesa, blusa aberta, sutiã abaixado, saia embolada na cintura e uma calcinha de renda encharcada de saliva e gozo.

— *Porca miseria!* Eles que se fodam! —
Abre o botão da calça enquanto o telefone volta a tocar.

Esse tempinho de indecisão me fez colocar um pouco de juízo no lugar do tesão e, meu, nem quero imaginar no que a Alice está pensando de nós, sozinhos na sala, sem atender o maldito telefone e com as portas trancadas.

— Frank, atende. — Levanto-me da mesa.
— É sério, atende e vai para a reunião.

Ele fica paralisado me vendo sair de cima da mesa e arrumar, dentro das possibilidades, a minha roupa.

— O quê? — Ele parece não estar entendendo o que estou dizendo.

— Atende a porcaria do telefone e vai para

a reunião! — eu praticamente grito com ele, frustrada também.

Ele olha para a frente de sua calça, e sigo seu olhar. Oh, porcaria, ele ainda está duro como pedra!

Eu preciso fazer algo.

— Frank, adorei a chupada, mas estamos no horário de trabalho! — tento parecer fria. — Volta a pensar com a cabeça certa e vai trabalhar!

Entro no banheiro da sala e fecho a porta, encostando-me a ela, obrigando-me a ficar lá dentro até ele sair. Imagino como estará o seu humor durante a reunião e agradeço por não estar por lá.

Suspiro ao pensar no que aconteceu, na incrível maravilha que foi ter sua boca em mim. Gemo só de lembrar do gozo intenso e perfeito.

Olho-me no espelho, constatando a bagunça em que me encontro, pensando que, se Alice tinha ainda alguma dúvida do que ocorreu dentro daquela sala, há materialidade demais em mim para comprovar tudo.

Gargalho ao pensar na *materialidade*, expressão muito usada no direito penal, lembrando-me do *iter crimines* e constatando que, pela

PERIGOSAS

primeira vez no mundo jurídico, o exaurimento veio antes da consumação.

NACIONAIS - ACHERON



*Noite e dia se completam, no nosso amor e ódio
eterno,
Eu te imagino, eu te conserto, eu faço a cena que
eu quiser.
Eu tiro a roupa pra você, minha maior ficção de
amor,
Eu te recriei, só pro meu prazer...
Só pro meu prazer – Heróis da Resistência*

(Leoni)

Sinto uma dor gigante nas minhas bolas, e a raiva me toma mais uma vez hoje. Eu não planejei nada daquilo, mas mereci o que aconteceu por vários motivos.

Passei um fim de semana de cão, mal-humorado, impaciente e, o principal, sem sexo por causa de uma certa advogada paulista que não sai da minha cabeça, mas que tinha desaparecido da face da Terra.

Eu pensei que as coisas iriam progredir, pois já estava ficando cansado daquele jogo de gato e rato, só para descobrir que a atrevida havia ido para São Paulo.

Quis tocar o *foda-se* para ela e fui, no sábado, para a Joker's e depois, sem querer mulher nenhuma dali, para o Vintage. Nem preciso dizer que nem mesmo as prostitutas mais luxuosas da cidade me fizeram querer transar.

Voltei para casa ainda mais puto e passei o resto da noite fumando, bebendo e tocando guitarra, literal e figurativamente, se vocês me entendem.

Domingo acordei bem cedo e fui correr, dessa vez no Barigui. Depois da corrida, malhei na
NACIONAIS - ACHERON

academia do prédio, visitei o Tony e Marina, almocei com Gio.

À noite, recebi uma ligação de Marcelo me convidando para jantar juntamente com sua esposa, Sarah. Quando entrei no restaurante, fiquei puto ao constatar que ele havia me atraído para uma armadilha, pois, juntamente com os dois, estava também Megan, outra americana e amiga do casal.

A conversa foi agradável, a comida, boa. Megan era mais gostosa do que bonita e estava deixando claro querer estender a noite comigo. Na hora de irmos embora, ela disse que queria conhecer a noite curitibana, e Marcelo informou que iria para casa com Sarah.

Então *a bola* – quer dizer, a mulher – passou para minha responsabilidade. Contrariando as expectativas dela e as minhas também, eu a coloquei num táxi, subi na minha Kawasaki, e cada um seguiu seu rumo, no meu caso, o flat.

Hoje pela manhã, é uma merda admitir, eu estava ansioso igual a um piá em seu primeiro dia de aula. Cheguei ao escritório feliz, pois assim que descii do elevador, Charles me esperava com um *voluto* especial que só ele sabe preparar. Porém, então, os minutos se passaram, e nada de Isabella.

Perguntei a Alice sobre ela nem sei quantas vezes, mas nenhuma notícia. Pensei em ligar para o seu celular algumas vezes, mas eu ainda não estava desesperado para isso, pelo menos eu pensava que não.

Segui para a reunião que a empresa responsável pela nossa publicidade marcou a fim de apresentar os novos conceitos de mídia dos hotéis. Charles chegou com os cafés e serviu seus incríveis biscoitos – que eu dispensei, pois não como doce de manhã – e agradou o resto do pessoal.

Alice, eu desconfio que por causa dos biscoitos, apareceu na reunião e comentou comigo que Isabella havia chegado. Sem pensar, pedi licença e fui até minha sala só para implicar um pouco com ela por ter se atrasado.

No entanto, vi aquela cena: Isabella, como uma menina travessa, estava rodopiando em minha cadeira feita sob medida, rindo. Eu achei graça da cena até ver, através da mesa de vidro, boa parte de suas coxas desnudas.

Foi o que bastou, um pouco de pernas à mostra, como num maldito filme de época! Porém, eu sei que só foi assim porque eu estava sexualmente frustrado porque fazia dias que não

comia ninguém.

Então tudo aconteceu. Inicialmente eu pensava em puni-la – há muito tempo não faço assim, mas me deu vontade de ser dominador com Isabella – mas, quando ela me desafiou dizendo que não iria se defender, eu desisti, porque domar Isabella seria como tirar a força de uma potranca, e eu não queria ela assim, submissa, domada. Tudo o que pensei em fazer foi saborear sua boceta gostosa. E, cara, foi delicioso!

Ela gemeu com vontade, e eu fiquei louco a maior parte do tempo, só pensando em me enfiar até o fundo nela. Esqueci-me de tudo, da maldita reunião, de Alice na antessala, do local onde nós estávamos.

Porra! Quase fiz sexo na minha sala, em cima da minha mesa de trabalho! Nunca, em todos esses anos, eu pensei em fazer isso. No entanto, admito, foi ainda mais gostoso por ter sido daquele jeito, sem planejamento, sem preparação.

É uma pena que, apesar de eu ter me esquecido dos outros, os outros não me esqueceram, e é por isso que minhas bolas estão ardendo e eu estou, aqui, em mais uma reunião, com a cueca melando. *Cazzo!*

Contudo, terei uma revanche. A frieza que Isabella demonstrou após ter tido seu gozo terá punição. Dessa vez eu não terei pena de domá-la, não mesmo! Eu terei Isabella implorando por mim, amarrada, rendida e irei gozar até esvaziar as malditas bolas doloridas!

São 7h da noite quando retorno à minha sala. Temo que ela já tenha ido embora, porque, assim como eu, ela não ficou muito apresentável depois do nosso encontro sobre a mesa.

Todavia, a danada me surpreende aqui, sentada em sua cadeira, vestindo outra roupa, um vestido dessa vez, trabalhando tranquilamente.

— Foi em casa? — pergunto assim que entro.

Ela se assusta e tira os óculos de leitura. Porra, desde que eu a vi com esses óculos, fiquei imaginando fodê-la vestida de professorinha. Balanço a cabeça. Não preciso de mais estímulos, só de vê-la aqui, já estou ficando duro de novo e me recuso a endurecer sem gozar... de novo.

— Fui na hora do almoço. — Ri. — Parecia

que eu tinha sido atropelada por um trator.

Eu rio, gostando da descrição. Você ainda não viu nada!

— Você não conseguiu sair, não é? — Aponta para minha roupa. — Ainda bem que não amassou muito!

— Trabalhei bem desconfortável hoje o dia inteiro. — Sorrio para ela. — Você terá que me compensar por isso.

Ela levanta a sobrancelha.

— Mesmo, senhor Villazza? — Levanta-se, e eu, contra minha resolução, fico duro de novo ao ver o vestido de cor clara delinear todas essas curvas deliciosas.

— Sim. — Puxo-a para perto. — Mas não aqui. Não quero ser interrompido dessa vez. — Ela ri, safada. — Vamos embora!

Arrasto-a corredor a fora, descemos comportados dentro do elevador — para variar — pois eu não quero amassar outra roupa dela e expô-la mais a comentários. Faço uma nota mental de, amanhã, conversar com Alice.

Eu vim de carro hoje, pois Gio precisou ir até Pinhais visitar um amigo, ou algo assim, e pedi a Clayton que a levasse.

Chegamos ao prédio. Sem pensar, aciono o elevador com minha chave. Quando a vejo me olhando interrogativa, percebo que, pela primeira vez, estou levando uma mulher para dormir na minha cama. *Porca miseria!*

Fico paralisado ao constatar o que acabei de fazer. Meu cérebro me diz que ainda posso voltar atrás, apertar o botão do sétimo andar e ir para o flat dela. Entretanto, eu a olho, vejo que esses olhos de gato ainda estão esperando por alguma reação minha e simplesmente deixo as coisas como estão.

Passo a mão em uma das faces dela, admirando-lhe o rosto oval perfeito, e ela, em resposta, solta o ar que estava prendendo e fecha os olhos.

— Como eu queria poder foder você aqui dentro mesmo! — Ela abre os olhos, não assustada, mas excitada. — Mas creio que já demos o que falar o suficiente para o pessoal que trabalha no prédio.

Ela arregala os olhos, e eu faço sinal disfarçadamente para as câmeras no teto do elevador.

— Ai, meu Deus! — Ela desata a rir,
NACIONAIS - ACHERON

entendendo, por fim, ao que eu fiz menção. — Como vou encarar o Mendonça agora?

Eu rio, achando graça na preocupação dela com o serviço do prédio.

— Eles são bem discretos, não se preocupe! Imagine o que eles já não viram aqui dentro! — Rio e noto que ela ficou desconfortável, talvez pensando que estou falando por experiência própria. Não desfaço o mal-entendido; não quero que ela se sinta especial só porque está indo até meu apartamento.

Chegamos à cobertura e, assim que entramos no pequeno hall em frente ao meu apartamento, encosto-a à parede e a beijo de um jeito que estava com vontade de fazer o dia todo.

Ela me agarra com força, e eu me controlo para não acabar fazendo sexo aqui fora, pois já que abri uma fresta até aqui, com certeza eu iria escancarar a porta, literal e figurativamente.

Abro a porta, e entramos juntos. Isabella parece absorver cada detalhe do meu canto, o que me causa certo desconforto, porque ninguém, além dos meus familiares, conhece a privacidade do meu flat. Entretanto, sei também que ela deve estar comparando meu AP com o dela, no sétimo andar,

que é pequeno e padronizado, como todos os demais.

Como sei disso? Simples, eu comprei a cobertura e fiz todas as modificações possíveis na planta original. Ainda é um flat, contando com todos os serviços disponibilizados pela empresa que gere o prédio, mas seu diferencial é o espaço, o tamanho dos cômodos, embora conte com praticamente o mesmo número que os demais.

— Uau! — ela exclama assim que vê minha pequena e equipada cozinha. — É a cozinha dos sonhos!

— Para quem gosta de cozinhar, talvez. — Dou de ombros. — Nunca a usei.

Ela me olha como se eu tivesse dito um sacrilégio, e resolvo aproveitar a deixa e provocá-la mais um pouco.

— Até hoje...

— Hum, vai cozinhar para mim? — Abre um sorriso provocador, já imaginando o que eu tenciono fazer.

Coloco-a sentada em cima do balcão de mármore e me encaixo entre as suas pernas.

— Não, vou comer você aqui em cima do balcão.

Mal acabo de falar, volto a lhe beijar rapidamente a boca, dispensando mais atenção ao pescoço, que percebi ser seu ponto fraco. O vestido, justo no corpo, tem um enorme fecho de metal nas costas, e vou baixando-o lentamente, afrouxando-o, deixando-lhe os ombros à mostra.

— Eu quero ver você dessa vez... — ela revela gemendo, colocando a mão na minha gravata.

Paro de beijá-la por um momento, mas minhas mãos estão em suas coxas, massageando, preparando, enquanto ela desfaz o nó da minha gravata e começa a desabotoar minha camisa.

Ainda estou vestindo o terno e lembro que passei o dia inteiro com essa maldita roupa, inclusive com a mesma cueca melada. Merda! Preciso de um banho!

— Eu preciso tomar um banho... — digo mordendo-lhe o lóbulo da orelha, sentindo as mãos pequenas e macias deslizando pelo meu peitoral e abdômen.

— Mesmo? — geme em protesto, deixando-me mais duro ainda.

— Prometo não demorar... — Afasto-me.

Olho-a ali, sentada naquele balcão, vestido

parcialmente aberto, olhos azuis brilhando de desejo. Sinto-me um idiota por interromper o momento por causa de um banho, mas é que eu quero sentir sua boca no meu pau e prefiro fazer isso limpo e cheiroso para ela.

Afasto-me em direção às escadas que levam ao mezanino, porque o único banheiro com chuveiro é o meu lá de cima; o outro, próximo à cozinha, é só um lavabo.

Ainda estou incomodado por ela estar aqui. Estou reticente em levá-la até meu quarto, até minha cama. Todavia, vejo a besteira que estou fazendo ao me sentir assim, afinal, ela está aqui comigo e eu quero que a noite seja foda, quero me satisfazer, quero gozar, aproveitar e depois seguir em frente como sempre acontece com qualquer outra transa. Não tem motivos para eu estar melindroso somente porque o local onde vou transar é meu.

Volto para onde Isabella está, ainda sentada no balcão da cozinha, e sem falar nada levanto-a e a coloco nos ombros como um homem das cavernas. Cara, isso me faz sentir muito macho!

— O que... — Ela ri enquanto se remexe.

— Resolvi que quero companhia no

chuveiro. — Ela geme, e meu sorriso aumenta. — Vamos começar a brincadeira debaixo d'água.

Ela ri, mas quando começo a subir os degraus, pede-me para colocá-la no chão. Eu nego, mas imagino o que ela está sentindo, de cabeça para baixo enquanto subo cada vez mais.

— Me põe no chão, seu bruto! — Soca-me as costas. — Frank, é sério. — Ri nervosa, e eu dou um tapa na sua bunda.

— Já estamos chegando.

Entramos no quarto, mas não lhe dou tempo para que avalie meu ninho, ponho-a no chão, virando-a de costas e abrindo todo o zíper do vestido. *Cazzo!*

Vejo uma calcinha fio-dental de renda branca e ligas. Sim! Ligas! Se tem uma coisa que consegue me deixar enlouquecido são as cintas-ligas. E as dela, combinando com o restante da lingerie branca e de renda, está atada a meias cor da pele até as coxas.

Isabella se vira de frente, e o vestido vai ao chão.

— *Figlia di puttana!* — comento, e ela me olha provocante.

O seu corpo, que eu já achava que era
NACIONAIS - ACHERON

quente, é borbulhante. Gostosa demais, essa é a palavra certa para ela. Fodidamente gostosa!

Está usando um sutiã diferente. Eu já vi em algumas revistas masculinas esse modelo, mas não sei o nome. Não é um espartilho, esse eu conheço, mas não tem alças e cobre a barriga e a cintura dela, apertado, deixando boa parte dos seios à mostra.

A calcinha, minúscula e parcialmente coberta pela liga, faz um conjunto muito sexy com a peça de cima. Isabella se mantém parada, sorriso no rosto, enquanto eu a aprecio em todos os detalhes.

— Vamos para o banho! — Pego-a no colo, e ela se gruda a mim, entrelaçando suas pernas em minha cintura.

Beijamo-nos como loucos, e eu nem sei como chego ao banheiro passando por dentro do closet. Quando ela desce do meu colo, já leva consigo meu paletó e a camisa.

Gargalho ao notar o quão impaciente Isabella está, desafivelando meu cinto como uma maníaca. Ligo a luz para ajudá-la na tarefa e também aciono o chuveiro por controle-remoto.

Fecho os olhos quando a sinto tocar no meu

pau. *Cazzo!* Eu estou há muito tempo sem uma boa foda, por isso tudo o que ela faz é incrivelmente gostoso. Chuto minha roupa para longe e a carrego, ainda com sua sexy lingerie, chuveiro a dentro.

— Frank... — Ela se surpreende ao sentir a água caindo sobre si.

— Não vou tirar — informo-lhe. — Vou foder você vestida assim, agora!

Encosto-a à parede, erguendo-a um pouco do chão. Sei que é loucura, ela ainda está com sua roupa íntima, de meias e sapatos, mas é assim que eu quero tê-la. Se algo estragar, dou outro de presente.

O chuveiro ocupa todo o teto do boxe, não nos deixando nenhum local seco. Minhas mãos vão explorando cada curva de seu corpo, e ela segura firme na minha nuca.

Ainda tinha dúvidas sobre conseguir comê-la de pé, haja vista nossa diferença de altura, mas assim, apoiada na parede e erguida, tenho certeza de que vai ser incrível.

Afasto a calcinha e massagueio seu clitóris. Estou segurando-a com apenas uma de minhas mãos e agradeço que ela seja miúda, pois pretendo estar assim por um bom tempo ainda. Enfio dois

dedos nela, molhada e quente, deliciosa.

Estou o dia inteiro querendo enfiar meu pau nessa boceta rosada e conto que tenhamos a noite toda para mais brincadeiras, por isso, tiro os dedos e entro nela com vontade, mas só quando me sinto deslizar nessa carne quente, apertada e viscosa é que me lembro da porra da camisinha.

Caralho! Respiro fundo, pronto para sair, mas então ela morde meu lábio inferior e depois o suga com tanto tesão, rebolando o quadril no meu pau, que sigo em frente, arremetendo e avançando com força, socando-a contra a parede.

É assim que eu quero com ela, forte e bruto, sem dó, sem pena, e fico ainda mais entusiasmado quando noto que ela gosta assim também. Suas unhas arranham minhas costas e seus dentes estão no meu pescoço, mas ainda a escuto gemer sem parar.

Não quero chegar ao fim, quero continuar aqui dentro, nu, pele com pele, sentindo cada espasmo, cada aperto que a sua vagina dá no meu pau.

Há uma pequena bancada dentro do boxe, feita de mármore, usada para apoiar produtos de higiene, e eu caminho até apoiá-la nela,

agradecendo mentalmente de novo por ela ser pequena.

As embalagens de xampu, creme de barbear e sabonete líquido vão ao chão enquanto ela me toma por inteiro, até o fundo. A sexy peça superior de sua indumentária está fora do lugar, e seus mamilos estão à mostra. Os olhos azuis estão turvos e exibem todo o prazer que ela sente.

Isabella está tão vulnerável aqui, cabelos molhados colados no rosto, roupas e sapatos molhados, pernas abertas e com meu pau entrando e saindo. Definitivamente o paraíso!

Ela aperta as mãos na beirada da bancada, e noto sua cavidade me apertar, ficando mais quente e úmida. Nesse momento apenas pressiono seu clitóris, massageando-o com o polegar, vendo-a chegar ao orgasmo e me fazendo deslizar mais fácil dentro dela.

Não resisto mais, porém, lembro-me que estou sem proteção – uma loucura, diga-se de passagem – e me retiro segundo antes de gozar sobre ela.

— Você é louco! — ela exclama, ofegante, algum tempo depois. — Estragou meu par de sapatos prediletos, mas, caramba! — Ri. — Valeu a

pena!

Eu rio, ajudando-a a sair da bancada pequena e abrindo os prendedores, ou tentando, do seu sutiã diferente.

— Essa coisa é difícil de abrir.

— É um *corselet* e não uma coisa! — Vira-se de costas, mostrando-me colchetes como os de um sutiã normal. Ah, sim, esses eu conheço!

— Seja lá o nome que tem, eu achei quente!

— Ela gargalha. — Mas as ligas me matam!

— Sempre uso ligas, não gosto de meias-calças.

Cazzo! Fico imaginando como vou trabalhar com ela depois dessa noite, sabendo que ela está usando cinta-liga debaixo da saia.

— Hoje de manhã você não usava uma...

— Saí atrasada, por isso não coloquei. — Ela ofega ao sentir minhas mãos em seus seios assim que tiro a peça. — Vamos tomar banho ou ficar aqui para a segunda rodada?

— Os dois? — Mordo seu pescoço.

— Ah, não, Frank Villazza! Vi sua banheira. — Ela aponta para a Jacuzzi. — E decreto que quero estar dentro dela em breve!

Eu beijo o seu pescoço, rindo.

— Seu pedido é uma ordem!

Dedilho mais uma vez parte de *November Rain*⁵⁷, pensando em chegar no solo de guitarra, mas erro outra passagem. Bufo de raiva, cigarro apagado na boca e fones de ouvido no volume máximo.

São 5h da manhã e ainda não preguei o olho. Não consigo relaxar depois de tudo o que aconteceu ontem, mais especificamente, na noite de ontem.

Depois de trazer Isabella até o meu santuário — sim, é assim que vejo meu apartamento —, transar com ela no meu chuveiro, sem proteção — recrimino-me mais uma vez por isso —, ainda tivemos uma sessão na banheira, fazendo com que, mais de duas horas depois que tínhamos chegado, finalmente abandonássemos o banheiro, satisfeitos, cansados e ligeiramente enrugados.

Ela entrou nua no quarto, apenas com meu roupão a cobri-la. Comentou que gostou da cama *king size* e simplesmente pulou sobre ela. Relaxada, contou-me que, somente depois que se mudara para

cá, ela pudera dormir numa cama de casal, pois a sua na casa de seus pais era de solteiro.

Senti um alerta vermelho se acender na minha mente ao ver a cena toda. Já sabia que ela e a mãe são muito ligadas, mesmo porque Isabella recebe ligações dela o dia inteiro, mas não podia imaginar que ela ainda mora com os pais. Pensei: *Essa mulher é inexperiente, isso vai dar merda!*

O pensamento e o alarme duraram dois segundos, pois ela se sentou na beirada da cama e me deu um boquete que, sinceramente, foi incrível. Então, a inexperiência foi descartada.

Num rompante de loucura, após gozar mais uma vez, eu pedi comida japonesa para os dois. Comemos no balcão da cozinha, tomando cerveja e ouvindo Pink Floyd. É claro que a barquinha foi parar no chão após a refeição.

Quando, por fim, depois da quarta gozada da noite, Isabella bocejou, eu vi que já eram 3h30 da manhã. Fiquei tentando achar as palavras certas para pedir a ela que fosse dormir lá no sétimo andar, mas ela se adiantou.

— Será que vai ficar feio eu descer de roupão? — Surpreso foi o mínimo que eu fiquei. — As escadas têm câmara também? — Assenti, e ela

suspirou. — Vou vestir apenas o vestido, então.

Ela se levantou e subiu as escadas, enquanto eu continuava paralisado no sofá da sala. Parte de mim, a normal, estava aliviada por ela ter decidido ir dormir em sua própria cama, mas a outra parte, a desconhecida, estava me mandando subir correndo atrás dela e levá-la para a cama mais uma vez.

E, infelizmente, descobri que santo de casa não faz mesmo milagre, porque, sem nem mesmo perceber, já estava subindo atrás dela e a arrastando para a cama.

E agora, uma hora depois, estou de cueca, descalço, guitarra na mão, cigarro – malditamente apagado – na boca, tentando entender como é possível que eu esteja com uma mulher, Isabella Romanza, dormindo na minha cama virgem, nunca antes usada para esses fins!

Erro a transição mais uma vez e xingo, tirando o cigarro da boca e bebendo mais um gole de cerveja. Começo novamente a música, lembrando-me dos acordes um a um, devagar, até que a vejo se sentar à minha frente. Porra, ela ainda é sexy, mesmo despenteada!

— Acordei você? — Afasto os fones, mas não paro de tocar.

— Não, quer dizer, não foi a guitarra. Acho que estranhei a cama. — Estranhou minha cama? Mas que porra é essa? — Nunca pude acreditar que você realmente tocava guitarra, mas depois que vi sua aparelhagem e suas tatuagens — ela olha meu braço direito — percebi que há dois Francesco Villazza, o CEO e o roqueiro.

— Eles são um só, apenas partes de um todo. — Cacete, eu filosofei? — Eu percebi que você ficou louca com as tatuagens. — Ela sorri, linda. — Também gostei da sua.

Eu tenho três tatuagens. A primeira que fiz foi a Tau de São Francisco de Assis, na parte interior do meu braço esquerdo. É uma tatuagem simbólica que fiz quando tinha 16 anos. São Francisco foi o santo que inspirou meu nome, então achei que teria que ser essa.

Quando me formei em Harvard, fiz uma mandala da fortuna na panturrilha esquerda, e há três anos, tatuei todo o meu braço direito, do ombro ao punho, com maori.

A de Isabella é bem feminina, uma escrita delicada e fina de *alis volat propriis*⁵⁸ e pequenos pássaros saindo em revoada de seu quadril esquerdo.

— O que você está tocando?

— Estou tentando, sem muito sucesso. —
Pego outros fones e os dou a ela, que reconhece a música e sorri. — É Guns. — Ela assente. — Você toca?

— Nada. — Ri. — Nem sei assobiar!

O sorriso dela é tão bonito, parece que lhe ilumina os olhos e a deixa mais jovem, se isso for possível. Eu mudo a música para *Every Breath You Take*, de The Police, o que me surpreende, e a ela também.

Paro a canção ao meio, desligo a caixa e tiro os fones. Isabella me devolve os que estão com ela, enquanto eu jogo fora o cigarro e lhe estendo a mão.

— Vamos dormir.

A sua mão toca a minha, e tento ignorar uma voz dentro de mim que diz que, a partir deste momento, tudo irá mudar na minha vida.

Porra, cala a boca!

— Bom dia, Alice! — cumprimento minha assistente assim que chego ao trabalho.

— Bom dia, senhor Villazza. — Ela pega sua agenda, pronta para me seguir e passar meus compromissos do dia.

Entro na sala e, mais uma vez nesta manhã, não encontro Isabella.

Eu acordei somente com o alarme do meu celular, às 7h30 da manhã, atordoado e com sono por ter dormido apenas duas horas, ou menos. As imagens da noite anterior vieram à minha cabeça, e eu olhei para o lado, mas em vez de encontrá-la ali, vi somente o lençol enrugado e o travesseiro amassado.

Caí de volta na cama, olhos fechados e mãos na cabeça, pensando em como eu deixara aquilo tudo acontecer, em como fora capaz de quebrar tantas regras ao mesmo tempo.

Levantei-me, indo rumo ao banheiro, não achando nenhuma evidência de que ela estivera ali comigo, nenhuma peça de roupa, nada; o banheiro, entretanto, estava povoado de memórias, e os produtos de higiene jogados no chão reforçavam cada uma delas.

Droga! É por isso que eu não levo mulher ao meu flat! Antes de ontem à noite, aquele era somente o meu banheiro, mas agora, é o local onde

a penetrei pela primeira vez e a fiz gozar duas vezes no meu pau.

Tomei banho, recolhendo os rastros deixados pela minha loucura e tentando apagar as imagens dela ali, sentada naquela pequena bancada.

Escolhi minhas roupas com um cigarro apagado na boca, conferindo as horas e percebendo que Clayton já devia estar à minha espera.

Resmunguei apenas um bom-dia entre os dentes quando o vi, pois nem mesmo tive tempo de tomar um café, então eu não estava começando o dia bem-humorado.

— Eu preciso conversar com o senhor, chefe — Clayton disse quando chegamos próximos ao Convention.

— Pode ser em outra hora? Estou atrasado!

— Eu vou marcar com a senhora Torres...

— Não precisa, Clayton. Passe na minha sala antes do almoço.

Entrei no prédio apreensivo, pois não sabia o que teria que enfrentar com Isabella; não conversara com ela, não acertara como seriam as coisas entre nós.

Sinceramente tive medo de que, ao me ver, ela pudesse me cumprimentar com um beijo ou

com outra forma que demonstrasse nosso envolvimento sexual da noite passada, o que seria uma merda. Entretanto, ela ainda não tinha chegado.

— A doutora Romanza deu notícias?

Alice, que me acompanhou até minha sala, fica em silêncio, o que faz com que eu me vire para ela, notando que minha assistente parece constrangida. Ah, porra, me esqueci de ontem!

— Sim, ela está no 19º com o pessoal do jurídico — responde seca antes de discorrer sobre meus compromissos.

Presto atenção a tudo o que ela me passa, mas tendo em mente que preciso conversar com ela. Assim que termina, Alice faz menção de sair, e eu a chamo de volta.

— Alice, eu queria conversar sobre ontem...

Ela bufa ruidosamente e me encara.

— Frank... — Puta merda, o negócio é sério, ela não me chama pelo nome no escritório! — Eu não vou comentar o que houve com ninguém, mas fiquei preocupada. — Ela se remexe, visivelmente incomodada com o assunto. — Eu nunca me meti na sua vida pessoal e nem quero fazer isso agora, mas somos amigos, e acho que,

dessa vez, você está fazendo bobagem.

Levanto a sobrancelha ao ouvi-la ser tão direta.

— Eu gosto muito da Isabella, acho-a muito legal, mas não creio que ela seja o tipo de mulher que está acostumada a jogar pelas suas regras. — O seu semblante é de preocupação. — Alguém vai se dar mal nessa história.

Eu concordo com ela, penso o mesmo de Isabella, mas como dizemos por aqui: *agora é tarde e Inês é morta!* Não dá mais para voltar atrás e, na verdade, eu não quero. Foi muito bom, apesar de tudo.

— Prometo nunca mais falar nada sobre isso, mas tenha cuidado, Frank. Pelos dois.

Eu assinto, e ela sai apressada.

Meu dia já começou mal com todas essas questões! É por isso que eu tenho regras e as sigo, para não ter esse tipo de problema, para não ficar pensando nas implicações de uma noite, afinal, foi só uma noite de sexo, nada a mais!

Bem, foi diferente em todos os sentidos, mas somente por causa das malditas regras quebradas. Não ouvi sinos tocarem, nem nada dessas porras todas que o pessoal diz sentir quando

PERIGOSAS

é mais do que sexo. Apenas foi diferente!

NACIONAIS - ACHERON



*Diz pra eu ficar muda faz cara de mistério
Tira essa bermuda que eu quero você sério
Tramas do sucesso mundo particular
Solos de guitarra não vão me conquistar
Como eu quero – Kid Abelha*

Ligo meu laptop para ler os e-mails
que Alice filtrou e classificou como importantes,
NACIONAIS - ACHERON

quando escuto minha porta sendo aberta. Meu coração dá uma pequena acelerada – por causa da situação estranha, nada além disso – mas quando vejo meu irmão entrar, sinto uma pontada de decepção.

— Frank, o Boldani mandou um e-mail avisando que irá prolongar a viagem por mais alguns dias. — Tony se senta à minha frente.

— Bom dia, Tony! Porra, parece que foi criado por lobos! — Ele ri e me cumprimenta. — O que está te deixando tão agitado a ponto de invadir minha sala como um tanque de guerra?

Abro o e-mail do Julio Boldani e confirmo a história de que ele ficará em Praga por mais alguns dias e que só poderá vir até Curitiba na próxima semana.

— Ele diz que vai mandar a Mel e o Thiago — faço referência à filha e ao sobrinho dele, respectivamente. — Claro que eu prefiro que ele trabalhe no projeto pessoalmente, mas para o que vamos conversar, podemos passar nossas impressões sobre o projeto para eles sem problema.

— Concordo! A Mel tem o talento do pai, então não vejo problema em iniciar com ela. — Ele sorri. — A Marina está adorando o estágio aqui, diz

que a doutora Romanza é muito atenciosa e paciente.

Tento não reagir ao que ele fala, pois em minha mente só há flashes da impaciência dela na noite passada, pedindo-me para ir mais rápido ou mais fundo.

Balanço a cabeça para voltar a me concentrar no trabalho e noto que Tony está me olhando com aquele jeito desconfiado, mas, felizmente, meu irmão está com a cabeça certa funcionando e muda de assunto.

— Soube de fonte segura que o Grupo Haldon irá vender algumas unidades nos Estados Unidos e fiquei interessado em uma conversa, o que você acha?

Há quase três anos nós adquirimos algumas unidades desse grupo aqui no Brasil, inclusive uma no Rio de Janeiro, ocasionando o encontro do Tony com a Marina. Eu gosto da arquitetura dos prédios e do funcionamento dos hotéis Haldon, mas ainda acho cedo para entrarmos no mercado americano, inclusive, eu prefiro que a divisão da Rede que cuide de lá não seja a minha.

Os Estados Unidos são um dos únicos países em que não temos hotéis, e o mercado lá

dentro é opressivo e competitivo, pois muitas redes locais operam com nível de qualidade altíssimo, além das redes internacionais que já brigam por lá.

Eu prefiro ainda continuar a expansão na América do Sul e depois passar para nosso plano de investir em resorts a partir do nordeste brasileiro até o México.

— Acha que é o momento certo? — pergunto a Tony, sabendo o quanto ele é meticoloso e cuidadoso com os investimentos.

— Acho que é hora de começar a sondar. Não quis dizer para entrarmos já, mas acho que precisamos começar a trabalhar com possibilidades mais concretas.

Eu concordo.

— O que papai acha disso? Já comentou algo? O Conselho terá que ser consultado, visto o aumento da atuação da nossa divisão da Rede.

— Eu pensei em apenas sondar um pouco, Frank. — Ele ri. — Não quero demonstrar muito interesse para ninguém. — Compreendo o que ele quer dizer. Se vazar que estamos de olho nos hotéis Haldon, o preço e a concorrência por eles irão à estratosfera. — Estou pensando em aproveitar o feriado e passear com minha noiva pelos Estados

Unidos...

Gargalho, notando que o filho da mãe já tem tudo planejado.

— É uma boa ideia, Marina vai adorar o passeio!

Mal termino de dizer a frase, e Isabella entra na sala carregando sua pasta com o computador.

— Bom dia — ela diz normalmente.

— Bom dia, doutora Romanza. — Tony se levanta e vai até a mesa dela. — Ainda não agradei pela ajuda com Marina. — Meu irmão está sorrindo para ela com esses malditos olhos verdes brilhantes. Crispo involuntariamente as minhas mãos. — Ela está muito feliz com a oportunidade.

— Não foi nada, Tony! — Tony? Mas que porra de intimidade é essa?! — Está sendo muito bom tê-la na equipe. Ela é esperta e tem muita vontade de aprender. Marina me falou sobre o jantar, mas eu ainda não sei se estarei aqui no fim de semana...

— Ah, mas fazemos questão! — Ele se vira para mim. — Você também está convidado, Frank. — Eu nem sei do que ele está falando, mas não tenho tempo de perguntar, pois o *stronzo* me ignora

e volta a conversar com Isabella. — Vamos fazer na sexta-feira então, para não atrapalhar seus planos. Marina adora cozinhar e quer muito agradecer a você pela oportunidade.

Isabella me olha assustada, esperando alguma coisa. Ajuda? Decisão? Ah, merda!

— A Marina cozinha muito bem, doutora Romanza! — afirmo, e ela apenas me olha mais assustada. — Eu com certeza estou dentro, Tony!

— Sexta-feira? — Tony a pressiona.

— Tudo bem, então — concorda, por fim.

Tony se despede e nos deixa a sós.

Isabella segue com sua rotina normal, que eu comecei a conhecer na semana passada, de limpar sua mesa, tirar o laptop da pasta, colocar os arquivos — e hoje tem um livro também — ao lado do computador, sentar-se e colocar os óculos.

Ela faz tudo isso sem me olhar e sem falar comigo, enquanto estou parado olhando para todos os seus movimentos como a porra de um *stalker*.

— Acordei de manhã e você já tinha ido... — minha resolução de não falar da noite passada acaba de cair por terra, mas pelo menos faz com que ela me olhe.

— Vamos falar disso aqui? — parece

realmente surpresa.

— Por que não? — Levanto-me. — Não parece um pouco hipócrita depois do que fizemos ontem de manhã? — Aponto para a mesa, e ela cora.

— Eu não consegui dormir — justifica-se. — Então desci para o meu apartamento.

Aproximo-me, dou a volta na mesa e me posiciono atrás dela.

— Está difícil ficar aqui com você e não te tocar — confesso lhe segurando os cabelos e passando a minha boca pela sua nuca, arranhando-a com minha barba.

Ela geme, mas não se dobra à sedução.

— Quer que eu mude de sala?

Putá que pariu! Quem é essa mulher? Giro a sua cadeira e a ponho de frente para mim, encarando-me.

— O que está acontecendo?! — meu tom demonstra o quanto estou puto.

— Nada! Achei somente que, como você mesmo deixou claro, era só uma noite e nada mais. Acabou, seguimos em frente.

Ah, porra, é isso! Caramba, era para eu estar pulando de felicidade por causa disso, por ela ter

entendido como as coisas funcionam comigo, mas, piá, eu estou muito puto!

— Ainda não estou satisfeito. — Dou de ombros. — Às vezes acontece.

Ela aperta os olhos, olhando-me desconfiada.

— Eu não sei se quero continuar, Frank...

Não penso, apenas ajo ao ouvir essa declaração. É o cacete que ela não quer continuar!

Ergo-a da cadeira e a beijo com ardor. Meus dedos se emaranham por entre os fios presos do seu cabelo, desfazendo o habitual coque que ela usa todos os dias para trabalhar.

— Diga que não quer mais... — sussurro lambendo seu pescoço. Isabella só geme em resposta.

Aperto essa bunda gostosa e a faço sentir o quanto a quero, pelo menos, só por mais uma noite.

— Hoje à noite... — sugo o lóbulo de sua orelha e murmuro ao seu ouvido — você vai voltar comigo e dormir na minha cama...

— Frank... — ela reluta, mas sua voz já é apenas um sexy gemido.

Tomo sua boca mais uma vez a fim de quebrar o que há de resistência nela, porém, eu

também estou sofrendo com essa sedução. Quero colocá-la em cima da mesa de novo e, dessa vez, nada pode me deter.

Nada, exceto o idiota do meu irmão, de novo.

— Frank, eu esqueci... — ele para de falar quando nos separamos, nervosos.

Isabella tenta se sentar em sua cadeira, mas não consegue acertá-la e cai de bunda no chão, o que só aumenta seu estado lastimável de descompostura, e eu, bem, digamos que não tem como esconder o meu estado. *Cazzo!*

Enfio a mão no bolso da calça do terno, tentando disfarçar a barraca armada que se formou em minha virilha; a outra, estendo-a para Isabella se apoiar.

Tony não é bobo, muito menos ingênuo e me dá um olhar recriminador do cacete!

— Eu esqueci meu celular... — Anda até minha mesa e pega o maldito aparelho. Eu já odeio qualquer tipo de telefone!

Apenas assinto, e o vagabundo sai da sala, não antes de disfarçar um maldito sorriso zombeteiro. *Alegro!*⁵⁹

— Eu nunca mais vou poder... — Isabella ri

NACIONAIS - ACHERON

tanto que não consegue terminar a frase — olhar... para... o... Tony!

Fico admirado com essa sua atitude, embora reconheça que parece um pouco de desespero tantas risadas, pois não é o que eu esperava. Se fosse outra, ou estaria arrancando os cabelos, consternada pela situação, ou teria aproveitado para pular no meu pescoço na frente do meu irmão e escancorar o relacionamento.

Acho que, ao cair, ela não teve muita escolha, mas agora parece mais divertida do que humilhada. O problema é como eu estou agora!

Conhecendo-me como me conheço, eu deveria estar puto por ter sido pego em flagrante dentro da minha sala e no horário do expediente com uma mulher que tecnicamente trabalha para mim, o que eu sempre repreendi dentro da empresa. Porém, não, não estou me sentindo assim.

Estou apenas aliviado por ter sido o Tony e não a Alice quem entrou na sala. Meu sentimento por Tony saber sobre Isabella é normal, é como se fosse uma coisa comum ele saber do meu interesse por ela. E isso é coisa que eu nunca expus a ninguém, nem mesmo a ele.

Na verdade, se eu for bem sincero, Tony

saber que há um envolvimento entre mim e ela é bom, porque eu não precisarei me conter perto dele no jantar de sexta-feira. *Madonna mia*, o que está havendo comigo?

— Tudo bem, Frank? — Isabella me pergunta preocupada. — Você está com uma expressão estranha.

— Tudo. — Olho para ela. Olhos azuis enormes num rosto lindo. *Cazzo*, eu devia me manter longe dessa mulher! No entanto, meu corpo age de forma diversa ao que o cérebro grita e eu passo a mão pelo seu cabelo, ainda despenteado pelos meus dedos, sentindo a maciez dos fios. — Vamos sair mais cedo hoje, às 18h. — Ela sorri, e sinto a satisfação de tê-la dobrado. — Vou pedir ao Clayton para trazer meu carro para cá.

Isabella passou o resto do dia no 19º andar, na — fiquei sabendo hoje do apelido — sala da justiça. Ouvi Alice e ela conversando, e minha assistente se referiu assim à sala onde os advogados estão trabalhando.

Estou concentrado em um documento

quando, sem querer, abro o arquivo do currículo dela, que o Hal me mandou por e-mail. Leio todas as informações de novo, percebendo o quão nova ela começou a trilhar o caminho da advocacia.

Isabella estagiou desde o começo da faculdade, mesmo não sendo obrigatório, mas o que me chama atenção é que, em todas as experiências como estagiária, ela desenvolveu atividades relacionadas ao direito criminal.

Houve um estágio concursado, no currículo dela, a partir do sétimo período, e foi na Justiça Federal, onde ela auxiliou em muitas ações importantes, inclusive casos famosos de corrupção, mas – é só um detalhe, porém, não passa despercebido a mim – ela não cumpriu o tempo de estágio lá, ficando sem estagiar durante os últimos meses da graduação.

Acho estranho, penso que talvez ela tenha ficado doente ou – como parece que já tinha cumprido as horas – tenha optado por sair do estágio. Passo adiante, lendo cada uma das experiências profissionais e acadêmicas anteriores ao escritório do Hal.

Ao final da página consta algumas causas importantes que ela representou. Podia ter foto

também! Penso que isso evitaria deixar um desavisado cliente de queixo caído ao conhecer... — escuto vozes, pois a porta da minha sala está entreaberta.

— Ah, guria, pare de *dolangue*! — é a voz da Bárbara Pontes. — Fale para ela, Marina!

— Elas são as melhores baladeiras de Curitiba e com certeza conhecem os guris mais quentes da cidade — Marina fala como se fosse um texto decorado, imitando o sotaque das amigas.

Isabella ri e comenta algo que eu não escuto, e todas riem juntas.

— Viu só?! Vem conosco, já está na hora! Pare de ser caxias!

Cazzo! Elas estão tentando levar minha... porra! Elas estão tentando levar Isabella para longe de mim essa noite! Não mesmo!

Levanto-me apressado, abandonando tudo o que estava fazendo, tendo como meta mandar essas malucas baladeiras para o andar de baixo e trazer minha advogada para dentro da sala.

Mal chego à porta quando escuto:

— Não pode passar seu aniversário sozinha num flat frio e vazio! — Quênia reclama, e eu estanco no local. Aniversário?! Só pode ser

sacanagem!

— Ah, é dia de semana, eu não gosto de beber! — Isabella explica.

— Na sexta eu irei fazer um jantar para ela... — Não, Marina, não faça isso! — Podemos transformar numa festa! — escuto, desanimado, palmas e gritinhos de felicidade. — A princípio seríamos só nós quatro, Frank, Isabella, Antonio e eu, mas eu não sabia que seria seu aniversário amanhã! Definitivamente vamos ter uma festa!

Aniversário amanhã! Não pode ser certo, pois se ela dormir na minha cama hoje, a primeira pessoa que ela verá ao acordar no dia do seu aniversário serei eu, e isso definitivamente é envolvimento demais!

No entanto, ao mesmo tempo... pensar nela com Bárbara Pontes, Quênia Garstka e Marina numa balada... Cacete, estou parecendo o Tony, com medo dessas mulheres malucas!

— Doutora Romanza. — falo à porta do escritório.

Seis cabeças femininas dos mais variados tipos e das mais diversas cores se viram para mim quando a chamo. Alice, Marina, Bárbara, Quênia, a doutora – como é mesmo o nome dela? – Priscilla e

Isabella me olham surpresas por eu estar aqui.

— Eu preciso da sua ajuda num documento.

— Isabella ergue a sobrancelha. — Você poderia...? — Aponto para o interior da sala.

— Já vamos! — Marina ri ao beijar as bochechas de Isabella. — Festinha na sexta, não esqueça!

— E ainda não desistimos! Amanhã iremos todas ao Victor! — Bárbara me dá um aceno de despedida.

Quênia e Priscilla se despedem também, e Alice, que está com uma expressão de “o que está acontecendo?”, intercala olhares entre mim e Isabella.

— Alice! — Ganho toda sua atenção agora. — Você já pode ir também. Vou terminar de ler o documento que você me passou e depois vou para casa.

— Tem certeza? — Aperta os olhos, desconfiada.

— Sim. — Abro a outra parte da porta. — Doutora Romanza?

Ela entra, dura de tensão, por causa da desconfiança de Alice e segue até minha mesa.

— Onde está o tal documento?

Dou um sorriso malicioso e mostro as folhas impressas em cima da mesa. Ela pega a primeira da fila e desata a rir.

— Está em italiano! Seu maluco, o que Alice vai...

— Você é italiana também, pelo menos pela parte materna! — Isabella para de rir e fica lívida. — Disse algo errado?

— Não. — Ela põe a folha de volta, mas parece diferente, triste... eu não sei bem, porque, sinceramente, nunca fui um homem que fica analisando o estado de espírito de uma mulher, a não ser na cama.

Abraço-a pelas costas, surpreendendo-a.

— Vamos embora?

— Sim... — responde baixinho ao sentir minhas mãos deslizando sobre seus seios cheios.

Isabella quis tomar banho em seu próprio banheiro, o que eu não gostei, mas entendi que ela queria privacidade, pois estava o dia todo com aquela roupa, trabalhando.

Eu pensei em subir e a esperar na cobertura,

mas resolvi ficar no pequeno flat do sétimo andar.

Descubro algumas coisas sobre ela nesse espaço. A mais evidente é que ela realmente gosta de cozinhar, pois em cima da bancada que limita a sala e a cozinha há porta-temperos, pimentas em conserva e também plantadas num vasilho, além de muitos utensílios. Na sala, a falta de uma televisão me chama atenção, mas a quantidade de porta-retratos é atordoante.

Pego um em que ela aparece abraçada a uma versão mais velha de si mesma, sua mãe. É verdade o que ela me disse uma vez, as duas são muito parecidas, exceto pela cor dos olhos. Penso que, se ela puxar a mãe em tudo, irá envelhecer muito bem.

Há outras fotos, com uma senhora idosa, provavelmente a avó italiana; de Isabella vestida de beca e capelo; jogando bola — com a camisa do Palmeiras — num campo grande.

— Eu era boa jogadora, sabia?

Surpreendo-me com a sua voz, mas não tanto quanto ao vê-la. Os cabelos, agora soltos e molhados, fazem uma cascata negra no lado esquerdo dela, por sobre o ombro. No corpo, um vestido solto e estampado de flores. *Madonna*

Santa!

— Só escolheu o time errado! — tento brincar, disfarçando a vontade de abraçá-la e fodê-la aqui mesmo.

— Claro que não! Eu sou Verdão com orgulho. — Ri e aponta para outra foto. — Meus primos.

Eu olho uma infinidade de mulheres em fila e um único rapaz.

— Coitado! — Rio. — Já imagino o que ele sofre no meio de tantas mulheres italianas... que falação ele tem que aturar!

Ela ri, concordando.

— Você quer mesmo subir? Podíamos ficar aqui...

Penso sobre essa possibilidade. Seria o mais fácil e o mais normal para mim, mas não, não quero ficar aqui. Já quebrei as porras das regras ontem, seria hipócrita demais fingir que nada aconteceu. Sabe como é, não é? Onde passa um boi, passa uma boiada!

— Mais uma noite, Isabella. Na minha cama.

Ela assente e faz menção de ir.

— Vai trabalhar assim amanhã? — Ela

nega. — Onde estão suas coisas?

— Para quê? Moro andares abaixo de você!

— É melhor levar... — Sigo andando para a porta. — Ah, e leve calça; nada de saia amanhã.

Sua expressão está confusa, mas ela faz o que eu sugiro e volta com uma pequena mala de mão.

Chegamos à cobertura, e eu entro no banheiro; é meu tempo de ter privacidade. Digito algumas mensagens no meu celular, tomo um banho rápido e saio só de cueca boxer branca.

Isabella está deitada na minha cama usando somente um conjunto de calcinha e sutiã vermelhos. Porra, ela fica linda de vermelho!

Caminho até ela e subo na peseira da cama, desferindo beijos nos dedos dos seus delicados pés. Isabella se contorce ao sentir minha língua subindo por sua perna, minhas mãos tocando-a em seus quadris.

Não dispenso tratamento exclusivo ao meio de suas coxas, ignoro-o, passando direto ao abdômen, enfiando minha língua em seu umbigo, mordicando sua cintura.

Faço o contorno dos seios, pressionados pelo sutiã, mordo seu pescoço e, por fim, mergulho

em sua boa. Enquanto a beijo, minhas mãos abaixam a sua calcinha e começo a explorar sua boceta úmida e quente.

Gememos juntos, e ela suga meu lábio inferior quando meus dedos encontram um caminho apertado e quente dentro dela.

— *Sei molto sexy, Bella!*⁶⁰ — comento gemendo, aprofundando o beijo.

Ergo-a do colchão, desafivelô o sutiã. Ela volta a se deitar quando começo a sugar e lambe cada um de seus seios. Os quadris estão impacientes, mexendo-se no mesmo ritmo dos meus dedos.

— Me fode agora, Frank... Por favor...

Continuo a usar os dedos e a boca da mesma forma.

— Agora, Frank! — geme.

— Psiu!

— Não! Eu quero agora!

Afasto-me dela, o que a deixa com expressão chocada e furiosa. Vou até meu armário e volto com duas coisas nas mãos, o cinto do meu roupão e um par de algemas.

Ela arregala os olhos, e sorrio, cheio de tesão. Teve uma época em que eu era fã de NACIONAIS - ACHERON

petrechos de BDSM, mas agora, os poucos itens que sobraram no meu armário se resumem a algemas, vendas e alguns chicotes. Infelizmente não tenho mais uma mordaca. Preciso providenciar!

Quem não tem cão... O cinto do roupão entra na sua boca com força, enquanto dou um nó atrás.

— Sem reclamações! — Ela assente. Gosta desse jogo, não é? Então vamos brincar!

Levanto os seus pulsos e os algeo à minha cabeceira de ferro.

— Você está à minha disposição agora, Bella. — Passo os dedos da sua pélvis até o queixo, sentindo a sua pele arrepiar ao toque. — Abra as pernas.

Inclino-me sobre seu sexo e a cheiro.

— Seu perfume é incrível! — Passo a língua. — Mas seu gosto é... — chupo-a com vontade — muito, muito melhor! — Enfio a língua dentro dela, fazendo movimentos de entrar e sair. — *Che meravigliosa figa!*⁶¹

Levanto-lhe os joelhos, fazendo-a ficar ainda mais exposta às minhas investidas. Isabella ergue o quadril, delirante, e aproveito para lambe sua bunda. *Mi piace che culo!*⁶²

Sinto que ela está prestes a gozar, mas não tenho a intenção de permitir isso, não assim, não agora. Paro o que estou fazendo, ponho a camisinha e entro nela numa única estocada.

Bella enlaça minha cintura com as pernas enquanto faço movimentos de vai e vem. Solto as algemas, e ela se agarra a mim, arranhando minhas costas, puxando meus cabelos.

Giro com ela na cama e a ponho a cavalgar – o que eu percebo que ela adora –, ajudando-a, agitando meus quadris por baixo de seu corpo. A visão que tenho do meu pau entrando e saindo molhado de dentro dela é foda!

Apoio-a pelos seios quando ela parece querer tombar em cima de mim. Não dou tréguas, quero vê-la gozar duro, sem se esconder, sem impedir toda sua excitação de jorrar em mim. Arranco-lhe a mordaca improvisada, ouvindo-a gemer e gritar a cada estocada profunda que dou.

— *Di pecorina!*⁶³ — Ela não entende, mas eu simplifico, levanto-a, saindo de dentro dela e a coloco de quatro sobre a beirada da cama. — Você tem uma bunda... — Dou um tapa. — *Cazzo!* — Entro nela de novo, vendo-a rebolar o traseiro contra minha virilha.

Preciso me deixar ir... Meus dentes estão trincados com essa visão, com a fantasia de um dia entrar bem no meio dessas nádegas redondas... Porra!

Inclino-me e coloco a mão em seu clitóris, massageando rápido enquanto vou metendo dentro dela. Sinto seus gemidos mudarem, vejo sua pele se arrepiar e sorrio, sabendo que chegou a hora... e, cacete, não me decepçiono, pelo contrário, sigo com ela.



*Ligue seu motor,
Pegue a estrada em busca da aventura,
Qualquer uma que venha em nossa direção.
Sim, querida, vamos fazer isso acontecer,
Pegue o mundo num abraço carinhoso,
Dispare todas as suas armas ao mesmo tempo e
Exploda espaço afora.
Born to Be Wild – Steppenwolf*

— **Estou completamente exausta!** — Isabella confessa, deitada na cama ao meu lado. — E com fome!

Eu também estou. Estava tão ansioso para tê-la mais uma noite que me esqueci de planejar algo sobre o jantar.

— Vou pedir comida — aviso me levantando. — O que você prefere?

Ela se espreguiça, lânguida, ronronando feito uma gata. A minha vontade ao ver a cena é de pular de volta no colchão e a agarrar para mais uma sessão de sexo, mas meu estômago está reclamando.

— Pizza! Com bastante queijo e manjerição!

— Então vamos de pizza! — Abro a aplicativo no celular e encomendo uma pizza marguerita tamanho família. — Tem alguma preferência de vinho?

— De novo álcool no meio da semana... Assim você me acostuma mal, Frank Villazza!

Puxo-a pelo pé, trazendo-a para perto de mim.

— Minha missão é levá-la para o mau

caminho, Bella! — Chupo seu dedão.

— Com certeza... — geme quando passo a língua na sua canela. — está conseguindo... seu intento.

— Vem! Vamos relaxar um pouco enquanto a comida não vem. — Pego-a no colo e caminho para o banheiro.

Encho a banheira enquanto ela está sentada na borda.

— Você deveria ter sais ou espuma de banho, ou mesmo algumas velas.

Rio ao me imaginar colocando sais perfumados na água.

— No dia em que tiver essas coisas por aqui, ou eu mudei de lado, ou tem mulher morando comigo! E, sinceramente, qualquer uma das duas opções é absurda.

Ela sorri, mas não como antes.

— Por que você é tão avesso a um relacionamento? — Sinto meu corpo gelar. Ah, não, não estraga tudo! — Não precisa ficar assustado, é só curiosidade, pois não faz sentido.

— O que não faz sentido?

— Você e essa aversão a compromisso. — Encaro-a por uns minutos em silêncio, não

entendendo aonde ela quer chegar com esse assunto. — Não há qualquer relacionamento falido em sua família, pois até onde eu sei, seus pais são casados há quase cinquenta anos; seu irmão, antes de ficar viúvo, esteve casado com sua amiga de colégio e agora com a Marina. De onde vem essa desconfiança? Todos os que você mais preza têm bons relacionamentos.

O assunto me incomoda de verdade, pois não gosto de falar sobre isso, mas respiro fundo, sabendo que é melhor dizer a ela diretamente e cortar o mal pela raiz.

— Eu não nasci para ser constante. — Ela levanta aquela sexy e negra sobrancelha. — A permanência, pelo menos no sexo, me causa tédio e conseqüentemente perco o interesse. Eu sou assim! — Dou de ombros. — Não tenho nenhum trauma, nada dessas porras todas. Só não quero me amarrar a ninguém, nunca.

Ela balança a cabeça, dizendo que compreendeu, mas isso ainda não parece ser o suficiente. Eu preciso que ela saiba o que pode esperar — não — o que ela não pode esperar de mim.

— Eu nunca consegui manter meu interesse numa mesma mulher por muito tempo, então eu

seria um péssimo companheiro — já que estamos sendo sinceros, é melhor eu dizer de uma vez. — Você mesma salientou os relacionamentos perfeitos da minha família, e são mesmo. Meus pais ainda são apaixonados um pelo outro, mesmo depois de tantos anos e três filhos adultos. Meu irmão era tão apaixonado pela esposa que, mesmo com ela estando em coma por sete anos, ele não deixou de estar com ela e de amá-la. — Ela arregala os olhos, provavelmente por não saber desses detalhes do casamento do Tony com a Margie. — E agora ele tem a Marina... E eu, bem, nunca senti nada mais do que atração por uma mulher. Essa é a história, é simples.

Isabella não desvia os olhos de gata de mim, que fico um tanto constrangido com isso, pois estou me sentindo analisado, dissecado. Eu nunca dei tantas explicações a ninguém, muito pelo contrário. Quando uma mulher com quem estava transando começava a discorrer sobre compromisso, eu já a cortava diretamente.

Contudo, há um clima de amizade, além do sexo, entre mim e essa pequena inquisidora, assim, resolvi responder com sinceridade. Porém, claro, foi só porque estamos nesse clima de amizade

colorida, nada a mais do que isso.

— E você, Isabella? — Eu sou desse tipo de pessoa que pensa que, se tem coragem para perguntar, tem que ter a mesma para responder, afinal, “pau que dá em Chico, também dá em Francisco”. — Por que você não está por aí, exibindo um relacionamento? Ou você é dessas mulheres que preferem a carreira a uma família?

Ela encara a água da banheira, cheia pela metade, e eu penso que está protelando para responder, mas então o que ela diz me surpreende:

— Não. Eu achei que ia me casar antes mesmo de terminar a faculdade e que, talvez, meu diploma acabasse por ficar de enfeite. — Dá de ombros, como se essa informação não fosse grande coisa, mas estou literalmente de boca aberta. — Mas nem sempre a vida e o coração se entendem... — Olha-me, séria. — Estou com frio, vamos entrar?

Levo alguns segundos para entender o que ela falou, estarrecido com a emoção na sua voz ao dizer sua última frase antes do pedido para entrar na água. Isabella já esteve apaixonada por algum *coglione* que a decepcionou! Ela pensou em se casar e abrir mão de tudo pelo babaca?

Entro na banheira, e logo em seguida ela se senta no meio das minhas pernas. Essa é uma situação em que nunca estive, nem na noite passada, pois usamos a banheira para foder e não para tomar banho e relaxar.

É estranho tê-la assim, nua, molhada, encostada em mim sem que haja uma transa envolvida, mas não é desagradável.

— Me fale sobre isso, Bella — peço sem pensar, curioso pelo que ela deixou escapar, envolvido com esse clima... amistoso entre nós.

— Ah, Frank... — Ela suspira. — Já se passaram muitos anos!

Eu acho graça, pois para mim ela ainda lembra uma menina, e ouvi-la dizer que foram muito anos parece exagero.

— Vamos lá, me conte! Somos amigos coloridos, afinal.

Ela ri e se aconchega mais ao meu peito.

— Eu tinha vinte anos e estava cursando o sétimo período da faculdade. Consegui passar num concurso muito disputado para trabalhar na Justiça Federal e me designaram para estagiar com o doutor Alberto Moraes. — Surpreendo-me ao ouvir o nome do juiz famoso pelos casos de corrupção

que julgou. — Estávamos trabalhando em mais um desdobramento da operação “Calcanhar de Aquiles” quando eu o conheci pessoalmente.

Eu me lembro dessa famosa operação, apelidada assim por um dos investigados ser manco.

— O juiz? — questiono, curioso. — Foi ele quem você conheceu pessoalmente?

— Sim. — Ela ri. — Imagina o quanto eu fiquei impressionada! Ele era admirado por todos, não só da nossa área, além de ser jovem e bonito.

Putá que pariu! O juiz e ela?

— Quantos anos ele tinha, Bella?

— Quarenta. — *Desgraçado!* — Mas eu não achei que isso fosse importante. Então, uma vez, nós saímos todos para comemorar. Na volta ele me levou para casa e me beijou. Começamos a namorar, e isso durou pouco mais de um ano.

— Namoram mesmo? — indago desconfiado.

— Sim. Pelo menos, eu achava que sim. — Ri de si mesma. — Ele conheceu minha mãe, e eu, a família dele, e, embora não expuséssemos o relacionamento abertamente, por causa do trabalho, não parecia que estávamos fazendo algo errado.

— E por que não deu certo?

— Eu não era o suficiente! — Sinto mágoa nessas palavras. — Era ingênua demais; tímida demais... — Gargalha. — E não tinha o peso de um sobrenome... Então ele preferiu alguém que tivesse e se casou com ela.

Sim, ele o fez, o desgraçado! Sinto o mesmo ódio que sempre me percorre quando o assunto é relacionado à minha irmã, talvez por Isabella ser jovem como Gio. Se eu pudesse, enforcava aquele juiz engomadinho.

Lembro-me do seu casamento suntuoso com uma moça de uma das famílias *quatrocentonas* de São Paulo. O peso de um sobrenome! Que homem mais babaca! Parece até que ainda estamos no século XIX, porra!

— Então, depois de Alberto, resolvi focar na minha carreira. Inclusive, para evitar contato com ele, passei a me dedicar ao direito trabalhista e previdenciário, e não mais o criminal, e aqui estou eu. — Ela vira a cabeça e me olha sorrindo.

— *Grazie Dio!*⁶⁴ Prejuízo do babaca, lucro meu!

Ela me espirra água, rindo da minha piadinha.

Beijo-a de uma forma diferente, conectada. É estranha essa sensação, por isso não sei explicar, mas, apesar de o beijo parecer como os outros, cheio de tesão, há algo além.

Talvez eu tenha ficado com pena dela, da jovem Isabella que teve seus sonhos frustrados, não sei. Só sei que estou mais terno com ela, mais cuidadoso, e isso também é bom e excitante.

O interfone toca.

— Nossa pizza! — Ela pula para fora da água, correndo na direção de uma toalha.

— Esfomeada! — caçoo. — Sua mãe não te ensinou que uma mulher deve fingir não ter fome perto de um homem?

Ela gargalha.

— Não, porque ela é a primeira a voar na comida! — Joga-me a toalha negra que estava junto da sua, branca. — Sai logo daí!

— *Dio!* Parece até que não te pago o suficiente para comer...

Escuto-a gargalhar descendo as escadas rumo à cozinha, onde fica o interfone.

Meu instinto de proteção me alerta: essa mulher já está muito à vontade no seu espaço! Livre-se dela!

Porém, tudo o que faço é rir da situação.

— Bom dia! — cumprimento, acordando-a.

Isabella e eu, depois que devoramos a enorme pizza marguerita acompanhada de um vinho tinto bem encorpado, fizemos sexo no sofá da sala. Depois tivemos mais uma sessão no chuveiro e por fim nos deitamos na cama, cansados, haja vista a noite anterior praticamente insone.

Eu ainda demorei a dormir, um pouco incomodado por estar dividindo meu espaço com ela, mas adorando vê-la ali, tão entregue, tão vulnerável. Confesso que fiquei um bom tempo observando-a dormir antes de pegar no sono.

— Ah, não! — Ela põe o travesseiro sobre a cabeça. — Não quero acordar agora!

Rio da sua preguiça, afinal, já passa das 8h da manhã.

— Vamos lá! — Retiro o objeto de cima dela. — Temos que sair!

— Que horas são? — Respondo-lhe, e ela se senta na cama, apavorada. — Meleca, perdemos

a hora!

Meleca?! Caio na gargalhada, e ela joga o travesseiro em mim.

— Seu chefe é bem compreensivo, tenho certeza de que ele não irá questionar seu atraso hoje...

— Eu acho que ele também chegará atrasado! — Ela se levanta à procura de sua malinha de mão.

Acordei há algum tempo para verificar algumas coisas, tomei um banho e escovei os dentes, mas ainda estou só com uma toalha presa à cintura. Sigo para o closet e a ouço cantando embaixo do chuveiro. É outra situação inédita, pois, geralmente, eu era o único com essa mania aqui. Escolho uma cueca, passo meu perfume — sei o quanto ela gosta — e pego uma camisa de malha com mangas compridas — nada de terno hoje.

Ela entra no armário já vestida com uma calça social clara, blusa de seda e sapatos de salto. Ah, porra!

— Não vai trabalhar hoje ou está pretendendo um dia sem gravata no escritório? — Ela aponta para mim, que estou acabando de vestir calça jeans.

— Não, não vamos trabalhar. — Ela arregala esses olhos azuis gigantes. — E essa roupa aí não serve. — Bufo. — Deveria ter sido mais específico ontem, mas não tem problema, passamos no sétimo andar...

— Ei! — interrompe-me. — Como assim não vamos trabalhar hoje?!

O seu celular toca.

— Não vai atender?

— Frank!

Eu rio enigmático e aponto para o quarto, onde o seu telefone toca sem cessar.

Isabella vai até ele, e eu consigo escutar um pouco da conversa. Com certeza é alguém a parabenizando pelo aniversário. Pego uma jaqueta.

— Vamos?

Ela está com o aparelho na mão, mas a pessoa já desligou.

— Aonde?

— A nenhum lugar específico, por aí... — Grande mentiroso! No entanto, ela me segue.

Dessa vez, quando entramos no seu flat, eu sou bem específico ao que quero que ela vista.

— Tem jeans ou calça de couro? — Ela parece desconfiada, mas assente. — Couro e uma

blusa grossa de mangas compridas, porque o tempo não está quente hoje, vem uma frente fria!

Ela assente e some quarto a dentro. Quando sai, sinto-me como aqueles lobos de desenho animado: olhos injetados para fora e língua no pé. *Madonna mia*, em couro essa mulher fica ainda mais gostosa!

— Pronta para a aventura?

— Não sei, mas confio em você!

Uau! Ouvir essas palavras é... estranho! Pego-a pela mão, e descemos de mãos dadas pelo elevador. Eu nunca andei assim com alguém – na verdade estou fazendo um monte de coisas que nunca fiz antes – mas com ela não tenho a sensação de estar fazendo merda.

Entramos no carro e seguimos em direção a outra área do bairro, onde tenho uma construção rústica em que guardo meus tesouros amados. Temos que ir até lá porque eu não tenho espaço suficiente na garagem do prédio para todos eles e uma das únicas motos que têm garupa traseira está lá.

Aperto o controle-remoto do portão e entro no galpão.

— Ai, meu Deus! — Isabella olha para as

minhas motos, a maioria coberta com capa para proteger da poeira. — Eu não vou andar nisso!

— Para com isso! Até parece que nunca andou de moto. — Rio. — Elas são grandes, mas são seguras, e eu sou bom piloto.

— Eu nunca andei mesmo! — Olho para ela surpreso, parando o carro. — Sabe quantos acidentes de moto há por dia em São Paulo? E quantos desses levam à morte? Sem contar os roubos... — Ela treme. — Minha mãe me mataria se eu andasse de moto por aí.

Não é possível! Olho-a como se houvesse um E.T. à minha frente. Quem nunca andou de moto pelo menos uma vez na vida?

— Saia! — digo saltando do carro.

Ela demora um pouco para fazer o que pedi e, enquanto isso, vou tentando adaptar meu plano. Eu tinha inicialmente pensando em levá-la numa moto potente e veloz e fazê-la sentir o vento nos cabelos, mas devido à sua última informação, preciso de um veículo robusto e confortável.

Escolho uma Harley Fat Boy que quase não piloto, pois a tenho mais como item de coleção do que para passeio. Além de possuir o banco do carona, ela é muito confortável, e o barulho do

motor é lindo.

Ligo-a, conferindo se está tudo certo. Preciso abastecer, mas posso fazer aqui mesmo, pois tenho um tanque de combustível exatamente para isso.

Meu funcionário encarregado de cuidar do local chega e olha curioso para Isabella antes de me cumprimentar.

— Senhor Villazza!

— Oi, Ângelo! Vou sair com a Fat hoje, você pode abastecê-la? — Ele concorda. — O Burguello esteve aqui para ver a Ducati. — Aponto para a minha moto mais potente e cara. — Você o acompanhou na vistoria?

— Sim, está tudo certo com a máquina! — Sorri. — Ontem ele ligou para dizer que a peça da Hydra finalmente chegou.

Abro um sorriso gigante ao ouvir a notícia. Tenho uma Harley lindíssima fabricada na década de 50, e ela está passando pela sua primeira restauração após eu tê-la adquirido de outro colecionador.

— Boa notícia, Ângelo! — Isabella está olhando moto por moto das que estão descobertas. — Abastece para mim.

Ele se afasta, e eu vou até ela.

— Gostando do que está vendo?

Ela sorri.

— São bonitas, mas são muitas! — Encara-me. — É como um menino que coleciona brinquedos, só que os seus são de verdade!

— São mais do que brinquedos! — Tenho verdadeiro orgulho da minha coleção.

— Não é perigoso tantas motos, como esta — aponta para uma das mais caras que tenho —, estarem aqui?

— O local é todo monitorado. Tem câmeras, alarmes e, além disso, todas estão seguradas, mas algumas são únicas... — Mostro para ela a Harley mais rara existente no Brasil, fabricada em 1931. Ela fica em cima de uma espécie de tablado, mas, na verdade, é um piso sensível a movimento.

— Que loucura isso! — Ri nervosa.

É bom quando vejo alguém admirando minhas coleções, e a de motos é a pela qual mais tenho apreço. Ter Isabella aqui, hoje, tocando com cuidado, observando cada detalhe, cada curva é uma sensação que supera todas as outras que tive, quando, por exemplo, um amigo que também

colecciona vê e inveja as minhas máquinas.

Ângelo volta pilotando e me entrega dois capacetes. Dois capacetes! Ao ver o par de itens de segurança, sinto um baque, pois nunca utilizei dois ao mesmo tempo, mesmo porque sempre andei sozinho.

Ajudo Isabella a pôr o seu e subo na moto, com o motor ligado, aguardando-a fazer o mesmo.

— Pronta? — pergunto um pouco mais alto que o normal por causa da acústica do local e o barulho do motor.

— Não! — ela responde rindo.

Saio em disparada para a rua, sentindo a liberdade que sempre sinto quando estou pilotando, mas dessa vez há também braços enlaçados em minha cintura, bem apertados.

Eu gostaria de levá-la a passear pela cidade, pegar uma estrada longa e parar em algum lugar bem bacana, mas estou atrasado para o que planejei com ela hoje, além de estar com fome, pois não tomamos café da manhã. Sigo para fora da cidade, demorando quase uma hora para chegar ao nosso destino.

Paro a moto no estacionamento de uma construção antiga, mas muito conservada, que eu

tenho certeza de que ela irá gostar. Quando olho a sua expressão de encantamento, sinto-me recompensado por isso. Eu nunca imaginei que iria trazê-la a esse lugar, mas acabei decidindo que aqui era o local ideal para uma comemoração, assim, contratei um pacote completo.

— Vamos entrar?

— O que tem aí? — questiona curiosa.

— Veja você mesma! — Abro a porta, e entramos na recepção. — Bom dia, reserva para Villazza.

A atendente, solícita, confere no computador a minha reserva e me entrega um cartão.

— Sejam bem-vindos!

Arrasto Isabella pelas mãos, e entramos num jardim interno completamente tomado por flores, com uma enorme fonte no meio.

— Meu Deus, que lindo! — sua voz está extasiada.

Eu sabia que seria assim. Não há no mundo uma mulher que não se encante com o local.

— Isso é um hotel?

— Não. — Abro uma enorme porta dupla.
— É um clube. Privado.

Eu só posso descrever a sua reação como chocada.

Isabella anda dentro do salão decorado com móveis do século XIX e cheio de flores, onde, no centro, há uma mesa de café da manhã para dois.

— Feliz aniversário!



*Oh, oh, nunca me senti assim.
Como você me dá tanto prazer
E me causa tanta dor?
Quando começo a pensar
Que tirei mais do que perdi,
Começo a me apaixonar de novo por você.
Fallin' – Alicia Keys*

Isso não pode ser real! Não, Isabella, você está sonhando, só pode. Eu quero poder fechar os olhos e voltar lá para a cama de Frank e acordar segura, sabendo que foi só uma noite de sexo e nada mais, apenas uma amizade colorida.

No entanto, não, ele está pondo tudo a perder! Primeiro conversando comigo do jeito que fez ontem na banheira – ele me ouviu contar sobre Alberto, apesar de eu ter omitido boa parte da história –, depois brincando comigo durante a pizza, e, por fim, quando fez sexo comigo de um jeito tão diferente, tão cuidadoso, no sofá da sala.

Respiro fundo antes de confessar para mim mesma que não foi fazer sexo, mas sim, amor e que eu nunca fiz daquele jeito. No chuveiro ele me deu banho, sim, me ensaboou, me lavou, depois me lambeu e me fez gozar antes de penetrar em mim.

Foi tudo tão diferente do outro dia, mas tão mais intenso! Dei graças aos Céus por ter acabado, por voltar a ser apenas advogada da empresa, mesmo sem poder usar minhas saias, porque eu havia pensado que ele quisesse que eu usasse calças para evitar a tentação, mas não! Ele me levou para o meu primeiro passeio de moto. Eu morri de medo só de pensar em andar naquilo, mas adorei cada

NACIONAIS - ACHERON

minuto que passei em cima daquela máquina, sentindo o vento, agarrada a ele.

Como se não fosse o suficiente, ele passa por uma região cheia de restaurantes belíssimos, construções antigas, vinícolas e para em uma espécie de castelo de pedras.

A princípio achei que fosse um hotel, pela recepção e tudo mais, mas ao passar pelo lindo jardim interno, pensei que pudesse ser um restaurante. E é. Só que um bem especial, dividido em salas íntimas, com decoração romântica e perfeita, um típico restaurante para um pedido de casamento. Meleca! Somos só dois adultos que transam, só isso! Não imagine mais nada, Isabella!

Frank tinha que estragar tudo! Tinha que começar a corroer as barreiras que montei em torno do meu coração e que me ajudavam a não pensar nele como um homem para amar. Ele era somente um homem para sexo, bom e muito satisfatório, mas só servia para isso.

Então eu soube o porquê disso tudo. Ele sabe que eu estou fazendo aniversário hoje e montou uma surpresa! Desgraçado!

— Ei, Bella, tudo bem? — Ele se aproxima e me abraça. — Não gostou da surpresa?

Sorrio para ele, sentindo todas as barreiras cederem um pouco mais.

— Adorei! — digo a verdade. — Mas não precisava disso!

— Eu quis fazer. — Ele aponta para a mesa, e caminhamos até ela. — Você está longe da sua família num dia especial, e eu pensei que, como somos amigos, poderia te alegrar um pouco hoje.

— Não precisava, mas obrigada!

— Eu quero somente te mimar um pouco hoje. — Sentamo-nos. — Este é um clube muito bom! Vamos tomar nosso café da manhã e depois desfrutar das outras vantagens... — Dá uma piscada para mim.

— Que outras vantagens? — pergunto curiosa.

— Depois do café! — assim que ele diz isso, uma garçonete entra trazendo uma variedade enorme de pães e biscoitos finíssimos em um carrinho de chá.

Tudo aqui é lindo, desde a porcelana que usamos para o café até as toalhas, cortinas, guardanapos, tudo incrivelmente romântico.

— Sua mãe ainda não ligou? — Ele indaga ao final do café da manhã.

— Não, o que acho estranho, mas não deve tardar a fazê-lo.

— E seu pai? — ele me questionou baixinho, parecendo com medo da pergunta, provavelmente por eu nunca falar dele.

— Deve me ligar mais tarde. Está numa viagem a trabalho — quero cortar o assunto o quanto antes.

— Vi sua foto com seus primos... Você não tem irmãos?

— Não. — Droga, muda de assunto! — Ainda estou curiosa sobre as vantagens do lugar...

Ele dá aquele sorriso torto e sexy que eu am... adoro!

— Quer ir já? Podemos dar uma volta na parte de trás do clube, tem uma área de campo com...

— Não. Eu quero saber o verdadeiro motivo para essa surpresa de aniversário. — Sorrio maliciosa. — Me mostra!

Ele me estende a mão e me guia por entre portas e corredores. Não nos encontramos com ninguém pelo caminho, nenhum funcionário ou visitante do clube.

Subimos uma escada, e ele usa o cartão que

recebeu para abrir uma porta. Dentro, há o quarto mais incrível que eu já vi, cheio de petrechos de sexo.

— Oh, meu Deus! — Entro olhando cada uma das coisas existentes aqui. Frank está ao telefone e não nota o quanto estou chocada e excitada. Eu só tinha visto essas coisas em alguns filmes — que vi escondida — ou em livros de romance do gênero.

— Gostou? — Ele me abraça por trás, mordendo meu pescoço. — Pensei em vir à noite, mas quebraria um pouco o encanto das outras áreas, que você nem quis ver, por sinal.

— Eu nunca poderia imaginar encontrar esse tipo de quarto neste local, tão... — hesito em falar a palavra, mas não há outra — romântico.

Frank ri do meu assombro, principalmente porque ele já devia supor que eu reagiria assim. Como eu poderia imaginar que um local todo delicado como esse pudesse ter uma sala de sadomasoquismo?!

— Quer experimentar? Você pareceu gostar das algemas. — Ri. — Então pensei que esse pudesse ser um bom presente de aniversário.

— Confesso que estou com medo.

— Não se preocupe. — Caminha até uma porta, que se abre, e uma mala é colocada para dentro. — Minhas coisas.

Ele a põe em cima de uma mesa e, quando a abre, meus batimentos cardíacos disparam e eu sinto um tremor me percorrer dos pés à cabeça. Aproximo-me para olhar essas coisas tão estranhas – e excitantes – que ele traz nessa mala.

Tudo está embalado. Chicotes, presilhas, vibradores – ai, meu Deus – algemas, mordanças... tudo novinho.

— Quando você pensou nisso?

— Ontem à noite, mas se você não quiser, sem problemas, não usamos nada disso. — Ri sem graça. — Há muito tempo eu não faço assim, então estou um pouco nervoso também.

Olho o quarto, que parece o de um castelo medieval, com suas paredes de pedra, cama com dossel, várias argolas e ganchos pendurados. E o mais impressionante é uma espécie de “x” em madeira meio erguido no centro.

Ir embora? Não mesmo!

— Quero meu presente de aniversário! — digo já tirando a blusa.

Ele se aproxima, mas não me toca. Senta-se

numa poltrona e cruza as pernas.

— Se dispa para mim! — Seu olhar é quente, e sua voz exerce um comando sobre mim tão forte que não penso em resistir.

Desabotoo a calça, viro-me de costas e, ao tirá-la, desço meu tronco até o chão, dando-lhe uma visão privilegiada da minha bunda. Ouço-o gemer.

Há um sorriso satisfeito em meu rosto quando solto o sutiã, sem tirá-lo, ainda de costas. Ouço uma música começar a tocar. Reconheço Alicia Keys cantando *Fallin'* e a acho perfeita para tudo isso.

Movo meu corpo junto com a música, retiro o sutiã e jogo a peça sobre Frank — sempre sonhei em fazer isso um dia —, que a cheira e a põe sobre o braço da poltrona.

Fico segurando os seios, tampando os mamilos com as mãos.

— Brinca com eles para eu ver — o tom de voz do Frank é baixo e grave, excitado.

Ele tira a jaqueta e a blusa, ficando só com a calça jeans. O seu corpo contra o couro vermelho da poltrona é uma visão incrível, e eu faço o que ele manda, beliscando, roçando e puxando meus mamilos.

Já sinto um tesão enorme e estou notando a calcinha ficar úmida só por estar aqui, seminua, dançando para ele e tocando meu próprio corpo.

— Quero a calcinha. — Começo a tirá-la. — Devagar!

Diminuo o ritmo e, quando a retiro, faço o mesmo que fiz com o sutiã, jogo-a em cima dele.

Dessa vez, ao invés de somente cheirar, Frank passa a língua nela, e um tremor perpassa meu corpo ao imaginar o que essa língua faz comigo.

— Bella, senta na cama, na beirada. — Sigo suas ordens. — Abra bem as pernas... isso. — Ele se levanta, tirando em seguida a calça e a cueca, mostrando como seu pau já está rijo e úmido. — Agora se toca para mim.

Hesito, constrangida. Qual é! Esse homem já esteve com a língua na minha bunda!

Começo devagar, apenas brincando, explorando, espalhando minha excitação por minha vagina, facilitando meus movimentos. Frank continua de pé, sua mão acariciando de leve seu membro, assistindo-me fazer o mesmo em mim mesma.

Isso é muito bom! Fecho os olhos, sentindo

meus dedos massagearem meu ponto sensível e duro, distribuindo uma energia maravilhosa pelo meu corpo.

— Abra. A. Porra. Dos. Olhos! — ele rosna, e mais uma vez, eu obedeço.

Frank está agindo mais rápido agora, olhar excitado, dentes trincados e respiração ofegante. Quero fechar os olhos ao sentir o gozo iminente, mas não o faço, olhando-o fixamente e sentindo. Oh, é muito...

Meus gemidos saem alto, e involuntariamente fecho os olhos. Deixo-me levar, sinto-me inundar de prazer, imaginando-o assistindo a isso.

Sinto a sua mão sobre meu pé esquerdo, e algo prende o meu tornozelo, em seguida, noto o mesmo no direito.

— Deita! — Frank está ofegante, e eu me lembro do cigarro, de não o ter visto fumar nesses dias em que estamos dormindo juntos. Ele apenas põe o fumo apagado na boca.

Frank me vira, e eu fico de bruços na cama. Ele prende cada um dos meus punhos e depois passa uma corda por cada argola presa em minhas extremidades, fazendo-me juntar os pés e as mãos e

ficar amarrada, literalmente.

Fico tensa, sabendo o quão vulnerável estou nesta posição e como ele tem acesso irrestrito ao meu corpo dessa forma. Sinto-o me levantar, e eu fico de joelhos, sem poder me mexer.

Frank sobe na cama, e eu finalmente entendo o que quer com essa amarração toda. Ele segura meus cabelos e me faz engoli-lo inteiro, até o fundo da minha boca.

Os movimentos são bruscos, e eu tento recebê-lo o máximo que posso sem irritar minha garganta. Ele me joga de volta no colchão, de bruços, toma-me em sua boca.

Sinto tudo girar e o chão tremer à nossa volta. Sei que esta manhã será a melhor da minha vida!

Feliz aniversário, Isabella!

É de tarde, e ainda estamos no clube. Eu nunca tive tantos orgasmos de uma só vez. Frank e eu jogamos com vários brinquedos, inclusive com vibradores, e eu descobri que sexo é mais do que um casal e uma cama.

Paramos para o almoço – na mesma sala do café da manhã – e eu me delicieei com um *carré de cordeiro e aligot*, um prato artisticamente preparado, além das entradas e da sobremesa, uma torta trufada maravilhosa.

Trouxemos champanhe e morangos para o quarto, e Frank bebeu o líquido *rosé* sobre meu corpo enquanto me dava as frutas na boca. Foi tudo mais do que perfeito, até que, agora, depois de mais uma maratona, faço a pior pergunta que poderia ter feito.

— Você já usou esse lugar antes?

Sinto o quanto ele fica tenso e relutante em responder.

— Já. Não especificamente este quarto, mas sim, já trouxe mulheres aqui. — Sinto uma mistura de decepção por não ter sido a primeira e alívio por isso me mostrar que tudo o que ele faz, por mais especial que seja, é somente com o intuito de ter prazer. — Não há muitos locais, além do meu próprio apartamento, que eu não tenha frequentado acompanhado, Isabella.

A *Bella* já não está mais em cena, e eu fico muda, sem saber o que falar, mas sou salva graças ao meu telefone, que toca.

— Oi, mãe! — atendo, afastando-me do abraço de Frank.

— Parabéns, filha! — Eu lhe agradeço. — Como está sendo seu dia? Trabalhando muito?

— Está sendo ótimo! — Olho para a cama, de onde saí, e vejo Frank de olhos fechados, relaxado. — Estou de folga! Presente de aniversário do *poderoso chefe*!

Ele sorri ao me ouvir dizer isso.

— Que bom, Isa! Aproveite para descansar! — Ela ri. — Comprei seu presente, mas como não sabia se você ia para casa...

— Eu vou, mãe. — Respiro fundo. — Sexta à noite tenho um compromisso, mas sábado, pela manhã, embarcarei rumo a São Paulo.

— Já comprou passagem? — ela parece preocupada.

— Ainda não, mas dá tempo...

— Não precisa, filha! — Sinto meu corpo gelar. — Eu acabei de chegar em Curitiba.

Arregalo os olhos e quase solto um palavrão ao telefone.

— A senhora está aqui?!

Frank abre os olhos e se senta.

— Sim, gostou da surpresa? — Ela ri. —

Seria ainda melhor se eu soubesse o seu endereço, mas como não sei...

— Mamãe, onde exatamente a senhora está?

— Cheguei ao Villazza Convention agora.

— Ela para de falar. — Nossa, Isa, que hotel lindo!

Putá merda, é mesmo verdade!

— Mãe, fica aí, que eu vou te encontrar! — falo nervosa, procurando minhas roupas.

Frank se levanta da cama como um jato e começa a juntar toda a bagunça que fizemos, encontrando minha calcinha jogada embaixo de uma palmatória.

— Não demora, vou estar no bar do hotel! Te amo! Feliz aniversário!

— Obrigada, mãe. Eu te amo mais!

Desligo em desespero, mas paro ao ver o Frank abotoando a calça, sem a cueca. Desato a rir, nervosa, como um louca. Minha mãe realmente conseguiu me surpreender!

— Preciso passar em casa.

— Nada disso, vamos direto para o hotel — ele dispara.

— O quê? Você vai comigo?

— Vou te deixar lá. — Olha-me confuso.
— Não se preocupe, não vou conhecer sua mãe.

Eu devo estar ridícula, toda preocupada com o que minha mãe diria ao me ver chegar numa folga no dia do meu aniversário, de moto e com o meu chefe odioso. Com certeza ela teria uma síncope. Frank deve estar me achando patética mesmo assim.

— Nossa, aqui é bem pequeno, não é? — Dona Hilda comenta assim que entra no meu flat.

— Mãe, é temporário. — Ponho o presente que ela trouxe para mim – um par de sapatos lindíssimos – em cima do balcão da cozinha e a vejo olhando para as fotos no aparador. — Trouxe algumas que estavam no meu mural e comprei porta-retratos.

— Ficaram lindas! — não parece muito contente ao dizer isso. — Mas não há uma foto de seu pai aqui.

Ah, não!

— Mamãe...

— Vocês são as duas pessoas que mais amo no mundo! Pelo amor de Deus, o que há de errado com vocês? — Expresso o que penso no olhar, e ela

me conhece muito bem para entender o que, em palavras, eu não disse. — Pelos Céus, Isa, eu escolhi isso! Eu! Cresça, Isabella, você não tem mais 16 anos!

Ouvir isso me magoa, mesmo porque, embora seja verdade que eu não seja mais uma menina ingênua e crédula, sei que as consequências do que ela escolheu me seguirão para sempre.

— Eu não quero falar sobre isso, não hoje, mamãe.

Ela concorda.

— Ele já te ligou? — Nego. — Ele vai, tenho certeza.

Não me importo. Houve muitos aniversários sem uma ligação ou mesmo a presença dele, então eu já estou acostumada.

— O que vamos fazer hoje à noite? — ela muda de assunto. — Estou louca para saber se a noite aqui no Sul é tão animada quanto a nossa!

Eu respondo sem pensar.

— Eu marquei com o pessoal do trabalho de irmos ao Victor, um barzinho bem legal perto do hotel. — Ela parece gostar da ideia. — Mas não vamos demorar muito, porque amanhã eu trabalho.

— E seu chefe? Continua te tratando de

forma tão bruta?

Engasgo com minha própria saliva ao ouvir essa palavra, porque bruto resume tudo o que ele foi comigo hoje, tanto que estou com certa dificuldade para me sentar.

— Não — respondo tomando um gole de água na cozinha. — Ele melhorou um pouco.

— Que bom... — Olha-me desconfiada. — Que bom!

Chegamos ao Victor às 19h, horário que eu confirmei com Marina por telefone. O barzinho está cheio e há uma banda tocando sertanejo ao vivo.

Marina, Bárbara e Quênia, bem como seus respectivos companheiros, estão ocupando uma mesa grande com várias cadeiras ainda vazias.

— Olá! — cumprimento-os, e as meninas se levantam para me abraçar.

Ouçó as felicitações de todos e apresento minha mãe ao grupo.

— Nossa, como vocês são parecidas! — Marina exclama.

— Somos, sim. — mamãe diz. — Mas os olhos são do pai dela.

Ignoro o comentário e mudo de assunto.

— Estamos esperando muitas pessoas hoje?

— Sim! — Bárbara responde. — Quando dissemos aqui e ali que era seu aniversário, o pessoal logo se animou para vir, e olha que hoje nem é *open bar*!

Valéria e Kelly chegam minutos depois de mim. As duas são muito legais, e eu as conheci no vigésimo andar, pois Kelly trabalha lá como relações públicas, e Valéria é a assistente do Tony.

Meus amigos advogados da sala da justiça chegam logo depois, entregando-me presentes e fazendo festa.

— Provavelmente Alice não virá, porque ela tem uma piazinha — Quênia fala algum tempo depois que todos já estamos à mesa, bebendo e comendo batata. — Alguém sabe se o senhor Villazza vem?

Meu coração dá um salto no peito, e olho disfarçadamente para o Tony. Nossos olhares se cruzam. Ai, caramba, ele sabe que está rolando algo entre nós!

— Não creio. Meu irmão está ocupado hoje.

Minha mãe me cutuca, e me aproximo para ouvi-la cochichar:

— Ele é irmão do tal chefão? — Assinto. —

Nossa Senhora!

Eu rio da sua expressão de espanto, admirada pela beleza dos dois irmãos. Tony é bonito, tem belos olhos verdes e é muito simpático, mas não tem o charme do Frank.

Estamos na terceira rodada de bebidas quando vejo Kelly pular da mesa, feliz, e sair em disparada para a porta.

— Ah! Ele veio! — Marina acena, e Tony me encara.

— Sim, ele veio! — repete antes de se levantar para receber o irmão.

Estou colada na minha cadeira, sem coragem de olhá-lo, sem coragem de olhar minha mãe. Eu terei que colocar para fora toda a veia de atriz que eu não tenho para que dona Hilda não pesque nada, pois ela, além de curiosa, me conhece muito bem.

— Ah, a aniversariante! — escuto a voz dele e não tenho escolha a não ser olhá-lo.

Deus santíssimo! Ele não pode ser real! Veste uma camisa de tricô preta com mangas longas e calça jeans clara, além de estampar naquela cara o maldito sorriso torto “explode coração”.

NACIONAIS - ACHERON

— Parabéns! — Abraça-me.

— Obrigada — agradeço muito constrangida. Ele olha para a minha mãe, e percebo que espera que eu os apresente. Ai, Céus! — Senhor Villazza, essa é minha mãe, Hilda Romanza.

Ela se põe de pé, sorrindo para ele.

— É um prazer, senhora Romanza.

— Ah, rapaz, senhora Romanza era minha mãe, me chame de Hilda.

Frank sorri, um sorriso bem grande, e eu quase desmaio de vergonha por ela tê-lo chamado de “rapaz”.

— É um prazer, Hilda. — Ela se derrete por ele. Maldito Frank Villazza. — Posso ver de onde vem a beleza da doutora Romanza.

Eu rolo os olhos, e minha mãe parece remoeçar dez anos depois desse elogio. Sentamo-nos de novo, e para minha total consternação, Frank senta-se ao lado dela e os dois mantêm uma conversa noite a dentro.

Assim que comemos o bolo surpresa, minha mãe e eu voltamos para casa de táxi. Depois de duas noites seguidas dormindo com Frank, eu durmo em minha própria cama, dessa vez

PERIGOSAS

acompanhada por dona Hilda.

NACIONAIS - ACHERON



*Quando estiver numa situação complicada
Vou lhe mostrar que você é melhor do que pensa
Quando se sentir perdido, quando estiver sozinho e
não puder voltar atrás
De novo vou encontrá-lo e levá-lo para casa
By Your Side – Sade Adu*

Uma característica que minha mãe
NACIONAIS - ACHERON

tem e eu sempre detestei, é a falta de senso comum. Ela nunca percebe quando não é bem-vinda num lugar, nunca se toca quando caçoam dela ou quando a estão passando para trás.

Posso dizer que dona Hilda Marteli Romanza é uma ingênua. Em todos os sentidos da palavra, bom e ruim!

Tomamos um maravilhoso café da manhã juntas, preparado por ela, quando eu pergunto sutilmente quando ela irá retornar a São Paulo.

— Hoje mesmo, mas antes quero conhecer seu trabalho.

Eu quase engasgo com o café ao imaginá-la na sala do Frank, vendo o quanto nós dois trabalhamos perto e o quanto estou distante dos outros advogados.

Juro que tentei, de todas as formas, dissuadi-la dessa ideia, mas não obtive êxito na empreitada. Dessa forma, seguimos as duas para o Convention.

Paro primeiro no 19º andar e, no caminho, encontro com Quênia e Constantino.

— Bom dia! — cumprimento-os.

— Bom dia, doutora Romanza. —
Constantino cumprimenta minha mãe, beija Quênia e se despede.

— Quase perdi a hora — Quênia diz, andando ao nosso lado. — Estou com um pouco de ressaca ainda...

— Por isso eu não gosto de beber em dias de semana...

— Vocês bebem demais! — minha mãe me interrompe. — Eu fiquei apavorada com a quantidade de bebidas que vocês consumiram ontem e mais ainda pelas meninas superarem os rapazes na bebida! No meu tempo não era assim, não...

Sinto o rosto arder de constrangimento, mas não há o que eu possa fazer, pois assim é ela, diz “na lata”, sem filtro.

Quênia ri sem graça pela reprimenda e se despede, seguindo para a Gerência de Produtos.

— Oh, mãe, se controla um pouco, sim?

— Isabella Cristina Romanza, eu não disse nada demais!

Ah, meleca, me chamou de Cristina! É melhor eu não falar mais nada!

— Oi! — Marina vem correndo abraçar minha mãe assim que chegamos à sala da justiça. — Que bom que a senhora veio, dona Hilda! Vem comigo, que vou te mostrar um pouco do nosso trabalho.

Minha mãe segue Marina, e eu lhe agradeço silenciosamente por isso. Sento-me com Pedro para conversar sobre o processo, e a notícia que ele me dá me deixa zozza.

— Acho que Baden vai conseguir se livrar dessa! — o advogado dispara.

Chego perto do papel na mão de Pedro. Nós acompanhamos passo a passo o desenrolar desse processo, e eu tinha certeza de que o miserável seria condenado.

— O que houve? — Pego a cópia do processo. — Eu não entendo.

Ele aponta para um documento acostado aos autos. Como eu não vi isso?

— Eles entraram com a documentação aos 45 do segundo tempo, Isa. — Ele bufa. — Droga, quando vi citar vídeo de câmera de segurança, pensei que fosse aquela do Convention.

Meleca! Eu não acredito nisso!

No processo contra Hans Baden, o

Ministério Público solicitou a gravação de uma câmara do hotel para provar que a funcionária fora levada até o armário de limpeza do andar e que lá fizera sexo contra sua vontade. E o vídeo mostra claramente o ex-diretor falando com ela e depois levando-a para o almoxarifado.

Essa, com certeza, foi a prova cabal para a condenação do sujeito em primeira instância, pois, devido ao tempo decorrido entre o ato e a representação — a denúncia da vítima — o laudo do exame de corpo de delito dera inconclusivo. Sabíamos desse vídeo, mas não imaginávamos que havia outros, e o pior, que pudessem ser capazes de fazer a sentença anteriormente proferida ser reformulada pelo tribunal.

— Soube que o Promotor do caso e o advogado assistente contratado pela vítima vão pedir a invalidação desses novos vídeos, alegando violação do princípio do contraditório, mas... — Dá de ombro.

— Prova nova, eu sei. — Penso por um momento. — Por que os advogados do Baden só a juntaram agora? Se houvesse possibilidade de ser usada na Audiência de Instrução...

— Não havia. — Ele me entrega mais um

papel. — Declaração do local, na época, dizendo que, para preservar a intimidade de seus clientes, não poderiam liberar as gravações. — Ele bufa. — Entraram com uma ação contra o estabelecimento e ganharam, por isso essas imagens só chegaram agora.

Ponho a mão na cabeça, inconformada por Baden ter a possibilidade de se safar dessa.

— O que tem nas imagens?

— Eu não sei, Isa. — Ele ri, nervoso. — Não temos acesso, e o Ministério Público joga duro comigo, sabe que o promotor não está nada satisfeito com nosso acompanhamento... — Aponta para a outra folha em minha mão. — Mas consegui rastrear a ação de Baden contra o estabelecimento. É o Joie de Vivre⁶⁵! — Sua expressão é de ironia.

Não pode ser! Sinto os pelos do meu corpo se arrepiarem ao ouvir o nome. Droga! Se os desembargadores aceitarem aquelas imagens, com certeza ele irá se safar! Como eu sei disso? Simples! O Joie de Vivre é o local onde comemorei meu aniversário ontem. O clube de campo privado com cara romântica, mas com verdadeiros calabouços do prazer. Ai, meleca!

O que uma vítima de estupro estaria

NACIONAIS - ACHERON

fazendo num local como aquele? Ela poderia, ainda, alegar que estava sendo forçada, chantageada, mas o problema é que, em momento algum do primeiro processo, ela alegou qualquer chantagem para que ela frequentasse aquele local.

Não! A vítima frisou várias vezes que Baden a forçou uma única vez a ter relações sexuais sob pena da perda do emprego no hotel e que a arrastou para dentro daquele maldito almoxarifado. O promotor do caso deve estar louco por ela ter ocultado algo grande como o Joie.

Eu, particularmente, não acredito que aquela mulher teria motivos para esconder, caso fosse uma chantagem, que ele a obrigara a ir àquele local. Não, porcaria, o que parece é que ela está tentando ganhar dinheiro e, de quebra, esconder uma traição, porque a recatada senhora é casada!

A defesa de Baden se postou nessa linha de defesa durante todo o tempo. Alegou que eles tiveram um caso consensual e que ela estava aproveitando a oportunidade do escândalo para se vingar dele, que não quis assumi-la, haja vista que ela estava disposta a se separar do marido para ficar com o ex-diretor.

Confesso que eu achei essa linha de defesa

bem ridícula, ainda mais tendo o vídeo do Convention. Penso nas imagens, tentando lembrar se é possível determinar que ela não queria entrar no armário, mas não consigo ter essa percepção, pois, além do tempo curto do vídeo, as imagens foram feitas de uma câmera no final do corredor e só mostravam os dois conversando e ele a levando para o armário.

Uma ideia passa pela minha cabeça.

— Conseguimos saber as datas dos vídeos?
— Ele diz que vai tentar. — Precisamos verificar qual deles é o mais antigo. — Suspiro. — Pedro, eu quero você 24 horas nisso! Se vira! Contata seus colegas de faculdade, seus conhecidos dentro do tribunal, o que for preciso para termos acesso às informações do vídeo. — Ele assente. — Priscilla, como está indo com as testemunhas arroladas?

— Marina me ajudou bastante ontem. O cara era um nojento mesmo!

O “nojento” tem grandes chances de sair impune. É nesses momentos que eu desanimo da profissão. Sei que, nesse caso específico, ele pode até ser “inocente”, mas nos outros, ele se safou por falta de provas, porque era esperto demais!

Frank e Tony entram na sala, e eu fico

tensa, dessa vez não por causa do CEO gostoso, mas sim por causa das notícias sobre Hans Baden. De certa forma, se forem confirmadas, adiantará muito meu trabalho, pois o processo trabalhista depende da decisão criminal.

— Temos um problema — aviso assim que eles ingressam no recinto sem ao menos cumprimentá-los.

— O que houve? Algum problema com nossa defesa?

Respiro fundo.

— Talvez nem precisemos usar nossa tese!
— Sento-me desanimada ao lado de Pedro. — O canalha conseguiu mais uma vez!

Frank franze o cenho ao ouvir isso, e Tony cruza os braços sobre o peito. Marina se aproxima – graças a Deus sem minha mãe – e se aproxima ao marido.

— O que houve, Isabella?

— Apresentaram prova nova. Provavelmente há imagens da vítima e do acusado mantendo um relacionamento sexual consentido, o que prova, em partes, a alegação inicial da defesa de Baden de que os dois eram amantes.

Frank xinga em italiano, como sempre, e

Tony fecha os olhos, absorvendo a notícia.

— Ele vai ficar impune de novo? — Marina me pergunta. — É isso?! Ele não pode tê-la ameaçado para que ela fosse com ele nesse local? — Marina parece transtornada. — Droga! Ele tentou fazer isso comigo, porque não faria com ela?

Caramba! Olho apavorada para Marina e depois para Frank, com a boca bem aberta, e, enfim, para Tony, que está bufando de raiva.

— Eu não contei antes porque consegui me livrar dele sozinha... — ela explica olhando para o noivo.

— Que porra de história é essa, Marina?! — Tony não parece nada controlado, e eu peço a Pedro e Priscilla que se retirem para a outra sala, onde estão minha mãe e Elisa.

— Foi por causa dele que eu vim trabalhar aqui, em Curitiba — ela conta, enquanto Frank permanece parado sem reação e Tony anda de um lado para o outro. — Ele me disse, pouco tempo depois que eu cheguei. Babe, Quênia e eu fomos ao Victor, e ele me abordou lá e me jogou na cara que, pelo meu currículo, eu continuaria sendo camareira, que só havia sido promovida porque ele queria... — Ela faz um gesto. — Ele deixou no ar que poderia

facilitar ou prejudicar minha carreira no hotel, mas eu o ameacei com um processo, mesmo que ficasse desempregada.

— Porra! — Tony grita. — Eu devia ter matado aquele porco quanto tive oportunidade!

Assusto-me tamanha a fúria que vejo em seu semblante.

— Tony...

— Não, Frank! Uma surra foi pouco para ele! — Respira fundo. — Ele não vai para a cadeia, como todos queríamos, mas vai para o inferno... — Ele faz menção de sair da sala, mas Frank o segura.

Marina parece desesperada, e eu vejo lágrimas rolarem pelo seu rosto. Levanto-me da cadeira, na qual eu parecia ter grudado desde que ela começou a falar, e a pego pelo braço para que se sente.

— Você está bem?

Ela assente.

— Acho que eu devia ter contado antes... — Fecha os olhos, e mais lágrimas rolam. — Antonio...

— Deixe-o um pouco, Marina. — Olho Frank conversando com ele. — No estado em que ele está, é melhor não conversar...

Tony anda até onde nós estamos e soca a mesa.

— Eu quero esse *stronzo* na cadeia, Isabella!

Eu queria dizer que ele iria, mas, infelizmente, não posso. Tony olha para Marina e, como mágica, seu semblante se acalma, substituído por uma expressão terna.

— Marina... — Estende a mão. Abraça-a, consolando-a, pedindo desculpas pela sua reação. Ela chora no ombro dele, enquanto Tony a embala e passa as mãos em seus cabelos.

— É melhor levá-la para casa, Tony — Frank parece preocupado com a cunhada.

Ele concorda com o irmão e, silenciosamente, despede-se de mim, ainda abraçado à sua noiva. Eu lhe entrego a bolsa e o casaco dela, antes de vê-los saírem.

— *Porca miseria!* — Frank bufa. — Não há nada que possamos fazer?

Nessas horas, odeio a legislação brasileira.

— Não. Nem quanto à ação criminal, nem quanto ao assédio sofrido pela Marina, pois já prescreveu. Vamos esperar a acusação se manifestar sobre a prova nova, mas adianto que,

provavelmente, o relator do caso vai indeferir o pedido do Ministério Público e, assim, quando forem finalmente julgar o recurso, a prova será cabalística para a sua absolvição.

— E a ação trabalhista?

— Vai prosseguir, mas ela terá poucas chances sem a condenação criminal. Na verdade, se o juiz do caso acolher minha tese, ela perderá a ação da mesma forma.

Ele assente.

— Eu preciso de um cigarro! — Põe a mão no bolso do paletó, mas não acha nada. — Péssima hora para parar!

Sorrio ao lembrar o cigarro apagado que ele, de vez em quando, coloca na boca. Senti falta dos seus braços ontem à noite! Eu queria poder dizer isso a ele. Queria poder, um dia, chorar em seus braços e receber o consolo que vi entre Marina e Tony.

Suspiro, chateada com esses pensamentos. Frank Villazza não faz isso! Ele não acalenta, não consola, não ama... Ai, droga, onde fui me meter?!

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



*Por favor, me dê mais uma noite, dê-me mais uma
noite.*

*Oh, mais uma noite, porque eu não posso esperar
para sempre.*

One More Night – Phil Collins

Devido àquela situação toda que aconteceu na parte da manhã, eu decidi ficar no 19º andar junto com minha equipe e, enquanto Pedro
NACIONAIS - ACHERON

tentava conseguir informações sobre a nova prova apresentada por Baden, as outras advogadas e eu tentávamos traçar caminhos para uma total reviravolta no caso.

Minha mãe ficou um tanto nervosa, pensando que tinha ocorrido algo grave quando ouviu os gritos do Tony, mas Elisa, que estava com ela, acalmou-a e a impediu de sair da sala para ver o que estava acontecendo.

Depois, mais calma, eu a acompanhei até o aeroporto, onde nos despedimos. Parei para almoçar num restaurante na cidade e segui para o escritório.

Nessa correria do dia, não vi mais o Frank e nem pudemos conversar sobre mais nada. Pensei que, em algum momento, ele fosse voltar à sala da justiça, mas não o fez.

Saio do prédio já de noite, seguindo de táxi para casa, sem nenhuma notícia ou palavra de Frank Villazza. Estou cansada, com fome – porque comi mal no almoço – e preocupada com o rumo que estão tomando as coisas no trabalho.

Tomo um banho longo, no chuveiro, pensando em como seria bom relaxar um pouco na banheira do flat do Frank, de preferência, com ele

junto. Todavia, lembro-me do que disse Amanda, minha amiga de faculdade, sobre ele não passar de, no máximo, duas noites com uma mulher.

Eu posso até me considerar no lucro, pois foram duas noites, uma manhã – se considerarmos o sexo oral na mesa do escritório – e quase um dia inteiro, no meu aniversário ontem.

Após o banho, visto um roupão felpudo, calço chinelos e penteio os meus cabelos molhados, deixando-os soltos para secarem. Às vezes penso em cortá-los para ser mais prático cuidar deles, mas então me lembro do quanto minha avó tinha orgulho das minhas longas madeixas e as deixo como estão.

Faço um caldo de abóbora leve e saboroso, com pequenos cubos de frango e temperos variados. Eu queria uma refeição leve e rápida, pois, além da fome, estou sentindo os efeitos da comida pesada que comi no almoço.

Sento-me à pequena mesa redonda com duas cadeiras, um dos móveis, além do sofá retrátil, que compõem a minha sala de estar. Ao fundo soa uma música que eu amo, chamada *Is it a crime?*⁶⁶, da Sade, pensando em como se encaixa no que estou sentindo no momento.

Termino a refeição e confiro as horas; passa das 10h da noite. Lavo a louça e caminho em direção ao único quarto deste imóvel, pronta para dormir. Então sou surpreendida pelo som da minha campainha, e meu coração dispara.

Involuntariamente um sorriso se abre em meu rosto e corro a abrir a porta, vendo um Frank Villazza vestindo calça jeans e nada mais. Uau!

— Já estava dormindo? — ele questiona quando eu o deixo entrar.

— Acabei de comer, mas já estava indo para a cama.

Ele balança a cabeça, em concordância, e olha em volta.

— Vai dormir aqui?

Meu coração dispara, mas finjo que não entendi a pergunta.

— Onde mais eu iria dormir? — Levanto a sobancelha e cruzo os braços.

Ele parece tenso, sem graça, e eu... bem, eu estou adorando vê-lo assim.

— Não terminamos o que começamos ontem...

Eu rio dessa afirmação, porque ontem terminamos o que começamos várias vezes ao

longo do dia.

— O que você veio fazer aqui, Frank? —
desafio-o a ser direto.

— Eu quero você. — Tenho vontade de
sorrir e dançar, vitoriosa, mas me contenho. — Eu
quero mais uma noite.

— Já tivemos duas, não passou do seu
limite?

Ele me olha surpreso ao entender que eu sei
da sua regra.

— Não estou mais contando...

Meu coração literalmente para de bater no
peito, e eu seguro minha respiração ao ouvir essas
palavras.

— O que você está propondo, Frank? Um
caso? — tremo ao dizer isso, com medo de sua
resposta.

Ele se aproxima, abdômen perfeito, com
divisões musculares e essa bendita e linda tatuagem
que vai do ombro ao punho. Ele está muito gostoso
assim, sem camisa.

— Uma noite de cada vez... — Sinto seu
perfume e seu hálito quente próximos ao meu rosto.
Arrepios sobem pela minha coluna. — Uma após a
outra, até que essa atração acabe, simples assim. —

Passa a mão na minha face esquerda. — Eu não estou fazendo promessas, Bella.

Minha imaginação viaja, pensando em tê-lo todas as noites, dormir em sua cama, em seus braços e acordar com ele. Isso é perigoso, é íntimo demais!, meu instinto de proteção me alerta, mas, infelizmente, eu só penso em dizer que sim.

— Eu quero ter você a qualquer hora, em qualquer momento. — Dá um beijo singelo no meu pescoço. — Não quero pedir ou marcar encontros. Quero que você seja minha pelo menos enquanto essa coisa entre nós durar.

E depois ele volta à vida de devassidão e você fica desolada e estragada para qualquer outro homem, porque competir com ele é impossível! Não aceita!

— Aceite, Bella. Seja minha...

Eu não resisto mais, e ele percebe isso, dando um daqueles sorrisos diabólicos e tomando minha boca devagar.

— Vamos subir! — diz apressado.

— Podemos ficar aqui. — Aponto para a porta do meu quarto.

— Senti falta de você na minha cama ontem. Te quero lá, agora!

Meleca! Eu estou encrocada! Como é que eu vou resistir a ele? Como vou poder proteger meu coração se ele está agindo como se eu fosse alguém importante e não só uma transa? Respiro fundo e me mando parar de ser idiota. Isso é novidade para Frank e, como ele mesmo admitiu, ele se entedia fácil. Mais algumas noites, e ele vai voltar a ser o cafajeste de sempre!

Nem me importo por estar apenas de roupão e vou para a cobertura. Mal piso dentro do lugar, e ele, surpreendentemente, ergue-me nos braços e me leva no colo para sua cama.

— Onde estão as algemas e chicotes hoje?
— inquiri assim que ele me põe em cima do colchão.

Ele ri, lindamente sexy.

— Eu sabia que você iria gostar! — diz, convencido. — Mas hoje, esta noite, ter apenas você nua é o suficiente.

Tira meu roupão, distribuindo beijos pelos meus ombros enquanto desliza o tecido pelo meu corpo. Sinto suas mãos na base das minhas costas, acariciando. Sua língua contorna minha orelha, e eu posso sentir sua respiração quente e constante.

Não há desespero ou rispidez nessas

carícias, o que é diferente de todas as vezes em que fizemos sexo, e essa calidez e ternura estão tocando fundo o meu coração, não só meu corpo.

— Deite-se, Bella. — Faço o que ele manda e o vejo caminhar para seu armário. — Feche os olhos — fala ao voltar com algo na mão.

Faço o que ele me pede, sim, porque dessa vez seu tom está diferente de quando ele me manda fazer alguma coisa.

Sinto um líquido quente cair sobre minhas pernas e, em seguida, suas mãos o espalhando e aquecendo. Depois desse dia cheio de notícias truncadas e possibilidades ruins, uma massagem parece o Céu.

E ele, descubro, é ótimo nisso! Seus movimentos são firmes e ternos ao mesmo tempo. Ele passa da minha coxa direto para o abdômen, ignorando a parte que eu espero, desejosamente, que ele toque.

Gemo ao senti-lo massagear meus seios, demorando nessas carícias, tocando os dois ao mesmo tempo. Meus olhos continuam fechados, mas eu consigo ouvir os pequenos sons que ele faz, demonstrando que está tão excitado quanto eu.

— Vire-se.

Eu nem penso em questionar e rolo de bruços. Ele recomeça essa tortura – sim, porque estou com tanto tesão que isso já se tornou doído – pelos meus ombros, deslizando com seu óleo quente pelas minhas costas e demorando em minhas nádegas.

Sinto seu dedo deslizando pelo meio da minha bunda, e arrepios de prazer tomam conta do meu corpo. Ele toca minha entrada, úmida e pronta, mas segue diretamente para meu clitóris, rijo e sensível.

Frank vai intercalando seu toque entre massagear e penetrar, misturando o óleo em sua mão com minha própria umidade. Às vezes, mais ousado, brinca com meu ânus, fazendo-me delirar de prazer.

Sinto uma pressão mais firme sobre o meu corpo e sei que ele subiu em cima de mim mesmo antes de me tocar.

O que brinca comigo agora não é seu dedo, e eu gemo ao sentir seu pênis molhado, quente e duro deslizando das minhas costas até meu clitóris.

— Por favor, Frank... — começo a implorar. Quero-o muito e estou pronta para recebê-lo todo. Ouço o pacote de camisinha ser

aberto e, sem nenhum aviso, ele entra em mim.

Não falamos durante esse ato, só escuto gemidos, os meus e os dele. Frank não tem pressa, vai devagar, aumenta o ritmo, diminui novamente. Ora entra fundo, ora só desliza até a entrada.

Ele ergue meus quadris, enfiando um travesseiro por baixo e, segurando em minha cintura, bate forte e constante, aumentando o ritmo, a temperatura e meu gemidos.

Engancha uma das mãos em meus cabelos ainda úmidos enquanto o polegar da outra penetra meu ânus. Meu corpo inteiro estremece, pois eu não conheço essa sensação. É mais do que um orgasmo, eu sinto vontade de gritar, chorar e agarro com força o lençol da cama antes de sentir a liberação dessa tensão se transformar no gozo mais intenso da minha vida.

Frank desaba em cima de mim e morde meu ombro enquanto sinto espasmos dentro da minha vagina. Eu amo quando ele goza assim, em silêncio, mas em desespero. Esta noite não foi mais uma, foi única!

— Marina me mandou mensagem pedindo para adiarmos a festa amanhã — ele informa depois de sairmos do banho, já arrumando a cama para dormirmos.

— Acho melhor mesmo. — Paro o que estou fazendo e o encaro. — Não quero me meter em seus assuntos familiares, mas fiquei muito confusa com tudo o que aconteceu hoje... — olho para o relógio da cabeceira — ou ontem.

Ele ri ao ver que já passa de 1h da manhã.

— Marina era funcionária do hotel antes de ficar noiva de Tony. — Eu assinto, pois ele já havia me dito que ela trabalhou no Convention. — Na verdade, eles se conheceram no Rio de Janeiro, e ela depois veio trabalhar aqui. — Bufa. — Atraída para uma armadilha de Baden, como descobrimos hoje.

— Nem posso imaginar o que ela passou. Já me disse que era sozinha no mundo, que contava com alguns amigos, mas que não tinha família antes dos Villazzas.

Ele sorri ao ouvir isso, feliz por ser considerado família por ela.

— Você não tem ideia de como ela foi e é importante para toda minha família. — Fico

curiosa. — Meus pais a idolatram!

— Que bom, fico feliz por ela.

— Sim, somos sua família, e ela faz parte da nossa.

Deitamo-nos na cama, lado a lado, mas ele me puxa, e eu fico deitada em seu peito, com o braço dele me enlaçando. Meu coração amolece mais um pouco, pois nunca dormimos assim antes.

— Estou pensando... — Ele fica mudo uns instantes, e eu aguardo. — Já que não teremos mais uma festa amanhã, que tal fazermos uma pequena viagem? Eu tenho um compromisso agendado para a semana que vem fora do país... — Ele levanta a cabeça e me olha. — O que acha?

Eu o encaro de volta, surpresa com a proposta. Deus, como esse homem é bonito!

— Viajar? — questiono animada com a possibilidade. — Para onde?

— Ainda não sei, preciso verificar algumas coisas e ver se consigo adiantar as papeladas... — Passa a mão nos meus cabelos. — Gostou da ideia?

— Adorei! — Sorrio feito uma criança, animada com a possibilidade de passar um tempo a sós com ele em algum lugar do país.

— Bom dia! — Sinto um toque suave em meus cabelos e abro os olhos, vendo o rosto de Frank.

Abro um sorriso, ainda sonolenta, mas adorando essa imagem pela manhã. Sinto o cheiro do seu perfume e noto que seus cabelos estão úmidos.

— Vamos nos atrasar se você não levantar agora. — Eu tenho vontade de tampar a cabeça com o travesseiro. Acordo cedo porque sou obrigada, mas eu sempre gostei de dormir. Gemo e recebo, em resposta, uma mordiscada na orelha. — Vamos lá, não me tente! — Gargalha. — Tenho uma reunião em meia hora!

— Que horas são? — Meu corpo começa a despertar, e eu me estico um pouco, ronronando como uma gata.

— São 7h15 da manhã, Bella. — Puxa minha coberta. — *Dai, su prigo!*⁶⁷

— Não entendo italiano, Frank! — digo rindo, sentando-me na cama. — Está frio!

Cruzo os braços sobre os seios, tampando-os. Estou nua, e ele me olha, apreciativo, com

aquele seu sorriso torto encantador. Ai, que vontade de tirar esse maldito terno e ficar na cama com ele!

Contudo, ele está certo, precisamos trabalhar. Levanto-me e passo ao lado dele, andando como se fosse uma modelo em passarela. Ele ri, dá-me um tapinha na bunda, e eu gargalho com ele.

— Seu chato!

— Preguiçosa! — Olho de cara feia para ele. — Não demore, ainda temos que pegar roupas em seu flat, ou senão terá que ir trabalhar de roupão.

— Não é má ideia! Você acha que o *poderoso chefe* irá se importar? — provoco.

— Tenho certeza de que não!

Quarenta minutos depois, chegamos ao hotel e entramos, pela garagem, no elevador privativo dos funcionários da Rede. Eu demorei exatos dez minutos no banho e mais 15 me arrumando.

Clayton nos esperava na garagem do prédio, e eu – fiquei um pouco constrangida, confesso – fui

apresentada ao motorista de Frank e me sentei ao lado do chefe, no banco de trás.

Frank disse apenas que ia dar uma carona a mim, pois moro no mesmo prédio. Clayton nos olhou com curiosidade e desconfiança, e eu passei o trajeto todo – pequeno, graças a Deus – em silêncio.

— Eu estou atrasado para uma reunião, mas não me esqueci da viagem. — Sorrio. — Você trouxe passaporte para Curitiba?

Arregalo os olhos.

— Sim. Vamos sair do país? — Estou ansiosa e assustada ao mesmo tempo.

— Deixe isso comigo. — Delicia-me com mais um daqueles sorrisos. — Se alguém for te procurar para pegar o passaporte, à tarde, você terá como entregá-lo?

— Sim, vou ter que buscar no flat...

— Vou pedir a Lucinda, a senhora que cuida do meu apartamento, para pegá-lo. Você autoriza?

Eu sei que o serviço de limpeza tem a chave dos apartamentos, mas não conheço nenhuma Lucinda, pois não é o nome da moça que faxinou para mim da última vez.

— É confiável? — indago com medo, pois essa mulher irá mexer nas minhas coisas.

— Claro que sim. — Ele ri como se fosse óbvio. — Ela trabalha comigo há anos! — O elevador para no 18º andar, e cinco pessoas entram e nos cumprimentam. — Autoriza?

— Sim, pode pedir a ela que busque, vou ligar para a administração autorizando. — As pessoas descem no 19º. — Não vai me dizer para onde vamos?

Ele só sorri, sem me olhar.

Liguei para a administração e autorizei Lucinda a ir até o flat. Logo depois, recebi uma ligação avisando que Clayton tinha deixado um pacote na recepção do hotel.

Peguei meu passaporte e a primeira coisa que fiz foi conferir a validade, mas, graças aos Céus, estava em dia. Mandeí uma mensagem para o Frank, dizendo que já estava em posse do documento, e ele me respondeu que Clayton já tinha avisado e que era para eu o entregar a Alice.

Fico nervosa com isso, pois não sei o que a

secretária dele irá dizer sobre eu ir viajar para fora do país com ele.

— Isabella? — escuto a voz da assistente.
— O senhor Villazza me pediu para pegar um pacote com você.

Ah, Deus! Não tem jeito, não é? Entrego o envelope a ela.

— Ele disse que o Macedo irá vir buscar comigo. — Ela franze o cenho. — Acho que é algo relacionado à viagem dele. — Dá de ombros. — Ele comentou algo?

— Não. Só pediu que eu lhe entregasse. — Estou nervosa e, tenho certeza, corada. — Quem é Macedo?

— Ah, ele é da empresa de fretamento de aviões.

Fico ainda mais curiosa e, correndo o risco de estragar a surpresa, pergunto:

— Eu pensei que Frank usasse o jatinho da empresa.

— Ele não tem autonomia para voar até a Europa, por isso prefere fretar.

Europa?! Fico nervosa pensando em viajar para tão longe, pois o lugar mais distante para onde viajei foi para Orlando, quando completei 15 anos,

com minha mãe e o meu pai. Depois, com Alberto, pensamos em ir para Madri, mas os problemas vieram antes da viagem.

— Me conta aí, Alice. — Dou uma piscada brincalhona. — Para onde ele vai?

— Não é segredo! — Ri. — Todos sabem que na semana que vem o chefe não estará no escritório, pois participará de uma convenção em Genebra, na Suíça.

Caramba! Suíça! Espera, ela disse a semana toda, não foi? Frank Villazza não está pensando em me levar para ficar a semana inteira com ele durante uma reunião de negócios, ou está?

Alice sai com o meu pacote nas mãos, e eu imediatamente começo a andar de um lado para o outro, sem saber o que fazer, nervosa ao extremo.

Meu telefone toca, e vejo o nome do meu pai no visor.

— Alô! — atendo sem paciência.

— Isa, eu cheguei e queria poder conversar com você — ele parece constrangido. — Sua mãe me disse que esteve aí no dia do seu aniversário, e, bem, eu estava ocupado e acabei me esquecendo de ligar...

— Não importa, está tudo dentro do

esperado.

— Isa! — Bufa. — Droga, filha, não faz assim! Eu sei que não sou o pai modelo que você idolatrava...

— Não mesmo! Eu vivi uma mentira durante 16 anos, pai. Chega!

— Você poderia vir para cá. Nós poderíamos ir para algum lugar. Viajar, como nos velhos tempos.

Meu coração fica doído ao ouvir isso. Viajar! Ele sempre nos compensava dessa forma. Brincávamos de família feliz por alguns dias, antes de tudo voltar a ser como sempre fora. Não, eu não vou mais fazer isso.

— Já tenho compromisso — respondo seca.

— Isa, eu amo você, filha. — Ele fica mudo esperando que eu responda algo, mas finjo não ter ouvido isso. — Sei que a nossa situação magoa você e que não entende meus motivos, mas eu te amo, creia-me.

Fecho os olhos, sentindo uma lágrima cair, pois, quando eu era criança, acreditava piamente em todas as coisas que ele dizia, mas depois do que descobri, de todas as mentiras que ele me contou, das que ele ainda conta, eu não posso mais

acreditar nele.

— Tchau, pai! — Desligo o telefone.

Sinto o perfume de Frank e, em seguida, seus braços me enlaçam.

— Algum problema? — pergunta.

— Não, tudo normal! — Tento um sorriso.
— Entreguei o pacote a Alice. — Olho para ele. — Para onde vamos?

Ele sorri e me beija de leve.

— Vamos para a Itália e para a Suíça! — Arregalo os olhos. — Eu tenho compromisso na quinta-feira em Genebra... — Ele ri. — Na verdade era a semana toda, mas restringi minha participação à quinta, sexta e sábado.

— Vamos ficar a semana toda na Europa? — Penso no trabalho. — Frank, eu não posso! Acabamos de descobrir sobre o vídeo de Baden e...

— Você tem uma equipe para cuidar disso, além do mais, como vocês sabem que esse vídeo é tão comprometedor assim? Você mesma disse que não tiveram acesso...

— Os vídeos são do Joie de Vivre! — Frank fica surpreso. — Quão mais comprometedores precisam ser? — É minha vez de rir, presunçosa. — Eu só não esperava que Baden pudesse ser tão

romântico...

— Ele não é — parece constrangido ao afirmar isso. — Você conheceu uma parte do Joie. — Olha-me sem graça. Oi? O que eu não sei? — Bem, eu achei que o pacote completo iria parecer mais com... um presente.

— O que mais tem por lá, Frank? — Estou desconfiada de que ele me mostrou somente a parte leve do local.

— Há a possibilidade de usar somente os quartos, sem a parte do clube de campo, dos jardins e da sala de refeições. — Eu já imaginava isso, mas parece haver mais coisas. — Além disso, há salas compartilhadas...

— Compartilhadas? — Tento imaginar o que seriam. — Como assim?

— Bem, alguém chega, acompanhado ou sozinho, e solicita entrada numa sala compartilhada, e eles liberam qualquer uma delas aleatoriamente. — Dá de ombros. — Nunca se sabe o que terá por lá. Pode haver um casal, dez casais ou mesmo uma mulher para vários homens... — Estou pasma. — Sempre tem, no mínimo, uma mulher, pois são elas que “abrem” a sala compartilhada.

Eu me sento em minha cadeira, estarecida.

— Você está dizendo que é um quarto de orgias?

Ele ri, mas concorda.

— Ah, meu Deus! — Tampo a boca. — E eu achando o local romântico!

— Digamos que ele serve para todos os tipos de gostos...

Penso em como Frank sabe disso tudo.

— Você já... — não consigo nem formular a pergunta.

— Sim — responde me encarando. — Algumas vezes, há alguns anos.

Meleca! Cada vez que eu descubro mais desse homem, mais eu fico chocada!

— Tudo bem? — ele me questiona depois que eu fico alguns minutos calada, olhando para ele.

— Somente assimilando a informação...

— Não se preocupe, eu mantenho meus exames de saúde religiosamente em dia e, além disso, costumo ser cuidadoso e usar preservativo...

Fecho os olhos, querendo ignorar isso tudo. Em nenhum momento, durante as vezes em que fomos para a cama, eu pensei no passado dele, mas

essa nova informação me faz tomar consciência de tudo o que eu li e ouvi a respeito da vida “íntima” de Frank “Galinha” Villazza.

— Bella? — Ele parece um tanto nervoso.
— Ei? — Agacha-se. — O que houve?

— Saber tantas coisas a seu respeito... — Respiro. — Tantas mulheres que passaram em sua vida... — Olho-o. — Você tem noção de quantas foram?

Ele ri, safado.

— Nunca contei! — Bufa assim que vê minha expressão assustada. — *Cazzo*, Bella! — Levanta-se. — O que importa é que sou saudável... O resto... — Parece incomodado. — Porra! Não vou ficar justificando as coisas que fiz, nem quantas parceiras eu tive... — Bufa de novo. — Eu não fico perguntando com quantos homens você transou...

— Apenas um, Frank Villazza. — Bem, não é verdade. — Quer dizer, apenas um antes de você! — Levanto-me, ainda incomodada com esse assunto e vou em direção à porta da sala a fim de sair.

Quando me viro para fechar a porta, vejo Frank paralisado, me olhando.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



*Fui pego de surpresa aqui na encruzilhada,
Tentando comprar de volta as peças que perdi da
minha alma
É difícil quando o diabo não sai de suas costas.
É como carregar o passado em um saco de cem
libras.*

Let It Go – Tim Mcgraw

Estou gelado dos pés à cabeça, pela primeira vez na minha vida sentindo o desprezo – e talvez o nojo – de uma mulher ao saber da minha vida privada. E essa mulher justamente tinha que ser Isabella.

Nunca senti qualquer arrependimento pelas coisas que fiz, foram todas consentidas e prazerosas, então não havia motivo para qualquer recriminação. Porém, quando ela começou a me questionar sobre quantas mulheres, sobre a sala compartilhada... eu senti vergonha.

Cazzo! Movo-me, sentindo meus músculos ainda paralisados pela reação de Isabella e também pela sua declaração. Ela teve apenas um homem antes de mim? Que merda!

E provavelmente o tal sortudo é o juiz engomadinho. Bufo e crispo minhas mãos ao pensar em Isabella novinha, inocente nas mãos daquele babaca! Como foi que não percebi a inexperiência dela? Isabella sempre foi tão aberta e receptiva a todas as coisas que fizemos na cama que eu nunca poderia imaginar que ela tivesse tido somente uma experiência, com um único homem, antes de mim.

E, com certeza, ela o fez por se sentir
NACIONAIS - ACHERON

apaixonada pelo infeliz! *Madonna Santa!*

Encosto-me a minha mesa, ainda estarecido com essas revelações todas, mas o que mais me preocupa no momento é a reação de Isabella ao meu passado. Passado?! Que porra de passado nada! É o meu jeito, é o meu estilo, eu sou assim! Eu sou um homem que gosta de variedade, que gosta de experiências novas, que sente prazer em realizar fantasias... *Eu sou assim!*

Sinto-me inquieto e, sem ao menos me dar conta, ligo para o doutor Salgueiro, meu médico.

— Heitor! — digo apressado. — Preciso que você me envie meus últimos exames de sangue...

— Oi, Frank, eu estou no meio de um atendimento. — Ri. — Mas já vi que é urgente. De quais você precisa?

— De todos, manda tudo! Quando foi meu último teste para DST?

Ele fica mudo por um instante.

— Há dois meses... Algum problema, Frank? — seu tom é de preocupação.

— Não! — Penso melhor. — Eu quero fazer um novo! — Acho que o estou assustando. — Não ocorreu nada, é só por precaução mesmo.

— Certo, passe aqui no consultório...

— Você não pode mandar alguém vir colher aqui no escritório? — Estou impaciente. — Vou viajar amanhã e quero esses exames o mais rápido possível.

— Está tudo bem mesmo?

Respiro, tentando acalmar meus ânimos.

— Sim, Heitor. É possível fazer isso hoje?

— É, sim! Vou pedir para mandarem alguém do laboratório aí.

— Obrigado! — Ele se despede, e eu desligo.

Isabella Romanza irá ter cada um dos exames em suas mãos! É uma questão de honra agora.

O telefone interno toca, e Alice me avisa que Thiago Boldani está à minha espera na sala de reuniões. Essa notícia me relaxa, pois sei que vamos começar a conversar sobre a reforma e restauração do hotel em Lima.

Chego ao local, e Tony já está conversando com ele.

— Boa tarde! — cumprimento o garoto, sim, porque Thiago tem 30 anos, mas seu jeito e seu rosto parecem o de um piá.

— Boa tarde, Frank! — Ele aperta minha mão com força. — Estava conversando com Tony sobre Lima e disse a ele que gostei muito do que vi nas fotos.

— Que bom! E a Mel, onde está?

— Mel virá na próxima semana, pois estava terminando um projeto no escritório quando o tio Julio falou com ela, mas ela também já viu as fotos.

— Que bom. — Melissa Boldani herdou o talento do pai, Julio, um dos maiores arquitetos do Brasil. — Então vamos tratar de negócios!

— É o que eu faço! — Ele ri, jovial. — Eu não tenho o talento do meu pai e nem do tio Julio para desenhar e criar, mas sou bom em negociar... — Olha para Tony. — Não tanto quanto você, mas chego lá.

Tony dá risada, mas não desmente o amigo, porque ele é, sim, um dos melhores negociadores que existem no Brasil.

— Sabe que eu conheci sua noiva? — Dá um sorriso malicioso para meu irmão. — Caramba, Tony!

O sorriso morre na cara de Tony, que levanta uma sobrancelha para ele, mostrando não ter gostado do comentário.

— Mas o mais engraçado — continua — é que eu pensei ter visto uma garota que conheci há muitos anos conversando com ela.

— Mesmo?! — meu irmão parece curioso.

Charles entra com nosso café, e eu tomo um gole da minha bebida ainda escutando a tagarelice de Thiago.

— Já faz muitos anos que não a vejo, mas, meu, como dá para esquecer aqueles olhos de gato?

Eu quase engasgo com a bebida ao perceber que ele está falando de Isabella.

— A doutora Romanza? — Tony pergunta, e eu também o olho puto por descobrir que meu irmão notou os olhos dela.

— Doutora?! — Ele parece surpreso. — Cacete! Então ela conseguiu ser advogada!

Esse assunto está me interessando.

— De onde você a conhece, Thiago?

Ele sorri, parecendo sonhador.

— Cursinho pré-vestibular! — O filho da puta chega a suspirar. — Eu estava puto por ter de fazer aquela porra, mas quando a vi na sala... Nem preciso dizer que me animei. — Sussurra: — Em todos os sentidos da palavra.

— Você e Isabella? — Tony, desgraçado,

faz a pergunta que estava entalada em minha garganta.

— Isa Romanza! — Thiago se deleita com o nome dela. — Sim! Eu fiquei bem apaixonado... também... — Faz o desenho de um violão com as mãos, e eu sei que ele se refere ao corpo dela. — Ela era linda aos 16 anos, mas agora está um mulherão!

— Ela é baixinha, Thiago! — afirmo recalcado.

— Você me entendeu, Frank! — Pisca para mim. *Figlio di puttana!* — Mas enfim... compartilhamos uns beijos, e depois ela sumiu. — Faz um barulho com a boca, representando o sumiço como mágica: — Puft! Procurei por ela, mas na época não tinha essa facilidade e tecnologia de hoje, as únicas coisas que eu tinha era o MSN e o Orkut. — Ri. — E ela cancelou os dois!

Bem-feito, franguinho!

— Não deve ter gostado dos seus beijos, guri! — Tony debocha. — Mas agora vamos ao que interessa! — Abre a pasta com a proposta de Thiago para a reforma e depois me olha, esperando que eu faça o mesmo.

Tento tirar da minha mente a imagem de

Isabella, linda e inocente, nas mãos desse garoto falastrão e olho os números estimados para que o escritório Boldani Arquitetura realize os projetos do novo hotel Villazza.

Eu vejo a soma astronômica, mas não me importo, pois sei que o trabalho deles vale cada centavo. A família Boldani, representada principalmente pelos irmãos Julio e Tadeu Boldani, é muito amiga da minha família.

Os Villazzas e os Boldanis se conheceram na Itália, onde fizeram amizade. Antes mesmo que eu nascesse, meus pais já vinham ao Brasil para visitar os dois irmãos arquitetos, e esse laço de amizade era tão grande que, quando Julio e Susana resolveram se casar, chamaram-nos para testemunhar.

Fomos todos criados praticamente juntos, frequentando uma família a casa da outra e por muitos anos passamos as férias em conjunto. Eu, particularmente, era o melhor amigo de Riccardo Boldani, que, infelizmente, morreu ainda criança, há quase trinta anos.

Anos depois dessa fatalidade, mamãe ofereceu que o casal apadrinhasse Giovanna. Mel era uma mocinha na época, e Gio cresceu como se

fosse a sua irmã mais nova.

Thiago e Pietra, filhos do outro irmão, Tadeu, não eram tão ligados a nós, mas mantínhamos amizade também. Thiago cursou administração de empresas e se especializou para gerir o negócio da família. Pietra, lindíssima, há muito mora na Itália, onde segue a carreira de modelo.

— Precisamos conversar sobre uns pontos...
— escuto meu irmão começar a negociação com Thiago. Fecho a pasta e fico apenas observando, pois sei que nada passa despercebido a Tony.

Sinto meu celular vibrar e vejo a mensagem de Alice.

— Tony, você pode seguir sem mim? —
Ele assente. — Thiago, foi um prazer revê-lo. Eu tenho um compromisso agora. — Despeço-me e saio em direção à minha sala.

Alice me espera na porta de entrada.

— O doutor Salgueiro mandou uma enfermeira. — Ela parece curiosa, mas não me pergunta nada, apenas aponta para dentro da sala. — Ela está esperando-o.

Agradeço e entro, preparando-me para uma sessão de tortura com agulhas.

— Está tudo certo, Macedo, obrigado! —
Desligo o telefone, contente e ligo para a mesa de
Alice. — Você poderia localizar e pedir ao Tony
que venha à minha sala?

— Claro!

Minutos depois meu irmão entra.

— Sou todo ouvidos! — Seu humor parece
ótimo, ainda bem.

— Boa tarde! — Ele me cumprimenta de
volta, debochado. — Preciso de um favor. — Olha-
me curioso. É, eu sei que não costumo pedir muito
isso... — Vou amanhã para Genebra.

Sua expressão denota que não está
entendendo nada.

— Já sei disso, e daí? — Senta-se. — Quer
dizer, achei que você ia no domingo, mas não muda
nada, vou ficar aqui de olho em tudo...

Eu rio.

— Vou levar Isabella comigo. — Ele
arregala os olhos e se encosta na cadeira de queixo
caído. — Não me olhe com essa cara!

— Frank Villazza levando uma mulher para

viajar? — Gargalha. Babaca! — Será que estou sentindo a temperatura do inferno começar a baixar?

Ignoro a provocação, lembrando-me do que disse a ele sobre o inferno congelar.

— Está fazendo rimas, *stronzo*? É sério, piá. Estou contando isso para você porque preciso de um favor...

— Você quer que eu te dê cobertura! — O *figlio di*... Não! Não posso falar isso da *mamma*. O *coglione* adivinhou! Eu assinto. — Te conheço muito bem, Frank Villazza! E sim, pode contar comigo!

Dou um sorriso gigante para ele.

— Mas Marina vai saber. — Eu murcho. Droga, não preciso da minha cunhada me provocando com isso! — Ela já torce secretamente para Isabella te ensinar uma ou outra coisa...

— Larga de ser bundão! Não quero ninguém especulando o tipo de relação que eu tenho com Isabella. É por isso que estou te pedindo cobertura, Tony!

— Vou te dar! Marina me ajudará a inventar uma boa desculpa para o sumiço da doutora Romanza... — Ri malicioso. — Eu sabia

que naquele dia tinha interrompido algo...

— É só isso e, por favor, sem comentários desnecessários! — Rolo os olhos.

— Quer minha ajuda? Suporte meus comentários! — Gargalha. — Tenho certeza de que Marina já vai pensar numa festa de noivado bem...

— *Vaffanculo*, Tony! E cuide de sua própria vida, afinal, ela ainda não quis se amarrar a você, *stronzo*!

Ele fica sério, e eu sei que atingi “na mosca”.

— Sério, Frank Villazza! — Levanta-se, pronto para sair. — Espero não ter que enxugar suas lágrimas um dia...

— Larga mão de me rogar praga! — Rio dele. — Não se esqueça do que te pedi e, por favor, se puder, mantenha sigilo. — Ele abre a porta, e eu grito antes que ele saia. — Diga o mesmo à sua noiva!

Ele me mostra o dedo do meio, mas sei que fará o que pedi. Perfeito!



*Porque você não é fácil
Eu também só complico, não quero mais me
explicar*

Pra que sirvo eu se não for pra amar?
Descomplicar – Ana Carolina

Já passa das 7h da noite, e nem sinal
de Isabella. Eu estou seriamente preocupado com
NACIONAIS - ACHERON

esse sumiço depois daquela conversa tensa que tivemos. Liguei algumas vezes para o celular dela, mas não houve resposta. Desci para o andar de baixo, e ela não estava lá.

Eu já estou a ponto de enlouquecer quando chega uma mensagem:

Estou em casa. Você poderia trazer minhas coisas quando vier?

Solto o ar dos meus pulmões bem devagar, lembrando-me de como era gostoso quando havia fumaça junto. Há alguns dias que eu não fumo, só ponho pateticamente o cigarro apagado na minha boca.

Sim. Deixo no meu ou no seu flat?

Vejo o sinal de que ela está digitando uma mensagem de volta e fico olhando fixo, querendo saber o quão chateada ela ainda está com aquela história do Joie e das mulheres que passaram por minha vida.

No meu. Eu quero conversar com você...

Meu coração pula no peito, e eu junto de qualquer maneira os pertences dela, enfiando tudo na pasta de couro, saindo do escritório correndo feito um louco.

— Clayton, estou indo embora! — aviso-o para ficar preparado.

Nenhuma mensagem mais. Silêncio total. Confiro o celular de minuto a minuto até chegar à garagem do nosso prédio. Chamo o elevador, mas ele demora tanto que resolvo ir pelas escadas. Subo de dois em dois os degraus e atravesso as duas portas corta-fogo antes de chegar ao corredor e apertar a campainha do 7B.

Estou preparado para ouvir Isabella dizer que não quer mais dormir comigo, que não quer mais viajar... É verdade que há uma parte de mim que está em festa por isso, mas a outra está em verdadeiro pânico.

Isabella abre a porta usando aquele mesmo vestido negro e provocante que usou na primeira vez em que nos vimos no elevador do Convention e, contra todos os cenários que montei em minha mente, ela sorri.

— Oi! — Dá-me espaço para entrar. — Chegou rápido.

Mal entro na sala, sinto um cheiro maravilhoso, além de ver a pequena mesa redonda arrumada para dois.

— Eu resolvi fazer algo... — Ela parece constrangida. — Eu queria me desculpar pela reação que tive lá no escritório.

Olho para ela completamente pasmo. Se desculpar? Eu estava achando que ela ia me mandar ao inferno!

Fito novamente a mesa arrumada. Há velas no balcão da cozinha e no aparador onde ficam as fotos da sua família. Alertas são acionados pelo meu cérebro, que me manda correr, sair daqui o mais rápido que minhas pernas consigam, dizer que ela tinha razão, que eu sou promíscuo mesmo e que gosto de ser assim.

Estou paralisado, espantado, com medo, mas em meu rosto há um enorme sorriso por ela ter feito um jantar para mim. Porra!

Sinto-a tirando sua pasta de minha mão e a colocando sobre a mesinha de centro da sala. Isabella desliza as mãos pelo meu peito e retira meu paletó.

— Sente-se. — Ela anda em direção à cozinha. — Não é nada sofisticado como a comida

dos restaurantes que você frequenta...

— Tenho certeza de que vou gostar — digo, sentando-me.

Ganho um sorriso daqueles que lhe iluminam os olhos. Ela está com uma garrafa de vinho na mão e enche minha taça.

— Eu... — Respira fundo. — Peço desculpas por aquilo hoje, Frank. Minha reação foi imatura e exagerada. — Tento falar, mas ela me interrompe colocando o dedo em cima da minha boca. Sinto vontade de morder o dedinho, mas me contenho. — Eu não ignoro que você é um homem bonito e charmoso. — Dou aquele sorriso safado para ela. — Além disso, é solteiro e pode fazer o que bem quiser... Eu acho que foram os hormônios... — murmura.

O quê? Não consigo disfarçar minha cara de espanto ao ouvi-la dizer isso, sem saber o que realmente significa.

— Eu... — Sorri sem graça e começa a andar para a cozinha. — Eu entrei no meu ciclo hoje...

Ciclo? De que porra ela está falando? Eu não tenho costume de ficar conversando com as mulheres com quem durmo, então essa situação

toda é nova para mim, ainda mais assuntos femininos... Puta que pariu!

— Você quer dizer que ficou menstruada?

Isabella fica vermelha ao me ouvir dizer isso, e eu tenho a confirmação. Que merda! Fico tentando entender se isso significa que não faremos sexo. E se não, por quanto tempo? Penso na viagem e em todas as posições e jeitos que pensei em comê-la... *Cazzo!*

Ela tira alguma coisa muito cheirosa do forno e a deixa em cima do balcão. Estou com vontade de lhe perguntar sobre esse negócio de menstruação porque sei que as mulheres ficam mal-humoradas e com dores, afinal, tenho uma irmã. Todavia, ela resolve o problema todo de uma vez.

— São poucos dias, apenas três, contando com hoje.

Sinto-me aliviado com essa informação.

— Dói? — pergunto com um sorrisinho para disfarçar minha ignorância.

Ela sorri de volta.

— Não, graças a Deus eu não tenho cólicas.
— Vejo-a arrumar um prato com salada. — Mas fico muito sensível, então... — me encara — nada de sexo durante esse tempo.

Eu já imaginava isso e assinto. Caramba! Como vão ser as coisas sem o sexo? É ele quem nos liga!

— Mas isso não quer dizer que não podemos fazer algumas safadezas...

Opa! Agora gostei!

Ela põe um prato à minha frente com salada caprese, arroz integral e salmão com molho.

— Uau! — exclamo sentindo o aroma maravilhoso do peixe.

— Espero que goste! — Ri sem graça. — Eu pensei em variar, sair da pizza e do japonês, comer algo caseiro.

Meu cérebro tenta se rebelar de novo, acender alertas e ligar sirenes, mas eu me recuso o ouvi-lo, sentindo a succulência e o gostinho de limão e ervas no salmão.

— *Delizioso!*

Comemos uma boa parte do tempo em silêncio. A comida, leve e saborosa, harmoniza muito bem com o vinho, com o clima do local e com a música – Simply Red acústico, se não me engano – tocando.

Quando terminamos, ela se levanta para tirar a louça, e eu a ajudo. Sim! Que cena

doméstica!

— Tem sobremesa!

— Sério? — Agarro-a pela cintura. — Como você conseguiu preparar tudo isso em tão pouco tempo?

— Comida de fácil preparo. — Abre a geladeira comigo ainda enlaçado em sua cintura. — Mousse de Maracujá.

— Hum... — Beijo seu pescoço.

— Frank... — geme e guarda a mousse dentro do refrigerador. — Desse jeito, a sobremesa vai ser outra...

— Qual? — pergunto malicioso, e ela pega o meu pau por sobre a calça. — Hum... aceito a sugestão.

— Safado! — Dá-me um tapinha, e eu finjo que dói. — Preciso cuidar da louça antes, viu? Depois cuido de você...

Gargalho, pensando que fui preterido por um pouco de louça suja. Encosto-me ao balcão enquanto ela executa a tarefa, pensando em como, diabos, eu estou nessa situação.

— Fiz novos exames hoje... — comento a esmo assim que ela lava o último copo.

Ela me olha surpresa.

— Não precisava, Frank...

— Eu estive pensando — interrompo-a. Desde que ela me disse sobre a menstruação, essa possibilidade martela em minha mente. — Há a possibilidade de você começar a tomar pílulas?

A expressão no seu rosto só pode ser descrita como chocada.

— Meus resultados saem amanhã, e meu médico irá enviá-los por e-mail. — Aproximo-me. — Eu poderia pedir a ele que indicasse um bom contraceptivo oral...

— Por quê? — Isabella parece confusa.

— Porque quero te comer sem camisinha — digo o óbvio. — Porque quero sentir seu orgasmo e gozar junto com você, dentro de você.

Beijo-a excitado só com a possibilidade de poder senti-la sem nenhuma barreira entre nós. Todas as vezes que transamos foram maravilhosas, mas aquela primeira, quando eu a penetrei sem a camisinha, foi incrível e intensa.

Eu nunca fiz uma proposta como essa, mesmo porque não fiquei tempo suficiente com nenhuma mulher para isso. Porém, já que estou tendo essa experiência de permanência com Isabella, por que não tentar ter tudo o que uma

relação constante tem?

— Eu não sei... — responde-me assim que interrompo o beijo. — Nosso... — Ela faz um sinal entre nós, sem saber como nomear o que temos. — Não é estável... Não sei se eu ficaria à vontade fazendo sexo sem camisinha, sabendo que você poderia estar com outra mulher...

— Eu não vou — surpreendo a ela e a mim mesmo. — Enquanto estivermos juntos, não compartilharemos. Você não tem outros parceiros, e eu também não terei outras parceiras.

Ela pensa sobre o que falei. Confesso que também estou surpreso com essa proposta, mas sim, seria uma boa experiência para mim. Um caso, nada mais, ainda que monogâmico. Quando passar a empolgação, sairemos sem problema, e cada um viverá sua vida.

— Posso falar com o doutor Salgueiro?

Ela assente, e eu tenho vontade de colocá-la sobre a pia e fazê-la gozar várias vezes, mas me lembro sobre o ciclo.

Rio, e ela me olha confusa. Bem-vindo ao seu primeiro relacionamento estável, Frank Villazza!

O relacionamento com Isabella introduziu várias novas experiências em minha vida. Ela foi a primeira mulher com quem estava transando que comi no escritório e no meu flat; que andou no meu carro e na minha moto; e, o mais incrível, a primeira que dormiu em minha cama, nua e também de pijama flanelado.

Seria hilário, se não fosse tão gostoso tê-la enrolada como uma gatinha, como agora, encostada em mim, enquanto a mantenho abraçada a noite toda.

Mais cedo nesta noite, subimos para a cobertura, e eu recebi um delicioso boquete para relaxar. Dessa vez sem pressa. Ela me pediu para que deitasse na cama e se deliciou com o meu pau. Só posso dizer que foi bom para caralho!

Ficamos algum tempo falando da viagem, quando lhe informei que sairíamos às 10h da noite de amanhã, e ela me questionou sobre que roupas levar e outros pormenores.

Eu não quis dizer a ela que iremos ficar isolados numa pequena cidade nos Alpes Italianos, porque, senão, acabaria com a surpresa. Então tive

que enrolar, pedi a ela que levasse roupas quentes, pois é outono na Europa.

Sei que teremos que fazer compras adequadas por lá, mas eu realmente tenho a intenção de tê-la nua dentro do chalé quentinho a maior parte do tempo.

Mais uma vez me dou conta da loucura que estou fazendo. Eu ansiava esse encontro em Genebra desde que vi o prospecto, no ano passado. Separei essa semana na minha agenda, arranjei briga com o CEO de um hotel na Alemanha, tudo para poder usufruir de uma semana inteira na companhia de meus antigos colegas, conversar, trocar experiências e, claro, sair juntos para badalar na noite.

Então, do nada, jogo tudo para o alto por causa de uma mulher que eu já comi. Parece piada, mas não é! Eu vou levá-la comigo para a Europa, e o mais assustador, ela será minha acompanhante na festa de encerramento em Genebra.

Sim! Eu levarei uma mulher a um evento! Pedi à comissão que organizou a convenção que me mandasse mais um convite e, mesmo em cima da hora, fui atendido, assim, Isabella irá participar do evento suntuoso junto comigo.

NACIONAIS - ACHERON

Acordo com o dia amanhecendo e a vejo tranquila, embolada no edredom. Levanto-me em silêncio, evitando fazer barulhos para não acordar, pois já sei que ela gosta de dormir.

Preparo-me para a minha corrida, pois, desde que começamos a dormir juntos, não consegui fazer meus exercícios e, já que estou conseguindo parar com o cigarro, preciso continuar a tentar ser mais saudável.

Corro por uma hora nas ruas do entorno do prédio e volto pensando que ainda vou encontrá-la dormindo. Todavia, quando chego a casa, estanco à porta de entrada ao ver a cena à minha frente: Isabella de pijama, fazendo café com panquecas. Panquecas! Desde que eu saí da casa dos meus pais, não como panquecas no café da manhã. Geralmente engulo o líquido preto e amargo sem nada a acompanhá-lo.

— Bom dia! — ela cumprimenta, contente ao me ver.

— Panquecas? — pergunto já me movendo.
— Onde você conseguiu os ingredientes? Não

tenho nada nessa cozinha.

Ela ri.

— Dei um pequeno show para o pessoal da segurança. — Ainda não entendo. — Desci e peguei tudo lá em casa. Eu queria muito usar essa cozinha!

— Hum... estou achando que você está aqui comigo só por causa dos meus utensílios domésticos...

Ela põe a mão no coração e arregala os olhos.

— Oh, meu Deus! Descobriu meu segredo!

Rio da sua cena canastrona.

Subo para o banho e tento demorar o mínimo possível no chuveiro. Quando retorno, a bancada da cozinha já está arrumada com uma louça que eu sei que é minha, mas nunca usei.

Dou um abraço em Isabella, sentindo o cheiro gostoso de seus cabelos e provando da sua boca. Fico animado para uma sessão matinal. Eu sou louco por sexo de manhã, mas me lembro que não podemos.

— Esse negócio é frustrante! — comento com ela. — Há como pular esse ciclo ou impedir que ele apareça?

Ela pensa.

— Acho que algumas pílulas fazem isso.

— Então é dessas que precisamos! Vou falar com o doutor Salgueiro...

— Frank — ela me interrompe. — Eu acho melhor eu conversar com o médico... Além disso, ele não é um ginecologista, não é?

Óbvio que não! O homem é meu médico, e eu, é claro, não me consultaria com um ginecologista. Ele é um cardiologista com quem faço check-ups sempre que preciso.

— Eu posso conseguir um ginecologista. — Ela concorda. — Acho que você tem razão. — Pego meu celular.

— Vamos comer primeiro!

Duas horas depois, deixo Isabella em frente a uma clínica. Liguei para o Heitor, e ele me indicou uma ginecologista, a sua esposa. E, mais uma vez, fiquei surpreso, pois nunca imaginei que ele era casado.

Aproveito esse tempo em que terei que a aguardar e ligo para minha irmã, que anda um tanto sumida, mas a criatura não me atende. Mando mensagem, mas ela não está online. Eu tenho que conversar com Tony sobre a Gio. Ainda não o fiz

porque ela disse que iria lhe contar pessoalmente que havia saído da Rede, mas se passou um bom tempo, e ela ainda não contou.

Vejo Isabella surgir na calçada, e logo depois ela entra no carro.

— E então? — inquirio curioso.

— Ela me fez algumas perguntas, disse que preferia prescrever algo depois de alguns exames, mas mesmo assim... — Mostra-me uma receita. — Disse que esse não tem tempo de pausa. — Meu sorriso é gigante. — Mas pediu cautela nesse primeiro mês, porque leva tempo...

Paro de ouvir o que ela está falando. Primeiro mês? Sinto-me sufocando, fecho os olhos para me concentrar e me acalmar. Eu nunca passei mais do que algumas horas com a mesma mulher, imagina um mês inteiro! E ela disse “primeiro” mês.

— ...então não devemos nos arriscar muito.

Eu balanço a cabeça e pronuncio um “ahã”, mas não sei o que ela falou depois do tal do “primeiro mês”. Dou partida no carro e dirijo sem destino. No começo ela parece não notar, ou não se importar, mas depois de quase uma hora rodando a esmo, demonstra curiosidade.

— Aonde estamos indo?

Eu preciso de um cigarro! Eu preciso relaxar... Sinto a sua mão na minha coxa, fazendo movimentos deliciosos, e meu corpo reage imediatamente.

— Os vidros do seu carro são bem escuros, não são? — A sua mão toca meu pau.

— São blindados e possuem película... — Gemo ao senti-la apertar mais.

— Eu nunca fiz um boquete em alguém dirigindo...

Cazzo! Sinto um tesão enorme ao imaginá-la me fazendo carinho com a boca. Começo a desabotoar, com uma só mão, o botão da minha calça, mas ela me detém e executa a tarefa.

Olho sua mão no meu amigão, subindo e descendo e tenho que me concentrar para continuar a dirigir e não fechar os olhos para sentir essa adrenalina gostosa.

Pelo canto do olho, vejo-a tirar o cinto de segurança e se virar sobre a poltrona. Instantes depois, ela afunda meu pau em sua boca quente e molhada. Xingo um palavrão em italiano e aperto meus dedos no volante, enquanto ela me chupa sem dó.

Bella me tira de sua boca, respira e lambe apenas a cabeça, enquanto suas mãos trabalham em meu pau e minhas bolas ao mesmo tempo. Ela passa a língua por toda a extensão do meu membro. Minha pele se arrepia de tesão.

Então novamente sinto a cabeça batendo no fundo de sua garganta, mais forte, mais rápido, sugando e lambendo ao mesmo tempo.

— *Volgio sperma in bocca...* — aviso-a, mas talvez ela não tenha entendido. — Eu quero gozar na sua boca. — Ela continua. — Se não quiser, pare agora, Bella.

Entretanto, ela não para, e eu previdentemente paro o carro no sinal vermelho antes de dar uma gozada fenomenal.

À noite, chegamos ao aeroporto uma hora antes do horário marcado para a decolagem e vamos direto para a sala particular da empresa aérea que contratei para nos levar até a Suíça.

Encontro-me com Macedo, meu contato na empresa de fretamento, e ele me entrega os passaportes.

— Tudo certo — diz após nos cumprimentar. — Já aprovamos o plano de voo e agora estamos só esperando a liberação da pista. O aeroporto está movimentado hoje, pois algumas companhias tiveram atraso.

— Meu voo corre esse risco?

— Aeroportos brasileiros, Frank. — Dá de ombros. — Nunca se sabe!

Fico um pouco mal-humorado com isso, pois detesto imprevistos, mas, como ainda estamos dentro do horário programado, deixo para me enfurecer se algo ocorrer.

Vejo Isabella sentada com sua mala de mão na poltrona ao lado. Estamos sozinhos aqui, apenas com o pessoal do serviço, que eventualmente nos servirá algo para comer ou um café.

— Parece que estamos só dependendo de uma vaga na pista. — Rio. — Mas ainda estamos dentro do horário.

— Que bom! Você me disse que vamos parar em Paris, é sério?

— Só uma escala para reabastecimento. — Ela assente. — Alguns minutos e depois iremos direto para Genebra.

— Estou ansiosa! É minha primeira viagem

para a Europa... — murmura como se fosse um segredo.

Eu rio e a abraço, beijando sua testa. Caramba, quando foi que desenvolvi esse carinho por ela?

Por sorte, nosso voo não atrasa e somos levados até a aeronave, na qual embarcamos. A empresa que faz o fretamento despachou nossa bagagem e organizou todo o serviço de bordo para nossa viagem. O avião, confortável e espaçoso, tem uma pequena suíte, que, infelizmente, não será usada da maneira que imaginei.

— Uau! — Isabella está encantada. — Isso é incrível!

— Pensei em termos uma sessão de sexo nas alturas... — O sorriso no seu rosto morre. — Mas ainda podemos aproveitar, não é?

Ela se aproxima de mim e me olha de um jeito bem malicioso.

— Decepcionado, senhor Villazza? — Puxa meu pescoço, fazendo com que minha cabeça fique à altura de sua boca. — Adorei te chupar dentro do carro, agora quero em todos os meios de locomoção...

Eu gemo, beijo sua boca e só a largo

PERIGOSAS

quando uma comissária – gostosa, por sinal –
aparece para as instruções do voo.

NACIONAIS - ACHERON



Eu não quero te amar de jeito nenhum, não, não.

Eu não quero um coração partido.

Eu não quero ser a garota de coração partido.

Não, não, nenhuma garota de coração partido

Broken-hearted Girl – Beyoncé

Nós chegamos a Genebra na hora do almoço, e eu simplesmente estou encantada com a
NACIONAIS - ACHERON

cidade. Frank me explica que teremos pouco tempo para explorar o local, pois pretende me levar para outro lugar ainda hoje.

— Para a Itália? — pergunto animada dentro do carro que ele alugou e está dirigindo.

— Sim, vamos pegar estrada ainda hoje.

Pegar estrada?! Estou a ponto de perguntar quando vejo uma paisagem que só pode ser descrita como incrível. Um enorme lago com construções belíssimas à sua volta e um enorme... aquilo é um chafariz?

Frank nota minha expressão atônita.

— É o Jet D'Eau. — Sempre fico encantada quando ele gasta esse francês perfeito! — É uma fonte, como um chafariz. Dizem que é possível vê-lo a dez quilômetros de altura do chão...

— Nossa, a água vai muito alto mesmo! É lindo!

— Nossa suíte tem vista para ele, poderá admirá-lo o dia inteiro, se quiser.

Nossa suíte! Essa situação toda com o Frank está ficando cada vez mais perigosa, e meu coração já começou a me alertar que eu estou dançando com um lobo e que ele não quer se ferir.

Eu estava no controle da situação quando a

coisa toda era somente baseada em sexo e nada mais, mas, desde que ele foi me buscar no meu apartamento naquela noite, eu me sinto andando sobre brasas. Frank teve reações muito diferentes das que eu havia imaginado que teria. Ele me surpreendeu de tantas maneiras que eu já nem ousou imaginar o que pensa ou como vai agir comigo.

Eu conheci o Frank playboy. Ele me seduziu, me cercou e me dobrou, mas, agora, eu não sei mais com quem estou lidando. Não conheço esse homem que não quer mais contar as noites que passamos juntos; que conversa comigo; um homem que me abraça ao dormir e beija minha testa. Não, definitivamente eu não conheço esse homem.

Para falar a verdade, acho que nem mesmo Frank tem se reconhecido. Às vezes noto seu olhar vago ou uma expressão tão surpresa quanto a minha quando diz ou age de uma maneira diferente da normal.

Meu coração tem me alertado de que estou em risco, de que essa história tem tudo para acabar mal, de que Frank não é assim e a novidade de ter um “relacionamento estável” com uma única mulher vai passar. E, quando acontecer, ele vai ficar em cacos mais uma vez.

— Está pensativa ou admirando a paisagem?

— Um pouco dos dois. — Tento não parecer melancólica demais. — Nunca imaginei que estaria aqui.

— Nem eu... — Ele ri. — Pelo menos não com alguém.

Dá-me uma piscada e para em frente a um hotel que toma meu fôlego. Não, não é um Villazza, pois não há o característico “V” desenhado na faixa.

Nós descemos, e um carregador de malas se apresenta ao mesmo tempo em que um valet pega as chaves de Frank.

— Gostou? — ele me pergunta assim que avançamos em direção à porta giratória. Apenas faço que sim com a cabeça, muda de deslumbramento. — É o hotel mais antigo da cidade, data de 1834.

Eu suspiro ao entrar no saguão e ver a suntuosidade desse lugar. Uma enorme rosa dos ventos de mármore no meio do lobby com uma mesa repleta de arranjos florais nos saúda. Há lindas pinturas nas paredes e lustres no teto.

Uma mulher belíssima usando um tailleur

com a *logo* do hotel vem até nós, e Frank conversa com ela, que abre um enorme sorriso e nos leva até um balcão onde há recepcionistas.

Estou fascinada e perdida, pois não entendo uma só palavra em francês. O check-in é rápido, pois Frank está munido com nossos passaportes e resolve tudo.

Subimos para o sexto andar.

— Minha reserva era para uma suíte menor, mas depois que você aceitou vir comigo, liguei para cá e tentei uma com vista e sacadas para o Lago Lemman, mas o hotel está praticamente cheio. — Ri. — Tive que subornar um amigo para que trocasse de acomodações comigo.

Ele abra a porta, e eu entendo o que me falou. Confesso que já me hospedei em hotéis muito bons, cinco estrelas, mas nunca tinha visto uma suíte como essa. É maior que um apartamento!

— Ainda não era a que eu queria, mas é maior do que a que eu tinha reservado.

Nossas malas estão sendo entregues.

— É linda!

Realmente estou fascinada. Não há sacadas, mas sim enormes janelas do chão ao teto, com vista para o lago. As paredes ao lado das janelas vão se

arredondando até chegarem ao teto, formando uma estrutura muito diferente e moderna.

Há uma sala de estar com sofás, mesas, uma escrivaninha, lareira e uma mesa de jantar redonda para duas pessoas.

Frank me puxa para ver o quarto, e eu suspiro pela cama enorme. Há portas duplas nos dois lados de sua cabeceira. Entro por uma delas e vejo um enorme banheiro de mármore, com uma banheira na mesma parede onde, do outro lado, fica a cama. Estão dispostos muitos espelhos e um boxe diferente, com assentos.

— *Hammam shower*⁶⁸. Uma delícia! Quando voltarmos, prometo te mostrar o quão gostoso é tomar um banho acompanhada.

— Voltarmos? Acabamos de chegar! — Rio. — Além disso, nossas malas vieram para cá...

— Sobre isso... — Aquele maldito sorriso torto está em sua face. — Vamos ter que fazer umas compras...

— Frank, é melhor você me contar de uma vez para onde está me levando. — Cruzo os braços. — Estou começando a ficar preocupada.

Ele gargalha.

— Vamos para Courmayeur, na Itália. —

Eu ainda não sei onde fica e continuo o encarando.
— Fica nos Alpes, na fronteira com a França.

Alpes?! Penso em quão frio está por lá, mesmo sendo início do outono ainda. Definitivamente eu não tenho roupas quentes o suficiente.

— Você vai gostar, e o hotel em que vamos ficar é incrível.

— E sua reserva aqui?

— Voltaremos na quarta-feira à tarde — diz isso como se pagar três diárias exorbitantes à toa não fosse nada. — Ficaremos até o domingo.

Ai, meu Deus! Se eu pudesse ver meu coração nesse momento, acho que ele estaria sentado numa poltrona, raivoso, com um rolo de macarrão na mão, pronto para me bater.

Como é que eu resistirei a esse homem nesse lugar sem derrubar algumas das barreiras que coloquei em meu coração? Droga! Lembre-se de que é o Frank Villazza, o homem que nunca se apaixonou por mulher alguma! Lembre-se, lembre-se!

Fomos às compras caminhando, uma vez que as famosas lojas de grifes internacionais nas quais Frank fazia questão de entrar ficam a menos de 10 minutos do hotel.

Antes de irmos à primeira loja, paramos para almoçar próximo ao Jardin Anglais, uma praça linda às margens do lago.

Depois do almoço fomos direto para as lojas comprar roupas para aguentar o frio dos Alpes. Eu não comprei muita coisa, apenas um casaco mais pesado, três blusas grossas, gorros, cachecóis e luvas. Trouxe comigo algumas calças bem quentes e também botas e meias.

Frank demorou um pouco para comprar sua própria roupa e, ainda que eu desconfiasse de que seria assim, fiquei surpresa com a quantidade de coisas que ele adquiriu. E o detalhe mais impressionante: não foram só roupas de frio!

Quando ele notou minha expressão divertida por causa da quantidade de sacolas, justificou-se dizendo que precisava renovar algumas peças do seu guarda-roupa e, já que estava na Europa, estava apenas aproveitando a oportunidade.

Agora estamos apenas caminhando.

— Vamos passar na Armani. — Ele aponta para a Rue Robert-Céard.

— Mais roupa?! — Gargalho, olhando para as suas mãos repletas de sacolas e as três nas minhas mãos.

— É para você também! — Arregalo os olhos. — Você e eu iremos a uma festa *black-tie* no sábado.

Paro no meio da calçada.

— O quê?!

— Não é nada demais! — Ele faz sinal para eu continuar andando. — No encerramento da convenção terá um jantar e um pequeno baile.

Jantar e baile *black-tie* com um monte de empresários figurões do mundo inteiro? Ele só pode estar louco!

— Frank, eu nunca fui a um evento como esse...

— Você vai estar linda e, tenho certeza, serei invejado pela maioria dos homens presentes. Vamos!

Na loja, é claro que ele adquire um smoking para si, então fica andando em volta de mim querendo ver os modelos que eu selecionei. Porém, faço questão de que ele não saiba qual foi o

escolhido, pois será uma pequena surpresa. Informo para a moça que me atendeu, em inglês – graças a Deus por eu conseguir me comunicar – que não quero que ele saiba o modelo, e mesmo quando ele vai pagar – coisa que me deixa muito desconfortável, apesar de estar nesta viagem para acompanhá-lo – ela esconde o vestido.

Voltamos para o hotel. Arrumo minha mala novamente, pondo nela somente o que irei usar nesses três dias.

— Está pronta? Quero sair antes que escureça.

— Quanto tempo até chegarmos? — Estou preocupada em pegar estrada.

— Uma hora ou um pouco mais que isso. Vamos atravessar a França, por isso, na fronteira, teremos que mostrar os passaportes. Como eu sou cidadão italiano, tenho acesso liberado, mas você precisará desses documentos. — Ele me entrega uma pasta. — São alguns recibos sobre a estada na Itália para comprovar o trânsito.

Eu assinto.

O percurso durou um pouco mais de uma hora, como ele previu, e a polícia de fronteira da França não foi tão exigente quanto eu pensei que seria.

Eu estava cansada por causa da noite mal dormida no avião, das compras e de toda a excitação do dia, por isso, acabei adormecendo antes de chegar ao nosso destino.

Só acordo quando me sinto ser erguida, vendo Frank me pegar no colo e caminhar comigo em direção a uma espécie de chalé. Encosto a cabeça no seu peito, ouvindo as batidas do seu coração e sentindo seu delicioso aroma.

É noite, eu vejo apenas algumas luzes e sinto um frio horroroso, mas me esqueço de tudo quando olho o interior do chalé: lareira acesa, pétalas de rosas pelo chão e em cima da enorme casa ao fundo, com dossel e cortinados de renda branca, velas acesas em pontos estratégicos e um balde com champanhe e duas taças.

Meleca! Isso parece cenário de lua-de-mel! Olho, um tanto apavorada, para Frank, apenas para constatar que ele está mais apavorado do que eu.

Gargalho, sem poder me conter, ante o rosto assustado de Frank. Ele me olha como se eu tivesse

enlouquecido, mas não resiste e começa a rir também.

— Isso foi... inesperado!

— Sim... pode me pôr no chão agora!

Ele nega e entra comigo no colo. No meio da sala me põe no chão, e eu sinto o aconchego que o calor da lareira me fornece.

— É lindo, Frank! — constato olhando cada detalhe desse lugar. Construção rústica, basicamente toda em madeira e pedras. Assim que entramos, pude ver uma enorme sala com sofás, mesa de refeição e um imenso e espesso tapete no chão. Ao fundo vi a cama, com aquele charme de dossel.

O quarto pode ser isolado da sala através do fechamento de painéis corrediços de madeira, mas neste momento estão abertos, deixando esse romântico cenário à vista.

— Vou pedir o jantar. — Frank já está sentado em uma das poltronas e com o telefone à orelha. — Alguma preferência?

— Não. — Eu me estico um pouco. — Eu vou tomar um banho.

Vejo uma porta à esquerda da sala e a abro, mas dou de frente a um pequeno lavabo. Sigo,

então, o caminho de pétalas de rosas no chão, subo dois degraus que levam ao quarto e, mais uma vez, fico deslumbrada.

Há uma enorme porta no lado direito do quarto, e, por causa das luzes lá de fora, posso ver um deque de madeira e uma piscina cujas águas refletem a luminosidade.

Abro a porta e passo pelo pequeno deque, chegando perto da majestosa piscina de borda infinita com vista para o vale. Abaixo-me, sentindo frio e toco na água, que é quentinha. Piscina aquecida!

Olho em volta e vejo *chaises*, poltronas e mesas. É lindo demais! Eu fico imaginando que vista terá de dia, apesar de, com as luzes acesas lá em baixo, ser espetacular. Sei que estamos próximos ao Mont Blanc – ou Monte Bianco, para os italianos – e que o Vale de Aosta é famoso por suas construções medievais e seus castelos.

Sigo para o quarto, escutando Frank conversando em italiano ao telefone e vejo o banheiro à minha frente. Entre o quarto e banheiro propriamente dito há um cômodo pequeno separado de ambos por uma parede de vidro com partes leitosas e outras transparentes, com uma pia dupla e

um enorme espelho.

Dentro do banheiro há um ofurô duplo com hidromassagem e um enorme boxe – sem banho a vapor, infelizmente. Eu confesso que estou louca para usá-lo no hotel em Genebra, com Frank, é claro.

Embrulhados com laço de fita e tudo há dois roupões bem felpudos, um masculino e um feminino. Retiro minha roupa e entro no banho.

— Bom dia, preguiçosa! — Frank morde minha orelha ao falar.

Resmungo, mas abro os olhos, vendo-o com os cabelos molhados e vestido.

— Bom dia! — Escuto barulho e noto as portas do quarto fechadas. — Quem está aqui?

— O serviço. Pedi nosso café da manhã, e eles estão arrumando a mesa.

— Hum... estou faminta! Poderia comer um boi...

Ele ri e caminha até o pequeno armário ao lado do banheiro.

— Ninguém nunca lhe disse que não é nada

feminino demonstrar tanta fome? — Volta com um cachecol no pescoço.

Uau! Vestido desse jeito ele parece um modelo masculino internacional! Uma malha cinza, calças pretas e um cachecol — que ele comprou na Burberry, com a estampa tão tradicional deles, fundo areia e xadrez cinza, branco e vermelho.

— Se você queria uma mulher que comesse como um passarinho, não sei por que não trouxe uma com você...

— Porque eu pensei em fazer uma boa ação e te alimentar mais um pouco... Fiquei com pena!

Lanço um travesseiro nele, que ri e se joga na cama comigo.

— Eu gosto de você ser assim, tão faminta... — Desliza a mão sobre meu abdômen. — É verdade que o faminto sou eu... Essa dieta em que estamos está me mantando.

Gemo ao senti-lo brincar com o cóis da minha calcinha.

— Vamos largar a dieta hoje! — provoco com uma lambida em seu pescoço.

— Agora?!

— Não! — Ele faz um muxoxo, e eu dou um tapinha nele. — Primeiro, eu vou tomar um

banho, e depois... — levanto-me, sentindo os seus olhos em cima de mim, em expectativa — vou satisfazer a minha fome... — ele geme, e eu chego bem pertinho — de um bom café da manhã italiano de verdade!

Ele tenta me agarrar, e eu saio correndo para o banheiro.

Depois do banho e de eu confirmar que, enfim, a manutenção do “playground” findou, encontro Frank sentado lendo um jornal a uma mesa de café pequena, mas lindamente arrumada, com direito a flores e tudo.

— Uau! Assim vou ficar mal-acostumada!
— Sento-me.

Ele dobra o jornal e o coloca numa mesinha redonda ao lado.

— Ainda bem que eu reservei a sala privada de café do hotel de Genebra. — Sorrio ao ouvir isso. — Eu nunca vi um café da manhã tão suntuoso como aquele, você vai gostar muito.

— Oba! — Sirvo-me de um café italiano forte e muito quente. — Você, quando se hospeda, deve analisar cada ponto positivo e negativo de um serviço, não é?

— Sim. — Ele respira fundo. —

Infelizmente, sim. Não consigo simplesmente curtir a hospedagem, estou sempre analisando no que somos melhores e o que poderíamos aprender.

— O serviço do Villazza é excelente!

— Eu sei, mas ainda temos muito a aprimorar. — Ele toma um gole de café. — Mas sabe o que me faz gostar tanto daquele hotel? O clima. É completamente diferente você se hospedar em um hotel moderno e todo de vidro, como o nosso, e num centenário, cheio de história e que conserva suas tradições. Temos muito hotéis assim aqui na Europa e pouquíssimos lá na América do Sul.

— Principalmente no Brasil, não é? — Eu penso sobre isso e concordo com ele. — Nós não somos muito bons em tentar tirar o melhor do que já existe. Preferimos derrubar tudo e começar do zero.

— Exatamente. — Ele sorri para mim, feliz por eu ter entendido seu ponto de vista. — É por isso que Tony e eu decidimos que não iremos modernizar a aparência do hotel que adquirimos em Lima. A arquitetura dele é incrível, antiga, cheia de história e tradição, e seria injusto, tanto com todas essas coisas quanto com a população local, que

destruíssemos essa memória.

— É uma ótima escolha a que vocês estão fazendo...

— Sim, é. — Toma mais um gole de café.
— Mas não vamos falar sobre trabalho e sim sobre o que faremos hoje! — Parece animado. — Vamos subir uma montanha?

Eu arregalo os olhos. Não sou muito fã de exercícios ao ar livre e dou graças a Deus pela minha genética ser boa, porque, senão, eu teria que me obrigar a fazê-los sem vontade.

— Mesmo? — pergunto desanimada.

— Sim, mas se anime, vamos aproveitar o dia de sol e passear de teleférico até a fronteira com a França, sobre o Monte Bianco.

Suspiro, aliviada e animada.

O passeio sobre o Monte Bianco foi maravilhoso. Subimos até o ponto de partida, em Pontal D'Entreves, e seguimos para Punta Helbronner, a 3.466m acima do nível do mar. Entre uma estação e outra, paramos no Pavillon du Mont Fréty, uma estrutura toda de vidro, com vista em

360° para os montes, com belos jardins e um restaurante.

Após descermos, passamos numa *gelateria*, e eu pude, pela primeira vez na vida, saborear o verdadeiro sorvete italiano. Frank e eu ainda andamos por entre as muitas lojas da cidade, tanto as de grifes renomadas como as locais.

Vi muito artesanato e tive vontade de comprar algumas coisas para mamãe, mas eu não contei a ela sobre essa viagem, simplesmente por não saber como.

Como eu poderia justificar uma viagem de uma semana para a Europa na companhia do Frank? Minha mãe não é nada boba, e eu não quero que ela saiba do envolvimento entre nós. Talvez, daqui a algum tempo, quando ele e eu seguirmos nossos caminhos separados, eu possa dizer a ela.

Suspiro, melancólica, ao pensar em seguir separada dele. Sei que essa sempre foi a ideia e que Frank não é o tipo de homem que se compromete com uma só mulher, mas – olho para nossas mãos entrelaçadas enquanto caminhamos na rua – nunca imaginei que o teria dessa forma, nunca pensei que o que teríamos seria tão parecido com um... namoro.

Droga, Isabella, ponha a cabeça no lugar!

Ele fala algo, mas eu não consigo ouvir e lhe peço para repetir.

— Perguntei se você não gostaria de aproveitar o sol... — ele ri — se é que possamos chamar de sol, para tomar um banho de piscina?

— Vamos! — digo animada, afastando os fantasmas que estavam assombrando minha mente. — Não está nada quente, mesmo porque estamos próximos da neve, mas a água é quente! — Ele ri com minha animação e começa a andar mais depressa em direção ao local onde estacionou o carro. — Eu fiquei encantada com aquilo ontem.

— Sabe por que eu reservei o último chalé? — Pisca. — Temos privacidade para usarmos a piscina até mesmo pelados!

Ah, sim! Eu não vejo a hora de tê-lo novamente dentro de mim.

Corremos!

Dessa vez, eu não dormi na viagem de volta. Havia um clima alegre, descontraído e eu estava, apesar da quantidade de exercício que

fizemos, descansada.

Frank passou quase todo o caminho cantando junto com suas músicas prediletas, em italiano. Eu ri algumas vezes e em outras simplesmente suspirei encantada. Ele estava alto-astral, sorridente, brincalhão, embora ainda safado, pois insinuou querer um boquete dentro de um carro europeu, mas o bendito carro não tem película escura nos vidros e o dia ainda estava claro no início da viagem.

Os três dias que passamos na Itália foram divinos, sem nenhum momento que desfizesse o clima e a atração entre nós. Rimos muito, comemos bem, passeamos, mas preferimos ficar boa parte do tempo no chalé, fazendo amor... não! Fazendo sexo!

Fecho os olhos e recosto a cabeça no banco. Esses dias, embora divinos, também me deixaram uma impressão muito errada do que temos. Antes nada entre nós era relacionado a amor, era apenas físico. Nossa convivência foi tranquila, entendemo-nos em outras áreas além da cama, mas eu tentei ter em mente que tudo era ilusão. Tentei! Porque eu ainda sou uma menina boba que não sabe separar um bom sexo casual de uma relação amorosa.

Admitir isso para mim mesma é parar de ser hipócrita, pois essa situação entre mim e Frank já deixou de ser casual há muito tempo, pelo menos para mim.

Eu estou envolvida, seriamente envolvida. Tenho consciência de que entrei nessa sabendo o que esperar, ou melhor, o que não esperar dele. Frank nunca fez promessas, nunca disse nada que denunciasse que ele estava fazendo mais do que curtindo o momento.

A única errada nessa história sou eu. E, por esse motivo, preciso sufocar o quanto antes qualquer chama que eu possa estar acendendo dentro do meu coração. Frank não pode entrar nele, ele *não quer* entrar nele.

— Estamos chegando — escuto-o dizer. — Está acordada?

— Sim, apenas relaxando. — Tento sorrir e tirar todas essas questões da minha mente, pois quanto menos eu pensar no que estou sentindo, menos sentirei.

— Assim que entrarmos na suíte, vamos direto ao *Hammam*.

Sim! Vamos fazer safadezas, nada de carinho!

Demoramos mais alguns minutos para estar onde ele e eu queremos, mas, quando por fim entro nessa cabine, sinto-me no céu.

O vapor aquece e molha minha pele enquanto Frank distribui beijos pelo meu corpo. Faço com que ele se sente no banco e, ajoelhada, presenteio-o com o boquete que não pude lhe dar no carro.

Depois ele me coloca sentada sobre ele, seu pênis enterrado em mim até o fundo, sem camisinha.

— Frank... eu acho que...

— Psiu... você já está tomando a pílula há alguns dias, além disso, viu meus exames. — Mexe-se. — Prometo não gozar dentro ainda...

Apoia, então, as mãos em minhas costas e começa a se movimentar com vontade. A fricção entre meu clitóris e a sua pélvis é eficaz, e eu me sinto cada vez mais excitada, porém, ainda preocupada com o possível risco de tê-lo sem proteção.

Eu comecei com as pílulas no dia em que viemos para cá e as tomei todas as manhãs desde então. Os resultados dos exames dele foram enviados por e-mail na segunda-feira, e ele está,

como mesmo disse, saudável.

Frank se levanta e me tira de seu colo, pondo-me de joelhos sobre o banco e me penetrando por trás enquanto uma das mãos massageia meu clitóris e a outra brinca com um dos meus mamilos.

Esqueço qualquer preocupação quando sinto o orgasmo se aproximar e o deixo vir, intenso, gemendo inicialmente, mas depois tendo a boca devorada por Frank, que gira meu pescoço e se apossa dela.

Eu penso que ele irá parar por aqui, que irá se retirar e gozar sobre meu corpo, como naquela primeira vez no seu flat. Porém, não, o insaciável Frank Villazza ainda tem fôlego para mais.

Nem bem me recuperei do meu gozo, e ele me carrega para fora da cabine e me leva para a cama. Deito-me de costas, e ele ergue minhas pernas, apoiando-as com seus ombros. A posição faz com eu sinta seu pau bem fundo dentro de mim enquanto ele me segura pelos ombros, impedindo qualquer movimento.

Novamente sinto a energia maravilhosa que antecede o gozo, e ele nota.

— Goza em mim, Bella — sua voz está

ofegante e rouca. Aumenta os movimentos e me aperta mais. — Goza... agora!

Eu sinto meu corpo estremecer e, desta vez, o orgasmo não é apenas uma sensação; não, eu inundo o pênis dele com meu gozo, tanto que chego a molhar a cama. Frank enlouquece ao perceber o que aconteceu e rapidamente sai de mim, jorrando em minha barriga.

Ficamos ambos um molhado com o gozo do outro, abraçados na cama, recuperando o fôlego e tentando parar de tremer.

— Isso foi... FODA!

Eu rio ao ouvi-lo dizer dessa forma. Sim, todas as nossas transas foram deliciosas, mas essa agora foi tudo o que ele falou. Eu nunca tive a experiência de gozo que fosse visível como esse, mas, meu, foi demais! Além de todas as sensações que ainda estão passando pelo corpo, desde os tremores aos pequenos choquinhos, eu me sinto poderosa!

— Banho de novo?

Eu assinto:

— Dessa vez, com água!

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



*Venha me beijar de uma vez
Você pensa demais pra decidir
Venha a mim de corpo e alma
Libera e deixa o que for nos unir
Flor do Medo – Djavan*

Hoje é quinta-feira, e amanheceu nublado e parecendo que iria chover. Frank desceu
NACIONAIS - ACHERON

até o salão de convenções, onde está sendo realizado o evento de que ele veio participar, e eu fiquei dormindo. Só acordei para tomar o café da manhã e voltei para a cama.

Na hora do almoço ele me ligou e perguntou se eu queria companhia, mas eu disse que ele poderia ficar com os amigos – cujas histórias ele me contou durante nossa estada na Itália – e eu almocei sozinha no mesmo restaurante do dia em que chegamos.

Depois passei pelo Jardin Anglais, tirei fotos e selfies. Agora me encontro sentada num dos bancos próximo à fonte principal, lendo um capítulo do livro de mistério que trouxe comigo.

Meu celular apita, avisando da chegada de mensagem. Eu confiro mais um texto de mamãe, reclamando uma vídeo-chamada. Nós duas temos nos falado basicamente por mensagens e chamadas curtas de voz. Eu evitei os vídeos por causa do Frank e também por estar constrangida por esconder dela onde estou e com quem. Portanto, ligo para ela.

— Oi, mãe!

— Isabella Cristina Romanza! — Ela parece bem chateada. — Por que você tem me

ignorado esses dias todos?

— Mãe, falei com a senhora todos os dias!

— Rio, sabendo que ela está se referindo aos benditos vídeos. — Como estão as coisas aí?

— Tudo bem, seu pai e eu passamos dois dias em Campos do Jordão.

— Ah, que bom! — digo sem nenhuma sinceridade. Aposto que foi mais uma compensação.

— Você virá nesse final de semana? Ele não vai estar aqui comigo e...

— Mãe, eu já tenho compromisso. — Sim, um jantar com os empresários mais ricos do mundo na Suíça. Sinto uma pontada enorme de culpa. — Mas eu prometo ir durante a próxima semana. Vou na quarta à noite e volto para Curitiba na sexta de manhã, pode ser?

— Não era o que eu queria, mas tudo bem. — Suspira. — Seu pai vai viajar na quinta de novo, então estarei aqui sozinha e vai ser bom tê-la, mas você poderia vir quando ele estivesse aqui, Isa!

Não se eu puder evitar! Essas semanas morando em Curitiba, longe de casa e, principalmente, das mentiras dele estão me fazendo muito bem e reforçam minha ideia de morar

sozinha. Sinto pena pela mamãe, mas ela fez sua escolha – como me jogou na cara –, então é hora de eu fazer algo sobre meu futuro.

— Eu estarei aí na quarta-feira! — Ela concorda. — Te amo, mãe!

— Eu mais, filha. Estou com saudade, tchau.

Sinto um pingo de chuva cair sobre mim e resolvo voltar ao hotel.

— Marquei um dia inteiro no SPA do hotel para você — Frank, vestido lindamente num terno escuro, comunica-me à mesa do café. — Fiquei incomodado por você estar sozinha o dia inteiro sem ter o que fazer. Além do mais, você vai adorar.

— Obrigada. — Eu tento segurar minha curiosidade, mas é mais forte que eu: — A reunião acabou tarde ontem...

Ele ri.

— Uau! — Põe sua xícara sobre a mesa e me encara. — Quer mesmo fazer esse papel de esposa ciumenta?

Isso me enfurece e me magoa também, mas

ele não verá o quanto suas palavras grosseiras me atingiram.

— Só fiquei curiosa! Mas você tem razão, não tenho nada a ver com o que você faz.

Pego o suco de laranja e o tomo como se não tivesse acontecido nada. Não vou fazer show para ele, não mesmo!

— Desculpa! — Ele põe a mão sobre a minha, que está em cima da mesa. — Eu estava no bar do hotel com Roberto e Carlos.

— Tudo bem, Frank, você não precisa me dar explicações. Esquece o que eu perguntei. — Levanto-me. — Para que horas você fez minha reserva?

Ele demora um pouco a me responder.

— Às 8h30!

Olho o relógio, prestes a marcar 8h em ponto.

— Vou me arrumar, então. — Aproximo-me dele e lhe dou um selinho. — Bom evento!

Entro no armário e separo uma roupa, atenta aos barulhos da sala de estar. Ouço a porta ser fechada com força e me sento no *puff* dentro do closet. Droga, eu terei que começar a pisar em ovos com ele.

O SPA é um sonho, e, realmente, eu adorei cada segundo em que estive lá. Primeiro recebi uma massagem completa, para, em seguida, fazer limpeza de pele, e unhas, manicure e pedicure.

Almocei dentro do SPA, uma refeição balanceada e light, porém, saborosa. No cabelereiro pensei em cortar os cabelos, mas ele disse – ou acho que disse, porque seu inglês era carregado e difícil de entender – que era melhor eu só acertar o corte. Fiz ainda massagem capilar e hidratação dos fios.

Voltei para a massagem corporal, dessa vez com óleos preciosos e pedras vulcânicas quentes. Confesso que cochilei na maca. Tomei o lanche da tarde, light, e pedi para dourar os pelos do meu corpo.

— Você tem horário marcado com o Pierre amanhã, às 4h da tarde — me informa a atendente do local.

— Tenho? — Penso em Frank e no jantar de encerramento. — Pode confirmar.

Saio daqui me sentindo outra, renovada,

bonita e quase grito de susto quando entro no quarto e vejo Frank sentado numa poltrona, assistindo ao noticiário.

— Oi! — cumprimento-o quando ele me vê.

— Aproveitou bastante? — Eu vou até ele e me sento em seu colo. — Hum... está cheirosa! — Esfrega o nariz nos meus cabelos.

— Foi ótimo! Obrigada por isso e por marcar o cabelereiro para amanhã.

— Não me agradeça, faço por puro egoísmo... — Desliza o dedo indicador pela minha coluna. — É para meu próprio uso, afinal.

Eu dou um soco no seu ombro.

— Que coisa machista! Me sinto um objeto desse jeito!

— Um objeto lindo, raro e muito gostoso! — Bato nele de novo. — Você viu como cuido bem dos meus objetos raros...

— Me comparando com suas motos?!

— Foi o maior elogio que fiz a uma mulher! — Beija-me antes que eu possa socá-lo novamente.

Acabamos transando na sala de estar, sobre o tapete, de frente para a lareira.

— Onde você está? — Frank atende sem dizer alô. — Já estou pronto e à sua espera...

— Eu também estou pronta! — Rio de sua impaciência. — Saindo do cabeleireiro nesse momento, vou direto para lá.

Ele bufa, contrariado.

— Te espero na entrada, então. Não demore, estamos atrasados.

Resolvi me arrumar no SPA, mesmo porque eu não sabia quanto tempo levaria para que o cabeleireiro conseguisse arrumar meus cabelos e tudo o mais. Cheguei ao lindíssimo salão e fui recepcionada com uma taça de champanhe *rosé*, e, antes que o cabeleireiro aparecesse, uma de suas assistentes me levou para o lavatório onde, além de lavar minhas madeixas, fez uma deliciosa massagem e, novamente, uma hidratação.

Quando Pierre chegou à sala privada onde eu estava, eu já tinha bebido três taças da maravilhosa bebida, meus cabelos já tinham sido escovados e estavam enrolados em gigantescos bobs.

Discutimos sobre o penteado – de novo me esforcei para compreender seu inglês carregado de

sotaque francês – e decidimos por algo simples e que destacasse meu rosto.

A maquiadora, Patrice, apresentou-se assim que meu penteado ficou pronto e fez um trabalho incrível com meus olhos, que ficaram esfumados e misteriosos. Eu estava tão relaxada, lendo revistas de moda, conversando com a equipe que me atendia que, quando consultei as horas, percebi que estava atrasada.

Eu tinha, inicialmente, a intenção de subir até a suíte e obter a opinião de Frank sobre como estou, mas, devido ao adiantado da hora – e, provavelmente, à quantidade de bebida alcoólica ingerida –, decidi que lhe faria uma pequena surpresa.

Subo de elevador, já recebendo meu primeiro olhar apreciativo – de uma mulher que, ao que parece, está indo para o mesmo lugar que eu.

No corredor, noto mais alguns olhares em minha direção e começo a me arrepender da escolha que fiz. Deveria ter comprado o vestido nude!

Quando, enfim, chego ao local do evento, localizo Frank na recepção, conversando com mais dois homens, um loiro e um ruivo, provavelmente

os amigos brasileiros que estudaram junto com ele em Harvard.

O ruivo, de frente para mim, é o primeiro a me ver e comenta algo que faz com que os outros dois se virem. O sorriso apreciativo de Frank faz todas as minhas inseguranças irem embora. Ele comenta algo e se despede dos amigos, caminhando para mim vestido num smoking belíssimo.

— Bella, você está linda! — Pega minha mão.

Eu, confesso, estava retendo o fôlego até ver sua expressão e ouvir a aprovação na sua voz.

— Desculpe pelo atraso. — Rio um pouco, e ele levanta sua sobrancelha questionadora.

— Não tem importância. — Olha-me de cima a baixo. — A espera valeu cada segundo. Vem, vamos entrar! — Passa pelos amigos sem me apresentar, entrega seus convites na recepção, e as portas do salão são abertas.

Boquiaberta é o mínimo que descreve minha reação ao ver o local deslumbrantemente decorado e cheio de pessoas lindamente vestidas em trajes de gala. Frank cumprimenta algumas delas comigo enlaçada em seu braço esquerdo.

— Estamos na mesa 69. — Dá uma risada

maliciosa.

— Que sugestivo! — sussurro, provocante, ao seu ouvido.

Sinto o músculo do seu braço se retesar.

— Tenha certeza de que acataremos a sugestão. — Pisca para mim. — Uau! Você é uma mulher lindíssima, mas hoje... — sorri — está maravilhosa! *Sono abbagliato!*⁶⁹

— Espero que tenha sido um elogio — brinco com ele.

— É, sim. O que mais havia naquele salão além de pentes e escovas? Estou te achando mais brincalhona que o natural...

— Um Impérial Brut Rosé⁷⁰ deliciosamente gelado.

— Ah, explicado, então. — Ri. — Nada de outras bebidas essa noite... — faço um muxoxo — além de champanhe *rosé*. — Dou um sorriso satisfeito, pois não seria nenhum sacrifício. — Não é bom misturar, e eu realmente quero seguir a sugestão da nossa mesa esta noite.

Um arrepio passa por toda minha pele, em expectativa.

Caminhamos um pouco entre os convidados a caminho da mesa, mas somos parados algumas
NACIONAIS - ACHERON

vezes por pessoas que querem conversar com Frank, e eu, todas as vezes, fico perdida na conversa, pois nenhuma delas é em inglês, muito menos em português.

Chegamos a nossa mesa e avistamos dois casais já sentados. Frank diminui um pouco o passo para ganhar tempo e falar sobre os seus componentes para mim.

— Gerard Fountein e sua esposa, Gema. Ele é o CEO do Banco Bürki. — Eu assinto, lembrando que o famoso banco suíço ajudou a Polícia Federal a encontrar muito dinheiro ilegal em contas de políticos corruptos. — Gema Fountein é minha compatriota, mas os dois falam inglês muito bem. — Sinto-me aliviada ao ouvir isso. — O outro casal — vejo uma mulher bonita e morena, na casa dos cinquenta anos e seu marido, alto, loiro e de olhos claros — é brasileiro. — Eu quase bato palmas de felicidade. — São Gilberto e Cecília de Toledo, do Grupo Novak.

Eu reconheço o nome dos dois e, mais ainda, o da maior holding de construções do Brasil. A sede da empresa fica em São Paulo e, apesar do escritório de Hal ter uma cartela de clientes imponentes, nós nunca tivemos acesso aos Toledos,

pois é uma família fechada e dificilmente encontrada nos eventos sociais mais comuns da cidade.

Hal mataria pela oportunidade de se sentar à mesma mesa que eles e ficará frustrado ao saber que eu os conheci. Também não terei coragem de abordar qualquer assunto profissional, mesmo porque não estou aqui para esse fim.

Os dois casais se colocam de pé quando chegamos. Frank os cumprimenta e me apresenta a cada um deles como “doutora Isabella Romanza”, sem predicados ou justificativas.

Sentamo-nos, e Frank, ao lado de Gerard, engata uma conversa com ele a princípio em francês, mas agora em inglês. O casal brasileiro conversa entre si e, como há duas cadeiras vazias entre eles e nós, estabelecer uma conversa sem gritar está fora de condições.

Apesar de entender o que Frank e seu amigo dizem, o assunto não é algo que eu saiba ou queira participar, então passo a olhar as pessoas ao nosso redor, tentando reconhecer algumas, quando vejo um homem que, meu Deus, é incrivelmente bonito.

Ele não tem o charme, nem é sexy e selvagem como Frank, mas é esteticamente

perfeito. Tão bonito que parece que foi feito sob encomenda, e todas as mulheres – e alguns homens, eu noto – parecem comê-lo com os olhos.

De repente ele se vira em minha direção, vindo a caminho da mesa onde estou, e eu consigo ver mais detalhes sobre ele. Seus cabelos, por exemplo, são castanhos – e não negros, como imaginei – e seus olhos são de um azul tão forte quanto os meus. Todavia, o que mais me chama a atenção – e eu sei que é loucura eu notar isso – é o seu nariz, reto e perfeito, parecendo criação do cinzel de um grande artista.

Nossos olhares se encontram, e eu, constrangida por tê-lo encarado, viro o rosto para frente, apenas para ver Cecília de Toledo levantar-se para abraçá-lo.

Eu tento não olhar muito, mas estou curiosa, e Frank, que terminou a entediante conversa de negócios com Gerard, nota meu interesse no grupo.

— É o Nicholas Smythe-Fox, o herdeiro mais velho da Novak. — Eu já tinha ouvido falar do famoso engenheiro, dono de prêmios e menções honrosas por suas invenções e técnicas nas construções que realizou ao redor do mundo, tanto pela holding, quanto por conta própria, em causas

humanitárias. — Não me diga que se encantou com esse jeito angelical dele? — questiona debochado, mas sinto um quê de ciúmes. Ciúmes?!

Eu estou prestes a jogar na cara dele o despeito pelo rapaz, quando esse se aproxima para nos saudar. Coloco-me de pé junto aos demais componentes da mesa.

— Frank Villazza, quanto tempo!

Caramba, o seu sorriso o torna ainda mais bonito!

— Pois é, Nick! — Frank o cumprimenta como se fossem amigos. — Deixe-me apresentá-lhe a doutora Isabella Romanza.

Eu respondo ao seu cumprimento, imaginando que ele voltará a conversar com Frank, mas sou surpreendida.

— Eu soube do caso Baden assim que retornei ao Brasil. — Frank põe a mão na base da minha coluna, nua por causa do decote do vestido. — Imagino que seja a doutora Romanza do escritório do Hal Navega, não é?

Uau! Ele já ouviu falar de mim? Fico dividida entre constrangida e orgulhosa.

— Sim, é ela — Frank responde por mim, seco. — Estive com Rodrigo em Curitiba, e ele me

disse que vocês retornaram ao Brasil para ficar.

Nicholas desvia os olhos de mim e conversa com Frank, mas a cada vez que pode, olha-me de novo e, conseqüentemente, a mão do meu companheiro vai deslizando pelas minhas costas, a ponto de eu estar abraçada e colada a ele quando o assunto termina.

O salão, de repente, é todo iluminado, e um homem fala ao microfone, em francês. Todos o aplaudem, e começa a ser servido o jantar.

Frank não disse mais nenhuma palavra desde que Nicholas voltou para a mesa onde estava, e eu posso ver o quanto ele parece contrariado.

Um outro casal se aproxima, e eu reconheço no homem o ruivo amigo de Frank que estava com ele na entrada.

— Carlos! — Frank o chama e depois pergunta aos demais ocupantes da mesa se o casal pode ocupar os dois lugares vazios. — Isabella, esses são meus amigos, Carlos e Paula Vieira. — A esposa de Carlos é tão loira quanto o marido é ruivo. — Essa é a doutora Isabella Romanza.

Eles se sentam, e eu finalmente tenho alguém para conversar. Paula é muito simpática, conta-me que é professora de dança nos Estados

Unidos e que é casada com Carlos há oito anos, tendo com ele uma filha de cinco anos.

— Foi uma surpresa quando meu marido me disse que Frank havia trazido alguém com ele. — Sorri. — Já era hora de ele encontrar alguém e se estabelecer. — Pega na minha mão. — Fico feliz por você tê-lo escolhido e colocado juízo naquela cabeça de vento.

Sinto o chão tremer ao ouvir isso, descobrindo que, talvez, todos aqui estejam pensando que ele e eu estamos juntos como um casal. Contudo, afinal, estamos ou não? Essa é uma pergunta para a qual não conheço a resposta e, sinceramente, tenho medo de conhecer.



*Quando um homem ama uma mulher, eu sei
exatamente o que ele sente, porque querida,
querida, eu sou um homem...*

When a Man Loves a Woman – Michael Bolton

Meu sangue está quente, fervendo,
borbulhando de raiva, e nem mesmo a chegada do
meu amigo Carlos muda essa realidade e,
NACIONAIS - ACHERON

consequentemente, eu fico ainda mais puto por estar puto.

Parece confuso, mas eu estou confuso – além de puto –, completamente perdido, sem saber o que fazer ante o que eu sinto, ante o que senti quando vi, primeiro, Isabella completamente encantada com Nick Smythe e, depois, o referido babaca babar em cima dela.

Nunca pensei que pudesse passar por uma situação como aquela. Sei que Nick é famoso por seu rostinho angelical, sem contar sua fama de gênio e caridoso. Tudo o que eu não sou! Enquanto as revistas destacam as mulheres com quem saí, as motos que comprei e criam a fama do CEO playboy, elas enaltecem aquele guri, elogiando-o por sua beleza, sua educação, seus prêmios internacionais e, principalmente, as causas humanitárias nas quais ele participou.

Nunca ouvi falar desse homem envolvido em um escândalo ou nada parecido. Mesmo porque sua família – e ele mesmo – é tão fechada que raramente há alguma coisa sobre eles sendo divulgada.

Tony pode competir com ele nesses quesitos de bom moço, mas eu, definitivamente,

NACIONAIS - ACHERON

não estou nem no páreo.

Sinto meus lábios se apertarem, contrariados, mais uma vez. Eu nunca me compararia ao Nick, nunca, se não fosse por causa de Isabella e seu olhos fascinados em cima do rapazola.

Eu estava mantendo uma conversa muito interessante com Gerard quando, de repente, algo me alertou. Era como se, dentro de mim, houvesse algo gritando, e eu desviei os olhos para ver Isabella e a vi encarando o homem.

Achei que talvez os dois já se conhecessem, mas era pouco provável, pois Nicholas fica a maior parte do tempo acompanhando as obras da empresa de sua família ao redor do mundo. Senti uma raiva me invadir e tive vontade de chamá-la, de mostrar a ela que percebi que estava olhando para outro homem, mas fiquei parado, remoendo-me a cada vez que notava que ela o olhava.

Então, quando o frangote me viu, pensei que era hora de demarcar território, de mostrar a ele que ela era minha. Todavia, nem mesmo com meu braço ao redor da cintura dela, ele deixou de apreciá-la.

Eu sabia que tinha de ter escolhido o
NACIONAIS - ACHERON

vestido que ela usaria; com certeza não seria esse, apesar de ter ficado deslumbrante.

Quando Carlos comentou, na recepção, sobre a chegada de uma mulher vestida de vermelho e eu a vi, deveria ter sabido que os homens a comeriam com os olhos. O maldito, embora lindo vestido é colado em seu corpo e se abre como a cauda de uma sereia a seus pés. Não tem alças, e o decote arredondado sobre os seios ainda conta com uma pequena fenda entre eles. Entretanto, para piorar, há um gigante decote em suas costas.

Durante o jantar, Isabella e Paula mantiveram uma conversa amigável, e agora, com todos nós em pé na pista de dança — mas sem dançar —, as duas continuam o bate-papo, animadas e com taças de champanhe na mão.

Roberto Soares, meu outro amigo de Harvard, aproxima-se. Foi com ele que troquei de suíte, pois ele terminou seu relacionamento pouco antes dessa viagem.

— Ei, caras, isso aqui está uma loucura! — Levanta seu copo de uísque ao dizer isso. — Está melhor do que a do ano anterior. — Ele olha uma mulher que passa por nós. — Só tem gostosa!

— A maioria está acompanhada, Bob — Carlos destaca.

— Isso é irrelevante. — Dá de ombros. — Frank, de onde você tirou aquela deusa? *Holy shit!*

Carlos fica sem graça, e eu, ainda mais puto ao vê-lo comendo Isabella com os olhos. Porra de vestido!

— É a advogada que está tratando do caso do Baden — Carlos explica.

— Mesmo? Advogada? — Ele a olha inteira de novo. — Hum, eu gosto das mandonas... — Olha-me. — Se não está rolando nada entre vocês, eu poderia...

— Cala a boca! — ordeno pausadamente e tão puto que ele nem termina a merda que iria dizer. Sei que ele está bêbado, mas não vou relevar.

— *For God sake!* — Ri e cutuca Carlos, que também parece divertido. — Eu pensei que iria morrer sem ver isso!

— Do que você está falando, *stronzo?*

— De você — se aproxima e diz baixo — de quatro por uma mulher! Não é possível...

Eu estou pronto a negar veementemente, quando penso no que ele acabou de me dizer. Olho, assustado, para Isabella, que abre um sorriso

incrível dedicado apenas a mim quando nossos olhos se encontram.

Não escuto mais nada do que o panaca diz, meus olhos estão fixos, meu coração retumba no peito e, porra, eu juro que ouço sinos. Não a porra dos sinos! Ouço novamente e constato que, felizmente, é só o carrilhão da percussão sendo usado.

Peço silenciosamente a ajuda de Carlos para negar o que Roberto falou, mas meu amigo somente me olha com um sorriso superior.

É mesmo verdade! Eu, ineditamente, estou de quatro por uma mulher!

— ...porque ela é gostosa para cacete, meu amigo!

— Porra, Bob, cala a boca! — O inconveniente do meu amigo faz o que eu mando. — Ela é minha, *cazzo*!

Ele parece assustado, mas demora apenas dois segundos calado, rindo ao apontar para ela.

— Acho melhor você dizer isso a ele...

Viro-me rapidamente para olhar para o que ele aponta e vejo Nick Smythe convidando minha Isabella para dançar. Só por cima do meu cadáver, franguinho!

Caminho a passos largos até eles, que conversam ao lado de Paula. Não digo nada quando os alcanço, apenas abraço Isabella pelas costas e lhe dou um beijo na nuca, exposta pelo penteado.

Vejo a sua pele se arrepiar, e a conversa, que eu nem sei do que se trata, cessa. Encaro Nick, que parece divertido, e indago bem pertinho da orelha da minha Bella:

— Quer dançar?

Ela sorri, olhando-me com o canto dos olhos.

— Quero! — Olha para Nick. — Com licença, foi um prazer, Nick.

Nick?! Eu levanto uma sobrancelha, contrariado ao ouvi-la chamá-lo pelo apelido, e ele tem o descaramento de pegar a mão de Isabella e beijá-la.

— O prazer foi meu! Não esquece do jantar quando retornar a São Paulo. — Que porra de jantar é esse?! Aperto a cintura de Isabella involuntariamente. — *Ciao*, Frank.

Eu resmungo um *arrivederci* e conduzo Isabella para o local onde os outros casais estão dançando. Eu a colo ao meu corpo ao som de *The Way You Look Tonight*²¹ na versão do Rod Stuart, e

começamos a dançar.

A música é envolvente, e eu, modéstia à parte, sou um ótimo *partner*. Minha mãe, minhas tias e primas me obrigavam a dançar com elas em todas as festas de família desde que eu tinha 13 anos, então sei muito bem conduzir uma dama.

Mal termino esse pensamento, e a banda começa a tocar *Lady in Red*⁷². Gargalho, e Isabella faz uma careta para mim.

Eu me abraço a ela, dançando colado como a música sugere. A luz no salão é baixa, intimista, e eu aproveito essa condição para seduzir a minha dama de vermelho.

Canto algumas partes da música, baixinho, em seu ouvido, enquanto vou distribuindo alguns beijos em seu pescoço e em sua orelha. Minhas mãos tocam, usando apenas as pontas dos dedos, a extensão de sua coluna – desde a base até a cervical – e eu sinto, no percurso, sua pele se arrepiar.

Isabella deita sua cabeça em meu peito. Eu cheiro o perfume dos seus cabelos, sinto sua respiração ultrapassar os tecidos de minha roupa, noto a quentura de sua pele.

Em todos os anos em que dancei com minhas parentes nunca, claro, foi dessa forma.

Eu realmente estou sentindo a canção em mim, ela penetra em meus ouvidos e bate forte em meu peito.

— *And when you turned to me and smiled it took my breath away, and I have never had such a feeling, such a feeling of complete and utter love, as I do tonight*⁷³.

Isabella suspira, e eu sei o que acabei de cantar, e embora o tenha feito em vários momentos durante a canção, essa parte é uma que parece real. Fecho os olhos, ela em meus braços, tão perfeita, como se fosse parte de mim.

Deslizo novamente as mãos pela sua coluna e recebo um olhar. Não resisto mais e a seguro pelo queixo, beijando-a aqui, no meio de todo mundo.

Era para ser apenas um beijinho, um roçar de lábios simples e rápido, mas meu corpo nunca reage singelamente a ela.

— Vamos embora!

Ela concorda, sorrindo. Pego-a pela mão e saímos desse lugar o mais rápido que o decoro nos permite.

Já dentro do elevador, eu a seguro pela cintura e a beijo novamente, parando apenas quando chegamos ao nosso andar.

— Sabe que vamos perder o melhor da festa, não é? — ela afirma, divertida, quando eu coloco o cartão de acesso na porta.

— O melhor da festa acontecerá aqui dentro! — Puxo-a para o interior do quarto. — Agora.

Fecho a porta e beijo Isabella encostada a ela. O vestido lindo e sensual não ajuda muito, exatamente por ser colado a seu corpo. Pego-a no colo e caminho, ainda a beijando, para a cama.

São 3h da manhã, e eu estou, janelas abertas, fumando meu primeiro cigarro aceso depois de duas semanas inteiras. Achei que já tivesse parado e, admito, sinto-me derrotado por o estar fazendo novamente, mas é isso ou a guitarra e, como não há instrumentos musicais aqui, não tive opção.

Estou nervoso, confuso e, odeio dizer isso, com medo. Medo do que senti essa noite, medo do que sinto ao fazer sexo com ela, medo do que ainda estou sentindo nesse instante.

Essa história com Isabella está indo longe

demais, e eu, infelizmente, estou desenvolvendo sentimentos além do que eu queria ter. Sentir amizade, carinho e até afeição por ela, tudo bem, pois eu sinto isso por um monte de gente. Porém, sentir ciúmes, sentir como se ela me pertencesse, me sentir como um maldito cachorro mijando para demarcar território... isso, definitivamente, eu nunca senti antes.

Sinceramente, não sei o que fazer. Não sei se volto para Curitiba e digo a ela que é melhor cada um ir para o seu lado ou se tento, se pago para ver se essas estranhas sensações continuarão.

Apago o cigarro e fecho a janela, jogando a bituca no lixo, entrando no lavabo para lavar as mãos e o rosto. Olho-me no espelho, olhos inchados e vermelhos por mais uma noite insone. Noto pequenas rugas ao redor dos meus olhos e encaro que, realmente, não estou ficando mais novo. Tenho quase quarenta anos.

Já é hora de arriscar uma relação estável? Já é hora de construir uma família? Penso em Isabella fazendo parte disso, sendo minha companheira e a mãe dos meus futuros filhos.

Meu coração retumba no peito, e eu gemo de dor, pois não é algo que estou acostumado a

sentir, não desse jeito. Pensar em ter filhos nunca mexeu muito comigo, pois via crianças como correntes que me ligariam a uma mulher para sempre, mas agora, ao pensar no assunto, não as vejo mais assim.

Não! Vejo apenas pequenas meninas morenas com olhos de gato... Porra! Jogo mais água em meu rosto e tento me convencer de que isso tudo que está acontecendo é porque nessa madrugada eu gozei dentro dela sem proteção.

Estou preocupado, é isso. Os batimentos acelerados do meu coração só estão desse jeito porque eu estou com medo de essa noite trazer alguma consequência, pois, como ela bem repetiu várias vezes, ainda é muito cedo para isso.

Tento me acalmar dizendo a mim mesmo que há outros métodos, que poderemos comprar uma pílula do dia seguinte e resolver o problema de vez. É isso! No entanto, dentro da minha cabeça, eu ainda posso ver bebês com olhos de gato.

— Frank? — Vejo-a, pelo espelho, à porta do lavabo. — Tudo bem?

Eu faço que sim com a cabeça e jogo água no rosto de novo.

— Eu fumei...

Ela faz uma expressão surpresa.

— Achei que você tivesse parado de vez — comenta apenas, sem censura ou cobrança na voz.

— Eu também... — Seco meu rosto. — Mas, ao que parece, tive uma recaída. — Dou de ombros.

— Dê tempo ao tempo, tenho certeza de que você vai conseguir. — Ela me faz um carinho no ombro. — Não se cobre tanto!

— Pensei que você fizesse parte do grupo que quer que eu pare... — Encosto minha bochecha em sua mão, adorando o contato.

— Eu faço! — Ela ri. — É bem mais gostoso sentir seu cheiro e seu gosto sem a fumaça, acredite. Mas sei que, quando você realmente decidir que é hora de parar, vai conseguir.

Gostei de ouvi-la dizer isso, sinto-me mais animado e com mais forças para começar de novo.

— Acho que, para isso, tenho que me abster da minha técnica do cigarro apagado, não é? — Ela concorda. — Sim, evitar estar muito perto da tentação.

Como eu deveria ter feito com ela desde o começo! Agora, com ela aqui, linda, despenteada, usando uma camisola de seda preta, como será

possível afastá-la? Como eu conseguirei afastá-la de mim algum dia?

— Vamos dormir. — Ela me abraça, e meu peito incha. — Amanhã teremos aquele maravilhoso café que você me prometeu, lembra?

Eu rio, sabendo o quanto essa mulher gosta de comer. Seguimos para a cama juntos, abraçados.



O meu coração já estava acostumado

Com a solidão

Quem diria que ao meu lado

Você iria ficar...

Ainda bem – Marisa Monte

— **Do que você** e Nick falavam? —
pergunto sentado à mesa do café da manhã,
NACIONAIS - ACHERON

incomodado com aquilo desde ontem.

Sei que é uma atitude infantil eu voltar a esse assunto, mas, desde que acordei e vi o maldito vestido vermelho jogado em cima do tapete do quarto, lembrei-me da noite anterior e do desgraçado do Nicholas.

Ela sorri, e eu não sei se é para mim, de mim ou da lembrança do assunto.

— Ele estava me contando que pretende fixar residência em São Paulo depois de anos morando fora. — Eu assinto, pois sei disso. — Disse que está há muito afastado das pessoas que conhece e me convidou para jantar quando eu retornar à cidade.

Bufo sem querer. Aquele piá é ousado, sempre foi, mas para cima de mim? É novidade!

— Você aceitou?

Ela me encara, séria dessa vez, com sua xícara de café suspensa.

— Não dei resposta, Frank.

— Por quê? — Quero sacudi-la e lhe dizer que ela deveria ter negado e ter dito que pertencia a mim, porra!

— Não sei por quanto tempo ainda estarei em Curitiba. — Bebe. — Além disso, não sei como

estarão as coisas quando eu voltar a São Paulo.

Isso me deixa alerta.

— Como assim? O que significa?

— Eu decidi que vou sair da casa dos meus pais — informa-me com a voz baixa e o olhar longe. — É hora de seguir meu próprio caminho, ter mais liberdade...

— E Nicholas Smythe tem algo a ver com isso? — Ela me olha interrogativa, como se não tivesse entendido minha pergunta. — Você vai voltar a vê-lo quando retornar a São Paulo?

— Não vejo por que não. Ele me pareceu ser uma boa pessoa...

Eu perco a paciência, sentindo meu sangue ferver de raiva.

— Você vai dormir com ele? — pergunto ríspido e bem baixo, mas Isabella sente o quão puto eu estou e arregala os olhos.

— Não, Frank! — Ela está séria e não parece muito tranquila também. — Mal o conheci! — Eu faço menção de dizer a ela que eu quis comê-la assim que a vi pela primeira vez e que, muito provavelmente, essa é a intenção do fanfarrão do Nick, mas ela fala algo que me atinge como um tiro: — E também não entendo o que você tem a

ver com esse assunto, afinal, quando eu retornar a São Paulo, essa “coisa” entre nós já terá acabado e cada um estará seguindo adiante!

Ela se levanta sem ao menos ter provado todas as delícias que estão na mesa.

— Estou sem fome! — declara. — Vou voltar para o quarto e começar a arrumar minhas malas.

Vejo-a sair, andar duro de quem está com raiva, e balanço a cabeça, recriminando-me por ser tão babaca. Eu tinha que estragar esse dia? Que merda!

Levanto-me apressado, pensando se conseguirei consertar as coisas. Eu não quero estar brigado com ela, não quero estar longe dela. Preciso estar próximo a Isabella, preciso fazê-la querer ficar comigo... Paro ainda dentro do salão reservado para o café da manhã.

Eu quero que ela fique comigo! *Madonna Santa*, eu quero que ela fique comigo! É isso! Eu preciso convencê-la a ficar comigo, eu preciso convencê-la de que sou o único homem que ela quer, mas eu não sei como! Não sei!

Eu sei seduzir, sei propor uma aventura, um sexo casual gostoso, mas convencer uma mulher de

que eu sou o homem certo para ela...? Não, eu não sei fazer isso, mesmo porque eu nem sei se sou isso!

Respiro fundo, convencendo-me a não agir no desespero. Estou enciumado, pois gosto do que temos. O que temos – essa “coisa” – é bom, faz-me bem, mas daí a pensar em compromisso? Não. Meu cérebro me manda pensar melhor, e é isso que eu faço. Isabella precisa de um tempo sozinha; depois, quando ela estiver mais calma, nós voltamos a conversar.

Eu recomeço a andar, dessa vez, em direção à rua. Qual é o problema se ela decidir, depois de retornar à sua cidade, querer dormir com outros homens? Meus passos diminuem. Eu mesmo, depois que ela for embora, irei querer transar com outras mulheres, como sempre fiz!

Estanco novamente.

Cazzo! Dane-se o que for acontecer no futuro! Começo a andar rapidamente em direção aos elevadores. O que eu quero agora é tê-la só para mim e aproveitar cada segundo que temos juntos. Se, mais tarde, eu decidir que quero algo mais profundo, teremos tempo para conversar, afinal, ela ainda irá permanecer em Curitiba por muito tempo.

Entro na suíte e a encontro sentada ao lado da mala, com a cabeça apoiada nas mãos, olhando para o chão.

— Bella. — Ela me olha. — Me desculpa por aquilo. — Rio, sem graça. — Acho que estou um pouco enciumado.

Ela suspira.

— O problema é: sentindo ciúmes por quê? — Ponho-me em guarda, pois não estou pronto a responder a essa pergunta. — Porque outro homem se interessou por mim ou porque *Nicholas Smythe* se interessou por mim? Afinal, isso é sobre nós ou sobre você e ele?

Eu fico surpreso com a pergunta.

— Como assim sobre mim e ele?

— Competição, Frank. — Ela parece desanimada. — E eu, no caso, sou apenas o “prêmio” da disputa. É isso? Não tem ciúmes de mim, mas sim do Nick me “ganhar” de você!

Eu gargalho ao ouvir isso. Por um momento achei que ela ia dizer que eu tinha interesse no piá. Confesso que isso me deixou estarecido, imaginar que ela pensasse algo assim. Entretanto, agora, ouvindo-a dizer o que pensa... uma competição? Tenho vontade só de rir.

Caminho até ela e me sento ao seu lado.

— Eu tenho ciúmes de você, Bella. — Toco a sua mão. — De você, seja com qualquer outro homem, até mesmo com o Tony. — Ela se surpreende. — Nunca competi com meu irmão, pelo menos não um contra o outro, somos uma equipe, mas, quando o vejo se dirigir a você de forma tão íntima, te chamando de Isabella e notando seus olhos de gata... — ela sorri pela primeira vez — eu tenho vontade de chutar a bunda dele ou de contar a Marina para que ela chute.

— Tony nunca...

— Eu sei. — Passo meu braço pelo seu ombro. — Meu irmão é louco pela noiva e não olharia com segundas intenções para nenhuma outra, mas isso não quer dizer que ele não saiba o quanto você é linda.

Aperto-a bem forte contra mim.

— E o que isso significa, Frank?

É minha vez de suspirar forte.

— Eu não sei, mas estou disposto a descobrir. — Encaro-a. — Você está?

Isabella me beija, doce e cheia de desejo, e eu me deixo levar por essa sensação de ter feito o que meu coração manda. Não vou brigar mais com

isso, simplesmente vou deixar acontecer e, se ela for a mulher certa, a mulher que fará com que eu descubra que sou capaz de amar e ser comprometido e fiel, nunca mais a deixarei partir.

Embarcamos pouco depois do almoço e, assim que o avião se estabiliza no ar, eu me levanto, pego duas taças de champanhe e vou até Isabella.

— Fico mal-acostumada desse jeito! — brinca, pegando a bebida.

— Vamos comemorar nossa volta e brindar à viagem maravilhosa que fizemos juntos. — Toco minha taça na dela.

— Obrigada por isso! — Beija-me.

Eu rio e pego nossos passaportes. O meu, claro, é da Itália, pois, apesar de morar há anos no Brasil, ainda sou cidadão italiano, embora com visto brasileiro permanente, então não tenho a necessidade de abrir os documentos, mas eu o faço, curioso sobre a foto dela no seu.

Bella tenta me impedir, rindo.

— Ah, está linda! — Ela faz um beicinho.

— Isabella Cristina Romanza... Cristina? — O sorriso morre no seu rosto. — É um nome lindo também, Bella!

— Frank, me devolve o passaporte! — pede séria.

Eu gargalho e balanço o documento na sua frente.

— Aniversário, confere! — Pisco para ela. — Isso eu já sabia! — Continuo a leitura, e ela tenta pegar o passaporte da minha mão, mas eu me viro de costas para ela e o coloco bem alto. — Mãe, Hilda Marteli Romanza, e pai...

— Frank, droga! — ela grita comigo.

Não há nada escrito no lugar em que deveria estar constando o nome do seu progenitor, e noto que é isso que ela tentou me impedir de ver. Fecho os olhos, puto comigo mesmo, antes de me virar para ela com o passaporte fechado e ao seu alcance.

— Me perdoe...

Ela o pega bruscamente.

— Não tem importância — ouço mágoa na sua voz. — Não é nenhum segredo...

Eu a abraço e, para minha completa consternação, ela chora. Porra, o que eu fiz?

Isabella parece extremamente magoada, seu choro é silencioso e sentido, apenas sei que ela chora porque sinto os tremores passarem pelo seu corpo. Ela soluça, respira fundo e me aperta mais.

Sento-me na poltrona e a trago comigo, sentada no meu colo, para consolá-la, ainda que eu não entenda bem o motivo do pranto. Bem, nós estávamos tranquilos depois da minha cena boçal no café da manhã. Arrumamos as malas juntos, entre brincadeiras e beijos. Depois eu desci para fazer o check-out e a busquei na suíte.

Chegamos ao aeroporto com antecedência de uma hora e aguardamos dentro da sala privada que a empresa de fretamento nos reservou.

Estava tudo bem, ela almoçou feliz ao meu lado, conversamos sobre vários assuntos, rimos, e o clima continuou assim, pois depois que o avião decolou, nós até brindamos com champanhe e... Ah, que porra!

Ela ficou desse jeito por causa da brincadeira com seu passaporte?! Ela está assim porque eu vi que não há o nome do pai dela no documento? Sim, cacete! Então, de repente, vêm à minha memória alguns flashes das vezes em que ela falou da família.

Era basicamente apenas da mãe que ela falava. Eu tive até cuidado ao tocar no assunto do pai dela uma vez, mas Isabella me respondeu como se ele existisse e fosse presente em sua vida. Então me lembro da ligação que ela recebeu após seu aniversário.

Eu entrei na sala e a ouvi se despedir do pai, mas sua voz e sua expressão, até mesmo a postura de seu corpo eram tristes. Eu pensei que poderia ter havido algum problema na casa dela ou na viagem que ele estava fazendo, mas pelo jeito o problema residia na relação entre os dois.

— Ei, Bella, está tudo bem! — Passo a mão pelos seus cabelos. — Me desculpa mais uma vez por ser um babaca.

Ela suspira.

— Sou eu quem pede desculpas, Frank. — Ela limpa o rosto e se afasta do meu peito. — Sinto muito por essa reação tão desmedida...

Eu coloco o dedo sobre os seus lábios.

— Sabe do que nós dois estamos precisando?

Ela nega, interrogativa e curiosa.

— Sexo nas alturas!

Ela sorri.

— Eu não sei se estou com clima...

Levanto-me com ela no colo.

— Então me deixa somente te abraçar, te fazer carinho e cuidar de você um pouco.

Ela fecha os olhos com um sorriso lindo nos lábios, e eu a levo para dentro da pequena cabine onde fica a suíte.

— Como vamos fazer amanhã no escritório? — ela me pergunta já dentro do carro, a caminho do Batel.

Eu mimei Isabella durante todas as horas em que estivemos no ar. Deitei-me com ela na cama, sem conversar, apenas um recebendo carinho do outro. Pensei em como aquilo também era bom, estar assim com alguém, sem sexo, mas tão íntimo.

Só que o tempo sem sexo durou apenas alguns minutos, porque depois que ela mesma me beijou, eu me excitei, provoquei-a, meus carinhos passaram a ser mais... sexuais e ela respondeu a eles da mesma forma.

Foi uma transa terna — essa é a única forma como posso defini-la, porque ainda não sei se

aquilo era o que chamam de “fazer amor” –, entre nós rolou mais carinho do que safadezas, teve mais intensidade do que desespero e, sim, foi tão bom quanto quando nós apenas “metíamos”.

Depois ficamos deitados, abraçados até o aviso de aproximação do aeroporto, já na região metropolitana de Curitiba.

— Normal. — Olho-a quando paro no sinal vermelho. — O que está te preocupando sobre amanhã?

Isabella boceja antes de me responder:

— Não acha suspeito você e eu chegarmos juntos depois de uma semana inteira sumidos?

Eu rio da sua preocupação. Se ela souber o que estou querendo fazer, concordará? Ela boceja de novo, e eu decido conversar com ela amanhã. Ainda não é madrugada no Brasil, mas ainda estamos no fuso horário europeu.

— Amanhã eu vou viajar de novo, Bella. — Olha-me intrigada. — Não falei antes porque, sinceramente, esqueci. — Rio. — Não queria pensar em trabalho durante esses dias em que estivemos juntos.

— Para onde você vai?

— Vou até Lima ver o prédio que

compramos, junto com o pessoal do escritório de arquitetura. — Ela assente. — Meu voo está marcado para as 14h, mas não devo ir ao escritório na parte da manhã.

— Menos mal, então. — Põe a mão sobre minha coxa. — Mas vou sentir sua falta. Quando você volta?

— Na quarta-feira. Eu... — A expressão no seu rosto muda, como se acabasse de se lembrar de algo. — O que foi?

— Preciso ir para casa na quarta-feira depois do expediente. — Não gosto nada dessa notícia, pois eu estarei longe, e ela, na mesma cidade que aquele descarado do Nicholas Smythe-Fox, mas não comento nada. — Eu prometi a minha mãe que iria. A que horas você chegará?

— Somente à noite. — Bufo. — Quanto tempo, Isabella?

— Volto na sexta-feira pela manhã.

Eu assinto, aliviado por ao menos tê-la durante todo o final de semana.

Ela boceja novamente enquanto eu entro com o carro na garagem do prédio.

— Chegamos! — Ela suspira um pouco triste assim que estaciono. — Esses dias longe

daqui pareceram tão especiais que tenho medo de voltar e encontrar tudo bagunçado.

— Está tudo bem, não se preocupe. Tony tem me mantido informado de tudo, inclusive Marina mandou dizer que tudo está na mesma lá na sua sala da justiça.

— Pedro não conseguiu nada ainda?

Eu dou de ombros.

Subimos rumo à cobertura.

— Você podia deixar algumas peças de roupas aqui — sugiro assim que entramos no apartamento.

Ela ri da ideia.

— Frank, eu moro a cinco andares abaixo daqui! — Ri de novo. — Qual o sentido de deixar roupas, se posso ir buscá-las lá embaixo?

— Evitar alguns shows para a segurança do prédio?

Ela gargalha, sabendo que me refiro a todas as vezes em que desceu de roupão.

— Você tem certeza disso? — seu tom brincalhão já não está presente e Isabella parece bem séria. — Não acha que ficará estranho, como se nós estivéssemos...

— Namorando? — Abraço-a. — Morando

juntos? — Ela arregala os olhos. — Não acha que está na hora de assumirmos que realmente temos um relacionamento?

Isabella parece tão surpresa que fica muda, o que, porra, me deixa em pânico.

— Não quer isso?

— Assumir para quem? — Ela parece nervosa, e eu, cada vez mais preocupado.

— Primeiro, para nós mesmos. — Ela assente. — Depois, para quem mais interessar. Não quero ficar me escondendo de ninguém, muito menos te escondendo, como se o que estamos fazendo fosse errado. — Ela concorda. — Eu estive reticente sobre isso por causa do trabalho, mas, apesar de você estar trabalhando no prédio da Rede, você não é funcionária da empresa. — Rio, resolvendo ser sincero de vez: — Ainda que fosse, merda, eu iria querer você.

Os seus olhos estão mais brilhantes, como se ela fosse chorar, e o pânico gela meu corpo, pois não sei o que está se passando por sua mente, porém, antes mesmo que eu comece a argumentar a favor do nosso relacionamento, ela sorri e me beija.

Aliviado? Pode acreditar! Satisfeito? Ainda não!

— Bella... — Eu a afasto. — Eu nunca fiz isso antes. Nunca namorei ninguém, nem mesmo tive um caso, *caspita!*⁷⁴ Mas, com você, eu quero tentar.

Ela me dá um sorriso que me deixa louco de felicidade e eu a abraço com força, erguendo-a do chão. Estou nervoso como um adolescente e me sinto ridículo por isso, mas, já que estou na chuva, preciso me molhar.

— Bella, você quer namorar comigo?



Então, enquanto eu me reviro em meus lençóis

E mais uma vez, não consigo dormir

Saio pela porta e subo a rua

Olho as estrelas debaixo dos meus pés

Lembro de coisas certas que fiz erradas

Então aqui vou eu

Same Mistake – James Blunt

Nunca, nem na minha época de piazinho, eu pedi uma guria em namoro. Eu sempre fui do tipo “e aí, rola?”, e se rolasse, era só daquela vez e nada mais. Então, prestes a completar quarenta anos de vida, surge a oportunidade com a primeira mulher que mexeu comigo de tal maneira que virou minha vida de cabeça para baixo, fazendo-me quebrar todas as minhas regras e repensar o que eu quero para o meu futuro.

— Então? — insisto quando ela não me responde. — Isabella?

Ela balança a cabeça como se estivesse longe.

— É mesmo sério, Frank Villazza? Quer mesmo fazer isso?

Beijo sua testa.

— Já fiz a pergunta e espero a resposta. Pode ser mais sério que isso?

— Mas tínhamos combinado que ficaríamos juntos somente enquanto eu estivesse aqui...

Eu penso sobre isso e percebo o que ela quer dizer.

— Não vamos combinar mais nada, Bella. Com você, eu quebrei todas as imposições que

NACIONAIS - ACHERON

mantinham as mulheres afastadas da minha vida, e essa, tempo de duração, é a última que falta cair — é libertador assumir isso, confesso. — Chega de planejamento, de data para terminar, vamos deixar acontecer, como em qualquer outro relacionamento normal.

— Eu preciso de tempo para pensar, Frank.
— Eu concordo, mesmo me sentindo frustrado com essa resposta. — Eu assumi, durante todo esse tempo, que você queria somente um caso passageiro. Eu tenho uma vida, uma família em São Paulo e, sinceramente, tenho medo de aceitar sua proposta e me machucar depois, quando eu voltar e a relação tiver que terminar.

Eu entendo a sua cautela. Eu não sei se daria certo com uma mulher daqui, imagina com ela em outra cidade, com compromissos de trabalho e tempo escasso.

— Só me dê um tempo para pensar, sim?

— Tudo bem. — Ainda que eu entenda a sua posição, sinto-me frustrado, afinal foi meu primeiro pedido de namoro.

Ela pega a alça de sua mala.

— Eu preciso ir lá embaixo ver como estão as coisas e deixar essas roupas por lá, separar o que

preciso levar para a lavanderia...

— Faça isso amanhã... — Antes mesmo que ela me responda, leio na sua expressão que ela irá descer e que o motivo não é a roupa suja. Droga!

— Eu... Acho melhor eu dormir na minha cama esta noite. — Uau! Minha primeira rejeição? Isso dói. — Eu preciso de espaço para pensar.

— Boa noite, então — digo seco, sem tocá-la.

Ela arrasta sua mala até a porta, mas para. Eu penso que irá desistir de ir embora, que dirá que sim — que quer um relacionamento real comigo —, mas a única coisa que Isabella diz é:

— Boa viagem!

Estou passando a noite toda acordado, tocando, bebendo cerveja e pensando no que eu fiz de errado para que as coisas ficassem daquele jeito. Depois de duas semanas inteiras juntos, Isabella está mais longe de mim do que quando chegou aqui.

Suspiro, triste, sentindo-me na merda, com medo de que eu tenha sido afoito demais. Ela

estava cansada, bocejou várias vezes no trajeto, e eu tinha dito a mim mesmo que iria deixar para conversar com ela amanhã. Iria convidá-la para almoçar comigo e dizer que queria dar mais um passo naquela nossa “coisa” e transformá-la em “algo”, num namoro. Sinto-me tão ridículo por isso! Um homem da minha idade pedindo a uma mulher que seja sua namorada. Quem faz isso hoje em dia?

No entanto, eu quis fazer, como um ritual de passagem. Achei que ela entenderia que o que temos, o que sentimos, é diferente de tudo o que eu conheci antes dela.

Bebo mais um gole, sentindo o sono se apossar do meu cérebro, o corpo começar a relaxar e meus pensamentos ficarem desconexos.

Horas mais tarde, meu despertador ecoa pelo quarto, mas eu coloco o travesseiro sobre a cabeça, ignorando a música de que sempre gostei e que me ajuda a me levantar animado quando perco a hora.

Sei que tenho compromisso e que preciso

me vestir o mais depressa possível para me encontrar com o pessoal da Boldani antes de seguirmos para Lima.

Tony agendou aquela visita in loco com os arquitetos, e eu quis participar quando ele me mandou o e-mail avisando. Sabia que teria que ficar uns dias a mais longe de Curitiba, mas achei importante estar presente quando ouvisse a opinião técnica deles sobre o prédio.

Além do mais, eu só tinha visto a estrutura toda através de fotos e plantas e sentia que era necessário ir até o local para ver tudo de perto. Então meu irmão, que já havia ido até lá para a negociação da compra do imóvel, desistiu de ir para ficar na empresa no meu lugar. Porém, se eu tivesse a mínima noção de como estaria meu astral depois da noite passada, eu nunca teria pedido para ir.

O alarme toca de novo, e eu desisto de ficar na cama. Estou com ressaca, com sono e, principalmente, mal-humorado, mas preciso seguir com a minha vida.

Olho as horas e vejo que o alarme deve ter começado a tocar há muito tempo, pois já passa das 8h30 da manhã. Penso que Isabella já deve ter ido para o trabalho e sinto como se houvesse um peso

sobre meu peito me sufocando.

É uma sensação nova e bem desagradável, mas também não posso ficar fazendo drama e, muito menos, tendo pensamentos pessimistas sobre a situação, afinal, ela só disse que precisava pensar e não que não me queria.

Ligo para avisar que irei me atrasar e, depois de tomar banho e um café bem forte, encontro Clayton me esperando na calçada.

— Bom dia, chefe! — Ele parece bem-humorado. — Como foi a viagem?

— Ótima. — Impeço minha mente de me lembrar dos momentos que passei com Isabella, pois não quero ficar sofrendo por antecendência. Porém, sei que a ansiedade de esperar pela resposta dela irá me deixar louco. — Vamos até a casa do Tony e depois seguimos para o aeroporto.

Seguimos em silêncio durante o trajeto. Eu distraio minha mente lendo os jornais que, todos os dias, ele compra antes de ir me buscar. Eu achei uma boa ideia quando Tony me contou que a reunião e o almoço com os Boldanis seriam na casa dele, pois somos mais do que parceiros de negócios, somos amigos.

Marisa me atende e me leva até o escritório,

onde todos estão à minha espera. Senti uma reprimenda quando a idosa governanta me disse isso e, se eu estivesse de bom-humor, iria provocá-la, mas hoje não estou com saco para piadinhas.

Assim que adentro no recinto, vejo meu irmão sentado à sua imponente mesa, tendo à sua esquerda Thiago Boldani e, à sua direita, Melissa Boldani.

— Ah, enfim ele chegou! — Tony se levanta ao me ver, e os outros dois fazem o mesmo.

Thiago eu vi na semana passada, mas Melissa eu não vejo há algum tempo e não me surpreendo que ela esteja ainda mais bonita do que eu me lembrava.

— Mel Boldani... — eu a cumprimento primeiro, com meu sorriso de sempre no rosto, e beijo sua mão. — Quanto tempo!

Os olhos dela têm uma tonalidade quase dourada e, às vezes, estão esverdeados. Os cabelos, na altura dos ombros, exibem alguns cachos — como os que eu lembro que ela tinha quando criança — mas estão mais claros que o natural, com aquelas mechas que as mulheres fazem.

— Pois é! — eu me lembro dessa voz suave e afinada, pois na adolescência nós costumávamos

cantar juntos. — Eu ando ocupada com os projetos do escritório e mal tenho tempo de visitar os amigos — lamenta. — Se não fosse por esse trabalho, eu nunca teria conhecido a noiva do Tony!

— Já conheceu a Marina? — Pergunto-me, assustado, desde que horas eles estão me esperando.

— Ela estava de saída para buscar a doutora Romanza quando eles chegaram...

— Ela foi buscar a Isa? — Thiago interrompe Tony. — Puxa, que oportunidade perdida de revê-la!

Eu processo, primeiro, a notícia de que Marina foi buscar Isabella para irem ao trabalho, e depois, a intimidade irritante com que Thiago diz o nome da minha Isabella... ou talvez a expressão correta seja da “quase” minha Isabella. Bufo de raiva, e Tony levanta uma sobrancelha, notando que algo não vai bem comigo.

— Algum problema, Frank? — surpreendentemente não é meu irmão quem faz essa pergunta — não, ele é muito discreto para isso —, e sim a Mel.

Eu me lembro de como éramos unidos

quando crianças, pois Mel teve em mim a imagem do irmão mais velho, Riccardo, falecido há quase 30 anos.

Depois que crescemos, eu comecei a andar com a galera da pesada e mal olhava a menina, mas quando voltei do internato, ela já era adolescente e já demonstrava que seria uma mulher lindíssima, então comecei a arrastar asa para ela, mas Mel era muito tímida e ajuizada na época.

Nós dois só fomos pensar em ter alguma coisa anos mais tarde. Marcamos de nos encontrar duas vezes, e em todas elas houve imprevistos que nos impediram de ter uma noite de sexo. Todavia, estávamos tão ocupados na época que não tentamos mais vezes e nem falamos mais do assunto.

— Eu estou cansado da viagem.

— Ah, sim! — Ela sorri. — Tony me disse que você foi para Genebra! *J'irais bien à ta place!*⁷⁵

— *Alors vas-y, bon voyage!*⁷⁶ — respondo, sentindo meu humor melhorar.

— Ah, não! — Thiago reclama. — Podem parar com isso! Eu não falo francês. Tony, faça algo!

Meu irmão, inteligente como todos da nossa
NACIONAIS - ACHERON

família, inquire:

— *Revenons aux affaires?*⁷⁷ — Thiago fica vermelho de raiva. — *Il n'est pas poli d'exclure une personne de la conversation, même quand il est un imbécile.*⁷⁸

Nós três rimos, e o rapaz fica ainda mais irritado.

— Às vezes eu esqueço o quanto vocês são insuportáveis juntos. — Senta-se, carrancudo. — Não parece que já são adultos. Cresçam!

Tony se desculpa e lhe dá razão. Eu sorrio, o que me faz bem, pois me lembro de como era gostoso quando a piaçada se juntava toda nas férias. Nós aprontávamos muito, enlouquecendo nossos pais.

— Pois bem, atendendo à solicitação do nosso ilustríssimo amigo. — Thiago rola os olhos, mas Tony prossegue: — Vamos começar a falar sério e nos comportar como homens... — ele olha para Mel — e mulher de negócios.

— Estou animada para ir até Lima! — Eu me surpreendo com isso, mas não devia ser óbvio? Thiago é administrador de empresas, a arquiteta é ela! Porém, em nenhum momento eu pensei que teria que viajar sozinho na companhia de Mel.

— Seu pai não vai conosco? — pergunto um pouco ríspido.

— Não, infelizmente! Ele tem alguns assuntos a resolver no escritório, mas estará aqui quando voltarmos, não se preocupe! — Ela se vira para o Tony e começa a conversar sobre restauração de fachadas.

Eu já viajei a trabalho com outras mulheres, como Alice, Kelly e até mesmo Ally, mas ir com a Mel está me deixando incomodado. Eu já estou com sensações demais em mim para ter que lidar com mais essa.

Pego meu celular, mas não há uma só mensagem de Isabella. Isso não é bom!

— Frank? — Tony me chama. — O que você acha da ideia da Mel? Eu achei ótima...

Ponho minha atenção na reunião e tento focar no que realmente importa para mim: meu trabalho. Se Bella não quer falar comigo, eu também não irei correr atrás dela, afinal, quem pediu um tempo não fui eu.

Chegamos a Lima no final da tarde e, assim

que desço do avião, ajusto meu relógio para o fuso horário local e confiro minhas mensagens. Meu coração dispara ao ver o nome de Isabella no meu visor, e, mais do que depressa, abro o aplicativo.

*Espero que a viagem tenha sido tranquila.
Saudades.*

A mensagem é um pouco curta, mas gosto que ela tenha dito que está com saudade. Mel chega arrastando sua mala e me pergunta em que hotel ficaremos.

— No JW Marriott, em Miraflores.

Ela se anima por ser uma área bem próxima ao mar, com vista espetacular e serviço cinco estrelas no hotel.

Durante o percurso da viagem, Mel me conta como estão as coisas no escritório e em casa. Diz-me que esteve num relacionamento longo e que esse infelizmente acabou no começo deste ano.

— Javier precisou voltar para Madri, e eu sei que não conseguiria levar um relacionamento à distância. — Apenas escuto, sem emitir nenhuma opinião sobre o assunto, mesmo porque não sei o que falar. — Mal conseguia vê-lo quando

estávamos os dois na mesma cidade!

— Você tem trabalhado muito, Mel. Precisa se divertir mais!

— Essa é a ideia, Frank Villazza! — Sorri para mim. — Antes de terminar a faculdade, eu já trabalhava com meu pai e isso já faz mais de dez anos! — Ela faz um gesto de cansaço. — Você entende o que é estar à sombra de um homem de sucesso, não é? — Eu concordo. — Vivem comparando meu trabalho ao dele, mesmo sendo tão diferente! Além disso, a pressão que recebo da minha mãe é gigantesca... — ela parece triste — por causa do Rico.

Eu fecho os olhos e concordo.

A morte de Riccardo Boldani foi uma fatalidade que abalou a todos nós, mas, principalmente, a Susana. Ela nunca mais foi a mesma mulher forte e independente e, embora eu não possa imaginar o que é perder um filho, sempre entendi a sua dor, porque ele e eu éramos como irmãos.

Rico, como nós o chamávamos, morreu com apenas dez anos, vítima de um acidente de carro. A família estava indo para o interior de São Paulo quando Julio perdeu o controle da direção e o

carro se chocou contra uma árvore. Susana e Mel ficaram levemente machucadas, pois, no momento da colisão, ele jogou seu próprio lado, o do motorista, contra o tronco. Ele perdeu a perna esquerda e, desde então, usa uma prótese para se locomover. Entretanto, infelizmente Rico foi ejetado do carro e lançado a metros de distância, morrendo na hora.

Foi um choque para todos nós, mas pior para Susana, que entrou em depressão e fez inúmeros tratamentos e terapias para se restabelecer.

Alguns anos após o acidente, mamãe a convidou para ser madrinha de Giovanna e isso a ajudou a melhorar, embora ela ainda tivesse uma filha, Melissa.

Pego em sua mão para externar o quanto entendo o que ela sente com relação ao trabalho, pois eu sinto o mesmo. A obrigação que temos para com nossa família nos move e isso não nos deixa desistir.

— Eu tento ser forte, Frank. — Sorri, mas dessa vez, triste. — A maioria das pessoas me acha fria e dura, mas foi assim que eu aprendi a ser para me preservar.

Eu me lembro de vê-la sempre triste pelos cantos, um pouco abandonada pela mãe, somente contando com o pai para cuidar dela. Julio sempre foi muito ligado a Mel e, talvez, seja por esse motivo que ela quer tanto dar seu melhor no escritório, para agradecer a ele.

— Como sua mãe está agora? — indago, sabendo que minha mãe está sempre em contato com a dela.

— Melhor. Está mais alegre e até mais carinhosa, mas ainda é uma cobradora profissional...

Eu rio.

— O que ela te cobra? — Se ela for, no mínimo, parecida com minha própria mãe, com certeza eu sei o que é.

— Netos. — Ela ri. — Eu disse a ela que o homem com quem eu gostaria de ter filhos não está disponível, mas... — Ri bastante.

— Disse isso a ela? — Gargalho imaginando a reação de sua mãe, tão tradicional e conservadora. — Ele já se casou?

— Não! — Olha-me dentro dos olhos. — Ele nem pensa em fazer isso com mulher alguma.

Porca miseria! Ela só pode estar brincando!

Eu finjo não entender e mudo de assunto, percorrendo sobre o Centro Histórico da cidade e por que escolhemos aquele local para fundar mais um Villazza.

Quando, por fim, fico sozinho em minha suíte, penso no que ela me falou. Mel e eu nos conhecemos muito, nossas famílias são amigas, e eu acho que, se eu não tivesse conhecido Isabella, talvez essa parceria que ela procurava em mim pudesse acontecer, caso eu decidisse em algum tempo me assentar.

Quem sabe se essa “coisa” – porque ela ainda não aceitou ser mais que isso comigo – com a Bella passar, eu poderei tentar estabelecer um entendimento com a Mel, afinal, talvez seja hora de pensar em estabelecer uma família. Não será sacrifício, pois ela é muito bonita, bem-cuidada, educada e, o melhor de tudo, quase parte da minha família.

Tomo um banho antes de jantar e ponho uma roupa leve, porque o tempo está muito quente, pego o telefone para pedir o serviço de quarto, quando alguém bate à minha porta.

— Oi, Mel.

— Vamos jantar? Eu vi vários restaurantes

com vista para o Pacífico! — Junta as mãos, implorando. — Vamos?

Eu não tinha a intenção de sair do quarto, mesmo porque estou cansado e com sono, mas ela me convence com seu jeito doce. Sempre foi assim!

Vamos caminhando pela orla e nos sentamos a uma mesa ao ar livre. Pedimos coquetéis e alguns petiscos de peixe.

— Eu fiquei feliz ao saber do Tony — comenta tomando sua piña colada. — Eu estive visitando a Margie quando fui a Paris, há uns quatro anos. Doía vê-la daquele jeito, e nem posso imaginar o que o Tony passou.

— Não foi fácil, mesmo.

— Mas, graças a Deus, ele conseguiu seguir em frente. — Ela olha para o mar. — É difícil deixar de amar quem se amou por toda uma vida.

Eu não emito opinião, e ela não parece notar que fiquei mudo. Mel é maravilhosa, uma grande profissional e eu a admiro muito, então não consigo entender como ela ainda está sozinha.

— Você nunca gostou de ninguém mesmo, Frank?

Eu me finjo de ofendido.

— Eu gosto de muita gente, Melissa! — Ela

rola os olhos e faz uma careta idiota. — Não — respondo sério.

Melissa suspira, mas não diz nada, pois nossos petiscos chegam.

Algumas horas depois e muito álcool ingerido, voltamos ao hotel, entramos no elevador e seguimos para nossas suítes, porém, antes que ela entre em seu próprio quarto, sinto seus braços enlaçarem meu pescoço e sua boca roçar a minha.

— Vamos fazer hoje o que planejamos anos atrás... — Beija-me, e eu, para ser sincero, não oponho resistência.



*Então não vou mais hesitar, não mais, não mais
Não posso esperar, tenho certeza de que
Não há necessidade de complicar, nosso tempo é
curto*

*Esse é o nosso destino, eu sou seu
I'm yours – Jason Mraz*

Eu chego ao aeroporto à tarde, faltando

NACIONAIS - ACHERON

apenas alguns minutos antes do meu embarque rumo a São Paulo. É quarta-feira, e eu passei todos aqueles dias tão focada no trabalho que nem percebi os dias passarem. Bem, exceto à noite.

Para mim, aquelas três noites – contando com a de domingo, quando chegamos – foram as piores desde que descobri a verdade sobre meu pai e o término com Alberto. No entanto, diferentemente das duas anteriores, nessas noites eu não estava sofrendo por decepção ou tristeza.

O pedido que Frank me fez me pegou desprevenida e eu fiquei extremamente dividida entre dois sentimentos: felicidade e medo.

Nem é preciso que eu diga qual deles ganhou, não é? Assumir um relacionamento com Frank é a maior loucura que eu poderia fazer na minha vida, porque eu deixaria de manter o que resta das minhas defesas e levaria exatos dois segundos para estar completamente rendida e apaixonada por aquele homem. Contudo, até que ponto eu poderia confiar que ele conseguiria manter uma relação permanente e monogâmica, afinal, como minha amiga disse há algum tempo, por que ele se prenderia a uma só mulher se poderia ter todas que quisesse?

Eu fiquei muito feliz ao notar que ele estava disposto a tentar comigo. Senti-me tão valorizada por ele ter a intenção de me fazer ser a primeira mulher com quem ele tem um namoro de verdade. Quis pular em seu pescoço, beijá-lo, dizer o quanto eu queria aquilo, mas não consegui me mover.

A única coisa em que eu pensei foi no futuro. Como seria essa relação quando eu retornasse a São Paulo? Ela duraria? Resistiria à distância e às tentações que Frank tem aqui? E tudo o que eu vislumbrei foi dor. Minha dor.

Eu prometi a mim mesma que, se me envolvesse com alguém, seria uma pessoa diferente de Alberto e do meu pai. Eu queria um homem simples, trabalhador como eu, que almejasse fazer seu próprio caminho e que me quisesse ao seu lado para construirmos o futuro juntos.

Frank não se encaixa nisso. Ele tem tudo! E, mais do que Alberto, é exatamente como meu pai.

Ouçó o aviso do embarque e sigo para a aeronave.

Eu não posso negar que já estou muito envolvida por ele. Damo-nos bem, tanto na parte física quanto na convivência, eu o admiro, sinto aquela atração louca e o acho um pedaço de mau

caminho. Frank realizou todas as minhas fantasias do que seria o sexo com ele e foi além.

Porém, eu me preparei para ter isso e nada mais. Não vou mentir e dizer que, quando eu voltasse para casa e nossos caminhos se separassem naturalmente, eu não ficaria triste, mas eu já sabia que seria assim. E é aí que mora a diferença.

Se eu aceitar o pedido dele e, por algum motivo alheio à minha vontade, nós nos separarmos, eu ficarei no chão. Estar em um namoro é deixar todas as portas abertas, é conhecer mais a fundo, é querer ser parte da vida daquela pessoa, e, se eu conceder tudo isso a Frank, estarei em suas mãos.

Sento-me e fecho os olhos, tentando relaxar um pouco, descansar para estar bem quando chegar a casa, porque senão terei que dar explicações a dona Hilda e sinceramente não quero contar mais mentiras – ou meias-verdades – para ela.

Foram três noites pensando nesse assunto sem chegar a uma conclusão. Meu coração, para se proteger, exige que eu acabe com essa “coisa” entre nós o mais rápido possível, mas meu corpo, já dependente das carícias e do prazer que ele proporciona, me manda ir adiante, aceitar e

aproveitar.

Eu adormeço por causa das noites maldormidas e só desperto quando estamos prestes a aterrissar. Estou tensa pelo encontro com minha mãe e, por incrível que possa parecer, quando queremos que algo demore a chegar, aí é que passa mais depressa. O trânsito de São Paulo é sempre caótico, engarrafamentos, muitos carros, mas hoje parece que tudo está se abrindo para que o táxi passe e, mais rápido que o normal, eu já estou à porta da minha casa.

Dessa vez minha mãe não sai para me receber, e eu pego minha pequena mala, pago ao taxista e uso minha própria chave para abrir o portão.

Nem mesmo quando eu ponho a chave na porta, dona Hilda aparece, o que é estranho.

— Mãe? — A sala está escura. — Mãe, eu cheguei!

Vou caminhando em direção ao corredor onde ficam nossos quartos, quando escuto vozes. Paro e tento voltar, mas não dou dois passos antes de escutar novamente a voz do meu pai.

— Ei, filha!

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Oi! — Não o olho. — Eu não sabia que o senhor estava aí, me desculpe.

Ouç-o xingar.

— Para com isso! — minha mãe, avessa a qualquer tipo de palavras de baixo calão, o repreende. — Oi, filha!

Ela me abraça e faz com que me vire de frente para o homem que me fez, que me criou e que nunca teve coragem de ser, realmente, o meu pai em todos os sentidos da palavra. Nem mesmo a coisa mais básica, seu sobrenome, ele me deu.

— Seu pai vai passar a noite conosco e só irá viajar de manhã, não é ótimo?

Esforço-me para não rolar os olhos.

— Oh, sim! — ele franze a testa ao reconhecer a ironia nas minhas palavras, mas não diz nada. — Eu estou cansada, pois vim direto do trabalho...

— Você ainda está em Curitiba, Isabela Cristina?

Bufo, pois somente ele me chama assim.

— Sim — respondo seca. — Com licença, eu preciso mesmo de um banho e descansar. — Dou um beijo na minha mãe e entro no meu quarto.

Dona Hilda me fez cair numa armadilha! E,

pelo estado em que os dois se encontravam – despenteados e um tanto ofegantes –, eu quase os surpreendi na cama. Estremeço só de pensar nisso.

É esse o motivo principal de eu não querer mais morar nesta casa, pois, quando meu pai não está viajando, sua presença aqui é algo que eu tenho que suportar, pois ele e minha mãe não se desgrudam um minuto sequer.

Seria até bonitinho e engraçado o fato de, depois de 30 anos de convivência, os dois ainda conservarem esse fogo, mas eu guardo muita mágoa dele para ter sentimentos tão ternos. Não sou injusta e reconheço que meu pai parece realmente amar minha mãe, mas esse amor não compensa o que nos faz passar, mesmo que ela diga que escolheu isso.

Tomo meu banho e ponho uma roupa confortável. Olho meu celular algumas vezes, conferindo se Frank me mandou alguma notícia, mas, como nos outros dias, ele não tentou nenhum contato comigo.

Eu que não resisti muito e mandei uma mensagem na segunda-feira, desejando uma boa viagem e dizendo estar com saudades.

— Isa? — Minha mãe aparece na fresta da

porta, que ela abriu. — Seu pai pediu pizza daquele lugar que você gosta. — Sorri. — Tem marguerita com muito manjerição.

Estou com fome, amo pizza e ela sabe que é meu ponto fraco. Tenho certeza de que ele não se lembra qual é minha pizza favorita, mas ela sempre o faz parecer incrível.

Levanto-me, e o sorriso em seu rosto se expande enquanto caminhamos juntas para a cozinha. Meu pai já está sentado à mesa da simples e pequena cozinha, parecendo tão fora de lugar aqui que eu tenho vontade de rir.

— Guerra, eu quero a de peperoni. — Ela estende um prato para ele.

Guerra! Vê-la chamando-o assim me faz ter vontade de gargalhar feito uma louca. Eles não precisam mais fingir perto de mim, meleca!

Minha mãe pega meu prato, e ele já tem uma fatia de marguerita preparada para me servir. O cheiro do manjerição chega até minhas narinas e minha mente viaja até alguns dias atrás, bem longe daqui, ao topo de uma pequena montanha aos pés do maior monte europeu.

Frank e eu comemos uma legítima pizza italiana. Fiquei decepcionada e disse que a nossa, a

paulistana, era melhor do que as de lá, o que o ofendeu, mas é verdade. Tinha muita massa, pouco queijo e o manjericão estava preto – eu gosto do meu ainda verdinho em cima da pizza – sem contar que o molho de tomate estava somente no centro do disco.

Involuntariamente abro um sorriso, lembrando-me de quando ele me alimentou entre beijos e mordidas. Tudo naquele dia foi perfeito, desde as músicas de sua playlist até o delicioso vinho que tomamos.

Fizemos amor no tapete de frente para a lareira e depois fomos para o ofurô, onde conversamos e banhamos um ao outro. Penso na expressão que usei, dessa vez sem trocá-la por outra, pois há algum tempo que eu acho que o que nós vínhamos fazendo era amor e não somente sexo.

Uma saudade muito grande preenche meu corpo – e meu coração –, fazendo-me perder o apetite e brincar com a comida.

— Tudo bem, Isabella? — é meu pai quem questiona. Eu confirmo e enfio um grande pedaço de pizza na boca para evitar conversa. — Você pretende voltar a Curitiba ainda essa semana?

— Eu ainda tenho um trabalho a fazer por lá...

— Você tem amizade com os dois irmãos?

Encaro-o com raiva.

— Eu já disse que você não precisa se preocupar com isso. — Ponho meus talheres sobre o prato e ouço mamãe suspirar. — Boa noite!

— Isa...

— Deixe-a, Hilda — escuto-o dizer. — Não quero estragar nossa noite; se ela não quer participar conosco, é por sua própria vontade.

Bato a porta do quarto feito uma adolescente.

Hoje só me levantei quando ouvi o ridículo veículo que ele dirige dar a partida e sair. Mamãe não parece muito feliz, e eu evito conversar com ela, pois não quero mais discutir sobre melhorar minha relação com meu pai.

Ficamos mudas durante boa parte da manhã, ela costurando, e eu lendo jornal. Na hora do almoço trabalhamos juntas, como sempre, minha mãe fazendo um doce para a sobremesa e eu

preparando nossa refeição, mas ainda não trocamos uma só palavra.

Meu telefone toca e eu saio correndo para atender, pensando que pode ser Frank, mas é Marina.

— Isabella, que bom que atendeu! Tudo bem por aí? — Marina tem essa característica de ser sempre assim, para cima e educada.

— Tudo. E o trabalho, alguma novidade?

— Não, infelizmente. Mas estou te ligando para falar da nossa festa... — Ai, meu Deus, de novo isso? Eu rio. — O que foi?

— Eu fico sem fôlego de pensar no quanto vocês gostam de festejar.

— A vida é curta, minha amiga — declara com conhecimento de causa, pois ela me contou que sua mãe morreu muito jovem e seu pai passou anos acamado até também falecer. — Amanhã lá em casa, combinado?

— Combinado! — Ela comemora. — O Pedro ainda não conseguiu nada sobre o vídeo?

— Não. O contato dele está tentando, mas você sabe o quanto é complicado...

Sim, eu sei!

— Tudo bem...

Ficamos mudas por um instante, e eu penso em lhe perguntar sobre o Frank, mas ela parece adivinhar.

— Frank ligou para o Tony agora de manhã.
— Meu coração retumba no peito. — Ele está maravilhado com o prédio e também com a cidade.
— Imagino! Belas mulheres num lugar longe de fotógrafos. — Ele perguntou de você.

Sinto meus olhos se encherem d'água e meu coração palpitar, doído, dentro do peito. Eu sinto muitas saudades daquele cafajeste! Digo qualquer coisa para Marina e desligo, tomando um susto ao me virar e dar de cara com minha mãe.

— O que está acontecendo, Isa?

Tento me recompor e sorrio.

— Não sei do que a senhora está...

— Isabella Cristina Romanza, eu não nasci ontem! — Senta-se na minha cama, ao meu lado.
— Você anda evasiva, rejeitando minhas vídeos-chamadas... — Eu tento falar, e ela me interrompe:
— Ontem, durante o meio pedaço de pizza que você comeu, eu notei seu olhar distante e seu sorriso. Agora seu telefone toca e você sai em aflição para atender e nem adianta me dizer que é trabalho, porque eu te conheço, Isa. — Ela enxuga

uma lágrima que eu nem sabia que havia rolado. — O que está havendo com você?

Tenho vontade de abraçá-la, contar tudo o que vivi durante essas semanas e pedir que ela me diga o que fazer, como quando eu era uma garotinha.

— Eu estou com medo... — confesso sem fôlego, lágrimas rolando sem cessar. — Eu tenho medo de me apaixonar por ele... — Minha mãe fecha os olhos e absorve a informação. — Ele diz que quer arriscar, quer tentar, e eu quero muito aceitar, mas tenho medo de me machucar, mamãe.

— Eu sabia que havia sentido um clima entre vocês! — revela lamentosa. — Você sabe que esse homem nunca teve um compromisso com nenhuma mulher, que ele só quer te levar para a cama, filha.

Eu, mesmo em meio às lágrimas, tenho vontade de rir. Minha mãe acha que ainda estamos nesse nível? Ah, meu Deus, ela vai pirar.

— Já ultrapassamos essa fase, dona Hilda.

Ela se surpreende, mas depois balança a cabeça, entendendo o que quero dizer.

— E ele quer mais?

— Me pediu em namoro... — Ela abre

aquele sorriso romântico e iludido. Eu sabia que seria assim, mamãe não é a pessoa certa para me aconselhar nesse caso. — Mas eu ainda não dei resposta.

— Por quê? Você não quer?

— Mais do que tudo! — Ela não entende, é preciso ser mais direta: — Tenho medo de me envolver demais e, depois, quando acabar, sofrer.

— É certo que acabe? Ele falou em namorar por tempo determinado?

— Não. — Rio, pensando em como funciona sua cabeça. — Mas é o Frank, não é? Ele nunca ficou com a mesma mulher... — ia dizer duas vezes, mas isso iria chocá-la — por muito tempo.

— Mas quer ficar com você? — Afirmo com a cabeça. — Isa, não consigo ver o problema, minha filha. Você quer ficar com ele, e ele, com você... — Faz um gesto que pode ser traduzido como “fiquem juntos!”, como se fosse óbvio.

— Não é tão simples...

— O amor é simples, minha filha, nossa racionalidade é que o complica. — Ela toma minha mão na sua. — O medo só faz com que você perca sem nem mesmo ter tentado. E você não é uma

perdedora, filha, nunca foi.

Essas palavras calam fundo dentro de mim.

— Mas é o Frank Villazza, mãe! Com ele não tenho garantia nenhuma...

— Com ninguém se tem, Isa. — Ela me abraça. — Filha, você já está apaixonada, senão não iria estar com tanto medo, sabe?

Eu sei, só não queria admitir!

— Se você desistir agora, irá carregar essas mesmas dúvidas para sempre. — Ela suspira. — Sei que você não gosta que eu fale sobre isso, mas eu nunca poderia ter dito não ao que eu sinto pelo seu pai. — Eu sei disso, infelizmente. — Eu não seria metade feliz do que sou se eu tivesse desistido dele, e olha que eu tinha motivos reais para fazer isso!

Sim, ela tinha e não o fez. E, por mais que me doa admitir, eu nunca vi casal que se amasse tanto, mesmo com todas as circunstâncias que o cercam.

Se eu desistir de tentar, desistir de dar uma chance a Frank, certamente irei sofrer e permanecer com essa dúvida em minha mente. Todavia, se eu for em frente e aceitar o que ele me propôs, me arriscarei a sair magoada, mas pelo menos saberei

que tentei. Além de correr o risco de dar certo...

Minha mãe sorri, notando que eu cheguei a uma conclusão, mas ainda tem um problema...

— E quanto ao meu pai?

— Não se preocupe com ele. — Levanta-se e me estende a mão. — O almoço está na mesa.

— Mãe... — Ela respira fundo. — Você sabe o quanto eles se conhecem?

— Não, Isa, eu não sei. — Dá de ombros. — Eu nunca gostei de me envolver nos assuntos do seu pai.

Eu concordo, sabendo que a regra aqui é nunca falar desses assuntos. Eu precisarei sondar Frank discretamente sobre isso e, talvez, precise revelar a verdade, como fiz com Alberto. Eu só espero que não seja um problema para ele também!

Tentei ligar para o Frank, mas o seu celular estava indisponível e, como não quero mandar mensagem, o que me resta é esperar seu retorno e dizer a ele que sim, quero assumir a nossa relação e seja o que Deus quiser.

Depois do almoço, minha mãe e eu fomos

ao cinema assistir a um filme nacional. Depois passamos em um restaurante árabe e comemos as iguarias que tanto amamos – homus com pãezinhos sírios e charutinhos de folha de uva – para, por fim, voltar para casa.

Eu já estou em minha cama, lendo, quando escuto mamãe me chamar.

— Isabella...

— Oi?

— Eu gostaria de lhe pedir algo. — Aparece à porta do meu quarto. — Quero que você e seu pai se sentem para conversar como os dois adultos que são.

— Mãe...

— Por favor! Por mim. — Fecho o livro. — Ele me ama, ele te ama, nada nunca vai mudar isso, Isa. Nada. E é só o que importa!

Olho para ela e vejo a mulher que esteve ao meu lado em todos os momentos, inclusive contra ele. Entrar na faculdade foi duro para mim, pois meu pai queria que eu fosse morar em outra cidade, em Taubaté. Ela e eu batemos o pé e insistimos, pois eu queria cursar a USP desde que decidira ser advogada e não queria abrir mão daquele sonho.

Ela esteve ao meu lado, deu-me aulas extras

em casa, estudou comigo todos os dias até que eu passei no tão sonhado vestibular. Era uma menina ainda, precisava que ela assinasse por mim, pois era menor, e ela o enfrentou mais uma vez ao fazê-lo.

Eu amo minha mãe, ela é tudo o que eu tenho, minha família. Se para vê-la feliz eu tiver que passar um tempo ouvindo mentiras, eu passarei.

— Tudo bem, vou ligar e pedir que, quando ele volte, a gente se encontre.

Ela sorri, e eu me sinto mais leve ao ver a felicidade no seu rosto.

— Boa noite! — diz ao sair, fechando a porta do quarto.

Antes de dormir, faço uma última tentativa de ligar para o Frank, mas, dessa vez, o telefone chama até a ligação cair. Fecho meus olhos em uma prece silenciosa para que ele não esteja me evitando.

— Bom dia! — cumprimento ao entrar na sala da justiça.

Cheguei à cidade agora pela manhã e peguei

o primeiro táxi para o escritório. Nem mesmo passei no flat, louca para me encontrar com Frank.

Marina e Elisa me veem e retornam a saudação. Marina vem até onde estou.

— Pedro conseguiu alguma coisa! — informa animada. — Ele recebeu uma ligação assim que chegamos e saiu em disparada para se encontrar com o amigo que estava tentando conseguir acesso ao vídeo.

Eu me animo com a notícia.

— E Priscilla? — Olho ao redor.

— Dentista. — Ri. — Ontem ela teve um pequeno acidente e trincou um dente. — Mostra o incisivo esquerdo. — No mais está tudo bem parado por aqui. — Chega perto de mim. — Não se esqueceu da festinha hoje, não é?

— Não. — Rio, feliz. — Vou adorar ir nessa festa!

Ela bate palmas animada, mas logo é chamada por Elisa.

Subo para o vigésimo andar e, assim que desço do elevador, vejo Alice e Charles conversando.

— Bom dia!

— Doutora Romanza, que bom que chegou!

— Ela parece aliviada em me ver, e eu penso que Frank deve estar louco sobre onde estou. — Eu estava tentando te ligar...

— Já estou aqui!

Ela me entrega um papel. É um documento, que eu solicitei ao Convention, sobre a contratação e demissão da mulher que alegou o estupro. Fico um pouco decepcionada, mas agradeço pela entrega.

Entro na sala esperando sentir o maravilhoso perfume de Frank, mas, além da fragrância não estar no ar, não há sinal dele.

— Alice... — Saio à procura da assistente. — O senhor Villazza ainda não... — paro de falar assim que o vejo saindo do elevador e conversando – e sorrindo daquele jeito – com uma mulher loira e alta cujo rosto me é familiar.

Ele deixa de sorrir quando me vê, e a mulher me olha com curiosidade. Ele diz alguma coisa para ela e vem caminhando em minha direção enquanto a loira misteriosa segue em direção à sala de reuniões.

— Está de volta! — meu corpo estremece ao ouvir sua voz.

— Como disse que faria. — Sorrio. —

Como foi a viagem?

— Boa. — Olha para o corredor. — Eu tenho uma reunião agora, podemos conversar mais tarde?

Mais uma vez me sinto decepcionada, mas assinto.

Ele caminha até metade do corredor, mas para de repente. Eu espero, meu coração parecendo uma escola de samba.

Frank volta a passos largos, e eu já não contenho o meu sorriso. Estou feliz por ele querer falar comigo já, sem que eu espere pelo término da reunião... Paro de pensar quando ele enlaça minha cintura e beija minha boca com fúria aqui, no meio da recepção, com Alice e Charles por testemunhas.

— Mais tarde conversamos...

Retoma o caminho para a sala de reuniões, deixando-me completamente atônita – e encantada – para lidar com os olhares curiosos dos dois observadores.

Alice tem um sorriso no rosto, e Charles parece ter visto a morte em pessoa. Eu abro meus braços, como quem diz “por hoje é só, pessoal” e retorno para a nossa sala.

Estou agitada, ansiosa, louca para me jogar

nos braços dele, morrendo de saudade, mas me sento à minha mesa para analisar a documentação que me foi entregue quando cheguei.

— Não vai almoçar? — Alice me questiona, e eu confiro as horas, notando que já passa de 1h da tarde.

— Nem vi o tempo passar... — Fecho o laptop e olho para a mesa de Frank, ainda vazia.

— Os Villazzas vão almoçar com os arquitetos — Alice me informa.

— Ah, sim! São os que estão fazendo os projetos do hotel em Lima? — Ela confirma. — Eu vou só guardar esses arquivos e já estou indo, pois preciso ir para casa guardar minhas malas.

Desço para a rua sem me encontrar com Frank e entro no táxi que me aguarda na calçada.

Cumprimento Mendonça quando entro no prédio em que moro, e ele, solícito, chama para mim o elevador.

Só fiquei duas noites fora de casa, então não sinto saudade quando entro, mas penso que há muito tempo eu não durmo na cama de Frank, e dela, sim, sinto saudades.

Abro minha mala e tiro o pouco de roupa que eu levei, bem como o livro que, embora tentei,

não consegui ler. Decido tomar um banho, mas quando acabo de tirar a blusa, escuto a campainha tocar.

Confirmo meu visitante e retiro a saia, ficando apenas de calcinha, sutiã e cinta-liga.

— Bella, eu... Ai, *cazzo*! — Olha-me de cima a baixo e entra correndo, fechando a porta e atacando minha boca.

Eu estou com tanta saudade do seu beijo, do seu gosto, do seu cheiro que me colo a ele, abraçando-o forte, pendurando-me em seu pescoço. As suas mãos estão nas minhas nádegas, apertando-me contra sua dura excitação.

Caminhamos até o sofá, onde ele me tomba, deslizando seus lábios do meu queixo até meu umbigo.

— Estou com tanta saudade do seu corpo... — Lambe o cócs da minha calcinha. — Do seu cheiro... — Desliza a ponta do seu nariz até a entrada da minha vagina, sobre a calcinha, e inspira. — Porra, Bella, nunca mais me deixe daquele jeito!

Mal termina de dizer essas palavras, desliza sua língua molhada sobre minha peça íntima antes de afastá-la e lambe minha pele quente e pulsante.

Eu gemo alto, sentindo sensações já conhecidas, mas que estava morrendo de vontade de senti-las novamente. Agarro seus cabelos, apertando-o mais contra mim.

— Frank... eu quero você dentro de mim já!
— Ele suga mais forte, deslizando sua língua em meus lábios de baixo. — Frank... — Sinto-me perto do abismo, mas não quero gozar assim, não hoje.
— Vem!

— Me pede direito, Bella. — Volta a me lambar.

Os dedos dos meus pés se apertam, e eu sinto meus músculos se retesando.

— Me fode agora, Frank!

Ele se levanta, sorriso torto no rosto, abre o cinto, o zíper e tira seu pau duro e grande e, sem nem mesmo abaixar a calça azul-marinho do terno, faz o que eu peço.

Nossa transa é intensa, brusca, e ele não para de se movimentar freneticamente em nenhum momento. Meu orgasmo, que já estava à espreita, é maravilhoso e eu tenho vontade de chorar e rir ao mesmo tempo quando o sinto gozar junto comigo.

— Agora... podemos conversar! — diz baixinho, ofegante, em meu ouvido.

Eu gargalho, e ele se levanta, constatando a bagunça na qual se encontra.

— Ainda bem que somos vizinhos! —
Desaparece na direção do meu banheiro e volta com lenços de papel.

Eu me limpo o melhor que posso com aquilo.

— Preciso de um banho!

— Eu também, mas não cabem duas pessoas no seu chuveiro. — Eu sorrio. — Vamos subir!

— Não vou assim!

Ele me olha, safado.

— Daremos apenas mais um showzinho para as câmeras do prédio, mas tudo bem, todos aqui já sabem do nosso caso. — Ri. — O Mendonça até me perguntou sobre você ontem.

Eu tampo meu rosto com as mãos.

— Veste seu roupão...

— Eu preciso subir algumas roupas, Frank, então acho melhor tomar banho aqui mesmo e depois me encontrar com você lá em cima.

Ele me dá o sorriso mais bonito que eu já vi, sabendo que eu acabei de me render, em todos os sentidos, a ele.

— Estou te esperando, não demore!

Quando, minutos depois, chego à cobertura, ele me recebe na porta de entrada com outro terno posto.

— Bem-vinda de volta!

Eu me sinto assim, bem-vinda e morrendo de saudades de tudo à minha volta. Olho sua sala espaçosa, com todas suas facetas ali expostas. O cantinho com os instrumentos musicais, a mesa de escritório com seus papéis, a enorme TV e seu confortável e espaçoso sofá, todos eles me contam um pouco da personalidade desse homem que, em tão pouco tempo, já aprendi a amar.

Sim, não há mais dúvidas quanto a isso! Eu estou apaixonada por Frank, mas admitir isso não me deixa apavorada, pois entendi que estou fazendo minha parte nessa história; se não der certo, é porque não é para ser.

— Você quer arrumar suas coisas agora ou quando voltarmos?

— Estão te esperando? — Ele ri e confirma.
— Posso fazer mais tarde, então.

Deixo a mala num canto.

— Eu deveria estar participando de um almoço no LaMare, mas quando Alice me disse que você tinha vindo para cá, mandei tudo pelos ares. — Abraça-me. — Senti sua falta.

— Eu também. Tentei te ligar algumas vezes...

— Perdi o celular na viagem... — Mostra-me um aparelho novo. — Comprei outro hoje pela manhã. — Esfrega o nariz em mim. — O que você queria me dizer?

— Na verdade, eu queria responder a uma pergunta... mas sabe que não me lembro mais dela?

Ele ri e me dá uma mordidinha no pescoço. Minha pele se arrepia de prazer.

— Quer ser minha namorada, Isabella Cristina Romanza?

Ai, que bonitinho!

— Sim... — Ele me beija. — Quero muito!

Ele encosta sua testa na minha.

— É um saco, mas temos mesmo que ir. — Esfrega o nariz no meu. — Mas, hoje à noite, vamos comemorar muito essa etapa inédita em minha vida.

— Com certeza! — Lembro-me da festa e

faço uma careta que o deixa alerta. — Hoje é a festa na casa da Marina!

Ele geme, contrariado.

— Eu havia me esquecido disso! — Sorrio enquanto ele entrelaça sua mão na minha. — Mas não há problemas, começaremos as comemorações por lá...

— Frank!

— Não esse tipo de comemoração, mente poluída! — Gargalho. — Essa será íntima, com apenas você e eu. — Mal posso esperar. — Estou me referindo a mostrar a todos que, finalmente, uma mulher conseguiu pôr cabresto em Frank Villazza, o mito!

Rolo os olhos enquanto ele pisca para mim.

— Convencido!



*Me sinto maravilhoso porque vejo a luz do amor
em seus olhos*

E o melhor de tudo é que você não percebe

O quanto eu te amo

Wonderful Tonight – Eric Clapton

Eu deixo Isabella no Convention e

sigo a toda velocidade para o LaMare, tentando, ao menos, comparecer durante o cafezinho.

Sinto-me diferente, de uma forma que nunca me senti durante toda a minha vida, e não é só porque agora eu farei parte de um relacionamento, não. Eu sei que é mais do que isso.

Não consegui voltar para Curitiba na quarta-feira, como era previsto, o que me deixou ansioso e puto, porque eu queria resolver aquela questão com Isabella. Estava disposto a ir atrás dela em São Paulo e tentar mostrar que eu realmente estava falando sério.

Então tive que lidar com outras situações, principalmente com a Mel. Eu balanço a cabeça, chateado com todas as coisas que aconteceram e que, definitivamente, não eram para ter acontecido. No entanto, aparentemente aquele assunto ficou resolvido e combinamos não voltar a falar sobre ele.

Chegamos na quinta-feira, eu puto por ter perdido o celular e todos os meus contatos, sem contar a agenda com a minha programação – pelo menos era online e eu tinha como a recuperar –, e ela constrangida pelo que aconteceu.

Deixo o carro no subsolo do restaurante e

subo de elevador ouvindo aquela música para a qual Isabella e eu fizemos careta no dia em que viemos almoçar com Tony. Sorrio, pensando que, apesar do pouco tempo em que ela está em Curitiba, já criou várias lembranças boas em minha mente.

Assim que sou visto pelo *maître*, ele me encaminha à mesa onde estão reunidas as pessoas com as quais eu devia ter almoçado. Reconheço meu irmão, bem como Thiago, sentado ao seu lado. De costas para mim vejo os cabelos loiros de Mel e os grisalhos de Julio.

Meu sorriso se expande ao ver que ele finalmente chegou e que vamos poder concretizar todos os planos de reforma do hotel em Lima. Mel e eu fizemos muitos deles, inclusive adiamos nossa volta ao Brasil para que ela conhecesse trabalhadores locais, artesãos e restauradores, além de visitarmos o acervo histórico da cidade e pesquisar antigas fotos do prédio. E eu consegui uma reunião com autoridades locais para conversar sobre o novo empreendimento da cidade.

Reconheço que ela é muito meticulosa em seu trabalho, mas ainda não é Julio. Ele não gosta da comparação, mas já li vários artigos que o

NACIONAIS - ACHERON

descreviam como o novo Niemeyer e confirmo que não há exagero, pois os projetos conceituais de designer que ele faz são quase sempre vencedores de prêmios.

Todavia, acima do lado profissional, está a pessoa que ele é. Nunca conheci ninguém que fosse tão leal, tão ligado à família e aos filhos como meu pai e Julio Boldani. Os dois têm uma amizade de mais de meio século, são como unha e carne, e nós, os Villazzas, sempre admiramos tudo o que ele conquistou, pois, diferentemente de meu pai, ele construiu seu império sozinho. Tudo o que ele e o irmão possuem veio de muito esforço e dedicação ao trabalho.

— Boa tarde! — Tony ergue uma sobrancelha especulativa enquanto Thiago exhibe uma cara debochada. Julio e Mel parecem apenas surpresos por eu ainda ter comparecido ao almoço. — Eu tive um compromisso de última hora...

— Que prazer revê-lo, Francesco! — Julio nunca me chamou de Frank. Cumprimenta-me e depois me dá um abraço apertado, fazendo rir a todos. — Ah, menino, você deixou Bianca louca!

Eu me desculpo por ter pressionado tanto sua secretária, mas a demora dele nos deixou

impacientes.

Sento-me à mesa e peço apenas um café, apesar de estar faminto, por não ter almoçado. Faço uma nota mental de ligar para Alice antes de sair do restaurante, pedindo que ela encomende minha comida no hotel.

— Mel me passou todo o material que vocês trouxeram de Lima. — Ele olha, orgulhoso, para a filha. — Eu estou completamente surpreso com a linha que vocês querem seguir nesse novo empreendimento.

— Frank e eu pensamos nessa possibilidade assim que vimos as fotos do prédio — Tony explica. — E concordamos que, naquele local, uma arquitetura moderna iria destoar do ambiente, e não é essa nossa intenção.

— Exato! — complemento. — Queremos fazer parte da cidade e não ser apontados como pessoas de fora que destruíram a identidade daquele prédio. — Penso no hotel em que Isabella e eu ficamos hospedados. — Eu cheguei há pouco de Genebra, e ter estado lá mais uma vez, no Des Bergues, só confirmou minha vontade de manter e recuperar a arquitetura original do Villazza Lima.

— Eu o entendo, também gosto muito

daquele hotel. — Julio pondera. — A proposta que apresentamos foi satisfatória a vocês? — Ele me encara.

— Sim. — Rio. — Thiago nos surpreendeu com sua destreza em negociar.

— Foi direto com você? — Ele exhibe um sorriso vitorioso.

— Não, com o Tony. — Vejo o sorriso diminuir um pouco.

— Ah, sim... — Olha para o sobrinho. — O que tivemos de abaixar?

Tony gargalha, e começamos a conversar sobre negócios. Em alguns momentos durante a conversa e o cafezinho, senti o olhar de Mel sobre mim, mas evitei olhá-la. Ela é uma mulher incrível, e provavelmente eu já ressaltai isso. Se fosse em outra época, talvez eu estivesse disposto a aceitar o que ela sente por mim e tentar lhe retribuir. Não seria nada difícil, pois meus pais ficariam felizes, os pais dela ficariam felizes e até a sumida da minha irmã, Gio, ficaria contente. Contudo, nosso *timing* não foi bom, porque, na primeira vez em que pensamos em avançar nossa relação amistosa para sexual, eu não estava pronto para um compromisso e isso foi uma das coisas que me fez desistir de

persegui-la. E agora? Bem, agora existe Isabella.

Saímos do restaurante no meio da tarde e vou direto para a cozinha do restaurante italiano do Villazza Convention, onde o chef já me esperava com a comida que Alice encomendara.

Ao subir, fíco tentado a parar no 19º andar, onde eu sei que minha namorada está. Eu tenho um sorriso tão grande quando entro na recepção do meu andar que Alice me olha sorrindo também.

— O almoço foi tão bom assim? — brinca comigo, entregando-me uma pilha assustadora de papéis.

— Não estava pensando na comida, não, mas sim, ele foi! — Pisco para ela, e minha secretária me repreende com a cabeça.

Com a papelada nas mãos, olho para a mesa de Isabella, vazia, pensando em como será nossa convivência de agora em diante, maquinando em como fazê-la ficar em Curitiba mesmo depois que o processo se findar.

— Frank? — Tony entra na minha sala e encara minha volumosa pilha de documentos. — Não esquece a festa lá em casa hoje! — Ele aponta para seu relógio. — Às 8h em ponto!

— Isabella já me lembrou. — Recebo um

olhar de deboche. — Não precisa se preocupar com a bebida hoje, pois encomendei champanhe, e a importadora deve estar descarregando na sua casa agora.

— Uau! — Cruza os braços e me encara, segurando o sorriso. — Qual o motivo para a comemoração?

— Digamos que Isabella conseguiu me convencer a ser um homem direito.

Tony gargalha.

— Ela o convenceu? — Ele dá um tapa no meu ombro. — Ah, querido irmão, meus convidados saborearão o champanhe mais gelado da história! — Eu não entendo a piada, mas sei que é uma ao estilo Tony. — Vou até devolver o gelo que comprei. — E ri como um louco.

— Não entendi a bobeira, *stronzo*!

— Se Isabella teve o poder de fazer o inferno congelar... o que serão algumas garrafas de champanhe?

— Babaca! — digo balançando a cabeça por ter ouvido tamanha imbecilidade, mas começo a rir junto com ele.

Chego ao flat às 7h da noite, correndo para não me atrasar para o evento na casa do meu irmão. Assim que entro, vejo Isabella só de calcinha e sutiã, em pé, lá em cima no meu quarto.

— Ei! — chamo. Ela acena para mim e volta a olhar para a cama. Deixo minha pasta na escrivaninha e subo as escadas. — O que está te mantendo tão ocupada a ponto de não me receber como mereço?

Ela rola os olhos, mas se pendura no meu pescoço e me beija.

— Não sei que tipo de festa será, por isso, coloquei três opções de vestidos sobre a cama. — Aponta para o móvel, e eu vejo três peças de cores e modelos diferentes.

— Adoro quando você está de vermelho. — Porém, na cama não há nenhuma roupa com essa cor.

— Ajudou muito, Frank Villazza!

Eu me dispo, sentindo os olhos dela acompanharem cada movimento que faço, gostando dessa sensação de intimidade. Não costumo tirar a cueca no quarto, mas o faço só para provocá-la e exibir o quanto ela, somente pelo fato de estar aqui,

mexe comigo.

— Frank... — escuto-a gemer e sorrio.

— Vem para o banho comigo. — Estendo a mão, e ela aceita, mesmo já tendo se lavado.

Não temos muito tempo de novo e por isso só ficamos nos tocando, e ela me ensaboa inteiro. Saímos juntos, e ela corre a arrumar o cabelo e eu, a escolher uma roupa casual.

Noto que Isabella já arrumou algumas de suas coisas no meu armário. Vejo produtos de beleza, como maquiagem, em cima do móvel que possui um espelho, e acessórios onde, nas gavetas, eu guardo minhas gravatas e abotoaduras.

Na sapateira, há *scarpins* e sandálias ao lado dos meus sapatos sociais, além das botas e tênis ao lado das minhas próprias botas e tênis.

Gosto de ver que ela tentou manter a mesma organização que já havia no local, que Lucinda mantém arrumado, pois eu sou um completo bagunceiro.

Visto minhas roupas – calças jeans escuras e uma camisa Armani que comprei na viagem –, passo perfume, calço sapatos e, quando saio do quarto, Isabella está ainda do mesmo jeito que a encontrei quando cheguei.

— Vamos lá! É só escolher um!

Ela me olha brava.

— Para você é fácil. — Aponta para minha roupa.

Balanço a cabeça e vou ao banheiro escovar os cabelos e os dentes.

Quando retorno, encontro-a dentro do closet fazendo a maquiagem e ainda de calcinha e sutiã. Olho o relógio e constato que vamos chegar atrasados.

Respiro fundo e desço para tomar água. Minutos depois, ela ainda não desceu, e eu, para fazer hora, ligo minha caixa de som e a guitarra, dessa vez sem os fones.

Estou tocando a segunda música, a esmo, quando ela desce usando um vestido com fundo claro e flores estampadas, justinho ao corpo, e nos pés sandálias cor da pele. Sorrio, apreciando.

Em seu rosto há uma maquiagem leve e o destaque maior é em seu batom vermelho.

— Então, como estou? — ela me pergunta, e eu, em vez de responder, mudo a música que estava tocando para *Wonderful Tonight*, do Clapton, fazendo algo inédito, cantar para ela.

PERIGOSAS

*It's late in the evening
She's wonderin' what clothes to wear
She puts on her make-up
And brushes her long "black" hair
And then she asks me: — do I look all
right?*

*And I say: — yes, you look wonderful
tonight*

Ela ri surpreendida pela letra da música ser a resposta tão perfeita à sua pergunta. Cara, Clapton é meu ídolo!

*We go to a party
And everyone turns to see
This beautiful lady
Walkin around with me
And then she asks me: — do you feel all
right?*

And I say: — yes, I feel wonderful tonight

Ela se aproxima de mim, pensando que eu terminei de passar o recado todo, mas não. Eu sei qual é a próxima parte e sei que o que vou cantar reflete o que está acontecendo comigo. Continuo:

NACIONAIS - ACHERON

*I feel wonderful because I see the love light
in your eyes*

*And the wonder of it all is that you just
don't realize*

*How much I love you*⁷⁹

Ela para de sorrir, e eu a vejo segurar o fôlego. Ponho a guitarra ao lado, levanto-me e a abraço. Nunca, em todos os meus anos de existência, senti-me daquela forma, nunca senti o que eu sinto por ela. Se isso não é amor, eu não sei o que mais pode ser.

— Vamos?

Ela continua séria, e eu sinto os batimentos acelerados do seu coração.

O acostamento em frente à casa do Tony e da Marina está cheio de carros, e percebo que Isabella nota isso e fica nervosa.

— Tem certeza disso, Frank? — ela me questiona quando estendo a mão para ela depois de ter estacionado.

— Claro que sim! — Ele ri. — Eu nunca faço o que não quero.

NACIONAIS - ACHERON

Marisa libera nossa entrada, e seguimos pela lateral da casa até o jardim traseiro. Vamos de mãos dadas. Sei que isso irá surpreender a maioria das pessoas presentes, mas tenho certeza de que estou fazendo o que é certo. Sorrio para ela assim que ouvimos o som da música, aparentemente ao vivo. A mão dela está gelada e aperta a minha.

As primeiras pessoas que vemos são Valéria e Kelly, que conversam num canto. Noto o espanto de Kelly e a curiosidade de Valéria, que não deixa de encarar nossas mãos juntas por nenhum momento.

— Boa noite! — eu as cumprimento e, depois de alguns segundos, elas retornam.

Marina nos vê da parte coberta do jardim, onde fica o espaço gourmet, e vem em nossa direção.

— Bem-vindos! — Abraça Isabella e fala algo que a faz rir. — Demorou, mas saiu! — Ela nos convida a entrar na área onde os convidados estão.

A piscina está iluminada, e ela dispôs mesinhas de madeira e vidro por todo o deque. Eu vejo Quênia e Constantino, assim como Bárbara e Eduardo compartilhando uma mesa, e a cara de

espanto que eles fazem é hilária. Tenho vontade de rir, porque estou parecendo um E.T. neste lugar, com todo mundo me olhando boquiaberto.

Encostados ao balcão de drinques, junto com Tony, estão Thiago, Julio e Mel. Eu respiro fundo, porque não fazia ideia de que eles seriam convidados e penso que não quero magoar Melissa desse jeito, mas a vida tem dessas.

— Boa noite! — cumprimento, fazendo com que os três, antes de costas para nós, virem-se.

Noto, pela expressão deles, que todos foram surpreendidos e sinto a mão de Isabella tremer na minha.

— Me deixem lhes apresentar a doutora Romanza. — Olho para ela, que parece petrificada. — Esses são Julio, Thiago e Melissa Boldani, da Boldani Arquitetura, a empresa que está fazendo os projetos do nosso novo hotel. — Sorrio. — Isabella, além de estar cuidando do caso Baden para a Rede...

— Frank... — ela tenta me interromper, mas eu aperto a sua mão.

— ...é minha namorada.

Tony gargalha do outro lado do balcão, pois acompanhava toda a cena com um maldito sorriso

debochado. Marina abraça e cumprimenta Isabella, dizendo até um “bem-vinda à família” para ela.

Eu olho um pouco constrangido para a Mel, mas ao que parece, a expressão dos três é a mesma, de perplexidade.

— Isa Romanza! — Thiago é o primeiro a reagir. — Nossa, quanto tempo! — Ele se aproxima para cumprimentar Isabella, e eu solto sua mão. — Lembra de mim?

Ela apenas assente, sem graça. É, eu já sei que você deixou esse franguinho encostar em você! Fico de olho no abusado do Thiago, que começa a conversar com ela.

— Namorando? — Julio parece além de surpreso. — Pensei que ia morrer e não ver isso, Francesco!

— Acontece! — digo aceitando a taça de champanhe que um garçom me entrega. — Me permita contar isso ao meu pai antes, ok?

Ele ri por eu tê-lo chamado de dedo-duro, provavelmente se lembrando de quando ele contou ao meu pai sobre o cigarro de maconha que encontrou nas minhas coisas quando estávamos de férias.

Tony oferece um drinque — acho que

caipiríssima de morango – para Mel, que ela nega e logo em seguida deixa o local.

Julio também percebe isso e suspira. Thiago se despede de Isabella e vai atrás da prima. Eu ia tentar desviar um pouco a atenção sobre a saída repentina dela comentando com Julio sobre o caso Hans Baden, mas vejo Giovanna sentada numa mesa, isolada.

— Com licença. — Viro-me para Isabella.
— Eu preciso falar com minha irmã um pouquinho.
— Ela assente. — Julio queria saber como está o caso Baden, você poderia atualizá-lo?

Deixo os dois conversando e vou até Gio.

— Onde, diabos, você anda escondida?

— Com namoradinha, Frank Villazza? —
debocha. — Coitada da Mel, sempre achou que fosse ela quem iria romper a sua solidão.

Bufo ao ouvir isso.

— Porra, Giovanna! — Sento-me perto dela. — O que está acontecendo com você?

— Nada! — Dá de ombros. — Comigo vai tudo muito bem!

Ela me olha ativa, queixo empinado, olhos azuis brilhando. Tony se aproxima; na certa ouviu raios e trovões e está vindo apaziguar nossos

ânimos.

— Ei, vocês dois! — Ele me toca no ombro. — Sua namorada está sozinha no bar. — Eu olho para lá e vejo Isabella com uma bebida na mão, mas olhar perdido. Droga, o que houve? — Quando você voltar, vai poder dizer que viu essa cena épica... — Tony fala para a Gio.

— Ela não vai voltar! — Ele me olha assustado, e ela fecha a cara. — Não te contou, não foi? — Tony olha para Giovanna. — Ela está fora, Tony! Pediu demissão e diz que vai trabalhar em seu próprio negócio, em São Paulo!

— É sério, Gio? — a voz dele é calma, e ela não demora a confirmar. Espero vê-lo surtar, assim como eu, mas ele me surpreende. — Uau! Quantas novidades hoje! Meu irmão mais velho, solteirão, exibindo namorada... — rolo os olhos — e a *Princesa* Villazza decide fazer seu próprio caminho... Nossa! — Ele toma um gole de sua bebida. — Estou pensando até em pedir mais uma vez a Marina em casamento... Vai que essa maré de mudança me atinge.

Eu desisto de ficar aqui conversando com esses dois. Tony não ficará do meu lado na empreitada de colocar juízo nessa cabeça-oca,

NACIONAIS - ACHERON

então eu lavo minhas mãos.

Volto para junto de Isabella.

— Algum problema?

— Não. — Ela sorri. — Parece que o senhor Boldani precisou ir embora com a filha. — Dá de ombros. — Eu já conhecia o Thiago...

— Eu sei. — Ela parece curiosa. — Ele te viu conversando com a Marina e nos contou que já foram... namoradinhos.

Ela ri.

— Não foi para tanto, mas quase. — Ri triste, e eu não gosto da expressão no seu rosto. — Éramos muito jovens, e eu pensava que o mundo era perfeito...

— O que fez você perceber que não era?

Ela suspira e bebe o drinque em sua mão.

— A verdade! — eu acho essa uma estranha afirmação, mas ela sorri e me oferece um pouco de sua bebida. — Seu irmão faz uma *caipi* maravilhosa!

— É a bebida preferida da noiva dele. — Experimento-a, mas acho muito doce e suave para meu gosto. — Acho que tem algo a ver com o primeiro beijo deles, não sei ao certo.

— É tão bonito ver um casal apaixonado!

— ela divaga, parecendo mais relaxada. — Deve ser uma ótima sensação.

— Que sensação? — Abraço-a.

— A de ser amada. — Sorri. — A de ser importante para alguém.

Cheiro o pescoço dela.

— Você é importante para mim, Bella. — Mordisco sua orelha.

— Você também é para mim, Frank. — Ri. — Não deveria ser, mas é. Muito!

Aperto-a mais contra meu corpo, sentindo meu coração bater em festa, adorando a sensação da qual ela falou.



Amor da minha vida, não me deixe.

Você roubou meu amor

E agora me abandona

Love of my Life – Queen

Depois da festa na casa do Tony, nós passamos o final de semana todo, literalmente, grudados. No sábado, levei-a para correr comigo no Parque Barigui, descobrindo que ela odeia fazer NACIONAIS - ACHERON

exercícios. Várias vezes tive que rebocá-la e ainda levei um soco no ombro quando a chamei de sedentária.

Quando acabamos o percurso, deitamo-nos na grama e, enquanto eu tomava isotônico, aquela louca tomava sorvete, alegando que precisava repor energias, e o açúcar era a forma mais rápida de fazê-lo.

Fomos para a casa da Marina e do Tony de novo, porque eles decidiram fazer churrasco. O dia estava quente, com sol alto no céu e nenhuma nuvem, assim aproveitamos também a piscina. Fomos só nós quatro dessa vez, e o clima foi bem melhor, mais festivo, e eu gostei de ver o quanto minha cunhada e Isabella se dão bem.

Tony me contou que ficou animado e que acabou fazendo o pedido de casamento pela terceira vez e que esse foi negado de novo. Estranhei que ele não parecesse chateado com aquilo e supus que ela deva ter explicado a ele o porquê da recusa e o compensado. Porém, meu irmão é muito discreto para comentar sobre sua vida íntima, então nem pensei em insinuar o assunto para ele, nem mesmo por brincadeira.

À noite acompanhei pela primeira vez uma
NACIONAIS - ACHERON

mulher com quem estava saindo ao cinema. Isabella tem esse dom de me levar a ter estreias, mesmo que involuntariamente, sem perceber o que estou fazendo.

Ao fim do passeio, em casa, fizemos amor... Sim! Isso é inédito para mim também, pois agora penso em nossa relação física como fazer amor e não sexo, transar ou *scopare* – minha famosa trepada. Com Isabella eu faço amor.

No domingo levei-a, de moto, a passear pelos parques. Fomos à Ópera de Arame, depois ao Jardim Botânico e, por fim, ao Tanguá. Passei na arena e comprei ingressos para o Brasileirão, embora ela me dissesse que tinha medo de estádios.

Medo? Só de me lembrar, eu tenho vontade de rir. Ela nem é torcedora do Furacão e ficou lá, pulando a cada chance de gol, xingando – de burro, cego ou ladrão – o juiz da partida e cantando provocações ao outro time.

Tivemos um pequeno contratempo na volta, um *paparazzo* à porta do meu prédio, mas eu, sinceramente, não estava nem aí e a beijei bem na frente do homem. Se era para falar, que falassem de vez que eu perdi a invencibilidade e que me rendi a um relacionamento fixo com uma mulher!

Neste instante, plena segunda de manhã, comunico a ela que iremos para o trabalho com Clayton e que, a partir de agora, ela só irá andar com ele, nada mais de táxis.

— Ei, aceitei ser sua namorada, não sua propriedade! — ela me diz, puta, com as mãos na cintura.

— Não vejo a diferença — provoco. — Eu me sinto mais tranquilo dessa forma. — Ela ainda não parece convencida. — Faz isso por mim, ok?

Ela bufa, e eu sei que venci.

No trabalho, dou um beijinho nela no 19º andar e subo para meu escritório. Eu tenho trabalho acumulado da semana passada, bem como uma reunião com Julio à tarde.

Durante duas horas trabalho sem parar, lendo documentos e memorandos em várias línguas diferentes e despachando com alguns diretores. Então, de repente, Isabella entra no meu escritório, atordoada.

— Ele conseguiu! — Ela está transtornada de raiva. — O babaca do Hans Baden se livrou, Frank!

Fecho os olhos e balanço a cabeça, pensando em como é possível aquele *stronzo* ter se

livrado da cadeia de novo.

— A promotoria bobear e não tentou invalidar a prova. — Ela caminha até sua mesa, nervosa. — Você acredita nisso? Eles nem tentaram invalidar a melecagem da prova!

— Às vezes, pelo conteúdo do vídeo, eles viram que não valeria a pena.

— Eu nunca teria desistido!

Eu sei disso. Levanto-me, caminhando até Isabella e a abraço. Ela é uma pequena guerreira, insuportavelmente teimosa, do tipo que não desiste fácil do que quer.

— Nossa, fiquei tão brava que saí da sala bufando. — Ri, recebendo meu carinho nas costas. — Eu preciso ir ao banheiro.

Libero-a, e ela entra no pequeno banheiro do escritório.

Volto à minha mesa e pego mais um memorando para ler, mas novamente sou interrompido por um furacão.

— Frank. — Mel entra com algo na mão. — Achei seu celular. — Ela ri. — Ele estava embolado na minha camisola, você acredita? — Põe o aparelho sobre a mesa.

Eu olho para a porta do banheiro,

apavorado, mas Isabella ainda está lá dentro.

— Acho que você deixou naquela noite lá no meu quarto e... — Olha-me sem graça. — Me desculpa por só ter visto isso agora! Eu vi o quanto você ficou louco sem ele...

— Tudo bem, Mel. — Pegue o aparelho. — Eu já comprei outro. Mesmo assim, obrigado.

Eu quero que ela vá embora daqui o mais depressa possível. Levanto-me e a acompanho quase a arrastando até a porta.

— Nos vemos na reunião!

Fecho a porta com rapidez, mas quando me viro, Isabella está parada no meio da sala, e eu tenho certeza de que ela ouviu tudo. *Cazzo!*

— Bella, não é...

Ela parece pálida e assustada.

— Você viajou para Lima com a Melissa Boldani? — ela me interroga calma e com a voz baixa.

Passo a mão pelos cabelos, porque, primeiramente, eu nunca estive nessa situação, e depois, porque eu temo trocar os pés pelas mãos e me ferrar.

— Sim — não tenho por que mentir sobre isso. — Isso é normal, eu já viajei com a Alice,

com a Kelly e até com a Ally, do financeiro.

— Também esqueceu alguma coisa na suíte delas? — ouço mágoa em sua voz. Droga!

— Bella, não aconteceu...

— Responde a minha pergunta... — Ela está tremendo. — Você costuma frequentar a suíte das mulheres que viajam com você a trabalho?

— Não. — Ela fecha os olhos. — Mel e eu somos amigos desde a infância, Bella.

Ela balança a cabeça e, quando me encara, eu sei que a coisa não está boa.

— Justamente... — Uma lágrima rola por seu rosto e ela a limpa com raiva. — Eu sabia que isso ia terminar mal...

Sinto como se uma punhalada fosse desferida em meu peito e caminho, apressado, até ela.

— Não me toque, Frank! Não! — ela grita, e eu paro. — Seu celular, o maldito celular que você perdeu e que por isso não me atendia, estava embolado na camisola dela!

— Eu já disse que não aconteceu nada, *cazzo*! — grito de volta.

— Vai tentar me convencer de que não estive na suíte dela, então? — usa sua famosa

ironia comigo. — Ele foi como? Voando?

Eu tenho que contar a verdade para ela, mas tenho medo de que, ainda assim, ela fique puta comigo.

— Não. — Respiro fundo. — Nós saímos para jantar. — Vejo dor em seus olhos. Droga, aquela mulher é minha amiga de infância, é natural! — E bebemos um pouco além da conta e...

— Para, Frank. — Ela tenta passar por mim, mas eu a impeço.

— Me escuta! — Olho para ela, suplicante. — Realmente, o que aconteceu não foi nada...

Ela se debate, e eu a solto, vendo-a passar como uma flecha pela porta e sair. Droga!

— Isabella! — grito, correndo atrás dela. Passo pela sala de Alice, que me olha com olhos arregalados e atravesso a recepção gritando. — Isabella! — Vejo-a esperando o elevador. — Isabella! — Ela entra no maldito. — Droga, Isabella!

Tony chega, puxa-me pelo cotovelo, e eu vejo as portas do elevador se fecharem. Uma dor tão grande atinge meu peito que eu sinto dificuldade de respirar. Eu preciso conversar com ela, preciso dizer o que aconteceu naquela noite...

Eu não posso perdê-la!

— Vem comigo, Frank — ouço meu irmão, mas não consigo me mover. — Vem comigo, porra!

Ele me puxa, e eu me deixo ser levado de volta até minha sala. Quando ele fecha a porta, eu desabo.

— Ela não pode me deixar, Tony! — digo ofegante, de joelhos no chão. Afrouxo a gravata, pois não consigo respirar sem sentir dor no peito. É uma sensação horrível, é como se alguém estivesse me estrangulando.

Vejo um copo sendo estendido em minha direção e tomo o líquido, à procura de alívio do engasgue que estou sentindo, mas sinto-o descer queimando. Uísque.

— Me conta o que está acontecendo, Frank — Tony me pede, sentando-se em uma das cadeiras de visitante.

— Ela me deixou, você não viu? — Rio como um louco, olhos queimando e boca seca. — Mel veio devolver meu telefone celular e ela ouviu...

— Respira, Frank! — Ele põe a mão nas minhas costas.

— Eu preciso ir atrás dela! — Levanto-me, mas ele me segura.

— Não. Vai por mim! Você não quer ir atrás dela de cabeça quente. Vai ser pior. Tente se acalmar primeiro.

Eu fecho os olhos e sinto meus cílios ficarem úmidos. Merda.

— A Mel achou meu celular no meio das coisas dela. — Tony franze o cenho, estranhando. — Ela disse que ele estava embolado na sua camisola.

Tony xinga, e eu sei o que ele está pensando: que eu, o Frank “Galinha” Villazza, dormi com a Mel.

— Eu não dormi com ela, porra! — grito. — Era isso que eu estava tentando dizer a Bella! — Sinto meus olhos mais úmidos. — A Mel se declarou na primeira noite em Lima, Tony.

— Ela demorou, não é?

— Porra! Todo mundo sabia disso, menos eu? — Sinto-me um idiota, mas penso que, no fundo, eu sempre soube também, por isso eu me mantive longe dela depois que nosso encontro não vingou. — Ela me beijou, mas eu disse que estava bêbado e a coloquei para dentro da suíte.

— Então como seu celular foi parar lá?

— Na última noite. — Rio. — Passamos o dia todo separados, porque ela foi conversar com um artesão, enquanto eu fui naquela reunião da prefeitura. — Ele assente, lembrando-se da reunião que eu marquei com o prefeito. — Então, quando voltei, havia um bilhete avisando que ela precisava falar comigo com urgência, e eu fui até a suíte dela.

Sinto-me puto por isso.

— Ela atendeu com a porra de uma camisola... — Ele balança a cabeça, provavelmente me achando um idiota. — Ela me puxou para dentro, e eu, confesso, estava um pouco bêbado, porque estava frustrado, me sentindo apaixonado e rejeitado porque pedi a Bella em namoro — rio, sabendo que ele irá me zoar por causa disso por toda a vida — e ela me pediu um tempo para pensar.

— Então vocês dormiram juntos?

Droga! Eu não quero falar disso, mas não tem outro jeito.

— Não. Mas só porque eu não consegui... — Ele arregala os olhos. — Não, babaca, eu não broxei! Ela estava linda, cheirosa, disposta, mas não era a Isabella. — Sinto a primeira lágrima

rolar. — A gente se beijou, mas quando eu olhei nos olhos dela, esperando ver meus olhos de gato azuis, eles eram verdes. — Tony exhibe um sorriso cínico, e eu sei que nunca mais irá esquecer o que vou dizer agora. — Eu estou muito apaixonado, cara, tanto que rejeitei uma mulher por causa da cor dos olhos!

O choro toma meu corpo, e ele me abraça, ajudando-me a juntar os caquinhos do velho Frank Villazza e a jogá-los no lixo.

Tony me dá uma carona até o prédio onde Isabella e eu moramos. Depois que eu desabei na frente dele, Alice apareceu com um copo de água e eu lavei meu rosto no banheiro. Ainda não posso acreditar que eu a perdi, não agora, que eu finalmente tenho certeza do que sinto por ela.

Pergunto para o Mendonça se ela já chegou, e ele confirma. Vou direto para a cobertura, mas ela está vazia. Nem mesmo confirmo se as suas coisas ainda estão aqui e desço para o sétimo andar.

Toco a campainha insistentemente, mas ela não atende. Então começo a socar a porta.

— Isabella, abre! Nós precisamos conversar. — Nada acontece. — Isabella! Droga, não aconteceu nada entre mim e a Mel...

— Vá embora, Frank! — escuto-a gritar. Pela voz, parece que ela anda chorando. *Cazzo!*

— Não vou sair daqui até poder te explicar isso! Não houve nada, Bella. Deixe-me entrar...

A porta é escancarada, e eu sou puxado para dentro com toda força. O ataque surpresa me deixa um pouco desorientado, mas quando consigo focalizar a pessoa que fez isso, minha cabeça dá um nó.

— Julio? — Olho para ele e, em seguida, vejo Isabella sentada no sofá com as mãos no rosto, chorando. — Porra, o que está acontecendo aqui?!



*Eu amei
E amei, ai de mim, muito mais
Do que devia amar.
E chorei
Ao sentir que iria sofrer e me desesperar...*
Amor em Paz – Tom Jobim e Vinícius de Moraes

Felicidade! Sim, eu estava me
NACIONAIS - ACHERON

sentindo plena, satisfeita, feliz. Depois de todos aqueles dias de dúvidas e de medo, eu finalmente estava feliz com a decisão que tomei de deixar Frank entrar na minha vida e no meu coração.

Quando o vi chegar à empresa, eu tive medo de que ele já tivesse desistido de mim, mas o beijo que me deu somente me fez ver que eu havia feito o certo. Mais tarde, no meu apartamento, tê-lo novamente me amando daquele jeito, tê-lo fazendo aquele pedido de forma tão fofa destruiu qualquer medo e insegurança que eu pudesse sentir.

Eu estava me permitindo amar e ser feliz.

À tarde usei a chave que ele havia me dado para entrar na cobertura e arrumei minhas coisas junto às dele no armário. Segui a ordem que já estava estabelecida naquele lindo móvel planejado e coloquei minhas calças e blusas sociais no mesmo espaço que ele colocava as dele, os sapatos separados por estilo, e a roupa casual, em gavetas.

Foi incrível encontrar um nicho vazio dentro de sua gaveta de cuecas, e foi lá que, rindo, coloquei minhas calcinhas de renda. Vi um móvel com espelho e coloquei alguns produtos de beleza em cima dele, para descobrir, mais tarde, que era onde ele guardava suas gravatas, abotoaduras e

joias – onde eu acabei acomodando meus assessórios.

A bancada de vidro me deixava ver sua coleção de relógios, alguns anéis e pulseiras.

Depois disso tudo, fui tomar banho, não antes de colocar alguns sais de banho e velas perto daquela deliciosa banheira, lembrando que ele me dissera que seria muito improvável ver alguns daqueles itens lá um dia.

Finalmente escolhi três vestidos para a festa na casa de Marina e os coloquei sobre o colchão. Havia um com cava americana e saia rodada, preto; um com fundo nude e estampa floral vermelha, justo ao corpo; e um azul com decote não muito profundo em “V” nas costas.

Escutei o barulho da porta e olhei pelo vidro que delimitava o mezanino. Vi Frank entrar. Ele me cumprimentou, e eu somente lhe dei um aceno, voltando à atenção para a escolha dos vestidos. Depois de uma reclamação soberba, eu o abracei e o beijei rapidamente.

Ele começou a tirar a roupa, distraíndo-me e, quando ficou nu e excitado, fez-me um convite para um banho juntos – ao que eu não resisti. Foi delicioso ensaboá-lo todo!

Ficamos um tempinho juntos no closet, eu me maquiando e ele vestindo sua roupa. Depois, mais uma vez, ele passou por mim, reclamando da demora na escolha do vestido e dizendo que iríamos chegar atrasados.

Escolhi o nude com flores e o escutei tocando sua guitarra. Lembro-me que adorei ouvi-lo com seu instrumento tão perfeito, tão harmônico, tão parte dele. Dei o toque final, um batom vermelho, à minha maquiagem, passei perfume, calcei minhas sandálias cor da pele e descí as escadas.

E o que aconteceu quando perguntei se estava bem foi uma verdadeira declaração de amor cantada. No começo, ao notar a música que ele estava tocando, sorri, achando incrível que ele se lembrasse de uma canção que se encaixasse tanto à minha pergunta, mas conforme ele avançava na música, eu comecei a ficar ansiosa, esperando pela parte em que o autor afirmava que sua amada não percebia o quanto ele a amava.

E quando Frank a cantou, olhou no fundo dos meus olhos, e eu senti que era verdade, que não era somente uma música cantada a esmo. Não, o que ele acabara de dizer era o que sentia.

Fiquei paralisada e com o coração prestes a sair pela boca, emocionada somente com a possibilidade de Frank corresponder ao que eu sentia por ele.

Fomos para a festa. Eu não conseguia deixar de pensar naquela música e estava nervosa com a exposição que teríamos ao chegar juntos. Notei a quantidade de carros e me senti tensa, porque eu não tinha noção de que a festinha de Marina teria tantas pessoas.

Ele fez questão de entrar de mãos dadas comigo. Encontramos Valéria e Kelly primeiro, sentadas a uma mesa do lado direito da piscina, enquanto os outros convidados – amigos de Marina – estavam do outro lado. Elas nos olharam com espanto, e Valéria não parou de encarar nossas mãos juntas.

Marina veio nos cumprimentar e me felicitou por ter domado o seu rebelde cunhado. Andamos para a área gourmet, passando pelos dois casais de amigos de Marina, quando, de repente, senti meu corpo todo gelar, pois, ainda que ele estivesse de costas, eu reconheceria aquele porte e aqueles cabelos em qualquer lugar.

Tony nos viu e nos cumprimentou, e os três

— sim, os três! — se viraram para nos olhar. Eu apertei minha mão na do Frank e estava tão trêmula que tive que trincar os dentes para que eles não batessem.

Frank começou a me apresentar a eles sem saber que ali estavam presentes meu primo, meu pai e minha meia-irmã.

Sim, Julio Boldani é o meu pai.

Eu não conhecia sua outra filha, a mais velha, a reconhecida, a que o teve como pai de verdade. Olhei para ela e senti que ela não estava bem, sentindo-se incomodada e logo saiu de perto de nós. Tive vontade de chorar ao pensar que, talvez, ela soubesse da minha existência, soubesse quem eu era e sentisse nojo ao ficar perto de mim.

Thiago, que começou a conversar comigo, eu já o havia conhecido, mesmo sem qualquer um de nós saber quem éramos.

Olhei para meu primo, lembrando-me que, há quase 13 anos, eu pensei estar gostando dele. Meu Deus! Eu pensei que perderia minha virgindade com ele, meu primo!

Conhecemo-nos sem querer, quando minha mãe, sabendo da minha vontade de passar na FUVEST e estudar no Largo de São Francisco,

NACIONAIS - ACHERON

matriculou-me no cursinho pré-vestibular mais famoso e caro de São Paulo.

Eu confesso que não gostei de Thiago assim que o conheci, pois achei-o mimado, fanfarrão e, principalmente, burro. O garoto de família rica parecia que não queria nada mais do que chegar ao local com seu carro do ano e ficar enchendo o saco das pessoas que realmente queriam estudar.

Entretanto, com o passar do tempo, ele passou a se interessar pelas matérias, pedia-me ajuda para entender algumas – como português e literatura – e nós nos aproximamos e acabamos ficando.

Foram semanas de muitos beijos na boca e amassos e, quando finalmente ele disse que queria namorar “sério”, eu pensei em apresentá-lo à minha família. contei a ele que morávamos numa casa simples, que mamãe era professora, e meu pai, caminhoneiro. E, por ser caminhoneiro, ele vivia nas estradas. Somente quando ele retornasse, teríamos a oportunidade de conversar com ele.

Fizemos planos, pois teríamos um recesso de alguns dias e ele queria me levar, juntamente com sua família, para passar férias numa casa de amigos em uma ilha de Angra dos Reis.

Expliquei-lhe que dificilmente meu pai me deixaria ir, pois era um homem muito reservado e tradicional e falei o nome dele: Julio Guerra. Ele riu e disse que tinha um tio que se chamava Julio Guerra Boldani e que era uma incrível coincidência, mas chegamos à conclusão de que o sobrenome Guerra era comum.

Contudo, algo me incomodou naquela história. Eu pesquisei o nome do tio dele na internet e quem eu vi foi o meu próprio pai. Aquela foi a pior noite da minha vida! Eu chorei de tristeza, de raiva, e quanto mais eu ia descobrindo sobre ele, sobre sua perfeita família, sobre seus bens e sua fama, mais eu o odiava.

Pensei que ele havia enganado a nós duas, mamãe e eu, e que se fingia de pobre para nós, pois tinha medo que descobríssemos suas verdadeiras condições e exigíssemos usufruir de seu dinheiro.

Não contei nada a ela com medo de magoá-la. Eu queria poder nunca ter encontrado aquele garoto, eu queria nunca ter pesquisado na internet, eu queria continuar acreditando que eu tinha um pai ocupado em manter a família e que, por esse motivo, ele era tão ausente.

Eu não queria acreditar que ele tinha minha

mãe como amante e que eu era sua bastarda que ele escondia do mundo com mentiras. Então eu vi algumas fotos dele com Melissa Boldani, sua filha, seis anos mais velha que eu. Fotos dos dois em eventos, em aniversários, no baile de 15 anos dela.

Aquilo acabou comigo, porque eu nunca tive qualquer festa em que ele estivesse presente. Muitas vezes ele não me entregava nenhum presente – nem de aniversário ou de Natal –, dizendo que seus fretes tinham sido todos para as contas, e eu sempre tive orgulho dele, sempre o desculpei por ser tão trabalhador, por tentar dar o melhor para nós.

Então, alguns dias depois, eu cheguei do colégio e encontrei os dois – meu pai e minha mãe – sentados à minha espera. Ele me comunicou que o cursinho era muito caro e que não teriam condições de continuar pagando-o e que era melhor eu fazer faculdade no interior, em Taubaté.

Aquilo foi a gota d'água e eu estourei. Gritei a ele que já sabia de tudo, que tinha conhecido seu sobrinho e contei à minha mãe a história toda. Ela apenas chorou e me pediu perdão.

Dona Hilda Romanza sempre soubera de tudo e compactuara com as mentiras. Eu fiquei

semanas sem falar com eles. Magoada, chateada, triste por ter pensado que tinha uma vida perfeita, quando tudo, na verdade, era mentira.

Ela me contou como o havia conhecido durante uma festa da cultura italiana em que ela participara, pois era fluente no idioma. Contou que, desde o começo, sabia que ele tinha esposa e filhos, que não queria se apaixonar por ele, mas acontecera.

Segundo dona Hilda, Julio chegara a pedir o divórcio à esposa, pois havia anos o casamento era somente de fachada, mas então houve o acidente. Meu pai bateu o carro com toda a família dentro, perdendo parte da perna e seu filho mais velho.

Sua esposa, a verdadeira, entrara em profunda depressão, e ele decidira continuar ao lado da família. Minha mãe me contou que eles ficaram algum tempo separados e que Julio somente lhe enviava ajuda financeira, pois eu já havia nascido. No entanto, depois de um tempo, ele voltou e disse que não podia viver sem ela, que não podia esquecer que ela era o amor de sua vida.

Foi aí que ele comprou a casa em Vila Maria, e nos mudamos para a capital. Toda a mentira fora construída para preservar a família

verdadeira dele e também a mim.

Eu, burra, nunca questionara o motivo pelo qual não tinha o sobrenome dele e muito menos suspeitei de cada mentira que me era contada. Ele não era um pai presente, mas eu o amava.

Depois daquilo, nada mais foi igual. Eu saí do curso, mas não fui para a casa da vovó em Taubaté e estudei com afinco, passando entre os primeiros lugares para cursar direito na USP.

Com o tempo, eu aprendi a lidar com aquilo. Uma enorme distância foi aberta entre mim e ele, mas eu ia seguindo minha vida, até Alberto.

Eu estava tão apaixonada por ele que me deixei entrar num mundo de mentiras novamente. Eu tinha carência de um pai, de um homem que exercesse algum tipo de domínio sobre mim, de influência e, principalmente, alguém que me inspirasse admiração.

Ele era tudo isso! Vinte anos mais velho, o juiz mais famoso do Brasil na época, bonito e com uma carreira em ascensão. Mais tarde, já durante nosso envolvimento, descobri que ele tinha pretensões políticas – ele queria o Planalto! E foi por causa de seu sonho com a faixa presidencial que eu, ao ser convidada a uma festa onde meu pai

estaria, contei-lhe a verdade. Fui, primeiro, chamada de mentirosa, depois de oportunista e, por fim, humilhada e rejeitada. Os Boldanis eram admirados pela alta-sociedade paulistana, tinham influências políticas, e eu, sendo uma bastarda escondida e que nem o nome dele tinha, só iria atrapalhar seu caminho glorioso, pois cheirava a escândalo.

Frank me pediu licença, tirando-me de meus devaneios, então percebi que Thiago, que estava falando comigo, já havia saído e que ele pretendia me deixar sozinha com Julio.

Meus olhos se encheram de lágrimas na primeira fala dele.

— Você só pode estar louca, Isabella! — praticamente sussurrou, e eu o encarei, engolindo minhas lágrimas. — Eu te pedi tanto! Droga! O que significa esse negócio de namorada?

Eu respirei fundo.

— Se o senhor não sabe, não serei eu a explicar. — Dei de ombros, tentando parecer o mais fria possível.

— Droga, menina! — Ele parecia inconformado. — Você só quer nos machucar? É algum tipo de vingança? — Eu o olhei sem

entender. — Logo o Francesco... — Balançou a cabeça. — Termine com isso já!

Eu tive vontade de rir ao perceber que ele se achava no direito de me dar ordens.

— Não. — Tomei coragem. — Não vou desistir dele. Ele vai saber de toda a verdade, eu vou contar. E se, mais uma vez, eu pagar por um erro que não é meu, é porque ele é tão mesquinho e frio quanto o senhor.

— Você se engana, minha filha — disse parecendo triste. — Eu não quero você longe dele para proteger o meu segredo. Eu quero proteger você, porque conheço esse moço por toda a vida dele, e ele nunca levou uma mulher a sério, somente as magoa e irá fazer isso com você. Não quero mais uma...

— Eu cuido da minha vida, senhor Boldani — eu o interrompi, e ele balançou a cabeça. — Não quero e nem preciso dos seus conselhos, afinal, o que o senhor sabe sobre lealdade a uma mulher?

Ele se levantou, sério, e saiu de perto de mim, indo atrás de sua filha e de seu sobrinho.

Depois disso, Frank voltou para o meu lado, e eu tentei aproveitar a festa ao seu lado.

Durante o final de semana, pensei em contar

o segredo a Frank algumas vezes, mas sempre tive medo de estragar o momento maravilhoso que estávamos vivendo. Eu queria dizer a ele, primeiro, que eu o amava e depois contar sobre quem eu era.

Contudo, a segunda-feira chegou e, mal pisei no escritório, vi minha equipe nervosa, esperando a publicação da decisão do recurso do Hans Baden, pois Pedro soubera, de primeira mão, que o Ministério Público não recorrera.

Horas mais tarde, quando eu soube que a sentença fora revogada, tudo o que eu podia pensar era que meu tempo com Frank havia acabado. Nervosa, subi para o vigésimo andar como uma louca, tentando achar uma maneira de dizer a ele como eu me sentia, revelar tudo e deixar que ele decidisse se iríamos embarcar naquele relacionamento à distância ou não.

Então, além de não conseguir dizer nada, fui tentar me acalmar no banheiro, e o que eu ouvi me tirou do chão, porque não só soube que, durante a viagem para Lima, ele havia dormido com outra mulher, como soube que essa mulher era a minha irmã.

A dor que senti naquele momento não podia ser comparada a nenhuma outra que já tivesse

sentido antes. Senti-me enganada, preterida e, mais uma vez, relegada a segundo plano, afinal, além de linda e rica, Melissa Boldani tinha um sobrenome e um pai.

Isso foi direto na minha ferida – que nunca cicatrizara, mas parara de sangrar – e a fez se abrir e inflamar novamente. O homem por quem eu estava apaixonada dormira com a mulher que sempre tivera tudo o que eu sempre quisera, o amor e a consideração de Julio Guerra Boldani.

Fiquei cega, não conseguia pensar, só queria sair de perto dele, não ouvir uma só palavra do que me dizia. Entrei no elevador, ouvindo-o gritar meu nome, mas naquele momento eu só pensava em rejeição. Naquele instante eu era uma garota de 16 anos que descobriu que vivera uma mentira, que descobriu que não era por falta de tempo que não tinha amor, mas sim por falta de interesse. Naquele momento eu era aquela que descobriu que era insignificante, pois a mulher que fora perfeita a vida inteira e que preencheria sozinha o coração do meu pai também conseguiria me vencer no coração de Frank.

Quando saí na calçada lateral do hotel, encontrei com Julio deixando seu carro com um

manobrista. Assim que me viu e notou o estado em que eu estava, ele recuperou a chave e pegou a minha mão.

— O que houve? — parecia preocupado. — Isabella... foi o Francesco?

Então eu desabei, e ele me enfiou dentro do carro e saiu de lá comigo. No caminho perguntou onde eu vivia e foi comigo para o apartamento.

— Eu te disse que você iria sair machucada dessa história com Francesco, assim como aconteceu com Alberto...

Eu estou sentada no sofá, ainda sem reação, não querendo acreditar que, há menos de 24 horas, eu estava tão feliz, achando que finalmente teria alguém que me amasse de verdade.

— Você contou a ele, foi isso?

Eu nego.

— Ah, entendo. — Ele se senta ao meu lado. — Então foi apenas o verdadeiro Francesco Villazza que finalmente veio à tona. — Eu fecho os olhos, querendo que ele pare de falar, querendo que ele vá embora. — Isa...

— Vá embora, pai — eu peço entre soluços. — Seu segredo está a salvo e sua maravilhosa família continuará sem conhecer o verdadeiro Julio

Guerra.

Ele bufa.

— Eu não estou preocupado com meu segredo, droga! — Ele gira meu rosto para olhá-lo. — Você é minha filha e eu me preocupo com você! Não quero ver você magoada por causa dele.

— Quanta consideração!

Ele não gosta quando sou irônica com ele, por isso faz uma careta.

— Entendo o motivo de você ter raiva de mim, Isa. O que eu fiz, mantendo aquela mentira, foi errado, e eu entendo isso. Mas já pedi a você que me perdoe, já disse que amo sua mãe, mas que precisava preservar a saúde de Susana.

Eu me levanto.

— Por favor, vá embora!

— Eu amo você, Isa. De verdade. — Sinto-o tocar nos meus ombros. — Eu disse aquilo em relação ao Francesco porque o conheço bem. Aquele menino sempre foi um egoísta, sempre metido em confusão, sempre levando as outras crianças a transgredirem regras. — Eu tento falar, mas ele não me dá espaço: — Eu já tenho uma filha apaixonada por ele, Isa. — Eu soluço ao ouvir isso. — Melissa, a vida toda, sonhou com ele e nunca

conseguiu levar um relacionamento à frente porque ainda sonha com ele.

— E você quer que ela o tenha... — Sinto meu coração se ferir mais, sangrando. — Quer que sua filha legítima e amada o tenha.

— Não, Isa. — Ele ri, triste. — Quero que minhas duas filhas amadas sejam felizes e não creio que Francesco consiga fazer qualquer uma delas se sentir assim.

De repente a campainha dispara sem parar.

— Droga! — Eu limpo meu rosto e encaro meu pai. — Fique em silêncio, que ele vai embora.

Ele assente, mas Frank, não satisfeito, começa a socar a porta.

— Isabella, abre! Nós precisamos conversar. — Eu fecho os olhos, respirando devagar, querendo que esse pesadelo tenha fim, mas ele continua: — Isabella! Droga, não aconteceu nada entre mim e a Mel...

Quando meu pai escuta-o falar sobre a Melissa, olha-me interrogativo, e eu apenas sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Não quero falar sobre isso com ninguém.

— Vá embora, Frank! — grito, querendo que ele se vá para que Julio possa ir também.

— O que aconteceu, Isabella? — esse questiona baixinho. — Do que ele está falando?

Eu me sento no sofá e choro.

— Não vou sair daqui até poder te explicar isso! Não houve nada, Bella. Deixe-me entrar...

De repente eu escuto a porta ser escancarada, e meu pai puxa Frank para dentro, interrompendo o escândalo que ele estava causando, mas deixando-o branco como cera, pasmo por vê-lo dentro do apartamento comigo.

— Julio? — ele parece chocado, e a única coisa que posso fazer é chorar e implorar que o pesadelo tenha fim. — Porra, o que está acontecendo aqui?!

— Sou eu quem faz essa pergunta, Francesco! — a voz de Julio é raivosa, e ele segura Frank pelo colarinho. — O que você andou aprontando dessa vez?

Eu seco minhas lágrimas com força e me ponho de pé.

— Os dois, para fora agora! — grito, e meu pai me olha assombrado.

— Isabella...

— Não! Chega! Eu quero ficar sozinha...

— Tem certeza?

PERIGOSAS

— Eu não vou embora antes de conversar com você!

Os dois falam juntos, e eu balanço a cabeça.

— Nós não temos nada para conversar, Frank. — Olho para meu pai. — Tenho certeza. Vão.

— Eu quero saber o que ele faz aqui... — a voz de Frank e sua face demonstram fúria.

— Não é da sua conta... — começo a dizer, mas sou interrompida:

— Eu sou o pai dela, Francesco!

Frank arregala os olhos e olha de Julio para mim, talvez notando, finalmente, como nossos olhos são idênticos.



*O que mais dói, foi estar tão perto
E ter tanto pra dizer
E ver você indo embora
E nunca saber, o que poderia ter sido
E não ver que amar você
É o que eu estava tentando fazer*
What Hurts the Most – Rascal Flatts

Julio e eu entramos, mudos, dentro do elevador. Eu estou confuso, machucado e completamente pasmo. Vim até aqui para implorar que Isabella me ouvisse e que acreditasse em mim, mas fui surpreendido de uma forma que nunca imaginei que seria.

Julio Boldani, o homem que me viu nascer, o padrinho de Gio, é o pai de Isabella. O pai! O homem de que, notei, ela evitava falar, que a fez chorar depois do dia do seu aniversário, cujo nome não consta em seus documentos.

Julio Boldani! O melhor amigo do meu pai, o homem que eu considerava correto e familiar, o pai do meu melhor amigo de infância.

— Eu gostaria que esse assunto não saísse daqui, Francesco.

Eu o encaro como se tivesse um estranho à minha frente.

— Como? — Tento clarear minha mente.
— Quem sabe disso, Julio?

— Seu pai e, agora, você.

Deus! Ele a escondeu a vida toda?

— Se eu não tivesse ouvido com meus próprios ouvidos, eu não acreditaria nisso!

— Afaste-se dela, Francesco, é o que eu te
NACIONAIS - ACHERON

peço.

Eu tenho vontade de rir. Afastar-me dela? Como se eu pudesse! Eu amo aquela mulher!

Vamos para o hall de entrada, calados, e, quando chegamos à calçada, eu respondo a ele:

— Eu não vou fazer isso, Julio. — Ele se surpreende. — Eu demorei a vida toda para encontrar Isabella e não vou abrir mão dela nem pelos seus segredos!

Ele suspira.

— Então esse namoro era verdadeiro? Quer dizer... você gosta mesmo dela?

Ele é a última pessoa do mundo com quem eu gostaria de conversar sobre esse assunto, mas preciso deixar as coisas bem claras para ele.

— Eu a amo, Julio. — Ele arregala os olhos. — Você pode não acreditar, mas eu realmente a amo.

— Eu acredito! — Ele não parece gostar disso. — Deus! Minhas duas filhas...

— Eu já conversei com a Mel, Julio. — Ele assente. — Eu nunca senti mais do que amizade por ela e, mesmo que Mel seja uma mulher perfeita em todos os sentidos, ela não é Isabella, o que torna impossível termos qualquer outro relacionamento.

Ele se encosta em seu carro, olhando-me como se quisesse ver minha alma.

— Por que então a Isa acha que houve algo entre vocês?

Eu nunca daria essa informação a qualquer pessoa, simplesmente mandaria que ele se metesse na própria vida — que, por sinal, já é bem complicada e cheia de esqueletos no armário —, mas relevo.

— É apenas um mal-entendido que espero resolver.

Ele assente e entra no carro. Mal ele vira as costas, eu disco para um celular na Itália.

— *Babbo, buon pomeriggio!*⁸⁰

Passei uma noite tensa, andando de um lado para o outro na cobertura, sabendo que Isabella estava tão próxima e tão distante de mim. Tony me ligou três vezes, mas eu só retornei mensagens dizendo que estava bem.

Toquei guitarra, ouvi música, vi filmes e bebi. Fiz isso várias vezes ao longo da noite, tentando conter a vontade que tinha de descer e

trazê-la de volta para minha casa, para os meus braços, para a minha vida à força.

Mal o dia amanheceu, eu já estava a caminho da empresa. Fiquei de plantão, esperando que Alice me avisasse quando Isabella chegasse, porque sabia que ela não iria faltar hoje.

Assim que Alice me avisa que ela entrou na sala da justiça, eu respiro fundo e peço que Bella suba e me encontre na sala de reuniões, o local mais reservado de todo o prédio.

Ela parece corajosa e ativa, como sempre. Todavia, eu posso ver olheiras embaixo de seus olhos e a palidez em seu rosto.

— Senhor Villazza?

— Sente-se, Bella. — Ela levanta uma sobrancelha ao ouvir o apelido, mas faz o que eu peço. — Eu chamei você aqui para...

— A publicação da sentença absolutória de Hans Baden foi publicada ontem, então, em mais alguns dias, poderemos ter notícias da ação trabalhista...

— Eu não dormi com Melissa Boldani, Isabella.

Ela fecha os olhos e respira fundo.

— Não quero falar sobre esse assunto,

senhor Villazza.

Eu fico puto ao ouvi-la, tão fria, ressaltar o tratamento formal.

— Mas eu quero... — Ela se põe de pé, pronta para sair. Não assim tão fácil! — Sente-se! — ordeno enérgico, e ela apenas levanta novamente essa sobrancelha irritante. — Senta na porra da cadeira, Isabella!

Ela se assusta com meu grito e se senta, enfim. Levanto-me e vou até ela.

— Bella... — Tento me acalmar. — Eu juro que não houve nada entre nós...

— Então como seu celular foi parar nas coisas dela?

Sinto apreensão e alívio ao sentir que ela está, pelo menos, conversando comigo. É hora de eu ser, de verdade, um homem e dizer a ela tudo o que aconteceu. Ser sincero, mesmo que isso prejudique mais nossa situação.

— Nós quase transamos... — Ela fecha os olhos, e eu sinto a dor que essa revelação pode ter causado nela, porque também dói em mim. — Eu estava bêbado e, bem, ela não sabia sobre você. Então, me propôs uma noite.

— Eu não quero mais...

— Psiu! — Deixe-me contar. — Eu cheguei a entrar no quarto, mas, um pouco antes de qualquer coisa, eu percebi que ela não era você. — Eu me aproximo dela. — E eu só queria você, Bella.

— E o celular? — Ela olha para a própria mão, não me encarando.

— Deve ter caído em algum momento. — Dou de ombros. — Não sei.

Ela me olha.

— Eu não consigo acreditar em você!

Novamente a dor transpassa meu peito.

— É a verdade!

Ela nega com a cabeça.

— Não faz sentido! — Põe-se de pé. — Eu nunca deveria ter aceitado um relacionamento com você, Frank — ela parece muito calma ao dizer isso. — Eu simplesmente não... posso confiar em você. E como vai ser? Vou ficar com medo a cada nova mulher que trabalhe com você? A cada mulher que você conheça numa festa ou numa reunião? Desesperada pensando se você estará me traindo na próxima viagem que fizer?

— Bella, eu estou apaixonado por você. — Ela fecha os olhos, e uma lágrima rola. — Confia

em mim!

— Eu não posso, Frank. — Meu coração se parte em mil pedaços. — Eu não consigo.

Eu apenas assinto.

— Me deixe mostrar que posso ser digno da sua confiança. — Tento tocá-la, mas ela se afasta. — Me deixe provar que eu mudei...

Isabella nega.

— Eu não vou arriscar sofrer de novo, Frank. — Encara-me, seus olhos azuis cheios de lágrimas não derramadas. — Eu confiei e amei um homem que mentiu para mim a vida toda! Depois, eu pensei que um homem me amasse e confiei nele, apenas para ser humilhada e rejeitada. Eu não vou fazer mais isso!

— Eu não sou eles! — Droga! Não sou o Julio e, muito menos, o juiz engomadinho! Seguro seus braços. — Eu não sou eles!

— Que garantia eu tenho, Frank? — ela indaga num fio de voz. — Que garantia eu tenho de que você não irá me magoar na primeira oportunidade? — Ela ri. — Você é o Frank Villazza, o CEO playboy, lembra? Você é o homem que não sabe nem com quantas mulheres dormiu! Imagina quantas delas você machucou sem

nem ao menos se importar se estava fazendo isso. — Ela se desvencilha de mim. — Eu não acredito no seu amor. — Eu recuo ao ouvir essas palavras, que me atingem como um soco. — É apenas novidade, vai passar. Não foi você mesmo quem me disse que não havia sido talhado para constância? Que se entediava fácil com a rotina? Eu não posso confiar nesse tipo de homem...

Cara, isso dói! Ver a mulher que você aprendeu a amar te dizer tudo isso na cara dói para caralho!

Eu engulo meu desespero, abafando minha dor e, principalmente, ignoro o que sinto por ela. Meu orgulho, minha teimosia e minha revolta estão tomando de assalto a situação.

— Se é o que você quer... — Se ela me julga ainda como Frank Villazza, o CEO playboy, então é isso que ela terá de mim. — Feche acordo na primeira audiência trabalhista.

Ela toma um susto pela minha mudança de assunto e de tom tão rapidamente. Afasto-me dela e volto para o meu lugar, a cabeceira da mesa de reuniões, olhando para ela de forma profissional e fria.

— Não vejo por que prolongar sua estada

nesta cidade, doutora Romanza. — Observo surpresa em seu semblante. — Pode voltar no dia em que for marcada a audiência de conciliação, e não se preocupe, meu preposto terá todas as informações e instruções sobre o acordo a ser celebrado.

— Não há necessidade de um acordo, visto que...

— Tenha um bom-dia, doutora Romanza. — Levanto-me. — Como disse, quando for marcada a reunião, meu preposto entrará em contato. Ademais, pedirei a Alice que envie suas coisas para o andar de baixo e, após a comunicação do término do trabalho à sua equipe, poderá retornar a São Paulo. — Tento não olhar para ela. — Os honorários, bem como a taxa de exclusividade, serão depositados na conta do escritório, e eu elogiarei seu trabalho ao Hal, não se preocupe.

— Eu...

— Bom retorno a São Paulo e... — olho-a, sentindo meu coração sangrar no peito — boa sorte em sua vida. — Saio pela porta dos fundos, que dá acesso à sala de arquivos.

Encosto-me à parede e trinco meus dentes

de dor. Deslizo até o chão, tremendo, sentindo-me gelado, sufocado e em lágrimas. Essa é a pior experiência da minha vida e só me prova que amar realmente é uma merda!

Horas depois, Tony entra e me encontra na mesma posição, como um maldito piá desesperado, sentado no chão, abraçado aos joelhos, soluçando de dor e tristeza.

— Mas o que... — Ele fecha a porta e se joga no chão, abraçando-me forte. — Se acalme, Frank — me pede. — Respira, tudo vai dar certo!

— Não. — Tento controlar meu corpo, mas não consigo. — Não... Eu a mandei embora... para sempre!

Ouç-o xingar e me abraçar mais forte ainda, dizendo palavras que eu entendo ser de consolo, mas que não posso ouvir, pois a voz dela continua ecoando na minha mente...

“Eu não acredito no seu amor”.



*Não vejo mais você faz tanto tempo.
Que vontade que eu sinto.
De olhar em seus olhos, ganhar seus abraços,
É verdade, eu não minto...
Você não me ensinou a te esquecer – Caetano
Veloso*

Já faz um mês que retornei a São Paulo.

Um mês que não sinto o clima maluco de Curitiba, nem escuto os sotaques carregados nos “es” e, muito menos, sinto aquele perfume exclusivo de um único homem.

Olho para a tela do computador e tento me concentrar no processo no qual estou trabalhando, mas que não impede minha mente de continuar a lembrar.

Voltei arrastada, sentindo-me vazia, faltando um pedaço, depois de ter saído da sala de reuniões e tentado ser forte para continuar minha vida. Nunca pensei que, em tão pouco tempo, fosse possível amar tanto alguém quanto eu amo aquele homem.

Reuni a equipe, inclusive Marina, que me olhava desconfiada de que algo não ia bem, e comuniquei que nosso trabalho havia acabado, que iríamos apenas fechar um acordo na primeira audiência trabalhista.

Ouvi uma chuva de perguntas, principalmente de Priscilla e Marina, que trabalharam tão duro com nossas testemunhas de defesa, mas eu lhes informei que era assunto encerrado, ordens do Diretor Executivo da empresa.

No final do expediente, um boy entregou o pouco de coisas minhas que estava na sala do Frank, e eu fui para o flat. Passei na administração, acertei todas as taxas e encargos do contrato e prometi desocupar o apartamento no dia seguinte.

Passei toda a noite arrumando minhas malas, entre lágrimas e taças de vinho e, por fim, dormi no sofá da sala. Acordei no outro dia com dor de cabeça e nas costas e me lembrei das coisas que havia deixado na cobertura.

Voltar àquele lugar seria uma tortura e, visto que Frank tinha ficado com algo mais importante, eu poderia deixar aquelas coisas materiais para trás. Ele que colocasse fogo, jogasse no lixo ou doasse para uma instituição.

Fui ao aeroporto sem saber se conseguiria vaga em algum voo e, por sorte, consegui embarcar no primeiro que saiu rumo à capital paulista.

Cheguei a casa, e mamãe, provavelmente avisada pelo meu pai, esperava-me de braços abertos e brigadeiro de colher na panela. Eu não queria falar sobre Frank, eu não queria falar sobre Melissa ou Julio Boldani.

Apenas fiquei lá, empanturrando-me de doce, deitada em seu colo, do mesmo modo em que

estive há quase dez anos.

No outro dia me levantei cedo, arrumei-me e fui para o escritório. Hal me recebeu muito bem, disse que meu trabalho foi elogiado pelo CEO da Rede Villazza e que, apesar do desenrolar da ação criminal, iríamos fechar um bom acordo na trabalhista. Eu não discuti, afinal, o dinheiro não era meu.

Então os dias foram passando, entre ir para a casa e para o escritório. Eu fui seguindo a correnteza e me deixando levar. Trabalhava muito, comia pouco, dormia menos ainda.

Até que chega uma notificação de que a audiência entrou em pauta e que o dia para a conciliação foi marcado.

— Isabella? — Diana, uma colega de trabalho, me chama. — Telefone para você.

Eu assinto, respiro fundo e atendo.

— Doutora Romanza.

— Uau! Eu havia me esquecido de como sua voz é bonita!

Eu não consigo decifrar quem é.

— Quem fala?

— É o Nicholas, Isabella. Nos conhecemos em Genebra...

Nicholas Smythe-Fox? Eu fico surpresa.

— Oi! Como vai?

Ele ri, charmoso.

— Estaria melhor se tivesse se lembrado da minha voz, mas... — Ri de novo. — Estou bem.

— Que bom! Em que posso ajudá-lo?

— Eu preciso do conselho de um advogado e pensei em você.

— Claro! Se eu puder ajudar...

— Podemos nos falar num restaurante na Bela Cintra? Está quase na hora do almoço e eu já tinha reserva...

Eu rio um pouco, como se ter reserva para dois numa rua onde se encontram os restaurantes mais caros e mais badalados da cidade fosse simples.

— Claro, eu o encontro...

— Ficaria estranho se eu dissesse que estou parado... — ele cochicha — irregularmente na entrada do prédio do seu escritório? — Eu rio com vontade agora. — Veja bem, não sou desse tipo, mas eu vinha pela rua e lembrei que o escritório em que você trabalha fica aqui e... bem, estou mesmo precisando de um conselho de advogado.

— Estou descendo, Nicholas.

Pego minha bolsa e me despeço de Diana. Eu preciso distrair minha mente e nada melhor que Nick Smythe para conseguir esse intento.

Quando chego ao térreo me lembro de não ter perguntado a ele o modelo de seu carro, mas quando vejo o Porsche preto parado do outro lado da rua – realmente de forma irregular – próximo a um hidrante, tenho certeza de que é o carro dele.

Assim que piso na calçada, ele sai do veículo, e eu, mais uma vez, noto sua beleza. Caramba! Ele me faz sinal para correr e, amalucadamente, saio correndo por entre os carros na rua.

Entro no automóvel rindo como adolescente, e ele dá a partida.

— Por que tive que correr tanto? — confesso que estou sem fôlego.

— Eu vi um guarda. — Ele ri. — Tive medo de ser guinchado e perder a reserva.

Gargalho com a cara de medo que ele faz. O homem é uma figura!

— Você continua tão bonita quanto estava no baile. — Olha-me de soslaio. — É bom saber que não era ilusão de ótica por causa da maquiagem.

Eu acho graça.

— É sempre tão direto assim?

— Não gosto de falsos elogios, nem meias-verdades. — Dá de ombros. — Eu prezo a sinceridade e, acima de tudo, a honestidade.

— O mundo seria bem melhor se todos pensassem assim...

— E você morreria de fome... — debocha.
— Se todos fossem honestos, não necessitaríamos de tantas leis e regras, conseqüentemente, não haveria advogados.

— Olhando por esse lado... — Eu resolvo brincar: — Então eu poderia ter seguido a carreira de atriz ou cantora...

— Sério?

Eu rio, negando.

— São belas profissões, mas, infelizmente, não tenho talento para nenhuma delas. Ser artista exige talento!

— Para qualquer coisa se exige algum talento, cara Isabella. Mas sem paixão, mesmo o mais talentoso passa a ser apenas mais um.

Penso no que ele diz e concordo. Eu sou apaixonada pelo direito, estudo muito e corro atrás de me manter atualizada e preparada. Sempre tive o

talento para ser advogada, mas o que me faz querer me aprimorar a cada dia é a paixão.

— Eu soube que o Baden se livrou da cadeia! — Droga! Esse é o último dos assuntos que eu quero falar. — Suponho então que seu... trabalho na Villazza acabou.

Não gosto da pausa que ele fez antes de dizer “trabalho”, mas talvez ele apenas não saiba o que dizer sobre Frank e mim, ou, talvez, esteja mesmo se referindo ao trabalho.

— Ainda não — digo sincera. — Tenho uma última audiência marcada para semana que vem.

Ele assente, fica um momento em silêncio, mas volta a me perguntar:

— E seu relacionamento com Frank Villazza?

Sinto um frio percorrer minha espinha, pois nunca falei do assunto com ninguém.

— Não há mais relacionamento — confesso que sinto uma pontada no peito ao dizer isso.

Ele entra no estacionamento do restaurante, para o carro e, antes de sair para entregar as chaves ao manobrista, fala-me algo que martela meu peito:

— Isso é bom, pelo menos para mim. —

Encara-me. — Nunca pensei que veria o Frank apaixonado por alguém, mas devo ter me enganado. Vamos?

Pedimos um prato tradicional de bacalhau, uma vez que a especialidade do restaurante é a comida lusitana, e Nick me convence a tomar, pelo menos, uma taça de vinho.

Ele se mostra uma companhia agradável, jovial, divertida e, ao mesmo tempo, pé no chão e madura. Conta-me um pouco de suas obras ao redor do mundo, principalmente na África, onde trabalhou pela Holding e pela fundação presidida por sua mãe.

Já estamos na sobremesa quando noto uma sombra sobre nossa mesa e vejo Melissa Boldani ao nosso lado. Nicholas, cavalheiro como se mostrou ser, põe-se de pé e a cumprimenta como se fossem amigos.

Eu respiro fundo e faço o mesmo.

— Como vai? — indago a ela quando Nick nos apresenta.

— Bem. — Ela fala algo à sua companhia, outra moça alta e magra que Nick chamou de Pietra, e essa vai para sua própria mesa. — Eu gostaria de falar um momento com você, doutora

Romanza.

Meu coração retumba no peito.

— Eu não creio que...

— Me desculpe, mas eu realmente necessito falar com você. — Olha para o Nick. — Você poderia nos dar licença um momento?

Ele me olha, surpreso e interrogativo, e eu concordo que ele nos deixe.

Melissa se senta no lugar dele, e eu faço o mesmo em meu próprio assento.

— Papai me contou sobre você, Isabella.

Eu arregalo os olhos.

— O quê? — Sinto o chão rodar.

— Que somos irmãs. — Ela me olha. — Foi uma surpresa apenas para mim, porque, ao que parece, a mamãe já sabia da sua existência.

Oh, meu Deus! Ele falou de mim para a família que ele tanto protegeu esses anos todos?!

— Minha mãe está bem, sabe? Ela esteve, por muitos anos, chorando a perda do Rico, mas já se encontra bem. Voltou a trabalhar em suas causas sociais e parece mais forte para recomeçar a vida sem ele...

— Sem ele?

— Sim, sem nosso pai. — Nosso pai? Oh,

Deus! — Eles finalmente estão se divorciando. Eu sempre soube que o casamento deles era mera aparência, pois viviam em quartos separados há muitos anos, e sabia também que papai estava com ela para ajudá-la e ampará-la, e ele fez isso muito bem, mas como amigo.

Meu corpo inteiro está tremendo.

— Eu gostaria de te dizer que não tenho nenhum motivo para ter raiva ou rancor de você. — Ela sorri, linda. — Você, dentre todos eles, é a que menos tem culpa nessa história toda.

Oh, meu Deus! Meus olhos viram poças d'água e eu tenho medo de começar a chorar como um bebê.

— Ele me contou sobre o Frank...

Eu fecho os olhos, tentando conter todos esses sentimentos.

— Ele me disse, em Lima, que havia conhecido alguém, e eu percebi que, de verdade, ele estava apaixonado pela primeira vez. — Ela toca minha mão, e eu a olho. — Eu não sou do tipo que gosta de uma intriga, Isabella, nunca fui. — Ri. — Minha mãe diz que eu sou uma mosca morta, mas é o meu jeito! — Ela fica séria. — Não vou mentir para você. Eu gostei dele a minha vida

inteira, sabe? Desde criança. Mas... — dá de ombros — a canção tocou na hora errada, como diz aquela música.

Eu sinto as lágrimas escorrendo e vejo Nick vir em minha direção, assustado.

— Não sou eu quem ele quer. É você, e eu, como amiga dele, me sinto feliz porque sei que você o quer também...

— Algum problema? — Nick questiona vendo meu rosto molhado pelas lágrimas. — Isabella?

— Está tudo bem, Nick — quem responde é a Mel. — É só um papo entre irmãs aqui.

Ele franze o cenho, e eu indico com a cabeça que está tudo bem.

— Eu soube, pelo Tony, que Frank anda como um louco, sabe? — Ri. — Irritado, brigando com todos, bebendo e, principalmente, sofrendo muito desde que você voltou para cá.

Eu soluço ao ouvir isso, e Nick me oferece um lenço.

— Eu disse coisas horríveis a ele... Eu não sei se ele ainda...

— Sim! Ele te quer! — é Nick quem diz isso. — Vamos lá, eu vou te levar de volta e você

irá providenciar uma passagem no primeiro voo para Curitiba...

Eu rio ao vê-lo me encher de ordens, e ele tenta se justificar:

— Não posso deixar um camarada sofrendo!

Eu o olho divertida e vejo Mel fazendo um gesto que eu faço sempre, rolar os olhos.

— Homens!

Levanto-me, pronta para, se preciso, arrastar-me aos pés de Frank.



*Quantas noites não durmo
Aa rolar-me na cama,
A sentir tanta coisa
Que a gente não pode explicar
Quando ama...
Volta – Fábio Jr*

Esses trinta dias sem Isabella foram

NACIONAIS - ACHERON

os mais longos da minha vida, posso afirmar com certeza. Eu me olho no espelho e não me reconheço, não reconheço esse homem patético que me tornei.

Trinta dias... Bastaram trinta dias para que eu me apaixonasse, porém, descobri que não levaria o mesmo tempo para esquecê-la.

Depois do dia em que disse a ela que a amava e ela disse não acreditar no meu amor, eu passei a semana toda trancado dentro do flat, sem Lucinda, a comer de restaurantes de entrega e tomar café. Pensei, seriamente, em voltar a fumar, mas eu não queria, pois se eu conseguisse resistir ao vício naquele período, eu sabia que nunca mais voltaria a estar com um cigarro na boca.

Abandonei as corridas matinais, assim como o trabalho – deixando tudo nas costas de Tony, inclusive a mim –, não saía de casa e nem falava com ninguém. Desliguei o celular, em parte para não cair na tentação de ligar implorando que Isabella voltasse e também para não ter ligação com o mundo.

Eu acordava tarde, comia o suficiente, tocava o tempo todo, assistia a televisão e passava a noite inteira a olhar a cidade, pensando se o que

estava me acontecendo era o resultado de anos e anos apenas usando as mulheres e o sexo ou se era algo normal, algo por que qualquer homem passa.

Caía desmaiado na cama, de sono, cansaço pelo dia ocioso e bebida. E no dia seguinte, começava tudo de novo.

Tony tentou me ver, mas eu proibi a sua entrada, mas, infelizmente, esqueci de proibir minha irmã intrometida, que apareceu no fim daquela primeira semana de fossa.

— Abra a porcaria da porta, Francesco Villazza! — ela gritou esmurrando a madeira.

Minha cabeça estava doendo, parte por causa da ressaca, parte por não comer direito. Abri a porta e a encarei, puto.

— Vá embora, porra! — Ela me olhou debochada. — Ninguém te chamou aqui!

Giovanna gargalhou e entrou, jogando-me para o lado ao passar.

— Uau! — Olhou meu apartamento. — Isto aqui está um nojo, Frank!

— Não enche, Gio, e vá embora!

Ela pegou um pedaço de pizza de pelo menos três dias antes.

— Me lembra do seu quarto na casa do

babbo. — Balançou a cabeça. — Você nunca foi muito organizado, não é? — Começou a recolher todo o lixo das entregas. — Mas porco? Francamente!

— Eu não vou pedir de novo, Gio...

— Pode pedir mil vezes, *padulo*! — Ela se aproximou de mim e me abraçou. — Eu nunca deixaria você sozinho aqui.

Caralho, aquilo me desarmou, afinal, ela era a minha pequenininha, o meu solzinho!

Chorei como um bebê em seus braços, e ela apenas ficou ali, segurando-me, consolando-me sem dizer uma só palavra, apenas sendo minha irmã.

— Isso dói como uma praga, Gio... — revelei ainda soluçando. — Eu não quero essa merda dentro de mim! Eu nunca quis! — Ela me abraçou mais forte. — Eu só queria esquecê-la. Esquecer que, um dia, ela esteve aqui...

— Você vai, Frank. — Ela me encarou com seus enormes olhos. — Você vai!

Giovanna ficou comigo, limpou as bagunças que eu havia feito, pôs-me no banho e só não cozinhou porque a *princesa* nunca nem ferveu uma água para o café, mas pediu comida

japonesa.

Depois daquele dia, eu percebi que, embora estivesse sofrendo – para caralho – por Isabella, eu tinha uma família, eu tinha amigos e tinha um negócio que dependia de mim e não podia deixar tudo nas costas do Tony.

Voltei a trabalhar como um louco e a correr também. Saía de casa às 5h da manhã, porque não conseguia dormir mais do que isso, e corria até às 7h todos os dias. Ia para o escritório e não saía nem para comer, almoçava em minha sala e só voltava para o flat para dormir.

Quando retornei, notei que Tony havia limpado qualquer vestígio de Isabella da minha sala. A pequena mesa redonda com quatro cadeiras estofadas estava de volta ao canto onde ficava a mesa dela.

Todavia, admito que não havia um só lugar que eu olhasse naquele maldito lugar que não me trouxesse uma lembrança dela, seja nas vidraças, olhando a cidade; seja em cima da minha mesa, tendo um orgasmo incrível.

Eu estou ferrado, essa é a verdade. Não tem um só lugar que eu vá que não traga de volta aquela mulher à minha memória.

NACIONAIS - ACHERON

Na terceira semana eu já estava melhor, embora com o humor azedo e a grosseria na estratosfera. Conseguia dormir e comer melhor, mas ainda sonhava com Isabella. Voltei a andar de moto e a frequentar os clubes a que sempre gostei de ir. Flertei com algumas mulheres, mas não tive interesse suficiente para levar qualquer uma delas para a cama.

Resolvi voltar a praticar boxe e dei tantos socos no saco de areia que meu *coach* me mandou parar, gritando comigo.

Ainda continuava a beber, a ponto de Tony invadir minha casa e fazer a limpa no meu estoque de bebidas. Eu blasfemei por ter irmãos tão intrometidos e levei um esporro da minha cunhada, que me lembrou que só tinha a nós, a nossa família, e que não queria perder mais ninguém, principalmente por eu pilotar embriagado, como fiz algumas vezes.

Maneirei na bebida na quarta semana e já conseguia fazer algumas piadinhas. Tive uma recaída no meio da semana, chorando como um bebê apenas por assistir ao jogo do meu time e me lembrar do dia em que a levei ao estádio. Deletei todas as fotos que havia tirado dela, todos os

vídeos, tudo o que me lembrava de Isabella.

Suas roupas, assessórios e produtos, deixados para trás dentro do meu armário, foram empacotados na segunda semana, mas eu não havia tido coragem para enviá-los. Alguns dias depois abri a mala e pegara uma calcinha de renda branca daquele conjunto da nossa primeira noite no chuveiro. Despachei a mala no dia seguinte, mas a maldita calcinha ficou andando comigo por aí, enfiada num dos bolsos das calças que eu usava.

Eu dizia a mim mesmo que ela seria como um lembrete. E que, cada vez que eu pensasse em baixar a guarda para uma mulher, eu a pegaria e me lembraria da dor de ter sido rejeitado.

Termino de me arrumar e, como em todos os dias, enfio a calcinha no bolso. Clayton já está à minha espera, assim como todos os jornais, nacionais e internacionais, que ele compra para mim.

O clima está quente, e eu já posso ver as lojas sendo enfeitadas para o Natal. Esse ano, como todos os outros, eu passarei as festas de final de ano com minha família e aproveitarei para descansar alguns dias em Roma.

Faço uma nota mental de comprar um
NACIONAIS - ACHERON

presente para minha afilhada, Ângela, e que não é para eu pedir a Alice que compre, como fiz no ano passado, afinal, trata-se da filha dela, e eu devo mostrar mais consideração pelas duas.

Chego ao escritório e recebo meu café de Charles. Eu tenho cinco reuniões e meu expediente só irá se encerrar depois das 10h da noite.

Decidi que essa noite eu voltarei à ativa. Irei a Joker's, comerei a primeira gostosa que me dê mole e expurgarei qualquer ranço que Isabella tenha deixado no meu corpo.

Trabalho a primeira metade da manhã animado com essa ideia, mas de repente, Marina entra como uma flecha no meu escritório.

— Marcaram a audiência! — joga a informação no meu colo como se fosse algo corriqueiro. Eu tento fingir que é.

— Já não era sem tempo! A Rebecca vai ser a preposta. — Eu já conversei com a gerente do Convention sobre isso, mas Marina não sabe.

— Pensei que você quisesse acompanhar isso pessoalmente, Frank. — Ela me encara. — É ainda por causa da Isa...

— Não — corto-a antes que ela diga o maldito nome.

— Bem, de qualquer forma, essa será minha última atividade como estagiária aqui na Rede, então, obrigada pela oportunidade.

— Por que você não fica mais por aqui, Marina?

— Ah, Frank, eu preciso de um advogado para assinar meus relatórios, e Isabella foi muito gentil assinando-os durante esse mês, dizendo que eu estou fazendo o acompanhamento processual, mas depois da audiência, ela não terá mais nenhum vínculo conosco...

Eu tenho que me segurar para não fechar os olhos. Solto o ar que retive aos poucos, para que ela não perceba o quanto o que disse me machucou, pois eu sei disso. Depois do acordo fechado na audiência da semana que vem, não haverá mais nenhum elo de ligação entre nós.

Eu converso mais um pouco com Marina, e ela sai da sala, deixando-me sozinho, perdido em pensamentos. Mal consigo expulsar Isabella da minha mente, e Alice anuncia ligação do escritório do Hal. *Cazzo!*

— Oi, Hal! — saúdo-o tentando parecer como sempre.

— Frank, meu amigo, finalmente vamos

findar esses processos! — ele parece animado. — A Isa acabou de me informar que a audiência foi marcada!

— Sim, a Marina me informou aqui. — Quero terminar a ligação, mas tenho uma ideia. — Hal, vocês podem substituir o advogado tão em cima da audiência?

— Claro que sim... — Ele pensa. — Mas por que vocês querem isso? — *Vocês?* Eu fico mudo. — A Isa me pediu isso na semana passada, mas eu neguei, visto que ela acompanhou todo o processo daí. Achei que você fazia questão de que fosse ela...

Ela também não quer mais me ver? Ótimo!

— Não acho necessário deslocar a doutora Romanza até aqui apenas para fechar um acordo. Mande outro, Hal.

— Espera um minuto, Frank... — ele fala longe do telefone, mas posso ouvir. — Diana, a doutora Romanza... saiu? Foi almoçar com quem? Será que foi com ele? — Hal parece animado. — Diana, você tem certeza de que ela saiu assim que recebeu a ligação do Nicholas Smythe-Fox, da Novak?

Eu fico pálido ao ouvir isso e nem consigo

mais escutar a voz animada de Hal. Isabella saiu para almoçar com Nick! Meu sangue ferve ao imaginar que, enquanto eu estou aqui, praticamente no chão, ela está se divertindo com aquele piá desgraçado!

Sinto-me tão puto que desligo o telefone e começo a andar pela sala. Alice anuncia que chegaram os participantes da minha segunda reunião do dia, e eu sequer tento me lembrar do que ela se trata, puto.

Saio da sala como um raio, andando batendo os pés no chão como um cavalo xucro, sentindo-me um verdadeiro otário por ter me apaixonado por ela. Talvez ela consiga confiar no amor de Nicholas Smythe. Talvez o fato de Nick ter demonstrado interesse nela a tenha feito pensar melhor sobre um relacionamento comigo e tenha despertado a vontade de investir no herdeiro da Novak.

Figlia di puttana! Eu entro, transtornado, azedo e irritado na sala para a reunião, a mais light que eu terei no dia, transformando-a numa arena de batalha.

— Estou de mudança para São Paulo, Frank
— Giovanna, que apareceu ainda bem cedo no meu apartamento, me avisa no dia seguinte. — Eu vou começar a trabalhar na Ello Publicidade. — Ela ri.
— Eu sugeri a eles que, já que me tornei sócia, o nome da agência deveria ser ElloGio... — Eu franzo o cenho. — Eu sei, é péssimo, mas não resisti à brincadeira!

Eu tento rir junto com ela, mas estou de mau humor. Gio acha que eu não entendi a piada e tenta explicar...

— Ello é a junção dos nomes de Elton Simplício e Lori Sandler, meus sócios... entendeu?

— Ainda continua não tendo graça!

Ela bufa e me dá um tapa, chamando-me de chato.

Depois de aguentá-la por mais alguns minutos, finalmente me ponho a caminho da empresa. Decidi dirigir e dispensar Clayton, que se tornou pai nessa madrugada. Falando em madrugada... estava tão puto que não voltei à ativa como gostaria.

— Bom dia, Alice!

— Senhor Villazza...

Eu paro, antes mesmo de tomar meu café.

— Antes do café, Alice? Tem certeza? —
Ela sabe o quanto sou mal-humorado sem meu café.

— É um recado da Marina. — Ela me estende um papel. — Parece que aconteceu alguma coisa com ela...

Eu fico lívido e pego o maldito recado.

Viro as costas e saio correndo em direção às escadas. Pego o celular para ligar para o meu irmão e confirmo o que há escrito no bilhete. O celular está desligado.

Desço os três andares de escadas até chegar ao corredor onde fica a suíte que, há algum tempo, ele usou enquanto sua casa estava sendo reformada. Marina me disse que estava lá em uma situação complicada e que não conseguia falar com ele.

Bato à porta, sem saber ao menos se ela consegue abri-la, mas quando a vejo, linda, bem-arrumada e sorridente, não entendo nada.

— Tente ouvir antes de gritar. — Ela me puxa para dentro e sai do recinto.

Eu estou perplexo e achando que todos ficaram loucos hoje. Olho para a suíte, uma das melhores que nós temos no hotel, sem entender o

PERIGOSAS

que estou fazendo aqui.

Estou prestes a me virar e ir embora,
quando *a* vejo e meu coração parece parar de bater
dentro do peito.

NACIONAIS - ACHERON



*Eu disse: eu não vim aqui para te deixar
Eu não vim aqui para perder
Eu não vim aqui acreditando que estaria
Longe de você.*

*Eu não vim aqui para descobrir
Que há uma fraqueza em minha fê.
Eu fui trazida aqui pelo poder do amor
Love by Grace – Lara Fabian*

Eu vejo Frank ficar surpreso, mas somente por um instante, pois, no segundo seguinte, ele vira as costas e caminha em direção à porta da suíte.

— Por favor, não vá! — Eu estou disposta a tudo para fazê-lo me ouvir e não irei deixá-lo simplesmente ir.

Ele para, e vejo seu peito se encher de ar e o soltar vagarosamente.

— Nós já dissemos tudo um ao outro, Isabella. — Sinto-me tremer, mas eu não irei fraquejar. — Não há mais nada... Volte para São Paulo!

Eu caminho até ele.

— Há algo que eu não disse, Frank. Algo muito importante...

Ele se vira para me encarar, e eu sinto frio ao mirar seus olhos.

— Nada que possa me dizer tem alguma importância. — Ele assume o sorriso torto e o olhar debochado. — Você tinha razão, eu só estava empolgado; passou.

Isso me fere como um ferro em brasa, mas não vim até aqui para desistir sem lutar.

— Pois para mim, não. — Ele vira as costas para sair novamente. — Eu ainda amo você! — Ele se detém e sinto a esperança nascer de novo. — Eu amo você há muito tempo, eu apenas tinha medo de admitir...

— Eu sinto muito por você! — É como se todo o sangue do meu corpo parasse de circular. — Mas tenho certeza de que você irá encontrar alguém à altura para dar todo esse amor.

— Não, Frank. Eu não vou, porque te pertence! — grito, já um pouco desesperada. — É seu e, independentemente do que você sentir ou não por mim, continuará sendo!

Ele se vira ainda com o olhar debochado e o sorriso torto.

— Você tem um jeito bem diferente de amar, não é, Isabella? Ou talvez você saiba separar muito bem o seu amor do seu corpo, não é?

Isso me pega de surpresa, pois eu não estou entendendo aonde ele quer chegar.

— Eu não...

— Nicholas Smythe-Fox sabe que você veio até aqui hoje? — Ele se aproxima de mim. — Ou não conseguiu fazê-lo de bobo como você fez comigo?

Eu arregalo os olhos, compreendendo do que ele está me acusando.

— Eu não tenho e nunca tive nada com o Nicholas...

— Mesmo?! — Ri em deboche. — Perdeu seu tempo, Isabella.

Eu estou sem ação, não consigo acreditar que cheguei aqui tão cheia de esperança, pensando em encontrar o homem que disse que havia se apaixonado por mim, apenas para ouvi-lo me acusar de estar me vendendo pelo melhor lance!

Porém, não, ainda que ele me magoe, eu não irei desistir! Corro à frente dele e me encosto à porta.

— Eu nunca ameí ninguém como amo você...

— Sai da porta, Isabella!

— Eu apenas tive medo, eu apenas não estava pronta para esse sentimento, Frank. — Eu me descontrolo e choro. Frank recua e fica pálido, tão vulnerável quanto eu o vi há um mês. — Eu era apenas uma criança birrenta, ciumenta e machucada, mesmo sabendo o que nós estávamos sentindo. — Eu tenho vontade de me sentar no chão e me abraçar como uma bola, mas me

mantenho de pé. — Mas, quando eu pensei que você poderia ter tido algo com a Mel... — Respiro fundo para me controlar. — Desde que eu descobri sobre ela, eu a invejo. — Sustento o seu olhar. — Ela tinha tudo o que eu sonhei, e não estou me referindo ao dinheiro, Frank. Ela *o* tinha!

Ele parece desarmado ao me ouvir falar do meu pai.

— Julio sempre foi o pai dela, nunca o meu. Embora ele dissesse que me amava, embora ele estivesse sempre que podia em minha casa, ele não *me* via. — Soluço, lembrando-me de todas as dores que aquilo me causou. — Eu fazia de tudo para agradá-lo e ser perfeita para orgulhá-lo, mas ele era sempre distante, ele nunca estava por perto quando eu precisava, nunca estive nos meus aniversários ou nos Natais. — Seco, com a mão, meu rosto molhado. — Eles mentiam para mim, Frank, meus pais. Julio, para preservar a esposa oficial, e minha mãe, para proteger seu relacionamento de mentira.

— Isabella, eu não...

— Apenas me deixe explicar! — eu imploro. — Apenas me deixe explicar porque era tão difícil eu acreditar que alguém pudesse me amar, Frank. — Ele assente. — Eu pensava que ele

era caminhoneiro, por isso nunca reclamei de suas faltas. Nunca. Sempre que eu ficava chateada com ele por ter perdido uma apresentação na escola, minhas formaturas, eu o desculpava dizendo que ele estava trabalhando para nos dar o melhor. — Frank balança a cabeça. — Eu só descobri a verdade quando, por acaso, conheci o Thiago.

— Ele é seu primo...

— Sim, mas na época eu não sabia disso. — Nego veementemente com a cabeça. — Somente por causa de uma coisa que ele falou foi que eu pesquisei e descobri que meu pai e o tio dele eram a mesma pessoa.

— Eu não entendo como o Julio pôde...

— Ele ama muito a minha mãe, isso eu não posso negar. Mas eu sempre me senti sobrando, sabe? — Rio, triste. — Eu não fui planejada, apenas aconteceu. Eu sempre soube disso, mas nunca tinha me incomodado. — Eu relembro o momento em que, sim, incomodou-me e me machucou. — Até eu descobrir que ele tinha a filha perfeita, criada como princesa, cujas fotos de todos os eventos e festas que ele fez para ela estavam em todos os sites.

— Eu sinto muito que tenha sido assim para

você, Isabella. Mas...

— Você tem ideia do que eu senti quando ela entrou naquela sala com seu celular? Tem ideia do medo que, assim como meu pai, você preferisse a ela e me deixasse? Eu já te amava, Frank, muito, mas tive medo de reviver a mesma situação. Tive medo de querer ser amada por um homem que só via a ela...

— Eu não sou seu pai, Isabella. — Ele está sério. — E eu lhe disse isso. Eu lhe contei tudo! Nunca houve a possibilidade de eu querer a Mel, pelo menos não de forma romântica, apenas como a amiga que ela sempre foi.

— Eu acredito nisso.

— Mas não acreditou quando eu lhe disse! — ele quase grita, mas se controla. — Eu também não posso acreditar no que você diz sentir por mim. Se fosse de verdade, você nunca teria duvidado.

Ele apenas me empurra para o lado e sai, deixando-me dentro deste quarto e me fazendo me sentir fria e vazia.

Minutos mais tarde, Marina entra na suíte e abre os braços para um abraço. Eu sinto o conforto de alguém que já passou por tantas perdas em sua vida, que entende o que eu estou sentindo.

— Ele não me quer mais...

— Não, Isabella. Ele a quer muito, mas é muito orgulhoso para admitir isso, ainda mais depois do modo como sofreu.

Eu não tenho mais lágrimas, não choro mais, apenas me sinto em cacos, cansada e muito triste.

— Eu não sei se consigo voltar para São Paulo hoje...

— Fique aqui pelo tempo que precisar. — Estou prestes a negar, mas ela insiste: — Antonio e eu fazemos questão. Ele está com o Frank, Isa. Meu noivo sabe o que ele está sentindo, porque conosco também ocorreu um fato assim, um desentendimento que nos separou. — Eu assinto, pois ela já me contou sua história de amor com Tony. — Tenho certeza de que, se há alguém que pode trazê-lo à razão, é o Antonio.

Eu não quero ter mais esperanças, mas não me resta mais nada. Eu o magoei muito, e ele me magoou de volta. Somos dois cabeças-duras e nossa convivência, desde o começo, mostrou isso. Dois bichudos.

Eu só espero que possamos ser a exceção a essa regra.

Tomo meu banho e coloco a camisola de seda e renda vermelha que trouxe para usar com ele. Causa-me um certo desânimo usar uma peça tão sensual aqui, sozinha e abandonada, mas, na pressa de vir para Curitiba, eu só pensei em estar em seus braços novamente.

Depois que Nick me levou de volta, tive que aguentar o interrogatório de Hal e dizer a ele que a conversa com o herdeiro da Novak foi de cunho pessoal.

Ele ficou um tanto frustrado e me informou que Frank concordara com a minha substituição no processo e que eu precisava assinar um substabelecimento, designando outro advogado. Eu, é claro, neguei-me.

Saí de lá pronta a vir com a roupa do corpo, mas, incrivelmente, não havia vaga em nenhum voo. Fui para casa e conversei com a minha mãe. Contei-lhe sobre a abordagem de Mel, que ela tinha sido muito educada e simpática comigo e perguntei se ela tivera notícias do meu pai.

Julio, pelo visto, não tinha dito nada à dona

Hilda e, por isso mesmo, eu não lhe contei que Mel falou sobre o divórcio dele. Não sabia se, finalmente, ele teria coragem de assumir minha mãe como ela merecia.

Dormi mal e, o dia seguinte, embarquei no primeiro voo para Curitiba. Liguei para Marina assim que cheguei e ela me ajudou a arquitetar uma forma de conversar, a sós, com *o poderoso chefe*.

Tudo foi perfeito, eu apenas não contava que ele iria me esquecer tão rápido, apesar do que todos falaram sobre ele ter sofrido muito quando fui embora.

Deito-me na cama, vejo televisão para me distrair e a toda hora confiro o celular, mas quando já é quase meia-noite, eu desisto de ter esperanças e durmo.

Acordo assustada, com a sensação de algo errado. Acendo o abajur ao lado da cabeceira e vejo Frank sentado numa poltrona de frente para a cama. Ele ainda está com o mesmo terno da manhã, embora sem a gravata, segurando em suas mãos... uma calcinha de renda branca. Minha calcinha!

— Eu não consegui sair do hotel... — diz, e eu noto que ele parece nervoso.

— Frank, que horas...?

— São quase 5h da manhã... — Ri. — Vou completar 24 horas acordado e não consigo sair deste maldito prédio.

Eu me sento e noto seus olhos passeando sobre o meu corpo, exposto pela transparência da renda no corpete da camisola. Ele bufa.

— Eu estou com raiva...

— Eu sinto muito por tê-lo deixado assim...

— Não de você! — Ele ri de novo, de si mesmo. — De mim! Estou com raiva de mim por não conseguir ficar longe de você.

Eu seguro o fôlego, sentindo a esperança renascer dentro de mim.

— Eu estava conseguindo seguir em frente e, aos poucos, minha vida voltaria a ser o que era antes... — Põe as mãos no rosto. — Mas eu não quero ser mais aquele homem, Isabella. — Afasto as cobertas das minhas pernas e vou até ele. — Eu não sou mais aquele homem desde que você entrou na minha vida.

— Eu sei disso, Frank. — Ajoelho-me à sua frente. — Eu sei, e foi por isso que me apaixonei por você. — Ele me olha. — Eu te amo. Amo o verdadeiro Francesco Villazza. — Toco-o. — Esse.

Ele geme e me agarra pela nuca, levando-

me ao encontro de um beijo feroz e saudoso. Eu nem consigo acreditar que o estou tocando novamente, que seus lábios estão nos meus e sua língua brinca dentro da minha boca.

Um mês sem ele pareceram uma eternidade!

Ele se levanta, colando-me ao seu corpo, fazendo-me sentir o quanto está duro e excitado. Não penso duas vezes e abro o cinto, fazendo sua calça ir ao chão.

Retiro seu membro de dentro da roupa íntima, deslizando minhas mãos por toda sua extensão, sentindo sua rigidez e a delicadeza de sua pele, tocando-o ritmicamente, deixando-o molhado e pulsante.

— Porra, Bella, eu ainda queria conversar mais...

— Psiu! — Eu aumento os movimentos ao pedir a ele que se cale. — Eu preciso de você dentro de mim...

Ele sorri de olhos fechados, sentindo a sensação que minhas mãos lhe proporcionam. Continuo por mais alguns momentos e depois me afasto, apenas o suficiente para lhe retirar a camisa e o paletó.

Quando o tenho nu, excitado e totalmente

entregue a mim, sorrio satisfeita. O seu olhar percorre meu corpo, absorvendo cada detalhe da minha peça íntima, mostrando admiração no olhar.

— Você fica muito gostosa de vermelho...

— Ele me puxa para seus braços de novo.

Entre beijos, sinto minhas costas no colchão macio da cama. Ele começa a me torturar com seus deliciosos e molhados beijos no pescoço, mordendo minha orelha, deslizando a língua em minha clavícula.

Frank abaixa minha camisola, deixando meus seios à mostra.

— Você é perfeita... — diz isso lambendo cada um deles, chupando meus mamilos.

A sua mão já está dentro da minha calcinha, brincando na minha umidade, lambuzando-se com a minha excitação. Meu clitóris já está duro e sensível, e ele o massageia fazendo movimentos circulares, deixando-me mais molhada. Dois dedos entram dentro de mim.

— Quente, macia... parece o paraíso, Bella... — Ele tira os dedos e em seguida os lambe.
— Saborosa como eu me lembrava.

— Frank...

Ele põe os dedos na minha boca também, e

eu os chupo, fazendo-o gemer de prazer.

Beijamo-nos mais desesperados. Eu o agarro pelos cabelos, um pouco mais longos que o normal, enquanto ele volta com seus dedos para dentro de mim.

— Caralho, preciso te provar agora! — Desce pelo meu corpo, bruto, nervoso.

Ouçõ minha calcinha sendo rasgada e em seguida sinto sua língua dentro de mim. Frank não tem a paciência que normalmente demonstra quando está fazendo sexo oral. Não, dessa vez ele parece querer realmente me comer. Intercala suas lambidas com chupões e mordidas. Sim! E isso me leva à loucura. Meus dedos agarram o lençol abaixo de mim, torcendo-os.

Novamente ele brinca com um de seus dedos dentro da minha cavidade, antes de fazer o mesmo penetrar meu ânus. Eu arqueio o corpo, sentindo o sugar constante de sua boca sobre meu clitóris e seu dedo entrando e saindo.

— Frank, eu vou gozar...! — eu quase grito para ele.

Ele para, mas ao invés de isso me esfriar, eu esquento ainda mais, pois seu polegar está rápido e forte sobre meu ponto intumescido, e eu grito como

louca, sentindo o gozo se espalhar pelo meu corpo e o líquido escorrendo de dentro de mim.

Ele me abocanha de novo, e mais uma vez sou levada às alturas por esse homem.

Ainda nem me recuperei da sensação maravilhosa, e ele me vira de lado, deita-se atrás de mim, levantando minha perna e me penetrando com força, como movimentos profundos e rápidos.

Eu apoio meu pé em seu quadril.

— Eu estava louco de vontade... — Continua com suas estocadas. — Eu te fodia em meus sonhos... Eu sentia seu cheiro, seu sabor...

Novamente seus dedos se posicionam sobre o meu clitóris, ligeiros, seguindo um ritmo perfeito com cada impulso que ele dá dentro de mim.

— Frank... — Eu não consigo me conter. Esse ritmo alucinante desperta, em segundos, meu corpo.

Sua pele está suada, e ele geme como uma fera atrás de mim.

— Goza em mim, que eu vou gozar com você... — me diz ao pé do ouvido. — Te encher com toda minha porra acumulada todos esses dias...

Eu não resisto, e os músculos internos da minha vagina o apertam antes que ele me siga,

PERIGOSAS

mordendo meu pescoço, gritando como um animal.

NACIONAIS - ACHERON



*Não canto de Melô, Pérola Negra;
De Brown e Herbert, nem uma brasileira;
De Ari, nem a baiana, nem Maria,
Nem a Iaiá também, nem minha faceira;
De Dorival, nem Dora, nem Marina;
Nem a morena de Itapoã;
Divina garota de Ipanema;
Nem Iracema de Adoniran(...)*

*Só você, mas que tudo e todas é só você.
Só você, que é todas elas juntas num só ser*
Todas Elas Juntas Num Só Ser – Lenine

— **Sempre me falaram** que o sexo da reconciliação é o melhor, mas eu nunca pude opinar no assunto — comento satisfeito, ainda deitado atrás dela. — Mas, *cazzo*, eles têm razão!

Isabella ri, aconchegando-se, com meus braços envolvendo seu corpo.

— Tenho certeza de que teremos muito sexo de reconciliação ainda.

Respiro fundo, lembrando o motivo da reconciliação.

— Não por causa de um término, eu espero!
Ela se vira para mim.

— No que depender de mim, nunca mais quero me separar de você.

Essa declaração incha meu peito, e eu beijo sua boca com vontade.

— Foram os piores dias da minha vida, pode ter certeza! — Deslizo os dedos em seus cabelos. — Sentia tanta saudade que pensei que iria enlouquecer, Isabella. Nunca mais faça isso!

Ela ri do desespero em minha voz. Porém, é
NACIONAIS - ACHERON

a pura verdade!

— Para mim também não foi fácil, Frank.
— Faz um carinho em meu rosto barbeado. —
Senti falta da barba me arranhado as costas.

— Você precisava ver como eu estava na semana passada. — Rio, lembrando que eu parecia um ermitão. — Não havia me barbeado desde que você se foi e tive um rompante, raspei tudo. Mas vai voltar a crescer...

— Gosto assim também. — Olha no fundo de meus olhos com os seus de gato. — Eu amo você de qualquer jeito, nunca se esqueça disso.

Nossa! A sensação que me invade é incrível, melhor do que qualquer coisa que eu já experimentei. Meu sorriso se alarga no rosto.

— Não vou. — Esfrego o nariz no dela, carinhoso — *Io ti amo*. Eu te amo, Isabella.

Finalmente! Enfim consegui dizer essas palavras represadas dentro de mim. Sinto-me mais leve, mas, ao mesmo tempo, preenchido. Tudo se encaixa de uma forma tão perfeita que me dá a sensação de plenitude, de estar no céu e ouvir sinos.

Sorrio ante a isso.

— Eu nunca me senti tão feliz, Frank. —
Seus olhos brilham. — É maravilhoso sentir seu

amor.

Sinto-me ficar excitado de novo. Caramba! Estamos tentando ser românticos aqui, amigão! Levanto-me e a trago comigo.

— Vamos tomar banho.

Levo-a no colo até o chuveiro, sabendo que, embora eu esteja amando, tentando ser romântico, não posso conter a vontade de fodê-la, comê-la ou fazer amor com ela. Sorrio, prevendo safadezas no banheiro.

— Droga! — ouço a voz preocupada do Tony. — Nenhuma notícia dele ainda, Alice?

— Não.

Eles parecem bem preocupados, e eu imagino que meu irmão certinho deve estar pensando que eu estou jogado por aí, bêbado, depois da conversa e dos esporros que ele me deu ontem.

Rio ao lembrar que ele gritou comigo, ameaçou me socar e até me fazer engolir as bolas para eu aprender a ser homem e a tratar bem uma mulher. Agora eu vejo a graça, mas na hora, só

pensei em mandá-lo se foder.

— Olá! — Entro no escritório ainda com o mesmo terno de ontem. Merda!

— Frank, onde você estava... — Ele olha meu sorriso sujo. — Ah, merda... — Olha para Alice, que sai da sala. — Você esteve comendo alguém, seu filho da...

— Olha o respeito com a *mamma, cazzo!* — Pego minha pasta, abandonada aqui desde ontem. — E, para seu governo, sim. Tive uma noite de sexo e amor com minha futura esposa, o que não é da sua conta!

Ele sorri, parecendo aliviado.

— *Stronzo, testardo!*⁸¹ — acho graça de ouvi-lo me xingar em italiano, como quando éramos crianças. Sempre usávamos essa técnica porque as babás e professoras nunca sabiam o que significavam, assim, nunca ficávamos de castigo por xingar. — Mas parabéns, *fratello!* — Abraçame. — Eu nunca pensei que esse dia chegaria, mas chegou, *Madonna Santa!*

Marina entra na sala, saltitante. Penso que ela irá me parabenizar, mas levo meu tradicional soquinho no ombro, além de ser chamado de *coglione* num sotaque muito ruim.

Abraço-a apertado.

— Obrigada pela ajuda! — Ela devolve o abraço.

— Você é o irmão mais velho que nunca tive, Frank — ouço choro em sua voz. — Tudo o que eu quero é que seja feliz, como sou com Antonio.

Eu bagunço um pouco os cabelos dela e fito meu irmão, que está sorrindo com os olhos verdes brilhantes de lágrimas.

Ai, porra, somos um bando de maricas!

— Então, quando posso organizar a festa de noivado? — Marina pergunta, ajudando Isabella a pôr à mesa.

— Ainda não falamos sobre isso...

— Como assim não falamos sobre isso?! — indago depois de ouvir a evasiva na resposta de Isabella. — O que há para falar? Vamos nos casar o mais rápido que conseguirmos dar andamento à papelada toda... — Olho para Tony, soberbo. — Bem, pelo menos um de nós vai se tornar um homem casado!

— *Porcodio!*⁸²

Eu arregalo meus olhos ao ouvi-lo dizer isso. É melhor parar a gozação, porque o homem está começando a ficar irritado para valer.

— Frank... — ouço Isabella. — Eu não posso simplesmente abandonar tudo em São Paulo e vir morar aqui. Existe minha mãe, meus processos...

— Trazemos dona Hilda para morar conosco! — constato o óbvio. Se o problema é não deixar minha sogra – caramba, eu tenho sogra! – sozinha, então a traremos para ficar conosco.

— Você não conhece minha mãe. — Ri. — Ela nunca irá abandonar aquela casa.

Suspiro impaciente, prevendo mais uma rusga se aproximando.

— Depois acertamos esse último detalhe, *amore mio*, mas já está decretado que você só volta para São Paulo devidamente casada como Isabella Romanza Villazza. Viu como combina?

Ela rola os olhos, e eu volto a conversar com meu irmão, tranquilo, sabendo que tenho tudo sob controle.

Três meses depois.

— Isabella, já estou chegando na sua casa! Atende a porra do telefone!

Eu estou puto da vida por, pela nona vez desde que saí de Curitiba, não conseguir falar no celular dela. Estamos há três meses nesse inferno de namoro à distância, basicamente só nos encontrando aos finais de semana.

Julio está em processo de divórcio com Susana e resolveu, enfim, assumir Isabella para o mundo, o que eu não gostei muito, pois vários empresários amigos dele souberam da existência dela, e eu tenho que lidar com o ciúme em cada local que nós vamos, pois sempre aparece um “amigo do Boldani” para cumprimentá-la.

Isabella insistiu em estar com a mãe enquanto ela ainda vive na casa da Vila Maria, pois Julio está reformando uma casa nos Jardins, a contragosto da minha sogra, mas ele quer lhes proporcionar a vida que eles nunca tiveram juntos.

Essa maldita reforma nunca acaba. Enquanto isso eu tenho que ficar voando toda sexta-feira para São Paulo, ou Isabella é quem vai

para Curitiba.

Ligo de novo, preocupado.

Há menos de um mês ela adoeceu feio, ficando internada alguns dias em observação, por insistência minha, tomando antibiótico na veia para curar uma pneumonia causada por sua teimosia em não se cuidar.

Depois desse evento a convenci a ir mais devagar no trabalho e ter mais tempo para se alimentar corretamente e praticar algum exercício. Ela, mais cabeça-dura que eu, disse que ficou doente não por causa da rotina de trabalho, mas porque fomos para a Europa em janeiro e eu a deixei nua a maioria do tempo. No entanto, eu sabia que ela estava bem aquecida e protegida, era só implicância da Isabella mesmo. Oh, mulher teimosa!

Estaciono o carro em frente à casa simples, mas acolhedora e entro sem nem mesmo me anunciar, pois, desde que precisei ficar com ela durante a convalescência, tenho as chaves.

— Bella! — chamo, mas ela não me responde. — Bella...

Encontro-a aos prantos, sentada na cama — agora de casal — em seu quarto. Sinto o sangue

gelar e corro para ela, desesperado.

— O que houve? — Passo a mão pelo seu corpo, conferindo se ela está machucada ou sangrando.

— Eu estraguei tudo...

Fico lívido ao ouvir isso.

— Estragou o quê, Bella?

— Nosso casamento! — E chora mais.

Eu tenho vontade de sacudi-la, pedir explicações, saber o que ela aprontou, mas, acima de tudo, tenho medo da resposta.

— Se acalme e me conte devagar.

— Nossos planos de casamento... meus e das nossas mães...

Sim, eu conheço esse inferno interminável de plano! Tudo o que eu queria era a porra de um juiz, um par de alianças, champanhe para brindar e uma cama à beira-mar, mas, infelizmente, minha mãe surtou quando soube que fui fígado e está preparando uma festa de casamento na Itália, na antiga vila do *nonno* Villazza.

Isso irá demorar meses para acontecer! E agora, pelo jeito que Isabella está chorando, anos!

— Eu não tenho mais coragem para me casar assim...

Ai, porcaria! Ela está dizendo que vai me deixar?!

— Isabella, me fala de uma vez o que, diabo, está acontecendo!

Ela me entrega um objeto preso em suas mãos. Eu olho para aquilo, que parece um termômetro, mas não marca números, e sim, linhas rosadas.

— Eu estou grávida, Frank — ela revela triste.

Fico um instante no limbo.

Sim, exatamente no limbo, sem sentir nada, sem raciocinar, sem nem mesmo respirar. Então, de repente, vejo menininhas com olhos de gato correndo de braços abertos em minha direção.

Solto um grito de felicidade e levanto Isabella da cama, rodopiando com ela no ar.

— Eu vou ser pai! — Nunca senti uma felicidade tão grande, tão plena. Porra, eu amo essa mulher por me fazer sentir isso!

— Mas e o casamento?

— Vamos nos casar já! — Ela arregala os olhos. — Dane-se o que a minha e a sua mãe querem, Bella. — Sento-a na cama novamente. — O que *você* quer? Faz questão de um casamento

tradicional?

Ela nega com a cabeça.

— Então está resolvido! Vamos fugir!

Ela ri, achando loucura. Sei que é, mas, cara, eu vou ser pai, a maior loucura do mundo!



*Era uma vez um Lobo Mau
Que resolveu “jantar” alguém (...)
Mas Chapeuzinho percebeu
Que o Lobo Mau se derreteu,
Para ver você que Lobo
Também faz papel de bobo!
Só posso lhe dizer,
Chapeuzinho agora traz*

O Lobo na coleira
Que não janta nunca mais...
Lobo Bobo – João Gilberto

— **Frank...** — **Sinto-me ser**
sacudido. — Frank!

Sento-me na cama assustado, sem saber o que está acontecendo, coração disparado, completamente alerta.

— O que foi? — Olho para a mulher ao meu lado, minha esposa, a mulher que conquistou meu coração rebelde e me trouxe tantas alegrias que eu nunca poderia ter imaginado.

A primeira delas foi somente o fato de ela me amar. Eu, como vocês acompanharam, não era lá um homem muito confiável e amoroso. Porém, quando Isabella chegou em minha vida, tudo mudou. Eu passei a perceber que eu queria mais que uma noite, mais que uma transa, mais do que prazer. Eu queria amor, eu queria ser amado, eu queria uma família e alguém ao meu lado para sempre.

E ela me deu tudo isso.

É verdade que pensei que ela seria apenas mais uma na minha cama, um desafio a vencer,
NACIONAIS - ACHERON

nada mais. Como me enganei! Eu comecei a mudar aos poucos, mesmo antes de ter minha primeira noite com ela. E depois, quando ela finalmente se entregou, foi derrubando cada uma das certezas que eu tinha sobre mim e sobre minha vida.

Ela me deixou com raiva, me levou ao céu, me fez cair no chão e, agora, me faz caminhar com ela lado a lado. O Frank Villazza playboy e cafajeste ainda existe dentro de mim, mas apenas se revela quando ela o chama, geralmente em sua cama.

Contudo, o homem que ela fez nascer, aquele que ama de verdade, que gosta de carinho, de conversar e de dormir de conchinha é quem eu sou hoje, é quem eu quero ser para sempre.

Isabella supriu em mim, sendo única, a necessidade que eu tinha de todas as outras. Desde que ela chegou a Curitiba, fez com que eu não enxergasse nenhuma mulher. Mesmo eu notando o quanto elas podem ser bonitas e gostosas, já não me excitam ou me enternecem como minha Bella o faz.

Depois que fizemos as pazes e voltamos a estar juntos, eu nunca mais pensei em ficar longe dela. Queria um casamento rápido e simples para

poder senti-la minha de corpo e alma e mostrar ao mundo que o cafajeste virou homem de família, mas... Isabella quis esperar.

Eu entendi a preocupação dela com a mãe, com a situação do pai, que estava se divorciando, bem como sua responsabilidade com os processos que cuidava no escritório de Hal Navega.

Entendi, mas não fiquei nada feliz com isso. Eu queria que ela estivesse comigo todos os dias, ali, presente. Queria tocá-la, dormir junto com ela, sentir o perfume de seus cabelos e ter sua mão na minha, mas tive que me contentar com três meses de vídeos-chamadas e namoro aos finais de semana.

Três meses que ainda poderiam ter virado uma eternidade, pois fiz a besteira de levar Isabella até a Itália, para casa. Ela estava muito constrangida, pois sabia da relação de amizade que meus pais tinham com Julio e Susana, mas Andreas e Silvia são pessoas incríveis e a trataram como ela merece, com carinho e respeito.

Nem preciso dizer que minha mãe foi à loucura quando a pedi em casamento, todo formal e bonitinho, na véspera de Natal. A minha família inteira estava reunida, o grande clã

Villazza, com mais de duzentas pessoas, na festa.

Eu, apesar de ter sido romântico e emotivo, percebi ter feito besteira somente um tempo depois, quando minha mãe começou, junto com minhas tias, a planejar um casamento tradicional e suntuoso. Não tive muita escolha naquele assunto, mesmo porque minha cunhada não ajudava marcando seu casamento, deixando minha mãe com todos os seus canhões de criatividade e romantismo apontados apenas para mim.

Fui pego no meio de uma sessão de fotos antigas de todas as noivas da família e queria um buraco para me esconder daquilo. Minha mãe é louca por fotos e monta seu acervo desde quase a época de Cristo – um pouco exagerado, mas expressa bem a que ponto dona Silvia é fissurada por fotos antigas de seus ascendentes.

Meu pai, percebendo no que eu estava metido, chamou-me para o escritório, onde estava com Tony, serviu-me uma boa dose de *grappa*⁸³ e me ofereceu um charuto – que abri mão, pois parei de fumar qualquer coisa e pretendo continuar assim.

Ficamos ali, naquele reduto masculino – com móveis rústicos e pesados, cadeiras estofadas

NACIONAIS - ACHERON

em couro e uma parede de pedra com lareira – por horas, conversando sobre negócios, futebol, política e carros – meu pai é um dos entusiastas do automobilismo e fã da escuderia Ferrari.

Quando Tony saiu do recinto para atender um telefonema, Andreas Villazza me surpreendeu, entregando uma caixinha de madeira com cartas e fotos, muitas fotos de uma mulher jovem e bonita com um bebê de enormes olhos azuis no colo: Isabella e sua mãe.

Eu peguei uma fotografia de Bella ainda menina, na casa dos cinco anos de idade, soprando as velas de um bolo simples, e uma lembrança veio à minha mente. Eu já tinha visto aquela foto!

Olhei para meu pai apavorado, e ele, altivo, apenas ria.

— Você se lembra, então!

— Sim. — Eu olhei a foto novamente. — Eu achei essa foto em seu escritório quando estava de férias da escola. — Ele assentiu. — Discuti com você porque achei que estivesse enganando minha mãe e que ela — olhei novamente para Isabella — fosse sua filha.

— Eu lhe pedi que confiasse em mim e garanti a você que eu nunca havia tocado outra

mulher desde que conheci sua mãe. — Eu me lembrei de cada coisa que dissemos naquele dia e da confiança que eu tive no que ele me disse.

— Por que você escondia isso para ele?

— Eu não escondia! — Ele sorriu. — Eu era o contato, Frank. Quando Julio vinha para cá, ela enviava as cartas para mim e eu as entregava a ele. — Eu entendi aquilo, pois Julio não podia ter correspondências de dona Hilda chegando à casa de sua família. — Algumas delas, ele pediu que eu guardasse.

— Por que o senhor o acobertou nisso? Não combina com o homem que é.

Ele riu da minha pergunta, no auge da sabedoria dos seus mais de setenta anos, e me explicou que ele sempre apoiaria seu amigo, pois Julio realmente amava Hilda. Ele não concordava com a traição, mas entendia os motivos que o fizeram continuar com o casamento e não achava justo que ele abrisse mão da mulher que amava.

Eu, juro, tentei entender e me colocar no lugar do meu sogro, mas, sabendo o quanto tudo o que ele fizera magoara minha Bella, não conseguia sentir a solidariedade que meu pai sentia por ele.

Retornamos ao Brasil com a promessa de

minha mãe de fazer o casamento mais bonito da Itália.

Mal retornei ao trabalho, tive que o deixar, pois Hilda havia me ligado avisando que Isabella estava no hospital. Senti o chão tremer e o medo de perdê-la quase me deixou louco.

Ela estava com pneumonia por vários resfriados não curados, falta de alimentação correta e de sono. Eu fiquei puto, mas cuidei dela durante aqueles dias no hospital e na casa de sua mãe.

Então, um mês depois, ela me contou que estava grávida, mesmo fazendo uso de contraceptivo. Mais tarde descobrimos que os antibióticos fortíssimos que ela tomou anularam o efeito das pílulas, mas eu estava tão feliz que não me importei com mais nada. Eu seria pai!

Casamo-nos escondidos, apenas no civil, e comunicamos à nossa família mais tarde. Passamos nossa lua de mel em Paris – apenas uns poucos dias, mas muito bem-aproveitados – e, somente quando retornamos, fomos enfrentar a fúria de nossas *mammas*.

Dona Hilda e minha mãe quiseram nos matar, claro, mas somente até descobrirem que seriam avós, pois aí tudo o mais perdeu o sentido e

só o que importava era o chá de bebê e o batizado.

Comprei uma casa no mesmo bairro da de Tony, bem grande, depois do primeiro ultrassom.

Eu me lembro que Isabella estava lá, deitada naquela cama estranha, com um treco – com camisinha – enfiado dentro dela, quando a médica começou a rir e ligou o som da máquina para que ouvíssemos os batimentos cardíacos.

Nada aparecia naquele monitor, que me lembrava uma TV cheia de chuveiros, mas mesmo assim nós olhamos, emocionados; porém, depois de um tempo, meus ouvidos de músico detectaram algo estranho.

— Não está um pouco arritmico? — a médica me olhou, surpresa, quando eu disse isso.

Senti Isabella preocupada e me amaldiçoei por ser tão insensível e ter perguntado na frente dela.

— Isso porque são dois, senhor Villazza — informou rindo.

Confesso – podem rir de mim e me chamar de burro – que pensei em como uma criança poderia viver com dois corações, mas depois que vi a expressão maravilhada de Isabella, entre sorrisos e lágrimas, e ouvi a médica nos parabenizando, é

que pude entender.

— Gêmeos?!

A imagem da menininha com olhos de gato foi substituída por duas menininhas com olhos de gato.

Quando contei para minha família, sentindo-me o fodão por ter feito duas crianças de uma vez só, minha mãe enlouqueceu e se mudou – literalmente – para minha casa.

Então meses se passaram entre compras de enxoval, planejamento de festas – acho que *mamma* planejou até os 15 anos dos meus filhos, embora nem soubéssemos os sexos, por decisão de Isabella – e paparicos à minha esposa.

A doutora Elizabeth, sua obstetra, nos preveniu a ficar de olho nos sintomas, pois a gravidez gemelar não costuma completar os nove meses. Então, a cada dorzinha que Bella sentia, eu corria para o hospital.

Os médicos e enfermeiros deviam estar querendo me matar, pois eu aparecia por lá mais de uma vez por dia.

Isabella brigou comigo e me deu pílulas tranquilizantes para dormir e relaxar, pois eu passava praticamente as noites em claro tomando

conta dela.

E é por isso que eu estava dormindo tão pesado e acordei tão assustado e confuso.

— Agora está realmente na hora, Frank — ela mal diz isso e faz uma careta de dor.

Ela insistiu no parto natural, contra a minha vontade, diga-se de passagem, mas minha mãe e minha sogra a apoiaram.

Eu pulo da cama como um louco, percebendo que, pela primeira vez em semanas, estou dormindo de pijama e não de roupa, pronto para sair rapidamente.

Ela fica de pé e põe a mão na minha.

— Se acalme, se troque, pois ainda deve demorar. — Ela começa a caminhar como uma patinha linda. — Vou me trocar.

Eu faço respiração cachorrinho, como aprendi no curso que fiz com ela, tentando acalmar meu coração e me manter sereno para dirigir até o hospital. Ligo para a doutora Elizabeth e aviso que, dessa vez, parece ser hora.

Dirijo com cuidado, entrando no estacionamento e logo ajudando Bella a sair.

— Não esquece as malas, Frank! — Eu volto para buscar sua própria e a dos bebês. — Ai,

inferno, como isso dói!

— Deixa de praguejar, lembre-se de dar exemplo às crianças!

Ela me olha como se eu fosse um E.T. Tudo bem, sei que sou o rei da xingação, mas desde que descobri que iria ser pai, tenho tentado manear na boca suja.

Encontramos a doutora Elizabeth nos esperando no quarto preparado para Bella. Minha esposa coloca uma camisola aberta nas costas, e uma enfermeira começa a fazer exercícios com ela.

Horas se passam, e a vejo se deitar e se sentar nessa bendita bola suíça tantas e tantas vezes que já estou cansado. A cada momento as contrações são mais intensas e próximas, e eu já estou com pena dela.

— Não quer mesmo um anestésico?

Ela me responde como se estivesse possuída:

— Eu já disse — enverga-se de dor — mil vezes... que não, porra!

Resolvo ficar quieto, restringindo-me a ficar aqui, olhando-a e mostrando minha presença. A médica faz mais um daqueles exames constrangedores e diz que está na hora. Sinto alívio

e ansiedade, afinal, são duas vidas que terão de sair de lá.

Isabella se deita com as pernas abertas numa cama própria para isso. Há monitores à sua volta, acompanhando seus sinais vitais e os dos bebês.

Eu pensei que ficaria nervoso ao ver sangue, que sentiria calafrios ao vê-la gritar de dor, mas tudo o que sinto é emoção.

Choro como um piá ao ver uma coisinha miúda, morena e cabeluda aparecer. Uma enfermeira me entrega uma tesoura, e eu fico à espera.

Há pessoas na sala de parto além de mim. Minha sogra, que segura a mão de Isabella, e minha mãe, que tira fotografias sem parar – fotos essas que serão sumariamente censuradas em breve!

Quando o primeiro bebê nasce – Laura, nossa menininha (os nomes foram decididos mesmo sem saber o sexo das crianças) –, eu nem sei como consigo cortar o cordão de tantas lágrimas que estou derramando. Pego essa pequenina vida em meus braços e me sinto o homem mais rico e feliz sobre a face da Terra.

Levo-a até Isabella, que beija sua cabecinha

ainda suja de sangue.

— Eu te amo, Bella! — confesso ao beijá-la. — Obrigado por me fazer tão feliz.

Ela sorri, mas depois começa a sentir novas contrações.

Eu entrego minha *princesa* para a enfermeira, que, junto à pediatra, faz os primeiros exames nela.

A médica me chama de novo, e outra tesoura me é entregue. Dessa vez demora um pouco mais, e vejo mais sofrimento por parte de Isabella para dar à luz a esse bebê, mas, quando ele chega, seu choro forte ecoa por todo o quarto.

Eu corto o cordão, orgulhoso e feliz, ao ver o saco roxo do meu filho, Lucca. Deus, eu não podia estar mais feliz! Eu tenho a mulher mais incrível do mundo e, agora, um casal de filhos.

Depois que todos os procedimentos são feitos com os bebês e Isabella está sendo cuidada pela equipe, eu saio com cada um em um braço e os levo até a antessala onde está o restante da família.

Julio, Tony, Marina e meu pai se levantam quando eu entro e, com a voz de um homem que tem tudo o que sempre quis, anuncio:

— Conheçam Laura e Lucca, os mais novos

Villazzas dessa família!

Marina chora, e meu pai sorri, distribuindo charutos para meu irmão e meu sogro.

Volto com as crianças para o quarto, e Isabella já os espera, limpa, deitada na outra cama, belíssima!

Entrego um a um a ela, que, com a ajuda da mãe, os põe aos seios, e fico a assistir a cena mais fabulosa do mundo. Sim, fico aqui parado, encantado por vê-los mamar juntos e o sorriso amoroso de Isabella.

Minutos depois, os dois repousam num berço duplo ao lado da cama. Eu me sento próximo a Bella e a abraço.

— Foi mágico! — declaro beijando seu pescoço. — Eu nunca me senti tão feliz e completo. — Ela me beija. — Obrigado por ter entrado na minha vida e me proporcionado momentos tão lindos. Obrigado por não ter desistido de mim, por me amar e, acima de tudo, obrigado por ser você.

— Ah, Frank! — Seus olhos estão cheios de lágrimas. — Eu te amo!

— Eu também, Bella. — Olho para meus filhos dormindo, satisfeitos e confortáveis. — Eu amo vocês três.

PERIGOSAS

Fim

NACIONAIS - ACHERON



Bad – **Michael Jackson**

Prefectly Lonely – **John Mayer**

Hey, Brother – **Avicii**

Born to be Wild – **Steppenwolf**

Acaso – **Ivan Lins**

Eye of The Tiger – **Survivor**

Playing with the Fire – **Thomas Rhett**

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sweet Child O'Mine – **Guns N' Roses**

Another Brick in The Wall – **Pink Floyd**

Tema de O Poderoso Chefão – **Slash**

Hey Joe – **Jimi Hendrix**

No More Drama – **Mary J Blige**

Whiskey Tennessee – **Chris Stapleton**

My Way – **Frank Sinatra**

I want to break free – **Queen**

Cry Baby – **Janis Joplin**

Naughty Girl – **Beyoncé**

Só pro meu prazer – **Heróis da Resistência (Leoni)**

November Rain – **Guns 'N Roses**

Every Breath You Take – **The Police**

Como eu quero – **Kid Abelha**

Fallin' – **Alicia Keys**

By Your Side – **Sade Adu**

One More Night – **Phil Collins**

Is it a crime? – **Sade Adu**

Let It Go – **Tim Mcgraw**

Descomplicar – **Ana Carolina**

Broken-hearted Girl – **Beyoncé**

Flor do Medo – **Djavan**

When a Man Loves a Woman – **Michael Bolton**

The Way You Look Tonight – **Rod Stuart**

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Lady in Red – **Chris de Burgh**

Ainda bem – **Marisa Monte**

Same Mistake – **James Blunt**

I'm yours – **Jason Mraz**

Wonderful Tonight – **Eric Clapton**

Love of my Life – **Queen**

Amor em Paz – **Tom Jobim e Vinícius de Moraes**

What Hurts the Most – **Rascal Flatts**

Você não me ensinou a te esquecer – **Caetano Veloso**

Volta – **Fábio Jr**

Love by Grace – **Lara Fabian**

Todas Elas Juntas Num Só Ser – **Lenine**

Lobo Bobo – **João Gilberto**

NACIONAIS - ACHERON



Segredo obscuro

Entro no salão percebendo a correria à minha volta. Tento me desviar do serviço, que acerta os últimos detalhes, seguindo em direção à sala privada, onde estão os noivos, ou pelo menos, o noivo.

Tony está num belo fraque, e meu pai coloca um cravo em sua lapela. Minha mãe está

sentada numa poltrona conversando com meu outro irmão, Frank, e com o outro padrinho, Constantino.

Ela é a primeira a me ver e abre um grande sorriso satisfeito, pois, provavelmente, pensava que eu não compareceria. E eu pensei mesmo em não o fazer, mas Tony nunca me perdoaria por isso.

— Gio! — Ela se levanta, esperando o abraço amoroso.

— Oi, *mamma*! — Abraço-a rapidamente, cumprimentando Frank e o amigo do Tony.

Eles puxam assunto comigo, perguntando-me como estão as coisas em São Paulo, querendo saber por que não fui à festa do dia anterior, além de outras milhares de perguntas.

Quando, por fim, eles parecem perceber que eu não estou muito aberta a conversar, voltam a falar do que estavam falando antes que eu aparecesse, e eu aproveito para cumprimentar Tony.

— Parabéns! — Ele sorri, parecendo muito feliz, e eu não posso perder a piada. — Pensei que ela o deixaria de molho por mais alguns anos, talvez até que concluísse o doutorado.

— Giovanna! — meu pai me repreende,

mas percebo que Tony não se importou com a brincadeira.

Ele está realmente muito feliz por, depois de... cinco anos? – sinceramente perdi as contas –, sua noiva ter aceitado seu pedido de casamento.

Eu me lembro de Margie, a primeira esposa dele, e do quanto eu a adorava. Ela me viu crescer, ensinou-se a fazer meus primeiros desenhos, a gostar de arte e dançar balé.

Fiquei tão devastada quanto meu irmão quando ela entrou em coma, porque era mais que uma irmã para mim, era minha melhor amiga.

Quando ela se foi e Tony assumiu seu relacionamento com Marina, eu não pude gostar logo de início dela. Sentia que, se a recebesse com festa e carinho, como o restante da minha família fizera, estaria traindo Margie.

Contudo, com o decorrer do tempo, aprendi a gostar e respeitar minha cunhada, embora não sejamos amigas. Na verdade, há muito que eu estou afastada do convívio familiar, focada em fazer da agência na qual sou sócia um destaque naquela selva que é São Paulo.

Eu trabalho muito, às vezes passo das 18 horas trabalhadas no escritório, indo para casa só

para dormir e por pouco tempo. Sou conhecida por minha eficiência, por minha frieza e, acima de tudo, por minha ambição de fazer meu negócio crescer pelo meu próprio mérito.

Eu sei que, apesar de acharem que exagero, meus pais e irmãos têm orgulho de mim, do que me tornei como profissional, pois eles imaginam que tudo o que faço é para provar meu valor.

Não poderiam estar mais enganados! Eu realmente estou me lixando para o que acham de mim, me lixando para aquela maldita agência. Tudo o que eu fiz e faço é por *ela*.

Tento não pensar nisso, nem na frustração de, passados três anos em que estou trabalhando e dando meu sangue naquela agência, ainda não colhi os frutos, ainda não avancei nenhum degrau, apenas estou rodando como um cachorro louco atrás do próprio rabo.

A cerimonialista entra na sala munida com toda a parafernália de uma casamenteira, pedindo a todos que se coloquem a postos para começar a cerimônia.

O Salão Royal do Villazza Convention está ainda mais bonito que de costume. Há enormes arranjos florais, cristais e velas para todos os lados.

NACIONAIS - ACHERON

Cada detalhe minimamente estudado, calculado e executado à perfeição para o tão sonhado dia do enlace de Marina e Tony.

Acompanho todos até a área que normalmente é o lobby do salão, mas que no momento foi fechada com grandes painéis de madeira para isolar os convidados dos preparativos para a entrada dos noivos.

As três madrinhas, Quênia Garstka – com quem já trabalhei –, Bárbara Pontes e Isabella – minha cunhada –, estão com vestidos de modelo igual na cor amarelo-ouro. Elas se postam, cada uma com seu par, e minha mãe entrelaça o braço no do Tony, enquanto meu pai some, provavelmente para entrar junto de Marina, pois, como ela não tem os pais vivos, ele a conduzirá ao altar.

Quando a música orquestrada começa a ecoar, a cerimonialista faz um gesto, e dois homens abrem as portas para que Tony e minha mãe entrem.

De repente, antes que os padrinhos façam seu cortejo pelo salão, escuto uma criança chorar e vejo o pequeno Lucca, de pouco mais de dois anos, berrando agarrado ao vestido da mãe.

Isabella tenta acalmá-lo, e a babá aparece

apavorada com Laura, vestida de dama de honra e agarrada em sua mão. Frank me olha pedindo socorro, e eu nego com a cabeça, afinal, não sei nada sobre crianças e até as evito quando posso.

Mas, porcaria, é Frank!

Vou até lá e pego Laura, que pelo menos não está gritando, das mãos da babá, enquanto ela tenta acalmar o menino para que os padrinhos entrem.

— Lucca está chorando — Laura, com sua linguagem extremamente perfeita para a idade, me informa. — Ele é neném...

Eu rio dessa afirmação, pois eles são gêmeos, e ela é apenas alguns minutos mais velha que o irmão.

— Você está tranquila para entrar no salão? — Ela não me responde, e vejo lágrimas em seus olhos azuis. Ah, parabéns, Gio! Eu me abaixo para ficar da sua altura. — Ei! Você é forte e corajosa, sabia? — Ela me olha curiosa, provavelmente pensando como sei disso, sendo que nos vemos tão pouco. — Seu pai já lhe disse que você é uma *princesa*? — Ela afirma. — Ah, mas não é uma *princesa* qualquer, não! É uma *princesa* Villazza! Sabe o que significa? — Ela nega. —

Que é corajosa, destemida e nunca teme um desafio. É leal, vai atrás do que quer e não tem medo de uma boa briga. — Ela ri. — É como uma guerreira, uma super-heroína, mas ao mesmo tempo é sensível, talentosa e inteligente... — Laura parece desconfiada ou confusa. Bem, ela ainda é um bebê. — É verdade, eu fui uma *Principessa Villazza*!

— Não é mais?

Essa pergunta inocente me desarma, e meu sorriso orgulhoso morre, mas, graças aos Céus, sou salva de responder, pois a babá e uma assistente do cerimonial chegam para posicioná-la à frente da Marina.

Olho para a noiva, que sorri para mim em seu vestido branco, parecendo uma princesa de verdade.

Não. Definitivamente, eu não sou mais!



J. Marquesi é uma faz-tudo de 32 anos que começou a escrever na adolescência, em cadernos pautados. Acha-se uma metamorfose ambulante, pois já quis ser cantora, atriz, artesã, locutora de rádio, musicista, escritora e chef de cozinha. Atualmente é advogada, mãe e esposa, mas nunca deixou para trás seu sonho de um dia poder mostrar suas histórias a alguém.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS



NACIONAIS - ACHERON



NEGÓCIO FECHADO

Família Villazza, livro 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Marina, com apenas 24 anos, carrega marcas profundas causadas pela perda dos pais e pela saudade. Sozinha, sem formação e experiência, ela vê a oportunidade de reconstruir sua vida trabalhando como camareira num luxuoso hotel do Rio de Janeiro.

Porém, a chegada de um misterioso hóspede e a atração irresistível entre eles desperta nela

NACIONAIS - ACHERON

sentimentos nunca antes conhecidos.

Antonio é um italiano que mora no Brasil desde criança e já se considera um brasileiro. Ela carrega dentro de si um sofrimento que esconde de todos, embora essa dor norteie a sua vida, e nem todo o dinheiro que tem é capaz de amenizá-la.

Poderiam pessoas de mundos tão distantes viverem
uma grande paixão?



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na Amazon indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Notas

[[←1](#)]

Nota da autora: *Chief Executive Officer* – Diretor Executivo.

[←2]

Nota da autora: xingamentos em italiano (*Porra! Mas que caralho! Merda!*).

[←3]

Nota da autora: *Chief Human Resources Officer* – Diretor de Recursos Humanos.

PERIGOSAS

[←4]

Nota da autora: imbecil, babaca.

NACIONAIS - ACHERON

[←5]

Nota da autora: filho da puta.

[←6]

Nota da autora: advogado.

[←7]

Nota da autora: *Assim, que delicioso boquete.*

PERIGOSAS

[←8]

Nota da autora: boqueteira.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[←9]

Nota da autora: *Cai fora!*

NACIONAIS - ACHERON

[←10]

Nota da autora: *Chief Communications Officer* – Diretor de comunicação.

[[←11](#)]

Nota da autora: música da Banda Steppenwolf, 1968.

PERIGOSAS

[←12]

Nota da autora: acelerado.

NACIONAIS - ACHERON

[←13]

Nota da autora: idiota.

[←14]

Nota da autora: *Vai se foder, Frank.*

[←15]

Nota da autora: *Mas que grande otário!*

[←16]

Nota da autora: *não sou veado*.

[←17]

Nota da autora: papai.

[←18]

Nota da autora: *Chief Financial Officer*. Diretora do Financeiro.

[←19]

Nota da autora: *Mas que linda moça.*

[←20]

Nota da autora: dito popular de autoria desconhecida.

[←21]

Nota da autora: *Boa noite, galinha.*

[←22]

Nota da autora: *Boa noite, menininha.*

[←23]

Nota da autora: coração de gelo.

[←24]

Nota da autora: *Eu sinto saudades também, irmão.*

[←25]

Nota da autora: *Te amo também, menininha. Penso em você todos os dias.*

PERIGOSAS

[←26]

Nota da autora: mentiroso.

NACIONAIS - ACHERON

[←27]

Nota da autora: *Convencido*.

[←28]

Nota da autora: bobo.

[←29]

Nota da autora: *Tchau, amor.*

[←30]

Nota da autora: *Até logo, linda.*

[←31]

Nota da autora: segunda vez.

[←32]

Nota da autora: música tema do Filme *Rocky III*, tocada pela banda de rock Survivor, lançada em 1981.

[←33]

Nota da autora: *Financial Times*, jornal diário com enfoque econômico internacional, com sede em Londres, Inglaterra.

[←34]

Nota da autora: *The Wall Street Journal*, jornal diário com enfoque econômico internacional, com sede em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

[←35]

Nota da autora: romance, em italiano.

[←36]

Nota da autora: filha da puta.

[←37]

Nota da autora: pequena.

[←38]

Nota da autora: *Vá tomar no cu, Tony!*

[←39]

Nota da autora: chato.

PERIGOSAS

[[←40](#)]

Nota da autora: linda.

NACIONAIS - ACHERON

[←41]

Nota da autora: faculdade de Direito da USP (1827), a mais antiga do Brasil, juntamente com a Faculdade de Direito de Olinda.

[←42]

Nota da autora: pernil de cordeiro.

[←43]

Nota da autora: originalmente a música foi composta e interpretada em inglês.

[←44]

Nota da autora: *Chief Operating Officer* – Diretor de Operações.

[←45]

Nota da autora: *Salada colorida com nozes. Isso, entrada.*

[←46]

Nota da autora: espaguete de alcachofras, com camarão e ovas de tainha, prato típico da Sardenha, na Itália.

[←47]

Nota da autora: *um prato sem um vinho é como um dia sem sol*, ditado italiano.

[←48]

Nota da autora: receita original de Treviso. Treviso é uma região italiana onde dizem que o doce foi inventado.

[←49]

Nota da autora: *Igual a você.*

[←50]

Nota da autora: *Ciumento, Frank? Não combina com você, deixa disso!*

[←51]

Nota da autora: loucura.

[←52]

Nota da autora: Conversa fiada (mentira), piá! – gíria curitibana.

[←53]

Nota da autora: música de Dean Dillan e Linda Hargrove, 1981. A versão que Frank escuta é interpretada por Chris Stapleton, 2015.

[←54]

Nota da autora: o *caminho do crime*, para o Direito Penal, é composto de várias fases, internas e externas, e é muito importante sua análise, pois, dependendo da fase em que o sujeito para, é possível saber se existiu ou não o crime (consumado ou tentando).

[←55]

Nota da autora: *Instinto Selvagem*, 1992.

[←56]

Nota da autora: releitura moderna do famoso corte Chanel. Nele, basicamente as pontas da frente do cabelo são mais compridas (nos ombros).

[←57]

Nota da autora: Guns ‘N Roses.

[←58]

Nota da autora: *voe com suas próprias asas*, em latim.

[←59]

Nota da autora: *Veado!*

[←60]

Nota da autora: *Você é muito sexy* (gostosa).

[←61]

Nota da autora: *Que boceta maravilhosa!*

[←62]

Nota da autora: *Eu adoro essa bunda!*

[←63]

Nota da autora: de quatro (a tradução mais literal seria: cachorrinho)

[←64]

Nota da autora: *Graças a Deus!*

[←65]

Nota da autora: *alegria de viver*, em francês.

[←66]

Nota da autora: Sade Adu, 1985.

[←67]

Nota da autora: *Vamos, preguiçosa!*

[←68]

Nota da autora: banho de vapor ou banho turco.

[←69]

Nota da autora: *Estou deslumbrado.*

[[←70](#)]

Nota da autora: Impérial Brut Rosé – Champanhe Francês
Rosé da Möet & Chandon.

[[←71](#)]

Nota da autora: Rod Stuart, 2002.

[←72]

Nota da autora: Chris de Burgh, 1986.

[←73]

Nota da autora: *E quando você se virou para mim e sorriu eu perdi meu fôlego e eu nunca tive uma sensação dessas, a sensação de completo e total amor, como eu faço essa noite.* Lady in Red, Chris de Burgh, 1986.

[←74]

Nota da autora: *Céus!*

[←75]

Nota da autora: *Eu gostaria de estar no seu lugar!*

[←76]

Nota da autora: *Então vai, e boa viagem!*

[[←77](#)]

Nota da autora: *Podemos tratar de negócios?*

[←78]

Nota da autora: *Não é educado excluir uma pessoa da conversa, mesmo quando se trata de um imbecil.*

[←79]

Nota da autora: *É tarde da noite / Ela pensa em que roupa vestir / Coloca sua maquiagem / E penteia seu longo cabelo **preto** (na música original é “Long blond hair” – “longo cabelo loiro –, mas o Frank mudou para combinar com ela). / E então me pergunta: “eu pareço bem? ” / E eu digo sim, você está maravilhosa esta noite // Vamos a uma festa / E todos se voltam para ver / Essa bela dama / Que está andando comigo / E então ela me pergunta: “você está se sentindo bem? ” / E eu digo sim, me sinto maravilhoso esta noite // Me sinto maravilhoso porque vejo a luz do amor em seus olhos / E o melhor de tudo é que você não percebe / O quanto eu te amo. (Wonderful Tonight, Eric Clapton, 1977)*

[←80]

Nota da autora: *Papai, boa tarde!*

[←81]

Nota da autora: *Imbecil, cabeça-dura!*

[←82]

Nota da autora: O pior xingamento em italiano, considerado grande ofensa a Deus.

[←83]

Nota da autora: destilado de uva.